



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Luciana Bastos Figueiredo

O que vale entre as quatro margens da página?
Um ensaio sobre o fenômeno do romance erótico brasileiro contemporâneo
de autoria feminina

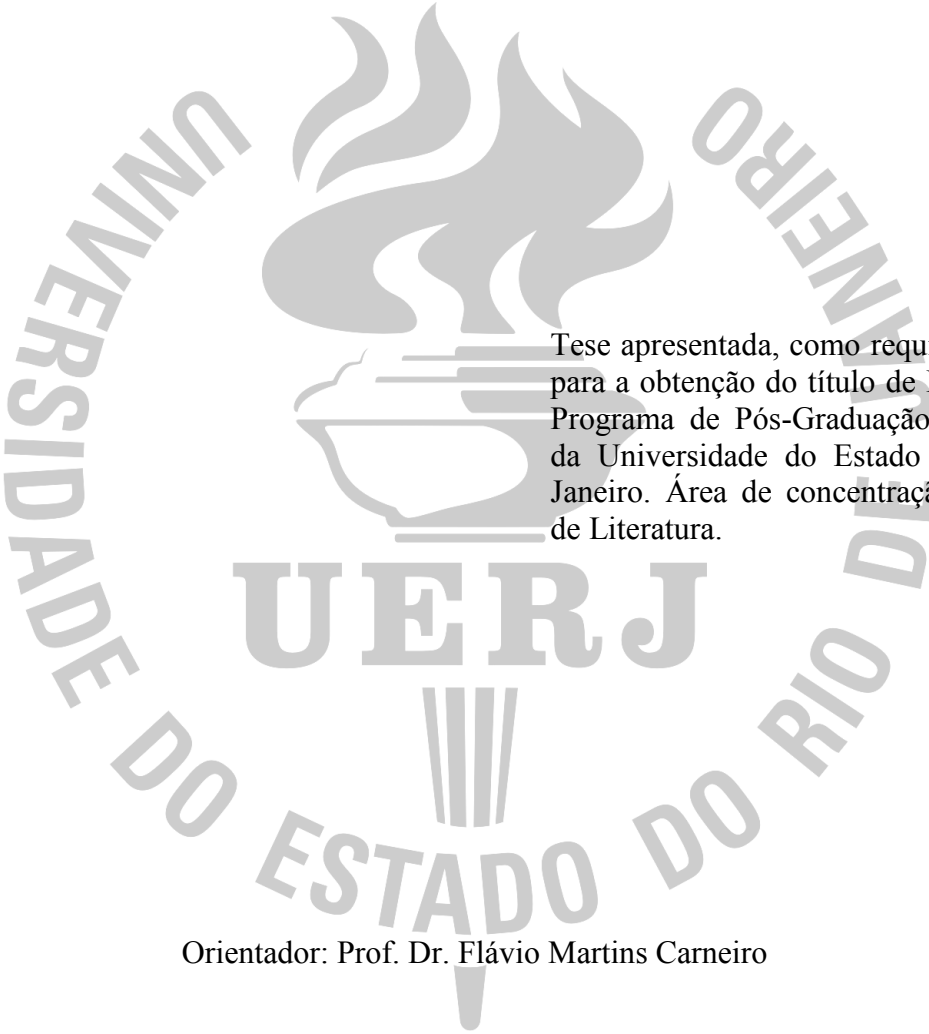
Rio de Janeiro

2021

Luciana Bastos Figueiredo

O que vale entre as quatro margens da página?

Um ensaio sobre o fenômeno do romance erótico brasileiro contemporâneo de autoria feminina



Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Martins Carneiro

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

F475 Figueiredo, Luciana Bastos.
O que vale entre as quatro margens da página? Um ensaio sobre o fenômeno do romance erótico brasileiro contemporâneo de autoria feminina / Luciana Bastos Figueiredo. – 2021.
179 f. : il.

Orientador: Flávio Martins Carneiro.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Literatura brasileira – Séc. XXI - Teses. 2. Erotismo na literatura – Teses. 3. Escritoras brasileiras - Teses. 4. Feminismo e literatura - Teses. I. Carneiro, Flavio Martins, 1962-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)''20''

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Luciana Bastos Figueiredo

O que vale entre as quatro margens da página?

**Um ensaio sobre o fenômeno do romance erótico brasileiro contemporâneo de autoria
feminina**

Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 29 de julho de 2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Flávio Martins Carneiro (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Ieda Maria Magri
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Giovanna Ferreira Dealtry
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Eurídice Figueiredo
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dra. Stefania Rota Chiarelli
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese às mulheres que vieram antes de mim e que existiram em suas lutas e conquistas para que eu estivesse aqui hoje; principalmente, minha mãe Ana e minhas avós Maria e Domingas (*in memoriam*, as três). E às mulheres que caminham ao meu lado, me fortalecendo e me incentivando nas minhas próprias lutas e nas nossas lutas coletivas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ana e Henrique, que me proporcionaram o privilégio de crescer numa casa cheia de livros e que me aproximaram da academia.

Às minhas irmãs, Camila e Julia, por me dar sobrinhos cuja alegria alivia tanto a minha alma, por torcer sempre por mim e por segurar forte a minha mão quando eu mais preciso.

Ao Universo, por não ter me feito pontuar o suficiente no vestibular para cursar jornalismo, mas o necessário para entrar em produção editorial na ECO/UFRJ, que me deu amigos, um ofício para amar, uma carreira.

À UERJ, por duas vezes ter me recebido no Programa de Pós-graduação em Letras, no mestrado e no doutorado.

Ao meu orientador, professor Flávio Carneiro, que desde o primeiro momento aceitou o desafio de orientar uma pesquisa sobre ficção comercial contemporânea e com um *corpus* de análise que lhe era ainda alheio.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras, por manter o curso vivo e por suas aulas.

Às professoras do Instituto de Letras da UERJ, Ieda Magri e Giovanna Dealtry, que estiveram na banca de qualificação desta tese e cujas observações foram essenciais na conclusão deste texto e por aceitarem o convite para participar também da banca de defesa.

Às professoras Stefania Chiarelli e Euridice Figueiredo, por aceitarem ser as professoras convidadas na banca de defesa desta tese e pela leitura certamente atenciosa.

Aos amigos, que, ao longo de três anos e pandemia, estiveram ao meu lado me ajudando de alguma maneira. Aos colegas estudantes, com quem compartilhei as salas do décimo primeiro andar do *campus* Maracanã. Aos amigos do Baile Todo, que compreenderam quando eu não pude comparecer. Aos amigos doutores, que ouviram as minhas e dividiram as suas angústias sobre o processo acadêmico de doutoramento. Aos amigos editores, que estenderam os prazos quando ficou difícil dar conta de tudo ao mesmo tempo. Às amigas-ouvido, que festejaram cada linha arduamente escrita no final exaustivo. Ao Lote de amigas acadêmicas que reacenderam a minha crença no valor de pesquisar literatura.

Às escritoras, editoras e leitoras de eróticos, por me instigar tanto a ponto de eu querer estudá-las e à sua produção.

Por fim, agradeço a todas as mulheres que vieram antes de mim, cujas lutas foram determinantes para que eu estivesse aqui agora.

RESUMO

FIGUEIREDO, Luciana Bastos. **O que vale entre as quatro margens da página?** Um ensaio sobre o fenômeno do romance erótico brasileiro contemporâneo de autoria feminina. 2021. 179 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O que vale entre as quatro margens da página? é uma tese que visa apresentar e refletir sobre o romance erótico contemporâneo brasileiro de autoria feminina sob a perspectiva do conceito de vida literária e de teorias feministas. Organizado em três partes, o texto levanta questões sobre literatura contemporânea brasileira, ficção comercial, o lugar das mulheres escritoras no mercado editorial e o papel das leitoras na oxigenação desse mercado. A primeira parte passa por pontos históricos e mostra como as autoras de romances hot dominaram os novos meios de produção do século XXI, como as plataformas de autopublicação na internet, para ocupar um espaço de relevância e obter sucesso editorial em um mercado abalado por crises financeiras recentes. A segunda trata de ficção comercial e da relação das leitoras com as escritoras de seu gênero literário preferido, focando nas autoras Nana Pauvolih, Sue Hecker e Mila Wander. Na terceira parte é feita uma análise de três romances eróticos contemporâneos: *Pecadora* (2017), *O lado bom de ser traída* (2016) e *O safado do 105* (2015), um de cada uma das autoras citadas, respectivamente. A intenção é estudar como todos os fatores anteriormente dispostos interferem e influenciam no fazer literário dessas escritoras contemporâneas e na sua literatura.

Palavras-chave: Erotismo. Escritoras. Mercado. Feminismos. Brasil. Contemporaneidade.

ABSTRACT

FIGUEIREDO, Luciana Bastos. **What is allowed between the four margins of the page?** An essay on the phenomenon of the contemporary Brazilian erotic novel by female authorship. 2021. 179 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

What is allowed between the four margins of the page? is a dissertation that aims to present and reflect on the contemporary Brazilian erotic novel by female authors from the perspective of the concept of literary life and feminist theories. Organized in three parts, the text raises questions about contemporary Brazilian literature, commercial fiction, the place of female writers in the publishing market and the role of female readers in oxygenating this market. The first part goes through historical points and shows how the authors of hot novels dominated the new means of production of the 21st century, such as self-publishing platforms on the internet, in order to occupy a relevant space and achieve editorial success in a market shaken by recent financial crises. The second part is about commercial fiction and the relationship of readers with writers in readers' favorite literary genre, focusing on authors Nana Pauvolih, Sue Hecker and Mila Wander. The third part analyzes three contemporary erotic novels: *Pecadora* (2017), *O lado bom de ser traída* (2016), and *O safado do 105* (2015), one from each of the mentioned authors, respectively. The purpose is to study how all the factors discussed above interfere and influence the literary work of these contemporary writers and their literature.

Keywords: Eroticism. Female Writers. Marketplace. Feminisms. Brazil. Contemporaneity.

RESUMEN

FIGUEIREDO, Luciana Bastos. **¿Qué vale entre las cuatro márgenes de la página?** Un ensayo sobre el fenómeno de la novela romance erótica brasileña contemporánea de autoría femenina. 2021. 179 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

¿Qué vale entre las cuatro márgenes de la página? es una tesis que tiene como objetivo presentar y reflexionar sobre la novela erótica contemporánea brasileña de autoría femenina con la perspectiva del concepto de la vida literaria y de teorías feministas. Ha sido organizado en tres partes, el texto fomenta cuestiones sobre literatura contemporánea brasileña, ficción comercial, el lugar de las mujeres escritoras en el mercado editorial y el papel de las lectoras en la oxigenación de ese mercado. La primera parte pasa por puntos históricos y señala cómo las autoras de las novelas *hot* dominaron los nuevos medios de producción del siglo XXI, como las plataformas de auto publicación en internet, para ocupar un espacio de relevancia y obtener éxito editorial en un actual mercado en crisis en el ámbito financiero. La segunda parte habla de ficción comercial y de la relación de las lectoras como las escritoras de su género literario preferido, con enfoque en las autoras Nana Pauvolih, Sue Hecker y Mila Wander. Y en la tercera parte se hizo un análisis de las tres novelas eróticas contemporáneas: *Pecadora* (2017), *O lado bom de ser traída* (2016) e *O safado do 105* (2015), respectivamente una de cada escritora mencionada. La intención es estudiar como los hechos anteriormente expuestos interfieren e influyen en lo hacer literario de estas escritoras contemporáneas en su literatura.

Palabras clave: Erotismo. Escritoras. Mercado. Feminismos. Brasil. Contemporaneidad.

SUMÁRIO

	MINHA HISTÓRIA COM O ROMANCE ERÓTICO	10
1	MERCADO DAS MULHERES	23
2	ROMANCE DAS LEITORAS	47
3	DENTRO DAS QUATRO MARGENS DA PÁGINA	69
	UM LUGAR BOM DE ESTAR	101
	REFERÊNCIAS	107
	ANEXO A – A razão de tudo	111

MINHA HISTÓRIA COM O ROMANCE ERÓTICO

Tudo irá depender, provavelmente, do que resolvermos *fazer* com isso.
Paula Sibilía

A primeira vez em que me deparei com cenas de sexo explícito em um romance foi durante a leitura final que fiz na prova de *O Cavaleiro de Bronze – Leningrado*, primeiro volume da trilogia escrita pela norte-americana Paullina Simons e publicado no Brasil pela Novo Século. Isso foi em 2013 e me chamou a atenção a riqueza de detalhes das descrições. E algo como certo deslocamento do texto, como se aquelas sequências não pertencessem àquele lugar e tivessem sido colocadas ali apenas como uma jogada de marketing, talvez.

Depois disso, em 2014, trabalhei como preparadora de originais nos livros da australiana Leisa Reyven *Meu Romeu*, *Minha Julieta* e *Coração perverso*, publicados pela Globo Livros. Era mais uma série traduzida que me obrigou a longas horas de pesquisa para que as cenas picantes em inglês ficassem picantes também em português. Afinal, cada cultura enxerga e lida com sexo de maneiras diferentes. Então, precisei ir atrás de termos e expressões para melhor descrever os movimentos dos corpos dos protagonistas, as sensações e as suas reações, e ainda para nomear as partes desses corpos envolvidos no ato sexual. Foi preciso ser criativa para que as páginas todas não fossem preenchidas apenas por pênis e vaginas – embora, no fim das contas, fosse isso mesmo, o que, no entanto, sob o olhar da contemporaneidade, é muita coisa, considerando que pênis e vaginas estão ocupando lugares iguais com direitos iguais nestas tais linhas.

O termo *crotch*, que numa tradução simples quer dizer “virilha”, já é um clássico desses casos na minha opinião. No manuscrito original em inglês de *Meu Romeu* está assim: “He turns around to lean against the sink and without planning it, my focus is now firmly on his **crotch**”. O tradutor opta por esta tradução: “Ele se vira para se apoiar na pia e, sem eu planejar, eu foco **na mala** dele”. Eu, como copidesque, faço a seguinte sugestão: “Ele se vira para mim e se apoia na pia. Sem que eu planejasse, foco no **volume da frente na sua calça**”. Por fim, os editores escolhem essa versão como a final: “Ele se vira para mim para se apoiar na pia e, sem eu planejar, foco no **volume da frente na sua calça**” (2016, p. 67). Mesmo que eu não tenha ganhado o restante da frase, o que realmente importava para mim ficou como eu queria. “Mala” está mais comumente associada a uma coisa ruim no português coloquial geral, além de a outros tantos sentidos. Embora pertencente ao universo erótico, por assim dizer, o substantivo não levava diretamente a leitora ao objetivo da autora, principalmente em

se tratando de uma protagonista virgem, portanto “não iniciada” no vocabulário específico. Por isso preferi criar uma imagem mais detalhada, mesmo que usando mais palavras para isso. Recurso que ainda uso bastante, às vezes mudando a frase por completo. Mas, em defesa desse tradutor, pelo menos ele não usou “virilha”, como já cheguei a encontrar em outras traduções. Aqui no Brasil, não é exatamente pelas virilhas dos homens que as mulheres se interessam.

A literatura apimentada parecia me perseguir. Em 2015, então como editora de aquisição e de texto da Companhia Editora Nacional, durante minha temporada paulistana, tive nova chance de trabalhar com uma série de livros sensuais. Dessa vez, conheci a britânica Sadie Matthews e a expressão popular “capô de fusca”, ruim em minha opinião, usada pelo tradutor – outro homem, é preciso destacar – para designar a região do osso púbico do corpo feminino. E lá estava eu novamente às voltas com a caça a expressões mais excitantes que “meus sucos vaginais”, esta uma tradução literal do inglês “my juices”.

Em 2016, contudo, veio minha redenção. Fiz um trabalho de consultoria para a paulista Astral Cultural e finalmente pude conhecer a literatura erótica nacional, que aprendi ser algo com perfil de chick lit hot. Trocando em miúdos: em sua maioria, romance feminino com sexo. Muito sexo. Com um tipo de tesão de intenção bem brasileira, porém sintaticamente estrangeira, os romances sensuais escritos em português revelaram um universo completamente novo para mim, e uma mistura de nomes e pseudônimos, como Josy Stoque, Mila Wander, Vanessa Bosso, S. Miller, Juliana Mendes, Thati Machado, Janaina Rico, Nana Pauvolih e Sue Hecker, passou a ocupar meus curiosos dias de trabalho.

Na Bienal daquele mesmo 2016, a Astral Cultural decidiu montar um pequeno auditório na parte de trás de seu estande. Fizemos vários eventos nossos e emprestamos o espaço para tantas outras editoras fazerem os seus. Um dos eventos que recebemos foi o Tardes Sensuais, que é basicamente o encontro entre autora e leitoras de romances eróticos. Eu estava conhecendo as autoras e, naquele evento, tive a oportunidade de não só ser apresentada a uma autora nacional como a suas leitoras. Tudo de uma vez. Fiquei maravilhada. E entendi que estava diante de um fenômeno.

Sue Hecker é o pseudônimo para uma mulher de mais de quarenta, casada e com um filho. Mulher feita, madura. Vivida. Ávida leitora de romances femininos, começou a escrever como um passatempo, uma diversão. Publicou as primeiras histórias em e-book, na internet. O sucesso *on-line* chamou a atenção da HarperCollins, de olho em autores já testados pelo público – movimento de várias editoras no cenário de crise e incertezas editoriais instalado no

mercado em 2015 –, e possibilitou sua migração para uma “editora grande” do mercado “tradicional”.

Mas esse não era o objetivo de Sue. Ela queria apenas se divertir. Acabou encontrando, porém, o amor incondicional de suas leitoras-fãs e, como costuma repetir, “a melhor terapia para muitas coisas”. Chegar ao livro impresso foi consequência do sucesso, sim, e também da sua escrita e da sua alta produtividade. Só em 2016, ela lançou quatro romances de uma série. Aliás, essa é uma característica das autoras contemporâneas de romance erótico, autopublicadas ou não: produção em série de séries.

Voltando ao evento, tudo ali era novidade para mim. Tanto para a leitora como para a editora. As duas experimentando algumas sensações iguais e outras bem distintas. Estávamos muito curiosas, é claro. A editora queria torcer o nariz para aquilo tudo. Já a leitora estava louca para ler as tais cenas tão citadas pelas outras leitoras da plateia. No fim das contas, éramos apenas *voyeurs* excitadas pelo desconhecido.

A dinâmica era simples: uma mesa com a autora e uma mediadora, uma plateia animada e um rapaz muito bem-apessoado responsável pelo microfone que circulava entre as leitoras-fãs.

Na mesa estavam Sue e Gracielle Rattes, organizadora do Tardes. O rapaz do microfone era o boy magia responsável por “incentivar” a plateia a fazer perguntas. Como estávamos numa Bienal no Livro, num auditório aberto, num evento aberto e cheio de crianças, o boy estava de camisa. Soube depois, conversando com a Gracielle, que os boys dos Tardes Sensuais pelo Brasil afora quase nunca usam camisa e quase sempre vestem indumentárias especiais para atender às fantasias das leitoras-fãs e ao tema do evento. E, na plateia, estavam mulheres, muitas mulheres.

Não estou falando de adolescentes de tom de voz esganiçado gravitando em torno da Thalita Rebouças ou da Pam Gonçalves. Estou falando de mulheres adultas. De todo tipo, de todas as cores, de todos os corpos, de todas as vozes. Estavam felizes. Muito animadas, queriam saber sobre cada cena picante. Se a Sue tinha testado todas com o marido antes. Uma estava causando mais frisson: a cena da moto em movimento, do lançamento *O lado bom de ser traída*. Eu não tinha lido o livro e ninguém releu a passagem ali. Por que, se absolutamente todas aquelas mulheres sabiam exatamente do que se tratava? Então, alguém resolveu ser mais descritiva na pergunta e consegui entender que houve sexo hetero em cima de uma motocicleta aparentemente em movimento.

A leitora ficou louca, imaginando como aquilo seria possível. A editora suspeitou, e riu. Um riso que era misto de constrangimento e desejo. Constrangimento esse que

acompanhou tanto leitora como editora. Que fenômeno literário e editorial era aquele acontecendo bem debaixo dos meus olhos e que eu não estava nem sonhando em saber? Que literatura era aquela tão explícita, tão sem censuras que estava conquistando esse número tão expressivo de leitoras e que estava mexendo tão intimamente com a minha própria leitora?

Então, voltei-me para as mulheres da plateia. Para as leitoras e para as fãs. Leitoras-fãs. Que mulheres eram aquelas? Que leitoras eram aquelas? Que leituras compartilhavam, que vivências, que experiências literárias? O que havia naquele livro que as unia tanto? Sexo? Amor verdadeiro? Amor sensual e sexual? Personagens femininas vivendo amores verdadeiros, sensuais e sexuais na ficção que talvez não sejamos capazes de viver na vida real?

Sue, atenciosa e carinhosa – como são geralmente as escritoras de literatura feminina – , autografava, respondia, beijava, ria para cada uma e para todas ao mesmo tempo. Uma mulher falando com outras mulheres. Um grande grupo de amigas discutindo, fofocando, curtindo seu assunto favorito. Neste caso, literatura erótica. Para a editora, literatura comercial *mass market*. Já a leitora gosta de chamar de literatura comercial apenas e de lembrar Daniel Pennac e o direito imprescindível do leitor de “ler qualquer coisa”. Então, a editora provoca: mas “qualquer coisa” já não contém em si certo preconceito, embora traga também alguma liberdade?

Fato é que essas leitoras-fãs não estavam dando a mínima para qualquer teoria. Pobre do Pennac. E Sue Hecker, com sua fábrica de escrever livros hot, parecia igualmente estar pouco ligando para as definições clássicas de literatura. Pobre de mim, doutoranda e pesquisadora da academia. No entanto, editora e leitora pareciam felizes e animadas. Elas não de me ajudar.

O fenômeno do romance erótico brasileiro

Romances eróticos não são novidade na literatura. O que é novo para mim neste século XXI é o movimento de resgate desse gênero literário capitaneado por autoras que começaram a publicar de forma independente, à margem do mercado editorial tradicional, em que uma cadeia de atores opera para fazer um texto chegar a um leitor. Investigar esse movimento é um dos objetivos desta tese.

Da mesma forma que, em 1997, J.K. Rowling alçou a literatura para crianças e jovens a outro patamar, em 2011, a também britânica E.L. James abriu novamente as portas do

mercado editorial para a literatura erótica. Inicialmente autopublicado, o romance *Cinquenta tons de cinza* conquistou uma legião de leitoras nos mais de quarenta países em que foi traduzido e publicado, incluindo o Brasil. Igualmente aqui, o que se tornou uma trilogia fez grande sucesso, e acabou por inspirar muitas leitoras a começar a escrever e publicar. É a partir dessa época que surgem escritoras como Nana Pauvolih e Sue Hecker, autopublicadas pela Amazon e também contratadas pelo que vou condicionar chamar de grandes editoras.

Nana e Sue, entre outras que alcançaram o sucesso na internet, são expressões da cultura de massa. Longe dos holofotes da crítica especializada, sua escrita se comunica com leitoras que não se preocupam com opiniões que não sejam as delas mesmas e buscam diversão na leitura. Percebo que o que as leitoras procuram e encontram nos livros de suas autoras preferidas é, na verdade, o conforto, o lugar seguro, a leitura que as acolhe. A literatura de entretenimento que as satisfaz. Vincent Jouve oferece uma perspectiva interessante para pensar essa leitora:

O que a maioria dos leitores busca não é uma experiência desestabilizante, mas, ao contrário, uma confirmação daquilo em que eles acreditam, daquilo que sabem e esperam.

[...] Pode-se considerar que os textos mais interessantes são aqueles que vão ao encontro das supostas disposições do leitor. Quando é confrontado com a diferença, e não com a semelhança, o sujeito tem a disponibilidade, graças à leitura, de se redescobrir. O interesse do texto lido não vem mais então daquilo que conhecemos, de nós mesmos nele, mas daquilo que aprendemos de nós mesmos nele (JOUVE, 2002, p. 129 e 131).

É importante frisar que ao longo deste texto vou me referir às leitoras no gênero feminino. De acordo com a experiência de Nana, por exemplo, 99% dos leitores de seus livros são mulheres, como ela declarou em reportagem do portal UOL, em 2018. Existem homens tanto lendo como produzindo literatura erótica no Brasil, no entanto, o tamanho dessa parcela não se compara ainda à de mulheres. Também vou preferir usar leitoras porque foi assim que primeiramente o movimento aqui no país se desenhou: entre mulheres.

No romance hot, as autoras não são fim nem objeto do texto. Elas não reivindicam protagonismo em detrimento do protagonismo de seus textos. Sabem que, para terem sucesso, seus livros precisam vender. Então, os livros, o gênero literário e a conquista de leitoras vêm antes da promoção da própria imagem. Penso que a autopublicação pode influenciar nesse processo. O texto autopublicado não tem nenhuma chancela se não a do leitor. Nenhum editor

elevou o autor ao *status* de estrela da casa, absorvendo todos os cuidados com a publicação do seu texto e da sua imagem literária. Na autopublicação, é o autor que se faz, que cuida de si.

Com poucos recursos financeiros – autopublicar-se pode ser uma ação sem custos em plataformas como Kindle KDP, da Amazon, ou Wattpad –, é preferível jogar todas as luzes sobre sua produção literária do que sobre sua própria imagem. Afinal, é a venda das unidades dos livros que vai gerar retorno financeiro e, conseqüentemente, retorno de imagem. “A autora que vendeu tantos mil livros na Amazon.” Essa imagem, então, fica pautada nas conquistas da autora, não necessariamente em quem ela é enquanto indivíduo, em sua marca, da qual falarei mais à frente. Ainda sobre o indivíduo autor, essa percepção vem depois das leituras, e não antes. Quando as leitoras começam a dizer coisas como “você é maravilhosa”, “como você consegue escrever coisas tão incríveis”. É a partir desse momento, o da interação mais direta, que as escritoras hot passam a trabalhar mais a própria imagem. As pioneiras desse novo movimento, algumas das quais estudo aqui, agiram assim.

As redes sociais são as responsáveis por uma nova forma de presença dos autores, de maneira geral. Já era possível encontrá-los em eventos literários, Bienais do Livro, noites de autógrafos, alguns programas de televisão mais afeitos à questão do livro e da leitura. Essa atuação se dava de maneira sazonal, sempre à beira de datas comemorativas do universo literário ou desses eventos. No entanto, perfis no Facebook e no Instagram e canais no Youtube levaram essa relação a outro nível, mais íntimo, por mais paradoxal que isso possa ser. O leitor passa a estar na casa e na vida dos escritores; e vice-versa. A linha que divide o público do privado fica mais tênue para que um pouco do privado possa servir à imagem pública que se deseja construir e fortalecer.

Os perfis nas redes sociais são parte das novas formas de relacionamento interpessoal da contemporaneidade. Desde a invenção dos *smartphones*, usamos telas luminosas para nos comunicar. Nos momentos mais recentes da vida literária no Brasil – e no mundo também – escritores e leitores passaram a estar ligados de forma inédita. Estão conectados na velocidade de um tuíte, de um post, de um retuíte, de um comentário, de uma *direct message*, ou apenas DM.

A figura sagrada do autor, aquela pessoa distante e inatingível, não existe mais. O mistério em torno da figura responsável pelos romances tão amados deu lugar à transparência. De todo modo, é possível que essa transparência também seja fruto de uma construção de imagem para os leitores. Mas, quando visitamos o perfil da Nana Pauvolih no Instagram e encontramos um vídeo dela com sua gatinha filhote ou fotos com o marido e o filho entre

posts de divulgação de lançamentos e sorteios de livros, tendemos a pensar que a intenção é mesmo se aproximar das leitoras.

É interessante observar que a presença midiática das autoras autopublicadas já se deu diretamente nas redes sociais, apoiada nas novas tecnologias. Não houve, por assim dizer, uma transição de uma era analógica para uma digital. Esse comportamento está em consonância como a nova forma de atuar, estar presente, no mercado editorial. A autopublicação acontece principalmente nas plataformas digitais. Portanto, todo o relacionamento com o mercado e seus meandros acontece *on-line*. A figura do editor desaparece da equação, considerando que a autopublicação em plataformas digitais não pressupõe a participação de um editor. O autor precisa cuidar de todas as partes da edição, entre revisões, diagramação e arte da capa, antes de “subir” o livro na plataforma. Os trâmites comerciais são baseados em anúncios tanto nas plataformas quanto nas redes sociais. O material de divulgação composto por *teasers*, *book trailers* e fotos é todo distribuído de forma digital. Mais recentemente, em decorrência da pandemia de covid-19, as *lives* foram acrescentadas a esse arsenal de promoção digital dos livros. Com a internet, o que antes era distância entre leitores e autores, passou a ser proximidade.

Há diversos níveis em que essa proximidade opera. Uma leitora pode apenas acompanhar as postagens da escritora, pode deixar comentários nessas postagens e receber uma resposta direta e pode ainda entrar para o clube das fãs e participar de um grupo fechado com mais de treze mil integrantes no Facebook (em junho de 2021), como é o caso do “Nana e Nanetes”. A interação nas redes sociais é direta, sem intermediários. É mais comum ver autoras de romances hot administrando os próprios perfis, o que já não acontece tanto com as celebridades da TV ou da moda, por exemplo. São elas mesmas que cuidam das postagens e das respostas aos comentários. Preocupam-se em manter um relacionamento estreito e franco com as leitoras, em uma dinâmica de comunicação informal e convidativa. Posso intuir que o objetivo final desse comportamento seja a venda dos livros, mas acredito também que a rede que se forma entre escritora, leitoras e obra é fonte de prazer e satisfação para as escritoras.

Em um primeiro momento, pode-se pensar que a relação que se estabelece entre as leitoras e as escritoras hot é a mesma que existe entre uma celebridade e seus fãs, como aponta Leyla Perrone-Moisés acerca do cenário literário contemporâneo de maneira geral:

Para que a literatura chegue ao grande público, promovem-se eventos literários (salões do livro, festas de premiação), nos quais os autores e obras são apresentados como espetáculo. Os objetivos desses eventos são, sem dúvida, legítimos e justificados. Entretanto, o público numeroso que frequenta esses eventos parece

incluir menos leitores de livros do que meros espectadores e caçadores de autógrafos.

Os escritores de hoje têm uma visibilidade pessoal maior que em épocas anteriores porque são incluídos na categoria “celebridades”, e os mais “midiáticos” têm mais chances de vender livros, independentemente do valor de suas obras (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 32-33).

Isso até acontece, essas leitoras muitas vezes agem como fãs, de fato. No entanto, elas também são essencialmente leitoras. Mais do que colecionar autógrafos, quando as leitoras encontram com as escritoras as conversas giram em torno de livros.

É nesse ponto, então, que precisa haver uma demarcação de fronteiras. O território descrito por Perrone-Moisés é aquele a que os estudos literários se dedicam mais frequentemente, onde questões de mercado não fazem tanta diferença e onde mora a alta literatura, ou literatura culta, como denomina Muniz Sodré (1988, p. 6). O território que desbravo neste ensaio está distante daquele preferido por ela, Perrone-Moisés, é aquele onde mora a literatura feita sem pressões estéticas formalistas, feita sobre as bases do desejo individual de comunicar e se expressar; a literatura que não tem pudor de existir como produto editorial e que serve a uma rede, uma comunidade de escritoras e de leitoras que se forma em torno dos romances e do que deles advém.

A vida particular das escritoras não é o foco, as leitoras não querem ser a mulher Sue Hecker, por exemplo. Elas querem conversar com Sue sobre os personagens, comentar as cenas picantes, pedir mais destaque para este ou aquele personagem, cobrar a continuação de determinada trama. Foi exatamente isso que vi no *Tardes Sensuais* e é o que vejo quando visito as redes sociais de Sue ou Nana. O assunto principal é sempre o último livro, as novidades sobre os livros. Somente depois disso, as leitoras querem ser a *escritora* Sue Hecker. E, com a aparente facilidade de publicação pelas plataformas digitais, passaram a se aventurar na publicação das próprias histórias e a enxergar suas escritoras favoritas como mentoras.

Em uma postagem¹ no seu perfil no Instagram, @autorasuehecker, para promover um de seus livros mais recentes como presente de Natal em 23 de dezembro de 2020, Sue Hecker publicou um vídeo com um modelo representando o protagonista da história e perguntou na legenda: “Já pensou o Dragon saindo do livro direto para a sua ceia de Natal?”. O post recebeu comentários dentre os quais, além de muitos *emojis*, ou figurinhas, de corações, fogueirinhas e carinhas apaixonadas, pode-se encontrar coisas como: “Esse é o papai Noel [*sic*] que pedi de presente [três *emojis* humildes e dois corações]” e “Misericórdia!!! Que

¹ As referências para as postagens das escritoras estão todas inseridas no corpo do texto.

explosão foi essa????”. Ao comentário “Afff sacanagem isso!! Senhor abana! [duas fogueirinhas e dois emojis chorando de rir]”, Sue respondeu: “só com um ventilador [figurinha de coração]”. A seguidora então completou: “Acho que nem isso hahahaha! Maravilhoso!”. E Sue finalizou: “tem razão”. Não foi só com esse comentário que a autora interagiu. Em mais de um ela entabulou a pergunta “se comportou durante o ano?” e o bate-papo seguiu daí. Não é difícil verificar que esse é um padrão na comunicação entre leitoras e escritoras hot.

Uma olhada rápida nesse cenário pode levar o observador desavisado a associar essa interação a um tipo de culto às celebridades que temos aqui no Brasil. Contudo, o olhar atento vai revelar que o que as escritoras fazem é se apropriar desse suposto “efeito celebridade” e usá-lo para vender os livros, o seu produto, a sua ideia, o seu próprio trabalho. Portanto, distanciando-se da celebridade que vive da sua imagem, que é, muitas vezes, o seu único produto.

Falando sobre como a literatura se insere na cultura de massa, Perrone-Moisés remete à crítica literária tradicional que parece buscar preservar uma espécie de essência artística da literatura, fazendo distinção inclusive entre um tipo de leitor ideal e outro tipo ingênuo (Ibid., p. 34). Essa discussão ignora a vontade de potência do romance erótico em querer ser obra, ocupando espaços que estão ao largo das discussões da academia. Nesse sentido, recorro a Antonio Candido:

Frequentemente tendemos a considerar a obra literária como algo incondicionado, que existe em si e por si, agindo sobre nós graças a uma força própria que dispensa explicações. Esta ideia elementar repousa na hipótese de uma virtude criadora do escritor, misteriosamente pessoal; e mesmo quando desfeita pela análise, permanece um pouco em nós, leitores, na medida em que significa repugnância do afeto às tentativas de definir os seus fatores, isto é, traçar de algum modo os seus limites (CANDIDO, 2006, p. 83).

Portanto, o romance contemporâneo comercial feito por mulheres pode não ser considerado obra de arte – designação que foge aos objetivos desta tese –, mas é obra – o que interessa a este estudo. É obra constituída, como Josefina Ludmer nos ajuda a refletir:

Aparecen como literatura pero no se las puede leer con criterios o categorías literarias como autor, obra, escritura, texto, y sentido. No se las puede leer como literatura porque aplican a “la literatura” una drástica operación de vaciamiento: el sentido (o el autor, o la escritura) queda sin densidad, sin paradoja, sin, indecidibilidad, “sin metáfora”, y es ocupado totalmente por la ambivalencia: son y no son literatura al mismo tiempo, son ficción y realidad (LUDMER, 2007, s/ p.).

A partir disso, pode-se entender que a literatura contemporânea se descola de amarras formalistas e existe na autonomia das redes específicas em que é criada, sem tensões com critérios que venham de fora dessa rede. Então, em se tratando desse ensaio, o romance erótico contemporâneo não seria uma ficção experimental nem subversiva. Seria uma ficção que é o que é sem dúvida de ser, que existe como linguagem de comunicação em uma rede de entretenimento, num primeiro momento composta apenas por mulheres.

As escritoras desejam que seus romances ganhem esse *status*. A diferença é que o *status* buscado é junto às leitoras, não à crítica acadêmica. Chego a essa afirmação me apoiando no que diz Italo Moriconi na página 34 do seu novo livro *Literatura, meu fetiche* (Cepe, 2020), que remete à pedagogização da crítica quando ela fica formatada, no âmbito da universidade, a uma disciplina, parametrizada pela longa fila de escolas de pensamento sobre literatura. Assim, parece-me que as leitoras chancelam tanto obra quanto escritoras porque o romance erótico se sustenta na fronteira entre leitoras e mercado. Esse cenário também não é novo, foi experimentado na época dos folhetins, por exemplo. O panorama ganha mais sentido quando se pensa na afirmação de Marlyse Meyer:

Essas formas narrativas organizam-se ao redor de uma lógica; lógica que não propõe rupturas estéticas, mas resgata, como em qualquer literatura, matrizes tradicionais aparentemente perdidas na imensa fragmentação do cotidiano modernizado. As bases de sustentação dessas formas literárias localizam-se na repetição de um modelo que se renova pela variação – e não pela ruptura – e na forte presença dos gêneros como dimensão prioritária de ficcionalidade (MEYER, 1996, p. 50).

“Comercial”, “de massa”, “mercado” são expressões que defendem um determinado perfil, associado ao capital, a lucro, para a literatura que é um produto de um mercado paralelo oriundo da leitura, da produção literária e da interação com as leitoras. A partir de Muniz Sodré, penso esses adjetivos como formatadores de literatura.

O produto simbólico dito “de massa” resulta da passagem da obra elitista, como forma produtiva “pré-capitalista”, à *mercadoria cultural*, ou seja, ao produto com preço de mercado, plenamente afim ao sistema do valor de troca, mais especificamente, ao estágio monopolista do capital (SODRÉ, 1996, p. 113).

Para além do romance hot, o fato de a ficção comercial movimentar o mercado editorial não deve reduzi-la, afinal. Há um mérito nisso, considerando que o brasileiro é um povo que lê muito menos do que o seu potencial nos faz pressupor. Ser arte, bem de consumo ou arte de consumo não define seu público necessariamente como pouco exigente ou menos valorizado. Enquanto gênero literário inserido na produção cultural contemporânea, o

romance erótico e seus rumos são definidos justamente pelas leitoras, não pela crítica acadêmica dos estudos de literatura. E aqui incluo as escritoras no grupo de leitoras, considerando que foi como leitoras desse tipo de livro que a maioria delas começou a escrever suas próprias histórias, as versões dos romances apimentados que elas gostariam de ver impressas.

A contemporaneidade trouxe uma liberdade não vigiada aos artistas, aos produtores de cultura, assim como também esgarçou o conceito de indústria cultural. Então, as manifestações artísticas voltaram a experimentar, abriram novos ou redescobriram campos de atuação e ainda passaram a se defrontar com as novas configurações de público receptor, apontadas pela cultura de massa. Se a literatura está inserida nesse contexto, por que julgar as obras que atendem à demanda do leitor? Perrone-Moisés diz que

essa liberdade do escritor contemporâneo não iguala uma obra literária a uma obra de puro consumo ou entretenimento. Uma obra literária é um texto que faz pensar e sentir de modo mais profundo e duradouro e que, por isso, tem de ser lido mais vagarosamente, e mesmo relido (Op. cit., p. 37).

Ora, na contemporaneidade, a releitura de um texto não tem necessariamente a ver com uma recepção profunda. Se considerarmos que o leitor é um sujeito de uma sociedade pautada em consumo de entretenimento, a releitura pode ser desejo de retorno a um prazer conhecido e reconhecido. Portanto, o meio em que o receptor da mensagem está inserido define a qualidade da recepção. Então, é preciso estar atento aos critérios que serão usados para a análise do valor de uma obra. É verdade que a indústria cultural estabeleceu uma relação de consumo entre público e obras de arte baseando-se menos em critérios da subjetividade do indivíduo e mais em critérios numéricos, como exemplares de livros vendidos, *downloads* das canções, quantidade de seguidores nas redes sociais. No entanto, prefiro conferir valor ao romance erótico não só pelos números de vendas que movimentam o mercado editorial, mas também pela qualidade do relacionamento construído entre escritoras e leitoras e pelo nível de ingerência dessas leitoras no fazer literário dessas escritoras – o que, a meu ver, caracteriza hoje esse gênero como fenômeno.

Ouso dizer que as leitoras-escritoras se utilizam da linguagem como instrumento de transformação em seu fazer literário quando escrevem sem censura ou pudores sobre assuntos pertinentes a elas mesmas, assumindo, assim, seu protagonismo de sujeito da enunciação –

que é o envolvimento afetivo da autora com o texto, o que se vê como característica do contemporâneo. Portanto, os textos são capazes de reposicionar o olhar das leitoras, multiplicando as possibilidades de produção de sentidos. E, acrescento, esses sentidos acabam por ser internalizados pelas leitoras. É a leitora, a partir de sua experiência com o romance, quem vai dizer qual é o significado desses textos, desse gênero literário, não importando, mais uma vez o que diz a crítica clássica a respeito do que se define como literatura.

E Nana Pauvolih é uma escritora que se preocupa bastante com suas leitoras. Em uma de suas intervenções durante o curso “O segredo da literatura hot”, em janeiro de 2018, Nana reconheceu que a leitura mexe com a vida das leitoras justamente pelo processo de identificação com as personagens que ela cria, por isso costuma fazer exaustivas pesquisas para escrever. Disse ainda que um romance erótico pode equivaler a uma fantasia sexual e que essa relação íntima com suas leitoras-fãs favorece seu processo de escrita porque procura ouvi-las.

A partir disso, podemos pensar que o que se constrói entre leitoras-fãs e escritoras-leitoras é uma rede. Embora a primeira ideia sobre essa imagem possa ser a de uma malha que aprisiona, essa rede de mulheres, pelo contrário, liberta, pois resgata o senso de comunidade, de união e de acolhimento entre as suas integrantes.

Sue Hecker não se cansa de mencionar os grupos que mantém no aplicativo WhatsApp com suas leitoras, as suezetes, para falar sobre personagens, livros novos, livros mais antigos, a continuação de uma série. Mas não só. Essa troca de informações aparentemente banais camufla algo bem significativo e que a mim interessa muito mais. Se o universo dos romances eróticos está repleto de sexo, posso, então, pensar que, por extensão de sentido, nessas rodas de conversas por mensagens o assunto seja sexualidade. E se são mulheres a falar da sua própria sexualidade (desejos, fantasias, taras, corpos), elas estão passando de objetos a sujeitos do discurso. Nesse ambiente, virtual que seja, mulheres não só se assumem como seres sexuais como também lidam com essa noção como protagonistas.

Em uma postagem do dia 20 de outubro de 2020 no grupo “Nana e Nanetes” no Facebook, uma leitora divulgou a imagem dos avatares (imagens de atores ou modelos famosos) de dois personagens de livros da Nana Pauvolih. Um identificado com uma mousse de chocolate e o outro com uma de maracujá. O texto perguntava simplesmente: “Mousse de Chocolate ou Maracujá?”. Chamaram minha atenção comentários como “Qualquer um estando gostoso agente [*sic*] come sem culpa.”; “Mousse de chocolate com maracujá. Sou

GULOSA [sic].”; “[...] Eu me lambuzo com os dois FÁCILZINHO [sic].”. Nessa conversa virtual, observo especialmente o tom leve, irônico e brincalhão com que as leitoras lidaram com as sensações que os dois homens retratados despertaram nelas. Pudor parece não fazer mais parte dessa equação.

Essas mulheres não estão à margem da discussão, também porque não há teóricos a falar delas – como eu mesma, ironicamente, me proponho neste estudo –, elas estão no centro, produzindo a discussão. Ouso dizer que tanto o romance erótico contemporâneo como essas redes de leitoras e escritoras são produtos de um contexto social de luta favorável ao protagonismo feminino, que é fruto do que está se convencendo chamar de quarta onda do feminismo.

Por todas essas questões que me inquietam senti-me inspirada a empreender esta tese. E decidi desenvolvê-la em um ensaio com três eixos, que correspondem às partes a seguir. Na primeira, abordo o romance erótico no contexto do mercado editorial brasileiro e o ofício de escrever como profissão das autoras. Interessa-me ali ver como esse grupo de escritoras ocupa atualmente um espaço relevante e com uma importante dinâmica independente dos formalismos do mercado. Na segunda, falo sobre leitura e exploro a rica relação entre as leitoras-fãs e as escritora-leitoras. Por fim, na terceira parte, detenho-me no fazer literário das escritoras e na representação da mulher nesta nova literatura erótica, principalmente de seu corpo, seu desejo e sua sexualidade, analisando os romances *O lado bom de ser traída*, de Sue Hecker (2016), *O safado do 105*, de Mila Wander (2015) e *Pecadora*, de Nana Pauvolih (2017). O conceito de vida literária e as teorias e práticas feministas são norteadores importantes neste trabalho.

1 MERCADO DAS MULHERES

Toda equipe do Marketing e Editorial da HarperCollins Brasil, que têm sido muito carinhosos: Daniela Kfuri, Valquíria Noya, Tatiane Ramos e Nathalia Barone.
Sue Hecker

O que mais despertou minha atenção nesse recente movimento do romance erótico brasileiro, também chamado de hot, foi o fato de ele estar acontecendo vivamente à margem do mercado editorial convencional. À margem porque afastado do centro efervescente das grandes editoras de modelo tradicional de edição de livros, ou seja, do tipo de negócio em que as empresas assumem todos os investimentos nos autores. E também porque, de certa maneira, marginalizado, tratado como literatura menor. Os romances eróticos fazem parte do grupo da literatura comercial, aquela que fica fora dos prêmios e das resenhas de jornais – quando elas existiam. Preterida pela crítica acadêmica, essa literatura, no entanto, tem uma grande capacidade de chegar a leitores menos especializados, assim chamados pela academia, ou seja, à grande maioria dos leitores brasileiros.

O novo mercado de romances eróticos surgiu no Brasil impulsionado pelas facilidades da autopublicação digital, quando não há intermediários entre autoras e leitoras nem dificuldades de distribuição de livros físicos por um país de dimensões continentais. A revolução começou com a chegada por aqui do aplicativo Wattpad e da Amazon, juntamente com o Kindle Direct Publishing (KDP), a plataforma da gigante estadunidense para autopublicação. Esses canais geram arquivos digitais que podem estar no computador, no *smartphone* ou no iPad das leitoras. Falo aqui de e-books em formato e-pub, para leitores dedicados (aparelhos eletrônicos específicos para a leitura de e-books), ou em PDF, que podem ser lidos em qualquer computador. Existem outros sites que oferecem o mesmo serviço, mas vou me deter nesses dois porque foi neles que o romance erótico brasileiro contemporâneo trilhou seu caminho de sucesso comercial e de público, como já mencionado, majoritariamente feminino.

Posso dizer que o Wattpad, lançado em 2006, é uma plataforma moderna de publicação de folhetins, pois histórias são publicadas pelos autores em capítulos e com periodicidade variada. Por se tratar de um aplicativo, que pode ser acessado tanto pelo celular quanto por um computador, há a possibilidade de interação entre os usuários (leitores) e os produtores de conteúdo (escritores). Não é preciso mais mandar cartas para a redação para

opinar sobre o rumo das histórias e dos personagens. Os leitores podem deixar comentários ao final de cada capítulo publicado, podem marcar determinada passagem do texto e os autores podem responder a esses comentários. Assim, os desdobramentos dos enredos são testados, o que oferece aos escritores, por exemplo, a oportunidade de mudar o rumo das suas histórias de acordo com a opinião dos leitores – embora isso não aconteça com tanta frequência.

O Wattpad, no entanto, não paga os produtores de conteúdo, e é por causa disso que, desde a chegada do KDP no Brasil, em 2013, há uma ação casada com a Amazon para que os escritores comecem a ganhar dinheiro com seus livros recebendo direitos autorais.

O Kindle Direct Publishing é uma plataforma completa de autopublicação totalmente gratuita. Sem gastar se não quiser, nela, o autor gerencia todo o processo, desde a confecção de uma capa até o recebimento dos direitos autorais, passando pela diagramação do texto, pelo *upload* do arquivo, pela geração do e-book, pelo controle de leituras e pelas ações de promoção do livro. A grande vantagem apontada pelos escritores que publicam no KDP é ter autonomia sobre seus livros, o que, segundo eles, não é possível quando falamos de uma editora convencional. E aqui há um marco que separa o folhetim do romance erótico contemporâneo, pois essa autonomia sobre os meios de produção do livro proporciona às escritoras um modo diferente de se relacionar com a sua escrita também, não só com o mercado.

É interessante destacar que essa necessidade de controle sobre os próprios livros, principalmente sobre vendas, distribuição, promoção e pagamentos de direitos autorais, começa e se espalha devido às crises no mercado editorial brasileiro, pela sua centralização e pelo questionamento do próprio sistema. Em uma editora comum, quando aprovado pelo comitê editorial e contratado, um livro pode levar entre seis meses e um ano para ser publicado. Precisa entrar na “fila” do planejamento editorial, depende de orçamento disponível.

Se há alguma crise ou uma grande aposta não responde bem às expectativas, esse planejamento de lançamentos pode ser mudado e os livros na fila podem andar para trás. Em alguns casos, a editora pode optar por distratar o livro, isto é, rescindir o contrato de edição com o autor. Se há adiantamento de direitos autorais, o valor não é devolvido, passando a ser um tipo de indenização pela rescisão contratual. Em outros casos, os livros vão sendo empurrados até que se atinja o prazo máximo de publicação estipulado pelo contrato de edição, que atualmente gira em torno de dois anos, a contar da data de assinatura do contrato ou da entrega dos originais aos editores. Além de todo esse tempo, se não recebeu o adiantamento dos direitos pelo original contratado, o escritor vai começar a ser remunerado

pelo seu trabalho apenas de três a seis meses depois do lançamento do livro, a depender do cronograma de prestação de contas previsto em contrato.

Pela ignorância de todos os processos que envolvem a edição de um livro, muitas vezes esse tempo é visto com desconfiança pelos autores, como se houvesse uma falta de transparência. Outro erro muito comum cometido por quem desconhece o funcionamento de uma editora é achar que, se um escritor recebe apenas 10% de direitos autorais sobre o preço de capa do seu livro, a editora fica com 90% desse valor como lucro, o que não é verdade. Esses 90% são usados para pagar os custos fixos da editora (insumos, salários de funcionários, contas da sede) e para pagar os custos variáveis da edição do livro (copidesque, diagramação, projeto gráfico de capa e miolo, revisões, impressão, campanha de lançamento, distribuição nacional).

Dentro dessa conta, cabe destacar as parcelas destinadas a distribuidores e livrarias. Um distribuidor “pega” o livro na editora com no mínimo 50% de desconto e repassa o título para suas clientes livrarias com cerca de 30% de desconto. Isso quando a editora não atende diretamente uma livraria, tal acontece com as grandes ou prestigiadas redes, como Travessa no Rio e Livraria da Vila em São Paulo, enviando os títulos com cerca de 60% de desconto ou mais. Então, se 10% do preço de capa já vão para os autores e de 50% a 60% são destinados aos distribuidores e/ou livrarias, a editora já está contando com, em média, 35% do preço de capa para cobrir os custos fixos e a maioria dos custos variáveis. Portanto, não é raro a editora conseguir somente empatar seu lucro com os autores, ou nem isso. As editoras acabam lucrando mais com a escala da venda dos *best-sellers*, por exemplo, que rendem grandes tiragens.

Uma plataforma de autopublicação não necessariamente elimina todas essas etapas, mas as deixa nas mãos de apenas uma pessoa, que terá todo o controle sobre elas. Um escritor que opta por autopublicar seu livro não está mais sujeito aos prazos das editoras, aos pareceres editoriais negativos e nem às interferências dos editores de texto. O modelo de autopublicação chegou a colocar em xeque a própria figura do editor, que passou a ser visto com reservas pela grande massa de escritores em busca de espaço no mercado. Um senso comum passou a “culpar” os editores pela falta de oportunidade nas editoras tradicionais. Autopublicar significa controlar as oportunidades e o tempo em que elas se apresentam.

Talvez pelo excesso de glamour em que está envolvido o mercado de livros seja fácil esquecer que uma editora é uma empresa como outra qualquer, faz parte de uma indústria cujo produto é um bem cultural, o livro, mas ainda assim é um produto. Logo, essas empresas precisam fechar as contas e gerar lucro para que possam fazer novos investimentos e se

manter ativas. Dessa maneira, todo e qualquer investimento em um produto novo, ou seja, em um novo autor e seu livro, precisa ser, de fato, estudado e pensado. No sentido de desafogar o mercado, a autopublicação trouxe um bem, pois deu, sim, chance a novos escritores. Por outro lado, há os que pensam que a autopublicação é algo menor porque não tem critério, pode-se publicar qualquer coisa. As Diretrizes de Conteúdo do Kindle Direct Publishing disponíveis nas páginas do portal da Amazon não são tão específicas, por exemplo:

Como somos uma livraria, oferecemos aos clientes diversas opções, incluindo livros que alguns clientes podem achar de gosto duvidoso. Apesar disso, reservamo-nos o direito de não vender determinados conteúdos, como pornografia ou outro material inadequado.²

Está claro que o romance erótico não é considerado pornografia, levando-se em conta que tem espaço garantido no portal, mas não há uma linha muito definida sobre publicar materiais que incitem a violência, por exemplo. Um material desse poderia ser publicado e precisaria ser denunciado por algum usuário ou leitor para que a Amazon tomasse uma atitude.

Ainda sobre crise no mercado, buscando capitalização e uma mudança na visão preconceituosa acerca da autopublicação, editoras de pequeno porte ampliaram seu modelo de negócios introduzindo a possibilidade de investimento do autor na publicação de seus livros. Há variações. Existe a opção em que a editora inclui no orçamento um trabalho de edição do texto, com copidesque ou revisão; em outra, a revisão fica a cargo do autor, se ele assim desejar. Os contratos preveem o livro digital e uma tiragem mínima do livro impresso, geralmente para atender ao evento de lançamento, coisa de 100, 200 exemplares; no máximo 500.

Os editores que sobrevivem do investimento do autor se valem do papel de curadores, pois, embora os escritores estejam pagando, os originais precisam antes ser aprovados, já que, uma vez publicado com o selo da editora, o livro passa a fazer parte do seu catálogo. Isso acontece tanto para afastar o preconceito do “publica qualquer coisa” como para continuarem flertando com o mercado de modelo convencional, em que as editoras têm um perfil e um projeto editorial a serem seguidos.

Voltando ao KDP, um dos seus grandes atrativos é a forma de remuneração dos autores. É o autor que precifica seu livro e decide os termos dos direitos autorais, que podem chegar até a 70% do preço de capa, quando o livro estiver em venda exclusiva pela Amazon.

² DIRETRIZES de conteúdo. **Kindle Direct Publishing**. Disponível em: https://kdp.amazon.com/pt_BR/help/topic/G200672390. Acesso em: 3 out. 2020.

A plataforma contabiliza não só a quantidade de livros baixados, mas também o número de páginas lidas no sistema de assinaturas, o Kindle Unlimited, em que o cliente paga uma mensalidade e tem acesso a um vasto catálogo cujos itens podem ser lidos por inteiro ou apenas em partes. Um detalhe importante, no entanto, é que a plataforma exige que não mais que 60% do conteúdo do livro estejam publicados em outros lugares. Portanto, é dessa regra que vem a ação casada com o Wattpad.

O aplicativo funciona como uma vitrine para testar as histórias. Se o romance atinge um número significativo de leituras (15, 20 mil, por exemplo, que já é mais que o quádruplo das mínguas tiragens de três mil exemplares praticadas comumente para autores estreantes), o autor pode começar a preparar o lançamento do livro na Amazon, para então passar a ganhar dinheiro. É simples. Na interação com os leitores, o autor comunica que os últimos capítulos estarão com o livro completo que será lançado em e-book pela Amazon.

Essa é a estratégia que tem dado certo para as escritoras de romances hot. Dois dos que leio nesta tese começaram no Wattpad, migraram para e-book e então para o livro físico. Sim, porque, embora a liberdade de cuidar dos próprios livros seja uma vantagem, o *status* de ter um livro físico publicado ainda é muito atraente. Sempre que possível, as autoras querem seus livros nos dois formatos. E uma coisa não impede a outra. A editora HarperCollins, por exemplo, estampa na primeira capa e na orelha do volume impresso as “mais de 16 milhões de leituras na internet” que teve *O lado bom de ser traída*, da paulista Sue Hecker.

De olho no sucesso renovado do gênero e nas vendas certas, as editoras começaram a buscar autoras e obras testadas na internet. Esse foi o caso da Rocco e de Nana Pauvolih, que teve sua trilogia *Redenção*, sucesso cujo primeiro volume contabilizou mais de 200 mil leituras no Wattpad, contratada pelo selo Fábrica231 da editora carioca para a Coleção Violeta, dedicada à literatura erótica. Mesmo assim, esse movimento dos editores não significou o controle sobre o estabelecido mercado digital de e-books hot. Surge nesse momento o contrato híbrido, em que a editora só detém os direitos de publicação sobre a obra impressa, sendo das autoras os direitos sobre a obra digital. Isso, de fato, foi uma novidade para o ainda incipiente mercado de livros digitais no Brasil.

Livros digitais não parecem ser a prioridade do mercado brasileiro. Embora exista estatisticamente 1,6 dispositivo portátil para cada habitante do país, em dados de pesquisa³ da Fundação Getúlio Vargas em 2020, as editoras continuam investindo maciçamente em livros

³ BRASIL tem 424 milhões de dispositivos digitais em uso, revela a 31ª Pesquisa Anual do FGVcia. **Portal FGV**, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/brasil-tem-424-milhoes-dispositivos-digitais-uso-revela-31a-pesquisa-anual-fgvcia>. Acesso em: 25 mai. 2021.

impressos, que são mais caros pelos seus meios de produção e distribuição. E-books não são tão baratos. O trabalho de edição ainda se faz necessário, bem como ajustes específicos dos arquivos para os aparelhos leitores (como adaptação de tamanho de fonte e questões de hifenização de palavras). Apenas muito recentemente é que os e-books têm se tornado uma alternativa ao livro físico – apoiados, inclusive, pela pandemia de covid-19.

Penso que, mesmo que as novas tecnologias sejam muito festejadas pelo mundo e muito abraçadas por brasileiros – somos o terceiro⁴ país que mais consome redes sociais no planeta, por exemplo –, há certo glamour e romantismo em relação a uma edição impressa. Não é só uma questão de *status*, como cheguei a mencionar. A mim parece que o livro só se torna real quando impresso, quando em sua versão física. Essa é uma sensação compartilhada não só por leitores que adoram contemplar suas prateleiras repletas, mas também por escritores e até por editores também. O fascínio do “cheiro do papel”, do “cheiro da cola”, as linhas que costuram as páginas, a lombada, o peso do livro. O peso do seu trabalho concretizado.

Ainda que a publicação por uma editora tradicional e a edição impressa exerçam esse magnetismo sobre as autoras, gosto da imagem do KDP como uma prensa moderna e que está sendo operada por grupos não hegemônicos nem centrais, grupos periféricos, mas não alijados dos processos de sucesso.

Essa participação mais ativa na vida literária com a autopublicação não é uma novidade para escritores, no entanto. Desde que se começou a imprimir volumes, tem acontecido como em ciclos. No início de tudo, aquele responsável pela prensa era também o responsável por escrever, editar e vender os livros. De Gutenberg até o século XIX, o autor era escritor, tradutor e editor. Os papéis estavam todos misturados por força das circunstâncias de um mercado ainda em formação, ainda procurando entender quem seriam seus atores. O que é novo, então, sobre autopublicação de romances eróticos? O fato de ser um movimento essencialmente de mulheres para mulheres que têm vontade e potência para ocupar e manter um espaço num mercado dominado por homens e por literatura estrangeira.

Quando um esboço de mercado editorial começou a se organizar no Brasil com o aparecimento das primeiras livrarias no século XIX, as atenções estavam voltadas

⁴ MORENO, D. Brasileiro fica 3 horas e 31 minutos por dia nas redes sociais. **Agência Visia**. Disponível em: <https://www.agenciavisia.com.br/news/brasileiro-fica-3-horas-e-31-minutos-por-dia-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 25 mai. 2021.

principalmente para o que vinha da Europa. Tratava-se basicamente do comércio de livros, mais do que da edição destes, impulsionado principalmente pela empolgação em torno da independência do país e do estabelecimento da Corte no Rio de Janeiro. Tanto os clássicos da literatura quanto os ícones do pensamento europeu do século XVIII estavam sendo consumidos com fervor. Nesse cenário, o escritor nacional não tinha vez, e era obrigado a procurar editar suas obras por conta própria.

Aqui abro um parêntese para destacar que mesmo na contemporaneidade o consumo da produção literária estrangeira no país ainda é muito alto. A valorização do autor nacional – e aí falo de maneira geral, qualquer que seja ele, homem ou mulher – é um trabalho e uma conquista dos próprios autores, que vêm procurando se reposicionar no mercado, buscando maior visibilidade em eventos como Bienais do livro e festas literárias, em que há a oportunidade de estar bem próximo ao público leitor. E as escritoras de romances hot sabem bem disso, que é das leitoras que elas devem estar próximas, mais que das editoras.

Voltando ao século XIX, imprimir livros era caro – como ainda o é hoje –, mas um grupo cada vez maior de escritores brasileiros românticos, nos dois sentidos da palavra, passou a procurar os impressores, as tipografias e as livrarias que mantinham pequenas prensas para pagar pela impressão de volumes de romances e poesia. As vendas eram restritas praticamente às cidades em que os livros eram publicados. Distribuição era, e ainda é, um problema.

Era uma empreitada difícil encontrar quem quisesse lidar com as obras de jovens e iniciantes autores. Quando falo em ciclos, é justamente a isso que me refiro, a essa repetição de padrões. Muito do que assistimos no negócio do livro no século XXI está calcado em práticas de dois séculos atrás. Conforme Ubiratan Machado,

Quando não recorriam diretamente às tipografias, os jovens escritores costumavam sondar algum livreiro, daqueles que se intitulavam pomposamente livreiros-editores e exploravam uma pequena gráfica nos fundos do estabelecimento. Ali, editavam catecismos, missais, histórias da carochinha, livros com público certo. Jamais empatavam capital numa mercadoria de retorno lento e duvidoso, como era a obra literária (MACHADO, 2010, p. 86).

Literatura ainda tem retorno lento e duvidoso no mercado de livros impressos. Já no caso de livros digitais, a velocidade da resposta e os custos mais baixos de investimento poderiam favorecer o modelo se não fossem questões como glamour e preconceito com o formato.

Por que a preferência por vender obras importadas? Porque já vinham testadas, chanceladas por outros públicos, outros leitores e outra crítica. Da mesma maneira como funciona o mercado de edição de obras traduzidas nos dias de hoje. Quando um agente literário oferece os direitos de edição de uma obra estrangeira a um editor brasileiro, a primeira coisa que ele tem que fazer, antes mesmo de falar sobre o enredo do livro, é apresentar os números de vendas no país de origem e onde mais estiver publicado, a fortuna crítica acumulada até o momento e os dados sobre a presença do autor nas redes sociais e sua interação com leitores. Se possível, previsões ou expectativas em relação a prêmios. Não importa que o livro em questão seja maravilhoso ou relevante ou leitura essencial por si só, se essas informações não atenderem aos parâmetros do editor daqui o livro não será contratado.

Se isso acontece com o autor estrangeiro, testado e avaliado, imagine com o autor nacional! A frase “Jamais empatavam capital numa mercadoria de retorno lento e duvidoso, como era a obra literária” pode definir até hoje a atuação de boa parte dos editores contemporâneos.

Coletei dois depoimentos que ilustram bem essa realidade no Brasil em matéria de André Bernardo (BBC News), de 2016, para o portal UOL sobre o que se chama de “geração Wattpad”. Falando a respeito do britânico Taran Mathau, Ana Lima, então diretora-executiva do selo Galera, da editora Record, comentou que “ajuda saber que 6 milhões de leitores gostaram do livro dele e acompanharam sua publicação no Wattpad. É uma chancela, mas não uma garantia de sucesso”. Mila Wander, uma das autoras que estudo, foi citada nessa matéria pela sua então editora Márcia Pereira, responsável pelos livros de ficção na Planeta, que a contratou depois de saber das 4 milhões de visualizações que Mila atingiu em apenas dois meses no mesmo Wattpad. “A audiência das redes sociais é uma informação relevante a ser considerada quando avaliamos uma obra. Afinal, publicar livros é um negócio e, como tal, precisa ter sucesso.” Eis o cerne da questão: o negócio do livro que precisa girar, se sustentar, ficar de pé sozinho. A responsabilidade de lançar um autor é muito grande quando se pensa no livro como produto de uma indústria.

Em se tratando de romances eróticos, a questão se torna mais delicada, pois, embora o gênero já tenha vivido outros tempos interessantes, não podemos tomar esses tempos como exemplo. O contexto do contemporâneo traz outros elementos para a avaliação dos autores que não só os mercadológicos. A comunidade de leitoras que se forma em torno das escritoras, por exemplo, é condição para a existência do romance erótico como ele se apresenta hoje porque mantém o gênero protegido dos preconceitos e pré-julgamentos externos a essa rede. Portanto, as comunidades das artes contemporâneas mantêm seus

produtos vivos e ocupando um espaço de expressão e diálogo que elas mesmas criaram na medida em que se voltaram para dentro, para seus membros. Diferentemente da arte moderna, cuja força transgressora a expunha e ajudava a criar as tensões, as dúvidas e a instabilidade que a caracterizam.

Essa comunidade que aparece no contemporâneo – e da qual acredito que venha o novo romance erótico brasileiro – é responsável também pela retomada da vida literária e pelo redimensionamento dos escritores quando estimula a socialização por meio de ambientes virtuais, por exemplo. O Wattpad pode ser visto dessa forma, assim como outras plataformas de autopublicação e até as redes sociais, como destaca Italo Moriconi:

A nova vida literária no Brasil surgiu no suporte da rede. [...] Graças ao suporte da internet foi possível tecer a incrível rede de solidariedade, cumplicidade e simpatia entre os escritores na nova geração, muitas vezes afastados uns dos outros por regiões inteiras, mas aproximados pelo tempo real da comunicação virtual. Paralelamente a isso e com força crescente, os blogs de escritores em formação proliferaram e serviram de plataforma de lançamento para seus primeiros romances (Op. cit., p. 43).

Corroborando o que Moriconi diz, temos o que sempre conta Nana: ela mesma publicou seus textos pela primeira vez em um blog antes de aderir ao Wattpad.

O conceito de comunidade serviu inicialmente apenas aos escritores e leitores, pois investir em autores brasileiros em um mercado subdesenvolvido de leitores e marcado por crises financeiras e algumas interferências políticas ainda é tarefa para poucos. Uma aventura, como observa Machado falando do francês radicado no Brasil Garnier, cuja livraria levava seu nome:

Naquele início dos anos 1860, a Garnier já ocupava um lugar à parte entre as dezesseis livrarias da Corte. Há muito dispunha do melhor estoque de livros franceses da cidade, além de abrir suas prateleiras para o escritor nacional, que editava suas obras por conta própria. Outro fator que atraía os autores, assanhados como mariposas ao redor da luz: Garnier, de forma um tanto tímida, lançava-se na aventura de editar poetas e romancistas brasileiros, sem que estes desembolsassem um mísero mil-réis. (Op. cit., p. 74)

Caso não seja sabido, Garnier foi o editor de José de Alencar, por exemplo, um dos nossos mais proeminentes romancistas daquela época. Esse editor-aventureiro também foi o responsável pela façanha de publicar a primeira obra de uma mulher que não foi paga pela autora. Trata-se de *Nebulosas*, de Narcisa Amália, que chegou a ser celebrada como a maior poeta brasileira. Falando em mulheres, diferentemente destes tempos contemporâneos – em

que as mulheres estão presentes nos diversos elos da cadeia do livro como escritoras, editoras, livreiras e leitoras –, nossa participação na vida literária do século XIX era quase nula e dependeu do pioneirismo e da coragem de algumas, como a própria Narcisa, para começar a aparecer.

Naquela época, além do alto índice de analfabetismo da população em geral, às mulheres esse privilégio não era mesmo concedido. O papel social a elas designado definia como seu lugar o lado de dentro de casa, o que dificultava sua circulação pelas cidades e consequente acesso a cultura, arte, literatura. Mary del Priori faz um comentário sobre essa questão no seu livro *Sobreviventes e guerreiras*:

Sabe-se que, no século XIX, a precariedade dos centros educativos, a instrução primária de curta duração e sua má qualidade e a ignorância em que as mulheres eram aparentemente mantidas foram alvo de críticas de estrangeiros vindos de países onde a diferença de educação entre gêneros quase não mais existia. A ênfase na vida doméstica e o escravismo só faziam agravar o ritmo lento e pouco imaginativo em que se desenrolava, segundo os estrangeiros, a vida das senhoras no Brasil (PRIORI, 2020, p. 105).

Sob a perspectiva do mercado, somente após a alfabetização feminina é que algum material passou a ser produzido pensando nesse novo público consumidor, como as seções em jornais voltadas a assuntos pertinentes à vida de uma mulher, os folhetins e alguns romances. Então, elas passaram a ser vistas como interlocutoras pelo menos. É de se imaginar que essas leituras tenham incentivado a mente e a imaginação das moças, levando ao aparecimento das primeiras escritoras e de suas reivindicações.

Havia muito preconceito em relação às mulheres, ao que pensavam e ao que produziam. Mulheres escrevendo e publicando livros era considerado um escândalo. É possível, no entanto, destacar iniciativas isoladas a fim de demarcar algum território ao longo da história do nosso mercado editorial. Cito algumas lembradas por Ubiratan Machado (Op. cit., p. 318), como Joaquina Paula Manso de Noronha, editando o carioca *Jornal das Senhoras*, os nove números do niteroiense *Álbum das Senhoras*, Nisia Floresta Brasileira Augusta com seu livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* e Maria Ribeiro, “primeira teatróloga brasileira a ter uma peça de sua autoria encenada por uma grande companhia, e não por um grupo de amadores”.

Então, a partir da segunda metade daquele século XIX, o cenário começa a mudar por aqui com o aumento da presença feminina no mercado ainda dito livreiro:

Por essa época – apesar das reclamações de Maria Ribeiro –, a resistência contra o direito da mulher se expressar e reivindicar por meio da arte, em particular a palavra

escrita, já estava sensivelmente atenuada, se bem que continuasse forte o bastante para desestimular as menos resolutas. Sua participação na vida literária, em saraus lítero-musicais, na frequência às livrarias, mantendo breves diálogos com colegas masculinos, declamando em reuniões, que causava tanto escândalo, começa a entrar na rotina (Op. cit, p. 319).

E essa presença só fez aumentar, mesmo que desvalorizada ou invisibilizada. No campo da literatura, houve escritoras que experimentaram não só o erótico como o pornográfico e a militância feminista também, tanto no romance como na poesia. Cito logo a poeta simbolista carioca Gilka Machado. Sufragista, no início do século XX, Gilka já levantava questões sobre desejo sexual e opressão à mulher em seus poemas.

De 1948 até os anos de chumbo no Brasil, é possível acompanhar a produção intensa de Cassandra Rios, pseudônimo da paulistana Odete Rios, que publicou seu primeiro romance erótico aos 16 anos. Cassandra ficou conhecida por ter sido a escritora mais censurada da ditadura militar, com 36 de seus 50 romances vetados. Mas seu pioneirismo merece mais destaque que julgamentos conservadores. *A volúpia do pecado*, o primeiro livro, foi publicado de forma independente com dinheiro emprestado pela mãe da autora. Registra-se que Cassandra tenha sido a primeira escritora a colocar em páginas impressas histórias de amor homossexual – ela era lésbica assumida – e que também tenha sido a primeira escritora brasileira a viver apenas de direitos autorais sobre a venda de seus livros, ainda que de um nicho específico. Taxada de pornográfica para efeitos de censura e repressão, a autora reclamava que seus romances na verdade eram histórias de amor em que o sexo se realizava como consequência e não como causa do enredo. Esse traço dialoga com grande parte da produção de romances eróticos contemporânea, em que as cenas de sexo fazem parte, mas não constituem toda uma trama.

Hilda Hilst, no entanto, buscou outro rumo quanto a sexo em seus textos e desestabilizou crítica e leitores quando começou a publicar suas histórias pornográficas, a partir dos anos 1990, aos 60 anos de idade e dona de uma obra de mais de vinte títulos lançados à época. Hilda flanou com desenvoltura sobre a fronteira entre alta e baixa literatura. Utilizou-se de sua marca de escritora consagrada para brindar o público com o exercício, ao mesmo tempo, de subversão e crítica ao sistema literário e cultural vigente da virada do século XX para o XXI, num jogo narrativo em que contrapunha o que era visto como excelência pela academia e o que era considerado reles. Como comentou Eliane Robert Moraes (2014, p. 266) no artigo “A prosa degenerada”, publicado na edição de luxo de *Pornô chic*, que compilou a obra obscena de Hilda Hilst, “tal estratégia vem perturbar não só a

economia sobre a qual se organizam os textos obscuro em relação ao movimento maior da literatura, mas ainda a própria economia literária geral”.

Gilka, Cassandra, Hilda e outras trilharam um caminho inicialmente tortuoso que foi pavimentado ao longo das décadas para que essa geração do século XXI pudesse assumi-lo. Embora com características diferentes, o diálogo entre as produções é inevitável. No ensaio *Um teto todo seu*, originalmente publicado em 1931, Virginia Woolf fala de um contexto europeu, de outro tipo de sociedade e de literatura também. Não entanto, não posso ignorar suas importantes reflexões sobre o direito de se expressar e todos os impeditivos para uma mulher escritora na virada do século XIX para o XX que me fazem pensar se as autoras contemporâneas de romances hot têm consciência da liberdade de que desfrutam ao escrever e publicar textos eróticos sem censura prévia. Fico imaginando se elas sabem quão privilegiadas são.

Em certo sentido, Virginia Woolf defende que a mulher precisa ter independência financeira para escrever tão livremente quanto um homem, e é a construção de seu pensamento que me reporta ao contexto das mulheres que escrevem na contemporaneidade. Em última análise, a mulher sempre esteve presente na vida literária, mas como objeto, não como sujeito, que é o que as romancistas hot são: sujeitos da sua própria escrita. A autora quase que profetiza:

Sem dúvida, veremos a escritora adaptá-la [a forma da escrita] para si mesma quanto tiver o livre uso de seus membros, providenciando novos meios, não necessariamente em versos, para a poesia dentro de si (WOOLF, 2014, p. 111).

Esse potencial de adaptação está no modo particular da escritora de ver o mundo, específico de determinada vivência enquanto mulher inserida em determinada sociedade. Essa é a mulher que deve emergir em detrimento da mulher inventada pela literatura masculina e pela sociedade, e sobre a qual Woolf disserta, que são, na verdade, duas. A socialmente confinada a espaços restritos, como a casa, e a papéis pré-determinados, como o de esposa e mãe. E a que está nos livros, guiada por mentes que apenas supõem quais sejam seus sentimentos, ambições, anseios e desejos, características que, por sua vez, estão condicionadas àquela primeira ideia da mulher confinada.

Como sair desse lugar? Como deixar de ser esse brinquedo que é passado de mão em mão patriarcal? Do pai ou irmão para o marido e então para o filho? Como se impor? Como trilhar outros caminhos se lhe falta a oportunidade para enxergar esse novo caminho? É sobre

isso que Woolf fala: sobre a disparidade entre o que era oferecido em termos de criação a rapazes e moças. Um preceito que é um dos pilares do movimento feminista: igualdade de oportunidades para homens e mulheres.

A escritora, ela mesma uma voz isolada em sua geração, se pergunta sobre os talentos perdidos para os bordados e os casamentos arranjados. Todas as tensões reprimidas em diários repletos de poemas que ninguém podia ver. A coragem dava apenas para o ato de escrever. Mostrar-se exigia uma dose inexistente.

Para além dos domínios do patriarcado, as mãos religiosas também eram firmes nos braços das mulheres do final dos oitocentos e início dos novecentos. A castidade era a regra para a conservação da pureza d'alma. A reclusão era o meio de atingir esse objetivo. Publicidade e fama eram coisas impensadas para mulheres. “Na verdade, arrisco-me a dizer que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem cantá-los, com frequência era uma mulher”, diz Woolf (2014) na página 73.

Assim, tão desincentivadas, a autoconfiança e a segurança das mulheres acabavam anuladas pela autoconfiança e segurança dos homens, tão festejados pelo mundo que lhes favorecia em tudo com práticas machistas, sexistas e misóginas.

[...] havia um grupo enorme de opiniões masculinas que atestavam que nada deveria ser esperado das mulheres do ponto de vista intelectual. Ainda que seu pai não lesse em voz alta essas opiniões, qualquer garota poderia lê-las por si; e essa leitura, mesmo no século XIX, deve ter diminuído sua força vital e ter tido um efeito profundo sobre seu trabalho. Sempre haveria uma afirmação dessas – você não pode fazer isso, você é incapaz de fazer aquilo – contra a qual protestar ou que se devia superar. Provavelmente, para uma romancista esse vírus não tem mais muito efeito, porque já houve mulheres romancistas de mérito (Ibid., p. 79-80).

Virginia Woolf fala em uma exaustão da mente com tantas pressões com as quais as mulheres precisavam lidar. Fala das interferências nada benéficas ou edificantes que sofriam se comparadas com a liberdade de criação da qual desfrutavam os homens, que podiam ter uma vida dedicada a pensar, refletir, escrever e se expressar na sociedade. Em última instância, homens podiam se expor, mulheres podiam explodir.

Além de liberdade para escrever, homens detinham os meios e os modos de produzir textos. Obviamente letrados, esta barreira, então, já transposta, rapazes, homens, jovens pensadores tinham o tempo, totalmente livre das frivolidades domésticas. Não precisavam responder a ninguém mais do que a eles mesmos e seus pares. Em suas mãos também estava o dinheiro para mandar imprimir seus pensamentos. Assim como podiam usar seus nomes sem

reservas. Nenhuma pessoa consideraria isso estranho. Não havia alma que pudesse duvidar da capacidade masculina de pensar e colocar as ideias claramente no papel.

Observe que essas facilidades não eram compartilhadas pelas mulheres, pelas jovens damas reflexivas e angustiadas, nem pelas revoltadas. A capacidade intelectual feminina estava sempre sendo questionada. Hoje, nós continuamos a ser questionadas, mas, aparentemente, estamos mais fortes para responder. As escritoras de eróticos, pelos menos, estão, pois elas souberam se apropriar de um meio e de um modo de produção que estava, em princípio, ao alcance de todos: as ferramentas de autopublicação. Além disso, desviaram do roteiro que conduziria a um objetivo editorial hegemônico formal para desenvolver uma rede com um grupo de leitoras mais afeitas ao que escreviam. Partindo do pressuposto de que elas mesmas são leitoras, as escritoras hot contemporâneas foram ao encontro de seus pares, ou seja, da comunidade que favorece a sua criação, em última instância, a sua capacidade intelectual.

Percebi em minha pesquisa que essas escritoras que estudo não têm um compromisso com o mercado tradicional de livros – embora flerte com ele –, ou com modelos pré-estabelecidos de criação literária nem com um leitor acadêmico ideal. A mim, parece-me muito mais que as escritoras de eróticos têm um compromisso com as leitoras que estão nessa rede que as alimenta. Assim, penso que elas conseguem driblar com mais perspicácia o fato de ainda serem invisibilizadas nos campos da literatura e da cultura por trabalharem com um gênero estigmatizado, considerado baixa literatura e, teoricamente, feito para um nicho específico de público, no caso, apenas outras mulheres.

Mesmo que esse não fosse o objetivo principal dessas escritoras num primeiro momento, elas estavam impelidas a escrever, a não só colocar no papel suas ideias e histórias como a publicar também. Elas continuam sendo mulheres, com jornadas duplas ou triplas de trabalho, casa, filhos, casamento e ainda o momento da escrita. E todos esses fatores são determinantes para a produção intelectual de uma mulher, seu meio, seu contexto. A diferença daquele grupo de mulheres constantemente silenciadas nos séculos anteriores para este grupo no recentíssimo século XXI está no momento histórico, político e social mais favorável.

Não à toa, o que posso chamar de *boom* da literatura erótica nacional coincide com o que se está convencendo chamar de quarta onda do feminismo. Localizada principalmente no ambiente virtual, na internet, essa nova onda do movimento feminista é estruturada de maneira mais horizontal. Não tem uma liderança formal e o protagonismo das pautas é pulverizado em diversos indivíduos.

Aqui no Brasil, essa mudança na localização do ativismo se deu com as manifestações de 2013 e o movimento #vempraruá, que introduziram uma nova linguagem para a maneira de fazer política e ativismo. A conexão entre web e rua é pragmática, tem um objetivo claro de ocupação pontual de espaços, e o resultado disso é um ativismo de performance da diferença, em que o corpo se torna plataforma, é cartaz, é a própria pauta.

Nesse cenário é que a quarta onda do feminismo toma forma. Das mídias sociais para as ruas, a partir das convocações por hashtags. Essas hashtags são campanhas de curta duração, com metas bem definidas. É possível listar rapidamente algumas como #meuprimeiroassédio, que jogou luz principalmente sobre o assédio moral e o sexual em ambientes de trabalho, #nenhumaamenos, que destacou os altos índices de homicídio de mulheres e ajudou a nomear corretamente esse crime como feminicídio, #meucorpominhasregras, que acompanha as campanhas sobre a descriminalização do aborto, e o #elenão, que convocou a última grande reunião presencial de mulheres contra o então candidato Jair Bolsonaro à época da eleição presidencial de 2018.

Esse novo momento do feminismo não pretende fazer uma revolução unificada, mas é revolucionário na medida em que abre frentes para a ampliação de pautas dos diversos feminismos dentro do movimento social feminista. Nesse sentido, refiro-me ao movimento feminista negro, ao lésbico, ao trans, ao indígena. Essas são algumas das camadas do movimento de mulheres que deslocam o feminismo de seu antigo perfil universal branco cisgênero heterossexual, que já não cabe mais.

É nesse ponto da História que conceitos como interseccionalidade, lugar de fala e decolonialidade ganham relevância. Quando não se tem uma força apenas puxando o movimento, cria-se ambiente para outros protagonismos, as pautas começam a ser esmiuçadas. Não é mais só uma questão de gênero, mas de gênero, raça e classe, como aponta Angela Davis. Não se fala mais a mulher, mas as mulheres, em toda a sua pluralidade.

A novidade da quarta onda é também fincar suas bandeiras em diversos meios de expressão. Não está só nas ruas ou nas letras impressas ou na arte. Está nas ruas, nas letras impressas, na arte, nas redes sociais e na cultura, explorando toda a potencialidade de cada um desses lugares. Isto porque há um discurso feminista que já está sendo internalizado na sociedade. Mulheres jovens, maduras, adolescentes e homens incluídos estão transformando o discurso, que se repete e se reforça, em atitudes, numa mudança de postura diante das desigualdades entre homens e mulheres e entre as diversas mulheres: negras, brancas, indígenas e trans; lésbicas, heterossexuais, bissexuais e pansexuais.

Sexualidade, diga-se, é uma questão para as diversas correntes do feminismo. Essa problemática é uma herança do patriarcado, que ensinou a dominar e oprimir o corpo da mulher e, conseqüentemente, sua sexualidade. Numa flutuação desconfortável de intensidade ao longo da História e que atravessa gerações e gerações variando de acordo com fatores como condição social, raça e cultura, as mulheres continuam sofrendo os revezes das suas lutas em relação às suas pautas reivindicatórias. Em algum lugar do mundo, uma mulher ainda é tida como propriedade de algum homem, seja pai, marido, irmão ou filho. Seus direitos são aqueles atrelados aos da sua família, não lhe são conferidos direitos individuais. Seu papel social está pré-definido pela sua condição de mulher e seu corpo é frequentemente controlado e vigiado por sua capacidade de gestar, de gerar uma nova vida.

Em seu livro *O calibã e a bruxa*, Silvia Federici observa a História pelo ponto de vista das mulheres, deslocando o foco e colocando a “bruxa” em primeiro plano. Essa figura construída pela sociedade patriarcal da Idade Moderna, como corrige a autora, foi usada – e ainda o é – para designar a mulher que não se submete e não se encaixa nos padrões pré-definidos pelos homens. E a construção desse mito passa necessariamente pelo corpo feminino: que sangra e não morre, que é capaz de gerar vida, que é fonte de prazer e perdição masculinas e que também é usado como moeda de troca.

Uma prática dos séculos XVI e XVII descrita por Federici me chocou bastante: a venda do sexo como política pública contra protestos de trabalhadores. A administração das cidades exercia o controle das prostitutas e descriminalizava o estupro para que a prática sexual fosse facilitada, usada como instrumento para apaziguar os ânimos dos manifestantes. O resultado eram estupros coletivos e a degradação da figura da mulher a partir da apropriação institucional de seu corpo.

A pauta dos direitos reprodutivos também tem a ver com o controle do corpo feminino. De acordo com Federici, as mulheres daqueles séculos precisavam se reproduzir para gerar mão de obra trabalhadora, dentro dos preceitos da acumulação primitiva do capital. As que resistiam a essa função ou exerciam o controle sobre sua capacidade reprodutiva eram perseguidas. As mulheres que abortavam, as que conheciam ervas, as parteiras: todas taxadas de bruxas. Assim como aquelas que, pela idade, não podiam mais gestar. O envelhecimento, que é natural, passa a ser recriminado e a mulher idosa passa a ser desvalorizada. Como também passam a ser desvalorizados e descartados os saberes que uma mulher vivida traz consigo, a sabedoria ancestral e, muitas vezes, a memória de uma comunidade.

A repulsa que a sexualidade não procriativa estava começando a inspirar é bem evidenciada pelo mito da velha bruxa voando na vassoura, que, assim como os animais em que ela também montava (cabras, éguas, cachorros), era a projeção de um pênis estendido, símbolo da luxúria desenfreada. Este imaginário retrata uma nova disciplina sexual que negava à “velha feia”, que já não era fértil, o direito a uma vida sexual (FEDERICI, 2017, p. 346).

É incômodo notar que talvez nem nós, mulheres, saibamos lidar com o envelhecimento que vai se aproximar inexoravelmente. Em sua maioria, as protagonistas dos romances eróticos são mulheres jovens, abaixo dos 40 anos ou até menos que isso. Já tive oportunidade de ler um conto com protagonistas na terceira idade, mas romance ainda não encontrei. Na página 305 de *O lado bom de ser traída*, de Sue Hecker, há uma cena em que seu casal principal visita uma sex shop e é atendido por uma “senhora de mais de sessenta anos”. A protagonista descreve o encontro assim: “ficamos espantados com a coragem e a naturalidade com as quais nos dá informações precisas a respeito de cada brinquedo”. Algumas linhas depois, a tal senhora faz um comentário a respeito de seus namorados aprovarem os brinquedos eróticos da loja e protagonista reage com um “Ô, senhora animada!”. Para fechar a cena, a mesma personagem tem um ataque de riso já fora da loja e se justifica para o noivo: “Estou aqui, imaginando aquela senhora, só de *lingerie* e salto alto, com o chicotinho na mão, usando os brinquedinhos com os parceiros”. Ao que o homem responde dizendo, também sob um ataque de riso, que estava “imaginando a mesma coisa”.

O que pode haver de tão engraçado em uma mulher na terceira idade fazer sexo e usar brinquedos eróticos? Acho mais produtivo direcionar esses risos para outras causas, pois a idade chegará para todas nós. Produtivo também seria percorrer a obra de Simone de Beauvoir emendando a leitura de *O segundo sexo* com a de *A velhice*, em que a autora disserta sobre “as hipocrisias que cercam os idosos”, como anuncia a quarta-capa da edição que tenho em casa e que eu mesma ainda não li.

Voltando às bruxas, nos contos populares a partir da Idade Moderna, elas são sempre velhas e feias, e quando surgem com aparência jovial vêm para seduzir, ludibriar e trapacear. Essas figuras nos contos estão igualmente associadas aos males que acontecem às crianças, como o infanticídio, querendo demonstrar que a mulher controlar um nascimento pode ser perigoso. É dessa ideia que vem o movimento de interferência da figura de um médico homem na gestação e no parto, que sempre foram acontecimentos femininos, protagonizados e cuidados por mulheres.

Naquele tempo, qualquer coisa virava motivo para uma mulher ser considerada “bruxa”, e esses motivos geralmente tinham a ver com o seu domínio sobre algum assunto,

conhecimento considerado suspeito porque a mulher era vista como ser inferior e de pouca inteligência, e com a vida de seu corpo. Nas colônias, por exemplo, as bruxas eram as indígenas e as negras africanas escravizadas. Essas mulheres eram vistas como selvagens e eram hipersexualizadas pelo olhar masculino dominante, branco, eurocêntrico e opressor. Nos dias de hoje, ainda é comum o uso de bruxa como um xingamento, mas, felizmente, já se observa em alguns grupos de mulheres, declaradamente feministas ou não, uma releitura dessa palavra como um elogio até, como um reconhecimento do saber dessa mulher que é elogiada.

Por tudo isso, quando vejo autoras ousarem se profissionalizar e escrever romances erótica com cenas de sexo em que o corpo da mulher é livre e o prazer feminino é uma prioridade e uma escolha dessa mulher e esses livros atraírem uma multidão de leitores, entre os públicos feminino e masculino, e movimentarem o mercado editorial a ponto de sustentar financeiramente uma editora, enxergo um fenômeno, quase uma revolução contemporânea.

A autopublicação sempre andou lado a lado com o desenvolvimento das editoras e o estabelecimento de uma modelo dito profissional de edição e publicação de livros. A variante é a quem esse modelo serviu ao longo da História. Roger Chartier (2020), por exemplo, diz que esse movimento, que ganhou destaque na Europa na segunda metade do século XVIII, nunca foi marginal; pelo contrário, a autoedição, como ele chama, sempre foi simplesmente uma alternativa legítima à edição profissional. Em se tratando de Brasil, Flora Sussekind (1985) identifica a autopublicação como ferramenta da cena independente, de quem não encontrou espaços livres ou teve seus espaços anulados pela ditadura militar, principalmente nos anos 1970-80.

Mais recentemente, a partir dos anos 2010, quando as ferramentas e os caminhos da autoedição se popularizaram e se multiplicaram, um grande preconceito recaiu sobre esse modelo. Como se os autores que buscassem essa alternativa fossem menores ou ruins ou amadores porque, supostamente, não foram aceitos pelas editoras de modelo mais tradicional de negócios, que, em décadas anteriores, viu surgir nomes fortes e expressivos da literatura brasileira e exclusivamente dedicados à sua profissão de escritor. Aqui posso citar Jorge Amado, Rubem Fonseca, Paulo Coelho.

No entanto, acreditar que autores que se autoeditam são autores originalmente rejeitados por grandes editoras é um engano recorrente. Muitos dos que começaram

autopublicando seus textos sequer mandaram manuscritos para editoras formais ou receberam respostas negativas. E esse é o caso da maioria das autoras de eróticos.

Elas optaram pela autopublicação principalmente porque assistiram à história de sucesso de E. L. James, que, antes de chegar a uma grande casa editorial, publicou seu *Cinquenta tons de cinza* de maneira independente. Acredito que esse conceito de independência também tenha sido uma inspiração para muitos escritores. Tomar as rédeas do próprio texto e da vida dos seus livros, controlar sua remuneração, seus direitos autorais, e estar à frente do relacionamento com seus leitores são atividades que preenchem essa ideia do não depender e vão além dela, chegando a outra, de escritor empreendedor. O escritor empreendedor conhece o mercado em que atua porque o estuda, tem uma noção madura de que seus livros são produtos e de que publicar é “mostrar seu trabalho”, como já ouvi Nana Pauvolih dizer. Ela defende que a autora deve cuidar muito bem da carreira, respeitando seu próprio trabalho e as leitoras e responsabilizando-se tanto por acertos como por eventuais erros nessa trajetória.

Posso associar independência a liberdade de experimentar no caso das escritoras de romances hot, porque foi isso que elas fizeram. Originalmente leitoras de romances eróticos estrangeiros vindos de um mercado recém-aquecido, as escritoras brasileiras começaram a testar as próprias histórias e a própria escrita. Passaram a abrasileirar o erótico, localizar os enredos nas nossas cidades e batizar os protagonistas com nomes em português. Era um teste não só para elas, mas para as ferramentas também, que possibilitaram a interação direta com os leitores.

Em entrevista para Jéssica Malta, do portal *Hoje em Dia*, em 2018, Nana contou que resolveu mostrar o que escrevia na Internet em 2012 e que não sabia se alguém ia gostar.

Pesquisei sites onde eu pudesse colocar capítulos das minhas produções e ter a opinião do público. Coloquei o primeiro capítulo de *A Coleira* em um site e, no dia seguinte, tinham seis pessoas comentando e pedindo mais. Fiquei animada e continuei. Quando terminei o livro, tinham 2 mil pessoas me acompanhando.

Nada mal para uma estreante, não? Testar seu texto dessa maneira é um sinal de maturidade, em minha opinião. E também de profissionalismo. É ter consciência de que não adianta apenas se jogar num mercado que é tão competitivo. Investir na carreira de escritora vale a pena, se você dá passos cautelosos e inteligentes.

Passar a ganhar dinheiro com isso foi consequência dessa rotina de também se dedicar à vida de escritora. E nem todas abandonaram suas atividades profissionais anteriores para se

dedicarem exclusivamente à literatura. Sue Hecker, por exemplo, cuida da loja de produtos para bebês e crianças da família, no ABC paulista. Ela continua levando uma vida de empresária, que, acredito, deve ter lhe ajudado a ser empresária de si mesma e a administrar a carreira literária. A pernambucana Mila Wander ainda é professora do Ensino Fundamental, mas a carioca Nana deixou de ser professora de História para ser escritora.

As três escritoras são mulheres que gostavam de ler e resolveram contar suas próprias histórias. Escrever não é uma excentricidade para elas. Pode ter começado como um *hobby* relacionado ao amor pelos livros e pela leitura, mas certamente não é uma frivolidade, uma distração ou um passatempo sem importância. Escrever tornou-se uma profissão. Tanto que elas são bem ativas na administração dessa carreira, com presença consistente. Quando fomos surpreendidos, no segundo semestre de 2020, pela proposta do ministro da economia Paulo Guedes de taxar os livros em 12% como contribuição para um novo imposto previsto pela Proposta de Reforma Tributária, rapidamente as diversas entidades do setor livreiro mobilizaram-se em manifestações, notas públicas e campanhas nas redes sociais. Mila Wander foi uma das que usou sua conta no Instagram para falar do assunto com seus seguidores e leitores.

Virginia Woolf (Ibid., p. 96) acreditava que a grande revolução no final do século XVIII foi o fato de as mulheres da classe média terem começado a escrever. Não só as mulheres da elite estavam tomando as penas, o movimento da vontade de se expressar estava se espalhando. O que observo nas escritoras de romances eróticos do século XXI é algo que pode ser comparado ao que Woolf descreve. Nesse caso, não são só mulheres comuns, para além da elite letrada, que escrevem. As autoras de hot desglamourizaram o ofício de escrever. Antes de essa necessidade se apresentar para outros grupos de escritores, elas já tinham tirado a figura do autor do seu pedestal e a colocado no meio do povo, entre os leitores. E, se passou a ser possível estar tão próxima de sua escritora favorita, de sua inspiração, se ela se comporta como uma igual às suas leitoras, por que não ousar tentar se aventurar por esse caminho? É assim que estão surgindo cada vez mais escritoras de romances eróticos, elas estão migrando da posição de apenas leitoras para acumular a de autoras. Vejo um tipo de retroalimentação do mercado, porque, além de estarem se tornando escritoras, muitas leitoras estão se tornando editoras.

O romance erótico transformou-se em sucesso rapidamente. Foi muito bem aceito pelas leitoras contemporâneas e conseguiu criar um público fiel que só aumenta. Mais e mais escritoras começaram a surgir, utilizando ferramentas de autopublicação na internet. A rede é forte e consistente. Esse cenário tão favorável estimulou o surgimento de editoras dedicadas

aos romances não só eróticos ou sensuais, mas também de fantasia ou ativismo, com livros de temática LGBTQIAP+ e relacionados à gordofobia, por exemplo. Há autores homens publicando nesse espectro mais ampliado de temas, no entanto, a grande maioria é composta por mulheres.

Das editoras que começaram a atuar de 2010 para cá e publicam romances, inclusive os eróticos, posso citar Bezz, Charme, Grupo Editorial Hope, Grupo Editorial Rico, The Gift Box, The Books Editora, Ella, Quimera Produções Literárias e Qualis. Todas essas trabalham com o modelo de investimento dos autores na edição dos livros. Algumas oferecem o e-book também, como a Rico, que já tem vários selos e coleções temáticas. Outras apenas a edição impressa. Dessas, algumas trabalham apenas com tiragens reduzidas e atuam como prestadoras de serviços para os autores, dispensando até contrato de edição, como o Grupo Editorial Hope. A Qualis, originalmente uma editora voltada para a produção acadêmica, inaugurou um selo de literatura em 2014. A Quimera Produções Literárias dedica-se a autores da Zona Oeste do Rio de Janeiro, investindo não só nos livros, mas também em eventos com os autores.

Em todas essas, o foco é o escritor nacional, o que considero um dos muitos méritos do mercado de romances sensuais. Essas editoras estão introduzindo novos modelos de negócios, procurando se afastar, de certa maneira, daquele das “grandes editoras” que já não atendem mais tão bem a essa nova geração de escritores. A divisão do perfil editorial em selos temáticos é uma semelhança óbvia, contudo, não há muitas outras. É interessante notar que essas editoras não estão preocupadas com uma ideia antiga de imagem ou *status* em relação à autopublicação. Nos sites que visitei, sempre encontrei a aba “orçamento”, o que sugere transparência nas atividades.

Um aspecto interessante da vida de escritora das autoras de romances eróticos é a escolha dos nomes com que elas assinam seus livros. O uso de pseudônimo ou nome artístico é recorrente e os motivos são os mais diversos. Mesmo assim, acredito que esses nomes delimitam a fronteira entre a escritora e a mulher. O pseudônimo, ou nome artístico, tem mais força que o nome próprio em se tratando de vida literária, pois descreve e identifica a figura da autora e a sua obra, que, unidas, compõem a marca que se deseja desenvolver e preservar.

Para muitas mulheres, no entanto, usar um pseudônimo ou abreviar seus nomes foi uma maneira de conseguirem entrar no mercado, de terem seus manuscritos lidos, de serem levadas a sério. É o caso de J. K. Rowling, por exemplo, autora da série de livros protagonizada pelo menino bruxo Harry Potter e que inaugurou uma nova era na literatura

para crianças e jovens no mundo. Joanne não acreditava que fossem lhe dar atenção porque era mulher e resolveu abreviar seu nome, gerando uma dúvida.

Quando começou a publicar seus romances picantes na internet, Nana Pauvolih ainda atuava profissionalmente como professora de História. Então, decidiu não misturar as coisas, preferiu que a escritora não interferisse na carreira da professora. O mesmo acontece com a empresária Débora Gastaldo, que no mundo das letras eróticas é a escritora *best-seller* Sue Hecker. Já Mila Wander não é um nome totalmente inventado, é uma redução do nome completo da autora: Camila Vila Nova Wanderley.

Seja como for, esses três nomes novos escolhidos pelas autoras indicam também três personalidades novas, que estão diretamente – e, às vezes, unicamente – ligadas ao universo da literatura hot e do mercado editorial. São figuras novas, *personas*, que se distinguem da identidade real das autoras e se sobrepõem a elas em relevância pois fazem parte da marca de cada uma, no sentido publicitário mesmo. Diante das leitoras, das editoras e das colegas de profissão, não existem Débora ou Camila; existem apenas Sue e Mila, por exemplo.

O receio de ser associada a um tipo de literatura que atrai tanto preconceito foi a motivação principal de Nana para usar um pseudônimo, como aponteí. No entanto, mesmo que seja ruim que tenha havido esse receio e haja esse preconceito, preciso considerar um avanço, por um lado, que o uso do pseudônimo seja estimulado pelo gênero literário e não pelo ato de uma mulher escrever, como é visto quando se lê o ensaio de Virginia Woolf. Pode ser um avanço frágil, admito, mas pelo menos as mulheres não estão usando nomes masculinos ou apenas iniciais que deixam dúvidas, como J. K. Rowling e E. L. James.

Por outro lado, se é preciso criar um novo nome dentro da marca da escritora, é possível que escrever romances eróticos não seja assim tão libertador como eu poderia imaginar em um primeiro momento. Do ponto de vista do mercado editorial, da sociedade e da indústria cultural, a retomada da literatura erótica impulsionada pelo sucesso das romancistas autopublicadas pode ser vista como um produto de um contexto favorável às mulheres sob o aspecto dos movimentos feministas, mas também uma resposta à onda conservadora que não só o Brasil atravessa e cujo um dos incentivadores é justamente esse contexto de lutas feministas em andamento. Então, a questão aqui é entender para onde está voltado o olhar das escritoras de romances hot. Se elas estão preocupadas com o cenário social e cultural em que seus romances e elas mesmas estão inseridos ou se o que importa mais é escrever para as leitoras sem fins militantes, por assim dizer; se o foco está em produzir entretenimento em forma de romance erótico para atender às demandas das leitoras e continuar existindo no

mercado editorial. Refletindo sobre o que disse Moriconi, desconfio que a segunda opção corresponda mais à realidade das escritoras hot:

As sucessivas levas de novos escritores surgidas desde os anos 2000, com algumas exceções, não pareciam interessadas em desconstruir o signo literário ou questionar convenções de qualquer tipo, até porque esse tipo de questionamento já se tornara ele próprio convencional e repetitivo. Elas se mostraram interessadas em recuperar e praticar o valor positivo do fetiche literário enquanto algo pragmático, buscando seu público através da mediação da academia (como ocorrera em parte no caso da geração 1970) e sim na relação direta com as clássicas instituições do mercado e da vida literária extra-acadêmica (Op. cit., p. 28).

No que concerne às autoras de eróticos, penso que “praticar o valor positivo do fetiche literário” seja entregar-se ao entretenimento sem culpa e, principalmente, dirigir-se às leitoras, que são a outra ponta de linha que define esse fetiche – conceito a que voltarei nos próximos capítulos. Não que elas não tenham enfrentado preconceito nesse movimento, mas preconceito não é censura. Há uma significativa diferença aí. Nana Pauvolih falou sobre o preconceito com o romance hot em entrevista para a jornalista Tábata Uchôa, da coluna Virando a Página do jornal *O Dia* (1/2/2021), e posso considerar seu discurso como uma prova dos nove da teoria de Moriconi:

A literatura erótica ainda é vista como algo inferior, sujo ou sem qualidade. Muitas vezes sofri esse preconceito, inclusive de escritores, colegas do meio. Mas os leitores gostam, apreciam e compram. Sexo ainda é algo delicioso e ao mesmo tempo tabu, curioso e almejado. Muitos leitores acham o romance erótico parecido com a vida, completo, por abranger mais das relações entre os personagens, incluindo as íntimas. Assim como em qualquer outro gênero, se houver um texto bem escrito, personagens fortes, cenas interessantes, vai agradar o leitor.

Chama a atenção a escritora citar os colegas de profissão como agentes de prejulgamentos em relação ao gênero hot. Já a ouvi falando em alguns encontros que acha que a literatura erótica sofre perseguição e que os autores precisam sempre ficar provando seu valor. E que todo esse comportamento fica mais grave em relação ao escritor nacional, aí de qualquer gênero literário. Nana enxerga uma preferência dos editores por trabalhar com autores estrangeiros. E ela não está de todo errada, como comentei anteriormente. Mesmo que o escritor venda muito – ou até por isso mesmo –, a distinção será feita de alguma maneira.

Olhando novamente para contextos e cenários, se Virginia Woolf se indignava com a falta de espaço para as mulheres nos campos da vida em sociedade, as escritoras contemporâneas – e

aqui estendo a citação para autoras de todos os tipos de texto – encontram-se numa fase menos árdua para usufruir dos espaços que elas mesmas foram criando em uma ação conjunta. E isso de vem a meu ver, aos grupos de mulheres, coletivos e redes que florescem no contemporâneo. Vejo como se o sentido da palavra sororidade estivesse sendo redescoberto. Em vez de brigar entre si por uma migalha de visibilidade, as mulheres na literatura se uniram para reivindicar lugar não para uma representante solitária, mas para uma coletividade que é tão rica e heterogênea em suas ideias e criações que não poderia ser ilustrado por apenas uma figura.

Mulheres sempre escreveram, como a História nos conta, o ponto-chave é como o mercado editorial, a crítica e os leitores as receberam e aos seus textos ao longo dos tempos. E, creio, isso está diretamente ligado aos movimentos feministas, às lutas pelo voto, por emancipação, por liberação, pelo livre exercício de sua sexualidade.

No caso das escritoras de romances eróticos, considero que escrever sobre sexo sem censura prévia seja, de fato, uma conquista delas. Não só pelo momento social favorável, mas também pela forma como elas ocuparam o mercado editorial. O Wattpad e o perfil comercial do tema de seus livros as mantiveram longe dos olhos julgadores da crítica acadêmica. Essas escritoras acabaram por criar um novo terreno no mercado brasileiro, um novo campo de atuação onde não havia referência nem cerceamento pelos meios tradicionais de produção literária. O ambiente também pode definir um romance, e um ambiente de rede feminina e livre de desincentivos é mais acolhedor e propício à criação. As escritoras hot buscam construir esse ambiente positivo para sua criação e para os produtos dessa criação. A relação com as leitoras, tema da próxima parte desse ensaio, é fundamental nessa tarefa.

2 ROMANCE DAS LEITORAS

À leitora Daniela Fernandes, pelo sonho louco que me fez escrever um livro tão especial como este.
Nunca vou me esquecer do dia que você me chamou no chat e me falou, com toda empolgação:
sonhei que você escrevia um livro chamado O Safado do 105! Aqui está ele, lindona.
Obrigada por torná-lo possível. Espero que tenha atendido às suas expectativas.
Mila Wander

Ficção comercial existe para resolver as coisas, para que tudo acabe bem sempre. Porque na vida poucas coisas acabam bem. Então, você lê livros que te levam para os lugares mais fantásticos, onde você vive as maiores aventuras e sofre pelos amores mais profundos só para no final tudo acabar bem. O navio chegar ao porto, o avião pousar em segurança, a guerra matar tantos quantos forem necessários menos o seu amor. Depois de mil reviravoltas, todas as pistas levarem ao suspeito certo, que é aquele que realmente cometeu o crime e é o assassino. Nesse final, há um casamento e é possível que haja também gravidez e filhos. Qual é o problema?

O importante é atingir aquele nirvana, o estado de suspensão em que seu coração pula uma batida, o pulmão para por um segundo e a lágrima escorre absoluta por uma bochecha aquecida de tanto nervosismo. São aqueles momentos em que você não liga para o fato de uma perna estar praticamente gangrenando embaixo da outra que está cruzada por cima como uma esfinge indecifrável e há três mil anos imóvel, porque o essencial é o livro se manter aberto na sua frente e você ainda ser capaz de usar pelo menos dois dedos de uma das mãos para virar as páginas.

Você não quer dor de cabeça, não quer refletir, não quer pensar em nada, muito menos na paz mundial ou na fome no seu país. Você não quer ter dúvidas, não quer pensar. Quer apenas ter certezas. Você só quer se divertir, rir, chorar de alegria, morrer de tesão. Só quer estar em estado de graça. Você até topa sofrimento, mas controlado, com hora marcada para terminar, a hora em que você ler a última página. Você não quer procurar as lacunas deixadas pelo autor e quer menos ainda preenchê-las. Não tem essa de diálogo leitor/escritor, o papo é reto, direto e objetivo. Você quer simplesmente ser um leitor dócil e passivo, espectador de uma obra que entrega tudo de que você precisa: entretenimento puro e simples. Sua maior eloquência enquanto leitor será amar profundamente os personagens, venerá-los, relê-los, adorá-los na principal prateleira da sua estante. E você vai igualmente venerar, reler e adorar a escritora que lhe der tanto prazer.

Ou, como descreve, Italo Moriconi,

No circuito do mercado, conceito e valor da literatura partem de uma visão que podemos chamar de utilitária ou instrumental: a literatura serve para alguma coisa – entretenimento. E o entretenimento é útil não só porque ajuda a repor força de trabalho, mas porque pode trazer ensinamentos e abrir a cabeça do sujeito em formação. No nível da qualidade, existe a literatura chã que fica no mero entretenimento e existe a literatura alta que traz ensinamento embutido na atividade apenas aparentemente desinteressada do entretenimento (Op. cit., p. 34).

Numa leitura despreziosa de uma série que acredito que eu possa chamar de ultra comercial, fui surpreendida com dois trechos sobre literatura, digamos, suspeita. Explico. Os protagonistas da série, Jamie e Claire, são amantes que no momento estavam separados. Por duzentos anos, apenas. Ele na segunda metade do século XVIII e ela nos anos 1960. Jamie é um personagem culto, que adora ler e falar sobre os livros lidos. Claire não tem o mesmo apreço pela leitura. No entanto, ainda que com dois leitores tão diferentes, a autora da série, Diana Gabaldon, usando como recurso uma espécie de metalinguagem, consegue mostrar os efeitos de uma boa leitura nesses trechos cheios de humor porque apimentados por romances... Adivinhe? Eróticos! E com dois séculos de diferença. Vamos a eles.

Era um dos vários livros que tomara emprestado do capataz da propriedade, sr. Grieves, e **estava achando a leitura absorvente**, apesar da dificuldade de ler à luz fraca das fendas sob as calhas.

[Aqui entra a reprodução do trecho lido: uma cena de sexo narrada por uma moça]

(...) “deslizei a mão entre suas coxas, sobre uma das quais pude ver e sentir um corpo rígido e duro, confinado em suas calças, e para o qual meus dedos não conseguiam achar o final.”

– **Ah, é mesmo?** – murmurou Jamie **com ceticismo. Ergueu uma das sobranceiras** e ajeitou-se sobre o feno. Sabia que existiam livros como este, é claro, mas... com Jenny administrando a leitura em Lallybroch... nunca se deparara pessoalmente com um deste. **O tipo de envolvimento mental exigido era um pouco diferente daquele solicitado por Defoe e Fielding, mas ele não era avesso ao tipo.**

[Outra reprodução do livro]

(...) “Seu prodigioso tamanho me fez encolher outra vez; e, no entanto, eu não pude, sem prazer, contemplar e mesmo me aventurar a tocar, tal comprimento, tal espessura de marfim vivo!” (...)

Jamie **lançou um olhar à própria forquilha entra as pernas e deu um muxoxo**, mas passou a página, o estrépito de trovões do lado de fora não merecendo mais do que um vislumbre de sua atenção. **Estava tão absorto** que no começo não ouviu os ruídos embaixo (...).

(GABALDON, 2018, p. 209-210, grifos nossos)

Não, a literatura erótica contemporânea não apresenta espessuras de marfim vivo nem provoca arroubos de comparação nos leitores. Mas os mantém absortos, isso, sim. E exige menos “envolvimento mental” mesmo, devo admitir. Há problema nisso? Não em minha opinião. Jamie está entregue à leitura, mesmo que seja daquele livro tão peculiar e tão diferente das suas leituras habituais. Já Claire tem algumas reações mais pueris, que divertem o amigo que a acompanha na sala reservada aos médicos.

(...) **Buscando uma distração**, descartei um exemplar de seis meses atrás de uma revista de gastroenterologia, um exemplar em frangalhos da revista Time e uma pilha bem arrumada de folhetos das testemunhas de Jeová. Por fim, **escolhi um dos livros** e sentei-me com ele.

Não tinha capa, mas na folha de rosto lia-se O pirata impetuoso. “Uma história de amor sensual, comovente e sem limites com o Caribe!”, dizia a frase sob o título. Caribe, hein? **Se o que eu queria era fugir, não podia encontrar nada melhor**, pensei, e abri o livro aleatoriamente na página 42.

[Trecho reproduzido do livro que Claire está lendo, narrado em terceira pessoa]
(...) “Os dentes de Valdez reluziram ao sorrir para ela, a mão acariciando o cabo da adaga em seu cinto. Estava impressionado com seu destemor; tão corajosa, tão impetuosa... e tão bela.”

Ergui uma das sobancelhas, mas continuei lendo, **fascinada**.

[Outra reprodução de trecho]

(...) “– Você resiste? Que pena desperdiçar uma roupa tão elegante, senhora... – Segurou com firmeza seu corpete de seda cor de jade e deu um puxão, fazendo os seios brancos e belos de Tessa saltarem de seu esconderijo como um par de gordas perdizes levantando voo.”

Emiti um som, fazendo o dr. Abernathy lançar-me um olhar penetrante por cima do seu U.S. News & World Report. Apressadamente assumindo uma expressão de digno interesse, virei a página.

[Trecho do suposto livro]

(...) “Tessa respirava com dificuldade ao sentir a pressão crescente de seu desejo fazendo-se presente entre suas pernas.

– Oh! – exclamou ela. – Oh, por favor! Não pode! Eu não quero!”

Boa hora para começar a protestar, **pensei**.

[Último trecho reproduzido]

(...) “À medida que relaxava, suas coxas se abriam à sua revelia. Movendo-se infinitamente devagar, o membro intumescido rompeu a membrana de sua inocência...”

Deixei escapar uma exclamação entusiástica e larguei o livro, que deslizou do meu colo e caiu no chão com um estalo, ao lado dos pés do dr. Abernathy.

– Desculpe-me – murmurei, abaixando-me para pegar o livro, o **rosto queimando**. Quando me reergui com O pirata impetuoso na **mão suada**, vi que o dr. Abernathy, longe de preservar sua expressão austera habitual, estava rindo de orelha a orelha.

– Deixe-me adivinhar – disse ele. – Valdez acaba de romper a membrana de sua inocência?

– Sim – respondi, sem conter uma **risadinha incontrolável**. – Como sabe?

– Bem, você não chegou a ler muito – disse ele, pegando o livro da minha mão. Seus dedos curtos e grossos **folhearam o livro com rapidez e habilidade**. – Tinha

que ser essa passagem ou então aquela da página 73, onde ele banha os montes pequenos e róseos com a língua ávida.

– Ele o quê?

(Ibid., p. 242-245, grifos nossos)

Atualmente, as cenas não são tão cafonas, digamos, mas a reação das leitoras a elas pode ser bem essa de Claire, simplesmente porque são excitantes de um modo contemporâneo, que procura ser mais realista. Neste trecho temos uma Claire surpresa, envolvida e espontânea e um dr. Abernathy conhecedor do livro. E, de fato, em trecho mais à frente ele diz que já leu *O pirata impetuoso* algumas vezes e que prefere “velejar pelo Caribe com Valdez” (Id., p. 245) a ficar revisando revistas científicas depois de horas de intenso trabalho no hospital.

É dessa literatura da distração, da absorção de que estou falando. Dessa que arrebatava os leitores pelo entretenimento. O fato de a ficção comercial ter uma função definida já a destaca da alta literatura, mas isso não significa que “resolver as coisas” não suscite algumas perguntas – e até alguns ensinamentos. Afinal, houve todo um conflito entre os personagens antes de o problema ser resolvido. E é esse conflito, é o decorrer do enredo, que desloca o leitor de seu lugar conhecido e confortável. Será por isso que a literatura erótica, esse gênero sempre do B, ainda é capaz de arrebatar tantas leitoras?

A leitora contemporânea de eróticos quer histórias de amor completas e não imaculadas. Então, o papel do sexo nessas histórias talvez seja o de devolver à mulher sua sexualidade perdida no ideal romântico assexuado dos contos de fadas com os quais uma geração inteira foi criada. A mesma geração das escritoras de hot que despontaram no Brasil a partir da segunda década do século XXI. Portanto, o “felizes para sempre” não seria um fim, mas um começo. Real. E sexo faz parte dessa realidade. Penso que escrever, editar e ler histórias eróticas signifique para o público feminino exercitar o direito à sexualidade, à escolha e ao controle sobre o seu prazer. Em última instância, significaria se apropriar do seu corpo.

A respeito disso, há um trecho ótimo de Nana Pauvolih em uma postagem de 1º de março de 2021, no seu perfil no Instagram @nanapauvolih, sobre zonas erógenas e orientação sexual. Ela vem falando mais especificamente da questão dos homens com o beijo grego (beijo no ânus), que usou em um de seus romances, mas aproveita para lembrar como escreve sempre considerando a sua responsabilidade como autora: “Quem leu meus livros sabe que

tento naturalizar o sexo anal feminino em muitas histórias. É uma forma de incentivar os leitores a tentarem se libertar de crenças limitantes e explorarem sua sexualidade”.

Ainda que se possa considerar essa apropriação como simbólica, o fato de corpo, prazer e sexualidade da mulher estarem de novo em pauta num segmento literário inteiro é pura realidade. E o mérito disso está com a nova geração de escritoras, as primeiras, antes de editoras e leitoras, a executar essa pauta. Aqui preciso estar atenta para não criar um “problema Tostines”. As brasileiras começaram a escrever romances eróticos porque antes começaram a consumir novamente esse gênero, no caso o que era produzido fora do Brasil. Então, elas eram primeiro leitoras. Realmente, não posso tirar da escritora sua parcela leitora. Portanto, a partir dessa fusão escritora-leitora cria-se uma rede que se retroalimenta. As leitoras são as escritoras que conquistam mais leitoras, que, por sua vez, podem acabar tornando-se escritoras, formando a comunidade que se escreve, se lê e se publica, como posto na primeira parte deste ensaio.

Com isso não quero dizer que escritoras de outros gêneros não sejam leitoras. Em absoluto. Quero destacar apenas que o universo do romance erótico é uma rede em que os textos são o centro. Nessa trama, a chamada figura do autor não tem relevância se não for para sustentar essa rede, que, por fim, se torna um ambiente de troca de experiências narrativas usando a ficção como gatilho. Essa troca é favorecida e facilitada pela interatividade das plataformas de autopublicação e pelas redes sociais. Além disso, o momento contemporâneo do movimento feminista, em sua quarta onda, abriu espaço para uma pluralidade de vozes e intensificação do diálogo franco entre mulheres, “de forma que a experiência de massa está por trás de uma voz única”, como destaca Virginia Woolf (Op. cit., p. 96).

Observo que não há a velha sobreposição do autor em relação aos leitores. Assim, o que vejo é uma inédita equivalência. Primeiro, porque as escritoras não desejam distância de suas leitoras, nem ocupar um lugar encastelado; muito pelo contrário. Depois, porque as leitoras de hoje não aceitariam tal distanciamento. O que elas querem é a proximidade e para isso tiram proveito de todos os recursos oferecidos pelas mídias sociais e pelas plataformas de autopublicação.

As escritoras querem estar o mais próximas possível de suas leitoras justamente porque antes foram apenas leitoras e entenderam como funcionava o mercado. Sem leitores, não há venda de livros. Valho-me do que Alberto Manguel pontua nas suas *Notas para a definição de um leitor ideal*: “a relação do escritor com seus leitores é uma questão de vida ou morte. Se o escritor for lido, vive; se não, morre. Nada nem ninguém influi nessa impiedosa decisão, salvo o leitor” (2020, p. 37). O autor vive no leitor. É preciso, então, seguindo a

lógica do mercado, gerar demanda, criar desejo de leitura. E como isso é possível? A resposta é rápida atualmente: por meio do relacionamento direto com as leitoras.

Para desenvolver um relacionamento verdadeiramente frutífero – ou seja, que consiga não apenas reverter *likes* em livros vendidos, mas manter a rede ativa e crescente –, a proximidade é essencial. É necessário falar a língua das leitoras, estar no meio delas, não apenas transitar entre elas. Há uma sutil, porém importante diferença entre essas duas ações. Quando você transita, você passa por aquele lugar, mas não necessariamente pertence a ele. Estar no meio das leitoras é pertencer a esse grupo. Portanto, deve-se escutar antes de discursar. Quando oferece escuta honesta, você abre precedente para ser escutada da mesma maneira. Por isso, muitas das vezes, as escritoras se colocam em suas redes sociais como iguais às suas leitoras. Elas sabem que a mágica não acontece sem leitoras, sem que as leitoras leiam e falem dos livros umas para as outras, sem que façam correr o boca a boca. Elas mesmas não seriam as escritoras que são hoje se não tivessem conquistado leitoras. Simplesmente porque não havia mais para quem ser escritora, não para o mercado – que só muito recentemente abriu suas portas para o erótico mais uma vez –, e, decerto, não para uma crítica acadêmica.

O interesse das escritoras por suas leitoras é explícito e exercitado nessas redes sociais. Em 23 de fevereiro de 2021, Mila Wander fez uma postagem no seu perfil no Instagram, @milawander, em que na imagem perguntava “Por qual obra você me conheceu?” e na legenda continuava “Conta pra mim por qual obra você me conheceu!!! Faz tempo?? Foi recente???”. Uma seguidora-leitora comenta: “Diário de Uma Cúmplice [figurinha de coração] (QUE ALIÁS VOU MORRER SE NÃO LANÇAR O 2 ESSE ANO)”. Mila responde a isso com um “tô tentando”. E a leitora completa: “EU ACREDITO EM FADAS”. Ou seja, numa interpretação livre desse último comentário, tudo é possível, o lançamento do livro vai acontecer de algum modo. Entendo esse tipo de discurso mais como um incentivo à escrita que como uma massagem no ego da escritora.

Os comentários seguem descrevendo a lista de obras de Mila e assim ela pode criar sua compreensão sobre quando e como conquistou essas leitoras. E também o porquê, considerando que muitas não se limitam a citar o título e oferecem à escritora mais material para a sua pesquisa particular. Outra seguidora escreve: “Desastres sexuais: férias, no início de 2020. Amei tua escrita e fui atrás dos teus livros... um melhor que o outro [emoji com olhos de coração]”. Ao que Mila responde: “que coisa boa!”.

Um recurso muito utilizado é fazer promoções nas livrarias e anunciá-las nas redes sociais. Numa das vezes em que fez isso em seu perfil no Instagram, Nana Pauvolih também

recebeu um retorno acalorado de suas leitoras. Em 25 de fevereiro de 2021, ela anunciava promoção dos e-books *Rio em chamas* e *A sombra da luz* na Amazon e viu o post se encher de comentários como “Rio em chamas eu já li. Recomendo. Casal e ebulição. Como deve ser...”; “Estou lendo [emoji com olhos de coração] Que texto maravilhoso Nana. Me sentindo no Pará. [dois emojis com olhos de coração]”; “Não me canso de relé [sic] [dois emojis com olhos de coração]”; “Aiai Zé, que saudades! Melhor livro erótico da vidaaaaaaaa [sic] [emoji com olhos de coração]”; “Rio de Chamas é bom demais [sic] sem condições”. E, claro, assim como Mila, Nana reservou tempo para responder a esses comentários, no mínimo, carinhosos.

Para manter suas redes ativas, as escritoras costumam fazer posts sobre suas coleções, relembando ordem de publicação e falando sobre leitura em sequência e independente. Sue Hecker se utilizou desse recurso no seu perfil do Instagram em janeiro de 2021 com a série Mosaico. Ela colocou uma foto com todos os títulos e na legenda aproveitou para perguntar se as seguidoras já conhecem a série e qual história mais as encantou. O primeiro comentário já chama a atenção: “Seria clichê falar que amo todos os seus livros ???!!!!!!”. Sue responde diretamente, sem falsa modéstia: “não, mas deve ter um queridinho, [quatro emojis chorando de rir]”. Então, a leitora continua: “ahhhhh O lado bom de ser traída e Caleidoscópio!!! [quatro emojis com olhos de coração]”. E Sue arremata: “um belo contraste de personagens” e ganha uma curtida no comentário.

Diante de um post em uma rede social, você pode curtir, comentar, compartilhar. O Facebook oferece diferentes reações para uma postagem, com o tradicional *like* e ainda emojis diversos. Não existe o botão “não gostei”, mas pode-se usar os emojis triste e com raiva. Os usuários têm todas essas opções. De uma maneira geral, as intervenções das leitoras nos posts das escritoras hot seguem esse perfil elogioso e afetuoso. Elas não escrevem muito, não fazem nem grandes nem profundas análises dos romances lidos. Ocupam-se mais em curtir, festejar, comemorar e dar uma opinião positiva sobre o título em questão. Além de compartilhar as próprias experiências com as outras seguidoras e com suas autoras favoritas. Penso que esse cenário ajuda a reforçar a ideia de que escritoras e leitoras estão em uma espécie de clube de fãs, uma bolha, um espaço de expressão e ação que não pretende atender a nenhum balizador universal e que o contemporâneo permite que exista.

De acordo com o dicionário Houaiss, o que mais gosto de usar no meu trabalho de editora de texto, *fã* é um substantivo de dois gêneros que indica o “1 indivíduo que tem e/ou manifesta

grande admiração por pessoa pública (artista, político, desportista etc.); 1.1 pessoa que torce por determinado clube ou time; torcedor; 1.2 pessoa que tem grande afeição ou demonstra grande interesse por (alguém ou algo)”. A meu ver, as leitoras de hot são essas pessoas.

Contudo, se no início desta segunda parte do ensaio eu disse que no romance erótico há uma equivalência entre escritoras e leitoras para que a obra seja o centro de tudo, eu não poderia usar agora a imagem da fã, pois esta pressupõe a de um ídolo, uma celebridade, e a de espectadoras de um espetáculo oferecido por esse ídolo. Preciso destacar, então, que a equivalência a que me refiro está pautada no papel de leitora que as escritoras também exercem e do qual se utilizam para se comunicar de maneira mais aberta e direta com suas leitoras-seguidoras. Para além desse aspecto, as autoras de eróticos podem, sim, se tornar ídolos de suas leitoras, despertar o interesse, a admiração, a afeição e a torcida dessas leitoras. A diferença aqui é que as autoras não são ídolos inatingíveis ou encastelados. Muito pelo contrário. E não sei se posso chamar as leitoras-fãs de espectadoras porque não sei se o que as autoras hot oferecem pode ser definido como espetáculo.

Vejo o livro erótico como um produto que existe dentro de um roteiro mais amplo, como um jogo comunicacional jogado, e ao mesmo tempo, mediado pelas escritoras em que as leitoras e as escritoras vão “mudando de fase”. Capítulos lançados periodicamente em uma plataforma gratuita, comentários, feedbacks positivos e negativos, mudança ou não no rumo da trama, avatares dos protagonistas, anúncio de lançamento do livro completo com desfecho, *book trailers*, *playlist* com músicas para acompanhar a leitura e ações de pré-venda são exemplos das fases que aproximam o leitor, cujo desejo pelo livro, por aquela leitura de prazer, é alimentado para crescer até explodir. Mas, novamente, esse jogo tem um fim comercial, e não é jogado apenas pelas produtoras de literatura de entretenimento. Como mudanças aqui e ali nesse roteiro, variando de acordo com o público-alvo, as editoras ditas tradicionais também usam esse tabuleiro para vender clássicos, obras premiadas e literatura infantil. A diferença no caso das autoras de eróticos é que as jogadoras se encontram diretamente, sem a intermediação de uma editora, mesmo que ela pertença à equação.

Mais uma vez, estou diante do mercado como parâmetro para as relações entre escrita e leitura, escritoras e leitoras de romances hot. Como, no entanto, posso me desvincular do mercado se todas as definições de literatura de massa levam a ele? Há muito tempo, Muniz Sodré (1988, p. 6) já disse que “seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e procura, isto é, do próprio mercado”. Bem recentemente, inserido em reflexão sobre os circuitos do contemporâneo literário, Italo Moriconi (Op. cit., p. 32) disse que “o mercado ou circuito da literatura, e, por conseguinte, o conceito desta, define-se como

nicho, dentro do mercado de livros”. E, note-se, que não há o “de massa” ou “comercial” adjetivando literatura na fala de Moriconi. Fico, então, me sentindo impelida a também tirar do romance erótico esses adjetivos.

Com efeito, se o conceito fundante e inescapável do literário no mercado prende-se ao entretenimento, e se o conceito acadêmico-crítico prende-se ao conhecimento especulativo disciplinar, ambos possuem em comum o gesto de isolar a situação comunicacional literária da vida vivida. O entretenimento é pausa no viver da vida para que se possa contemplá-la de longe em momento de lazer. O conhecimento é pura conceituação distanciada da vida (Ibid., p. 35).

O sentimento de positividade que percebo nesses perfis, como se no universo da ficção estivesse “tudo bem, obrigada”, dialoga com Moriconi. Paira nos posts uma ideia de que o mundo do lado de fora dessa bolha que não tenha a ver com sexualidade e erotismo não importa. Sodré (1996, p. 26) contribui para essa minha compreensão quando fala da “hipótese de uma comunicação ‘expressiva’, centrada no receptor”: “[...] o otimismo da confiança na reserva humanística do sujeito. Este sempre intocado em seu estatuto clássico, seria levado a inventar ou jogar com as significações tornadas disponíveis no processo atual de comunicação”.

Não digo com isso que as escritoras de romances eróticos sejam alienadas. De forma alguma! Elas estão muito atentas ao que acontece ao seu redor, em especial, àquilo que pode influenciar diretamente sua carreira e a vida de seus livros. Se não fosse assim, elas não teriam tomado conta de um espaço tão significativo no mercado editorial. Essa “antena ligada” pode ser vista nas *lives* que essas autoras passaram a fazer durante a pandemia de covid-19 e que, até o momento da conclusão desse trabalho, continuavam fazendo. É ao vivo, na conversa espontânea com leitoras, outras escritoras e editoras, que elas falam das questões da ordem do dia nos noticiários nacionais. Como as postagens demandam mais planejamento para uma boa administração do perfil, noto que há uma preferência por manter o mundo erótico longe de ameaças externas, como contexto social ou político do país. Essa postura colabora para o surgimento de um clima eufórico em torno dos romances hot que me leva a considerar as leitoras como fãs, leitoras-fãs.

Na maioria das vezes, as escritoras não expõem sua vida pessoal, ou pelo menos não definem a sua estratégia de comunicação com suas leitoras a partir disso. Mas elas se expõem como criadoras de conteúdo, como artistas. Falam do seu ofício, do seu processo criativo, comentam as pesquisas que fazem para os livros, lembram as leitoras de como precisam delas

para continuar. Recebem um enorme carinho e agradecem por ele, também devolvendo esse afeto em atenção, comentando as respostas nos posts e repostando fotos que recebem.

A título de ilustração, no dia 27 de fevereiro de 2021, Sue Hecker fez uma postagem que considero um exemplo bem completo do nível a que pode chegar o relacionamento com algumas leitoras. No Instagram ela escreveu: “Quando a leitora amiga liga para contar que o livreiro contou que meus livros são sempre procurados”. E agradeceu à leitora e à livraria “por compartilhar esse momento especial”, marcando as duas com suas arrobas. A imagem que ilustra o post é um *print* da tela da chamada de vídeo entre a leitora e Sue.

A leitora fez uma chamada de vídeo com a escritora, então, ela tem o número do celular de Sue. É comum um leitor ter o número de celular de seu escritor favorito? No universo hot, talvez seja mais comum do que se imagina, considerando que escritoras mantêm grupos de WhatsApp com leitoras. Mas não é comum um fã ter o número de seu ídolo. O que acontece nesse sentido é o fã se nomear com um apelido. Como Suezetes e Nanetes, por exemplo, as leitoras-fãs de Sue Hecker e Nana Pauvolih, respectivamente.

Em julho de 2020, André Palme aproveitou sua coluna no PublishNews, newsletter do mercado editorial brasileiro, para comentar o lançamento de dois títulos de Nana pela Storytel, empresa de audiolivros da qual ele é country manager, e destacou a importância das Nanetes no processo como um todo.

Desde o começo o engajamento da Nana, junto com o trabalho de cuidado, carinho e atenção com as Nanetes foi o que fez toda diferença. O foco principal de toda divulgação do audiobook foi direcionado para elas. Antes, durante e depois. Não fazia sentido não aproveitar toda audiência fiel que a Nana tem entorno [*sic*] dela. São leitoras e leitores que a seguem em todos os livros e que ficaram positivamente surpresos por saberem de uma versão em áudio. Fizemos então um esquentar do lançamento, dentro do Grupo do Facebook das Nanetes, tendo a Nana como porta voz. Foi ela quem anunciou que seria lançado o *Ferida* em áudio e que gentilmente introduziu a Storytel na conversa. Mas sempre com a Nana e o título como protagonistas...

Por essa fala de Palme é possível perceber que o relacionamento estreito de escritoras hot com as leitoras-fãs não é ficção, é realidade e tem razão de ser. O grupo de leitoras fiéis é o que faz a carreira delas acontecer. Por outro lado, é interessante perceber todo o movimento de marketing voltado para essas leitoras, que passam a ser “público-alvo”. E, mesmo com toda essa atenção de Nana e da Storytel, que pode romantizar o processo, a figura do produto surge com força na relação comercial que a empresa deseja estabelecer com as leitoras, que quer transformar em consumidoras de audiolivros. Não à toa, Palme intitulou essa coluna de “Cuide bem do seu fã”.

Veja, portanto, como, no caso das hot, o trinômio escritor-editor-leitor não compõe um triângulo equilátero, cujos lados e ângulos são todos iguais. Essa relação está mais para triângulo isósceles, cujos pontos “escritor” e “leitor” formam uma base estreita e, conseqüentemente, equidistante do “editor”, na outra ponta. O colunista revela que a empresa teve o cuidado de não interferir nas atividades do grupo do Facebook, preferindo ocupar uma posição de coadjuvante na cena, “sempre com a Nana e o título como protagonistas”. Eu completo: a Nana, o título e as fãs.

Seguindo esse raciocínio, posso dizer que, no universo contemporâneo do romance erótico brasileiro, os editores – sejam eles de modelo tradicional de negócios, de modelo em coparticipação ou plataformas de autopublicação – são coadjuvantes na dinâmica do relacionamento entre escritoras e leitoras. A propaganda de que depende a promoção e a venda dos títulos está na mão das escritoras. Elas detêm não só os meios de produção, mas também os meios de divulgação.

Então, cabe aqui voltar ao conceito de marca do autor, que abordei muito brevemente na primeira parte deste trabalho. Há uma resposta básica comum para a pergunta sobre como as escritoras mais destacadas administram suas carreiras. Nana e Sue sempre falam sobre isso quando em conversas com, principalmente, aspirantes a escritoras. Elas criam e cuidam de uma marca. O que seria isso? Um conjunto de elementos que ajuda a escritora a ser essa escritora. Assisti a um curso com Nana em que ela repetia e repetia pontos sobre essa questão. Segundo ela, não se trata de inventar nada, você deve ser como você é, não é preciso criar uma nova personalidade; ser honesta e atenciosa basta. É preciso acreditar em si mesma, no valor do que você tem a dizer com seus romances.

Cumprir o compromisso com as leitoras é fundamental para a marca. Por exemplo, se você está publicando novos capítulos de uma história no Wattpad todas as terças-feiras, então, aconteça o que acontecer, às terças um capítulo novo precisa ser postado na plataforma. É preciso ser educada e atenciosa para não perder leitoras. Nana ainda aconselhava as novas colegas a não entrar em polêmicas com leitores nas diversas plataformas se elas não souberem lidar com críticas. Essa postura, no entanto, não seria o mesmo que não se posicionar sobre os assuntos da ordem do dia; seria apenas ser inteligente o bastante para não entrar numa discussão infrutífera com seguidoras, leitoras ou até *haters* que querem a discussão pelo barulho somente, pelo prazer de brigar. Entrar em embates assim seria um gasto desnecessário de energia.

Esse comportamento pode parecer banal ou óbvio, mas em um tempo em que estamos assistindo a “fenômenos de exibição da intimidade – ou, mais precisamente, de performance

pública da *extimidade*”, como descreve Paula Sibilia (2016, p. 346), interagir nas redes com compromisso, dedicação e inteligência faz parte de uma boa performance da sua marca enquanto escritora. E não só: também é um incentivo a uma boa performance da leitora, que pode pretender ser reconhecida como fã, ou como escritora, ou ainda como crítica literária. Não é só a escritora que importa. Sibilia tem mais a dizer sobre isso:

As subjetividades podem se tornar mais um tipo de mercadoria; um produto dos mais requeridos, como marcas que é preciso colocar em circulação, comprar e vender, descartar e recriar, seguindo os voláteis ritmos das modas ou da oferta e da demanda. Isso explicaria a instabilidade desse *eu* visível e alterdirigido que hoje costuma aflorar; daí os perigos que também assediam essas subjetividades construídas na deslumbrante espetacularização das vitrines midiáticas (Ibid., p. 354).

A partir do conceito de *extimidade* e das subjetividades como mercadorias, Sibilia me faz pensar se escritoras e leitoras de eróticos não se não tornam também produtos do contemporâneo, que têm ressignificado e reformatado as relações humanas por meio da internet. As escritoras seriam “alguém cuja *extimidade* pode ser colocada à venda, acompanhando a sua obra e, sobretudo, a sua atraente personalidade artística” (2016, p. 348). Por mais contraditório que possa soar, essa atração seria exercida pelo perfil não glamourizado e, principalmente, desmistificado que as autoras hot assumem nas redes sociais, que serviria à construção da imagem de uma escritora-ídolo que atende aos seus próprios interesses comerciais.

Nesse sentido, essas escritoras operariam em duas frentes simultaneamente. Por um lado, elas estão no mesmo nível de suas leitoras, pois são leitoras também. Por outro, cultivam seu papel de ídolo para alimentar o de fã de seu público leitor. O que é uma dualidade curiosa e inteligente porque as escritoras acabam por controlar a que distância querem estar de suas leitoras, que nível de relacionamento querem estabelecer. Ao se igualar às fãs como leitoras, elas oferecem uma proximidade que um ídolo de outro segmento cultural não oferece. Por isso elas são ídolos comuns, alcançáveis, porque não estão encasteladas.

Elas ainda são genuínas nas suas ações no trinômio escritor-editor-leitor, mas já consigo observar certa padronização de comportamento, como se aquilo que um dia foi inovador tivesse passado a ser uma regra. Publicou um livro? Não importa como, crie um perfil em alguma rede social. Se você é iniciante como escritora, acrescente em algum lugar da sua arroba a palavra “escritora” ou “autora”. O perfil já está ativo? Comece a fazer postagens sobre o seu livro e sobre leitura. Faça enquetes, comente o prazer de ler, peça a opinião dos seus seguidores sobre algum assunto, comemore e agradeça cada novo seguidor

com posts especiais para os números redondos (mil, cinco mil, dez mil). Siga outras escritoras. Siga editoras. Siga perfis de leitores resenhistas. Comente as postagens nesses perfis. Produza minimamente suas fotos, pelo menos com algum tipo de maquiagem e atenção ao cenário. Apareça. Quem não é visto não é lembrado.

Ah, mas é assim quando se trata de qualquer perfil profissional em redes sociais! Não quando se trata de escritores. No mundo literário, os perfis de autores com números expressivos de seguidores eram basicamente de estrangeiros e/ou de quem oferece mais que a sua literatura, de quem oferece opinião, os escritores-influenciadores. E ainda: ter um perfil para falar apenas de livros e leitura e nenhum outro assunto parece sem sentido. Mas é exatamente isso que acontece com as escritoras de hot, que mantêm perfis e grupos para falar de um universo restrito, por assim dizer: livros, leitura, personagens, romance erótico e temas afins a esse gênero literário, como sexualidade e relacionamentos.

É nesses espaços de grupos de discussão e troca de mensagens que as bases mais detalhadas da relação entre escritoras e leitoras são definidas. Um grupo no celular não tem só leitoras se aproximando das suas escritoras favoritas, tem também escritoras se aproximando das suas leitoras mais dedicadas e fiéis. Essas leitoras, portanto, são algo que as escritoras desejam ter. Daí tiro a ideia da leitora-produto e me pergunto se girar os assuntos nesses grupos em torno apenas de mercado editorial, vida literária e romance erótico não seja uma estratégia, mesmo que intuitiva, para produzir cada vez mais leitoras com esse perfil. Lembro que o aumento do número de leitores leva ao aumento da circulação de livros e pode aumentar também os números de venda de exemplares, o que, afinal, seria o objetivo das escritoras hot.

Nos grupos de aplicativos de mensagens as conversas são mais diretas. E nas redes sociais? Será que uma postagem sobre como limpar seus livros gera engajamento, por exemplo? Ou um vídeo com dicas sobre como evitar furos no enredo dos seus romances? Um post no seu perfil sobre outro escritor que escreve o mesmo gênero que você dá certo? Compartilhar a mensagem de uma leitora sobre o tema da redação do ENEM?! Pois esses foram alguns dos conteúdos de Mila Wander, Nana Pauvolih e Sue Hecker postados no primeiro bimestre de 2021.

As dicas de limpeza de livros de Mila, postadas no Instagram no final de fevereiro, geraram curtidas, comentários e a troca de mais tantas informações sobre cuidados com livros impressos. Também geraram algumas declarações de amor a esses objetos que muitas vezes não são valorizados como que merecem ser. Mila gosta de reservar espaço nas suas redes para se comunicar com outras escritoras e compartilhar as dores e as delícias da vida literária. No vídeo “5 Dicas para Evitar Furos!”, de 3 de fevereiro de 2021, ela se dirige especialmente a

quem está começando a escrever e usa uma ótima estratégia para quem precisa brigar por um lugar ao sol nessa praia chamada internet, já tão cheia de conteúdos bons como o dela. O vídeo é curto, tem 2 minutos, tem uma edição simples, mas uma produção cuidadosa, e é bem objetivo. O recado é dado de maneira simpática e acolhedora. A sensação é a de que Mila está sentada na minha frente e falando só comigo.

Com a bagagem de professora de História, Nana postou, no início de março de 2021 em seu Instagram, um vídeo de cinco minutos sobre Henry Miller, fazendo um apanhado da sua vida pessoal e literária. Citou alguns de seus livros mais famosos, descreveu um pouco do estilo do autor e conseguiu justificar bem a escolha desse tema para discutir com suas seguidoras. Nana está montando uma série de postagens com o que chamou de escritores malditos. Ela convida sua audiência a ler outros autores que tenham sexo e erotismo em seus textos, fazendo, inclusive, uma comparação com o que as leitoras estão acostumadas em termos de hot brasileiro para que elas se preparem para essa nova leitura.

Em 2020, o tema da redação do Enem foi “O estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira” e uma leitora mandou uma mensagem sobre isso a Sue. A leitora contou que usou como repertório para escrever sua redação na prova nacional o romance *Tutor* (HarperCollins, 2016, edição impressa) da escritora. No livro, o personagem Pedro tem transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). Depois, agradeceu a Sue “pelos livros lindos com temáticas tão importantes, além de histórias apaixonantes e super bem escritas”. Por fim, revelou que os enredos que abordam algum tipo de doença foi o que a fez se apaixonar pelos livros de Sue. A autora compartilhou um print dessa mensagem no seu Instagram em janeiro de 2021, aproveitando para comentar suas pesquisas e estudos para as tramas e ainda lembrando que não era a primeira vez que recebia mensagens dizendo que seus livros ajudaram leitoras em questões do Enem.

É sabido que um bom leitor desenvolve melhor sua capacidade de escrita e raciocínio. Em ambientes escolares ou de formação de leitores, diz-se muito isso a respeito da leitura literária. No entanto, estamos falando de romance erótico, um gênero que sobrevive, mesmo no contemporâneo, acompanhado de preconceito e narizes torcidos. E esse tipo de leitura geralmente não é considerada uma leitura literária. Então, essa leitora citada por Sue Hecker e todas as outras se explicam não só porque o romance erótico vive um excelente momento de retomada, como também pelo fato de que erotismo nas artes não é nenhuma novidade, muito menos na literatura, e movimenta amores e ódios – às vezes, na mesma proporção – há mais anos e em mais culturas do que podemos imaginar. Mulheres que escreveram eróticos,

sensualidades e pornografias ao longo desses tempos também fizeram seu público, tanto de *lovers* como de *haters*, para usar termos atuais.

Então, talvez a expressão “formar leitores” não caiba aqui; pelo menos não na sua definição tradicional e romântica tirada da academia, dos cursos de Letras e das salas de aula de literatura. Formação pressupõe em certo sentido uma construção em etapas. Essas etapas levariam a um leitor academicamente ideal, que lerá obras canônicas, que constituem a grande literatura brasileira e mundial. Esse leitor vai passar dos romances de formação – veja esse adjetivo! – para os grandes clássicos e será um apreciador do fazer literário erudito. As leitoras de eróticos podem ser esses, sim, podem ter trilhado o caminho até o alto do cume literário, somente com algumas paradas aqui e ali para um descanso merecido. E as leitoras de eróticos também podem ser aquelas que lerão apenas eróticos para todo o sempre, que consumirão apenas esse gênero.

Assim, prefiro me afastar do rumo que poderia levar à discussão sobre o valor dessa ou daquela literatura em termos de conhecimento, desenvolvimento social e humano e pensar as escritoras de eróticos como produtoras de um tipo de leitor que contribui para a manutenção das bases do mercado editorial contemporâneo, que, de acordo com Moriconi é receptivo a todos os tipos de conteúdo literário, principalmente os que se pautam mais nos circuitos midiáticos e da vida literária em si e menos no circuito crítico canônico.

Não faz sentido abordar uma obra literária que circula no mercado midiático (ele é o mercado, o circuitão) pelos critérios exclusivos da crítica literária. [...] Circuitos literários são modalidades de circuitos comunicacionais e é no circuitão que essa condição se mostra de forma cabal, modelar. (Op. cit., p. 41)

Toda a questão, a meu ver, está na necessidade de escolas clássicas dos estudos de literatura em qualificar esse leitor, que, por extensão de análise, poderia me levar a cair na armadilha de qualificar também a leitora de eróticos. Acredito que esse não deva ser o meu propósito. Então, que critérios usar para entender essa leitora nesse cenário contemporâneo em que o romance erótico não pretende romper barreiras, escandalizar, levantar bandeiras? Em que o romance erótico existe apoiado no que há no seu entorno, que, por sua vez, está apoiado em bases comerciais que configuram uma relação de produção, de oferta e procura? No “circuitão” de Moriconi, a sua tradução de *mainstream*? Um critério poderia ser o nível de comunicabilidade desses romances, que, por sua vez, nos levariam a pensar as leitoras como receptoras de mensagens, a partir da ideia de que leitura é uma troca entre quem escreve e quem lê?

A edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” que foi apurada em 2019 e divulgada em 2020 indicou que o Brasil perdeu leitores de literatura em todos os segmentos tabulados (gênero, classe social, região do país, condição e porte do município, renda familiar, faixa etária e escolaridade). Após confirmar uma curva ascendente da edição de 2011 para a de 2015, quando saltamos de 50 para 56 milhões de leitores, chegamos a 2019 assistindo a uma perda de 4 milhões de leitores e contabilizando 52 milhões. Enquanto a curva de leitores caiu, a de não leitores viu um aumento de 44 em 2015 para 48 milhões em 2019.

A pesquisa considera “leitor” o indivíduo que “leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses” e “não leitor” seria “aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO e ITAÚ CULTURAL, 2020, p. 19). A média de livros lidos, inteiros ou em parte em 2019 foi de 2,6 títulos. E a de livros inteiros foi de 1,05. É importante prestar atenção no ler “em partes” observado na pesquisa porque as plataformas de autopublicação contam a quantidade de páginas lidas também, não só se o título foi lido inteiramente. É daí que vem a expressão “milhões de leituras” usada pelas escritoras hot, e depois por suas editoras, nas capas dos exemplares como fator de promoção e divulgação dos livros.

Segundo a pesquisa, em se tratando de hábito de leitura, os leitores de literatura são, digamos, frenéticos. A maioria deles costuma ler até o fim, mesmo que não estejam gostando do livro, lê mais de um título ao mesmo tempo, relê partes e lê o mesmo livro mais de uma vez. Quero destacar que a pesquisa não diferencia alta literatura de literatura comercial, então, devemos aceitar literatura simplesmente como ficção para avaliar esses dados. Portanto, em termos de processos de leitura, neste momento, assumo que os efeitos da ficção comercial no leitor podem ser os mesmos que os da ficção literária.

A pesquisa aponta também que leitores de literatura costumam compartilhar suas leituras principalmente conversando com amigos e familiares e fazendo indicações dessas leituras. Esse é o famoso boca a boca. Como na minha análise estou considerando que as leitoras de eróticos são leitoras de literatura, veja a importância da comunidade de leitoras e escritoras, com a inclusão de algumas editoras mais dedicadas, que se criou em torno do romance hot. É nessa comunidade que se produz e cresce o boca a boca tão necessário à divulgação de livros.

Alguns dados que me ajudam a localizar o romance erótico na pesquisa tem a ver com a internet e as diversas plataformas de leitura, especialmente porque esse ambiente *on-line* foi

o que primeiro acolheu o ressurgimento desse tipo de romance no cenário contemporâneo brasileiro. Romances são justamente os campeões de leituras em outras plataformas. A leitura de livros digitais no celular detém os maiores índices e aumentou de 2015 para 2019, de 56 para 73%. Ler livros é a quarta atividade na lista das relacionadas à leitura em geral realizadas na internet. Pessoas com ensino médio e superior são as que mais consomem livros digitais, o que faz todo o sentido para os eróticos, considerando que são lidos por adultos, mesmo que jovens, que, por sua vez, são aqueles que estão no conjunto de maiores leitores de e-books por faixa etária, de 18 a 39 anos. Essa informação dialoga diretamente com a que diz que o público feminino é o maior leitor de livros digitais somando-se esses indicativos citados.

Ainda sobre o romance, o gênero é um dos mais lidos da lista, com 22%, juntamente com contos e religiosos. A Bíblia continua sendo o tipo de livro mais lido de acordo com a série histórica. E, quando se fala em escolaridade, 33% das pessoas com ensino superior e 27% com ensino médio costumam ler romances.

Nesta ordem, tema ou assunto, título, autor, preço e recomendação de alguém são os 5 principais fatores que influenciam o leitor na compra de um livro. Dos que compram baseados em tema ou assunto, 42% são pessoas de 40 a 49 anos. Talvez isso indique certa fidelidade, ou um alto nível de conhecimento sobre seu próprio perfil de leitor, considerando a idade e a bagagem literária adquirida.

Entre os leitores de literatura, o número de livros baixados aumentou de 2015 para agora, mas os comprados em lojas físicas ou virtuais ainda somam um número maior. Também subiu de 2015 para cá o número de livros presenteados, sendo esse o segundo maior índice na lista referente à forma de acesso ao livro. Consigo ver aí uma mudança na postura dos consumidores de livros, que passam a valorizar mais esse objeto e investir na ideia de que esse artigo pode fazer sucesso como presente. Seguindo o ponto “acesso ao livro”, os leitores de literatura são igualmente aqueles que têm mais livros em casa, o que pode justificar o engajamento das seguidoras no post de Mila Wander sobre como limpar livros impressos.

As lojas físicas ainda são o lugar preferido dos leitores para comprar livros, de acordo com a pesquisa. E, considerando que lojas físicas vendem livros físicos, esse dado me leva a outro que diz que a preferência dos leitores, em todas as faixas etárias e níveis de escolaridade, ainda é por livros de papel. Entre os leitores de literatura, esse índice chega a 70%. Talvez por isso o livro impresso conserve seu prestígio no universo hot, mesmo que este tenha reconquistado espaço a partir da Internet e da leitura em ambiente digital. Observo aí mais um argumento favorável à publicação das edições impressas dos livros eróticos.

Falando de preferências, o índice “gosto de ler um pouco” aumentou na série histórica, mas o “gosto muito de ler” caiu... A maioria das pessoas com ensino superior gosta muito de ler, assim como a maioria dos que estão estudando. Enquanto a maior parte das pessoas de 18 a 49 anos – adultos que podem, de fato, não estar mais estudando – declarou que gosta de ler um pouco, tal qual a maior parte dos integrantes das classes B, C e D/E. E nesse ponto vejo uma manutenção positiva do hábito de leitura da população brasileira, mesmo que o índice “gosto muito de ler” tenha caído.

Passando agora para a motivação dos leitores, na imensa maioria das vezes, quem lê literatura o faz por gosto, interesse pessoal ou para se distrair – note que, de acordo com minha abertura para esta parte do ensaio, a ficção comercial ocupa um lugar aqui. “O autor com que se identificou” foi o quarto motivo, em uma lista de 12, para alguém começar a se interessar por literatura em 2019, e a grande maioria dos leitores de literatura lê mais de um livro do mesmo autor. Esses fatores combinados ajudam a verificar que o autor importa, sim, para o leitor. É isso que venho defendendo quando insisto no relacionamento diferenciado que as escritoras de eróticos mantêm com suas leitoras.

O terceiro motivo na lista de 12 para começar a se interessar por literatura foi a influência de amigos. Mas, na série histórica, as mulheres/mães e os professores em geral continuam sendo os maiores influenciadores no desenvolvimento do gosto pela leitura. Assim como gosto ou interesse pessoal continuam sendo a maior motivação para a leitura atual de alguém. Em média, 23% dos leitores de 25 a 59 anos leem porque gostam, ao passo que 18% de jovens de 11 a 24 anos leem por distração. Mas, em minha opinião, é difícil encontrar quem se distraia com algo que não goste minimamente.

Dialogando com o gosto, com 47%, “vontade própria” foi a maior motivação para as pessoas lerem um livro nos três meses anteriores ao momento em que participaram da pesquisa. Ainda nesses três meses, se comparados com os livros lidos por indicação da escola, os lidos por vontade própria atingem o maior índice tanto entre os leitores de livros em geral quanto entre os leitores de literatura. Por fim, 20% das pessoas pesquisadas leem livros de literatura por vontade própria todos os dias ou pelo menos uma vez por semana. E isso é leitura. Pode não ser um índice ideal, mas vale assim mesmo. Afinal, um país com os problemas sociais e educacionais tão complexos como o Brasil não trabalha com números ideais, apenas com os possíveis.

A “Retratos da Leitura” não qualifica o leitor, mas oferece um panorama amplo e aberto dos leitores brasileiros. Em contraposição, Alberto Manguel (2020, p. 40) faz questão de uma qualificação: “Sabemos como é desolador (para não dizer trágico) ver os leitores

escolherem cada vez mais livros descartáveis e cada vez menos literatura”. Mais à frente, no mesmo parágrafo, ele fala em “público idiotizado” e “leitores que aceitam ser tratados como imbecis incapazes de se interessar por um livro difícil” (Ibid., p. 40). Diante do cenário contemporâneo brasileiro, tendo a discordar e identificar certa dose de radicalismo nessa reflexão. Então, paro e penso: o que é literatura e o que é livro descartável? Estaria Manguel fazendo uma distinção entre alta literatura e ficção comercial?

O romance erótico brasileiro é visto como ficção comercial e, portanto, sobrevive cercada por estigmas e preconceitos. Na introdução deste ensaio, deixei explícito que não tenho o desejo de falar da qualidade dessa literatura, mas disse também que não posso ignorar a sua vontade de potência de ser obra. Se há essa intenção, se as escritoras estudam para se aprimorar, se há editores que apostam no gênero e se há leitoras que se mantêm fiéis a esses livros, como o romance hot pode entrar no rol do que o teórico chama de literatura descartável?

As primeiras perguntas têm respostas complexas e cheias de variantes. Contudo, vou ousar responder a do segundo parágrafo, colocando, mais uma vez, a posição do leitor em perspectiva.

Em abril de 2018, a TAG Livros, um dos maiores clubes de livros por assinatura do Brasil, lançou uma peça publicitária para anunciar novidades nos seus serviços. Só que a peça gerou muita polêmica em todos os setores do negócio do livro e ajudou a abrir um excelente debate para um país com um mercado editorial que mata um leão por dia para formar novos leitores. Por isso mesmo, nenhum deles deve ser desprezado ou subestimado. E foi justamente isso que a TAG fez. À época, o clube de assinaturas soltou um comunicado com pedido de desculpas a quem eventualmente tinha se sentido ofendido. E o texto sobre os planos que pode ser encontrado no site atualmente está modificado, amenizado, digamos.

Em artigo sobre o assunto para o *PublishNews*, de 20 de abril de 2018, Gustavo Guertler, editor da Belas Letras, afirmou “A gente pode classificar os livros, mas não rotular as pessoas”. Esse é um ponto crucial. Em um sistema capitalista, os mecanismos dos mercados precisam formatar todos os atores, pois, para performar bem, um produto ou serviço precisa ter uma comunicação eficiente e objetiva com seu cliente e, para que isso aconteça, esse cliente precisa estar bem definido, não pode haver dúvidas. Mas não vejo como ser possível definir a subjetividade do leitor. Se o ato da leitura só acontece porque existe um leitor e esse leitor vai se constituindo ao longo dos anos e das leituras experimentadas, penso que mapear o histórico de leitura de um indivíduo até que se consiga defini-lo é uma tarefa hercúlea, quase impossível.

Você pode tentar agrupar leitores por afinidades ou um comportamento comum, mais que isso não seria viável. Eu mesma, neste trabalho, estou agrupando leitoras por seus hábitos, comportamentos e características afins mais destacadas. Em nenhum momento, no entanto, pretendi definir essa leitora. A TAG precisou fazer isso para conduzir a promoção de seus novos produtos e obter os melhores resultados em vendas. E, então, errou a mão na primeira peça publicitária que lançou.

Os produtos são o TAG Inéditos e o TAG Curadoria – os dois ainda disponíveis para os assinantes, porém com apresentações diferentes, e/ou corrigidas, daquelas que estavam na comunicação inicial. O Inéditos se ocupa da “ficção best-seller” e o Curadoria, da “ficção literária”. A partir daí, surgem duas colunas com vários itens e o que cada um desses itens quer dizer para cada plano de assinatura. Em termos de “estímulo”, a ficção *best-seller* seria “literatura que entretém e mantém o leitor fisgado capítulo após capítulo” e a ficção literária seria “literatura que faz pensar e desafia o leitor a sair da sua zona de conforto”. Até aí, nada muito diferente do que eu mesma coloquei na abertura deste capítulo.

Continuando, sob o meu ponto de vista, o problema maior estava nos itens “para quem” e “valor”. O Inéditos seria para “leitores que valorizam um enredo envolvente desde as primeiras páginas e que não gostam de tramas que exigem muita concentração ou que consideram maçantes” e teria um preço mais baixo (44,90 reais a assinatura mensal). Já o Curadoria seria para “especialmente leitores mais avançados, acostumados com diversos gêneros, e que querem explorar novos livros e autores”, com um preço mais alto (62,90 reais a mesma assinatura mensal). O texto valoriza um tipo de leitor em detrimento do outro e depois diz que esse outro é melhor que o um. Por fim, ainda sugere que ficção *best-seller* vale menos que ficção literária.

A peça também se equivocou em relação à literatura contemporânea, em última instância, meu objeto neste ensaio. O item “o que envia” anuncia que o assinante Inéditos vai receber “romances contemporâneos, literatura estrangeira, *thrillers*, suspense, lançamentos”, enquanto o assinante Curadoria deve receber “romances de várias épocas, literatura mundial, contos, obras premiadas”. Ora, “literatura mundial” não poderia ser outro nome para “literatura estrangeira”? E onde está escrito que romances contemporâneos são sempre *best-sellers*? E nenhum lançamento pode ser uma ficção literária? Os prêmios que existem dedicam-se apenas à ficção literária? Que prêmios são esses a que a TAG se refere?

Curioso também é o lugar dos clássicos e da literatura brasileira nos planos. O item “o que não envia” diz que quem opta pela ficção *best-seller* não recebe esses dois tipos de livros. Bom, a literatura brasileira é como o universo expandido da Marvel, cheio de ramificações e

grupos de personagens que se alternam em protagonismo e coadjuvação. Meu próprio objeto é literatura brasileira em sua versão ficção comercial. E nenhum clássico pode se tornar um campeão de vendas? Ou um campeão de vendas não pode se tornar um clássico? Para citar um exemplo contemporâneo, a série *best-seller* Harry Potter já é considerada por muitos um clássico da literatura infantil e juvenil...

Para ajudar o leitor interessado em fazer uma assinatura a escolher um dos planos, o site da TAG oferece um teste, que, obviamente, tem opções pré-determinadas que limitam as respostas do candidato a assinante. Se você já tem seus hábitos de leitura conhecidos e não liga muito para esses rótulos, tudo bem. Mas se você é um leitor que está começando a sua jornada ou que está querendo ampliar seu hábito de leitura, como “cravar” que ficção *best-seller* é o melhor para você? Como atestar a sua capacidade leitora ou definir o seu gosto? Não posso ignorar o fato de que a TAG trabalha para um público adulto, que pode estar, sim, dando os primeiros passos no hábito da leitura, mas que, certamente, já deu muitos na estrada da vida, o que influencia diretamente a sua subjetividade e o seu comportamento diante de um texto.

E aqui quero voltar a Alberto Manguel e à sua coletânea de ensaios *Notas para uma definição do leitor ideal*.

Tenho certeza, porém, de que sobreviveremos. Mudarão certos instrumentos de escrita, mudarão certos modelos de leitura, mudarão certas técnicas editoriais, mas o ato literário não mudará em sua essência. Somos seres da palavra, nascemos com o dom da palavra, vivemos através da palavra, conhecemos e damos a conhecer nossa experiência pela palavra, e só quando morremos perdemos a palavra (Ibid., p. 40).

Penso que é a essa sobrevivência que estamos assistindo no mercado editorial brasileiro especialmente. Certos instrumentos de escrita já mudaram, a autopublicação, na internet ou não, se apresenta em toda a sua força. Por conta disso, as técnicas editoriais também já mudaram. E os modelos de leitura estão em constante transformação porque assim estão os leitores. Além disso, ao contrário do que diz Manguel e seguindo Moriconi, a mim parece que o literário no contemporâneo igualmente mudou: “O literário de um texto é efeito de circuito. O literário é mais atributo do circuito que do texto. Nesse sentido, a noção de circuito assimila perspectivas da estatística da recepção e da sociologia da literatura e da vida literária” (Ibid., p. 37). Portanto, o literário do texto não teria uma essência imutável, pode ser definida nesses novos tempos pelo seu entorno e pelas relações que se constituem nesse entorno para a construção do texto. Se todos os elos da cadeia do livro se transformam, a literatura seguirá essa conduta de transformação.

Esse grupo de leitoras de romances eróticos que se formou no cenário contemporâneo do Brasil é uma prova disso. Seu comportamento de fã em relação às escritoras, a interação que cultivam, a ousadia de se aventurar também na escrita e a comunidade protetora do gênero hot que alimentam são aspectos que me fazem refletir sobre a real necessidade de qualificar leitores, tabular, rotular. Mais uma vez, como controlar ou padronizar a subjetividade? Como qualificar, tabular ou rotular os efeitos da leitura de um romance erótico nas leitoras sem ignorar que cada mulher é única? Prefiro celebrar essa multiplicidade de vozes leitoras falando sobre elas, escrevendo um ensaio sobre elas.

3 DENTRO DAS QUATRO MARGENS DA PÁGINA

Dedico Pecadora a todas as mulheres. Que nós possamos perceber que nosso corpo, nossos desejos e nossos sonhos não devem ser suplantados por nenhum tipo de preconceito ou infelicidade.

Nana Pauvolih

Três escritoras. Três mulheres protagonistas com seus três pares masculinos. Antes de começar efetivamente – mesmo que isso acabe como um agridoce anticlímax –, é preciso dizer que estou lendo três romances com relações heteronormativas. Essa foi uma escolha deliberada porque o novo romance erótico, e aí não só Brasil, tomou seu primeiro impulso dessa maneira, com relacionamentos entre homens e mulheres cisgênero e heterossexuais.

No entanto, faço questão de destacar que hoje, em 2021, o romance erótico, pelo menos o brasileiro, já oferece mais. Há relacionamentos homoafetivos, poliamor, diversidade de corpos, sexualidade de homens e mulheres transgênero. Se os enredos com essas personagens alcançam quantidade igual de público que, digamos, o romance com protagonistas “tradicionais” entre muitas aspas, não sei dizer. Desconfio que ainda não. Mas desde já comemoro a existência deles, pois isso só reitera a potência do romance erótico como espaço de expressão contemporânea e de conexão entre leitores e escritores e como uma das forças motrizes do mercado editorial nacional.

Mas, afinal, o que vale entre as quatro margens de uma página de romance erótico?

Até aqui, vim falando daquilo que considero que determine o romance erótico contemporâneo. O mercado, a internet, as escritoras-leitoras, as leitoras-fãs e as leitoras-produto; um contexto social que pulsa pelas mulheres, ora favorecendo-as, ora prejudicando-as. Esses elementos desenham o quadrilátero que limita – ou liberta – as linhas e o que há de literário nelas. De acordo com Moriconi,

Um dos desafios colocados à teoria da literatura hoje é liberar o conceito do literário de uma vinculação exclusiva ou excessiva a problemáticas do conhecimento, passando a levar mais em conta suas relações com a informação e o entretenimento, que constituem as práticas e conteúdos definidores do circuito midiático. [...] Trata-se também de ver em que medida certas práticas históricas, como o pensamento crítico, o vanguardismo, a liberdade de pensamento e comportamento, podem sobreviver refuncionalizadas no contexto contemporâneo (Op. cit., p. 45).

Partindo disso, sigo para a leitura dos romances escolhidos para ilustrar esse ensaio buscando me ater ao fazer literário das escritoras, à forma que esses romances assumem nesse

novo momento, à conversa que propõem às leitoras e às figuras femininas representadas por eles.

Mila Wander é uma escritora bem-humorada que brinca com a linguagem do *chick lit* – ou água com açúcar, ou mulherzinha, ou femininos ou comédia romântica –, ora cedendo a ela, ora procurando desconstruí-la. O importante é o jogo que Mila estabelece com a leitora justamente por dominar essa linguagem do “romance feminino comercial”. No seu *O safado do 105* (Planeta, 2015), a personagem Raissa Magalhães está totalmente voltada para a nova fase de sua vida. Inserida numa família grande e amorosa, porém sufocante, a jovem começa o livro realizando o sonho da casa própria. Já independente financeiramente, ela agora ensaia a independência afetiva. Raissa só não contava com a presença de um certo vizinho, morador da casa geminada à sua.

Sensual e aparentemente desapegado, Calvin – que depois descobriremos se chamar Caio – quer apenas sexo das mulheres. O que funciona até determinado ponto para Raissa, que, claro, acaba se apaixonando. Assim como o protagonista, que, aos poucos, vai revelando seus traumas do passado e se curando deles com a ajuda da vizinha. As 500 páginas do romance se desenrolam nessa tensão entre os dois, de querer e não querer o outro, em um jogo sexual e emocional. Até que o casal cede para, enfim, viver um grande amor.

O lado bom de ser traída, de Sue Hecker (HarperCollins, 2016), é um romance que quer passar uma noção de positividade diante de uma situação adversa. Ter sido traída acaba funcionando como mola propulsora para Barbara Nucci, sócia de um conceituado escritório de contabilidade. Depois de descobrir que não só foi traída como o ex-noivo agora é noivo de outra, ela literalmente levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima. Joga-se na tarefa de se reconectar consigo e na reconstrução de sua vida, amorosa inclusive. Por esses acasos maravilhosos da ficção, Barbara conhece o juiz Marco Ladeia e uma paixão avassaladora toma conta dos dois.

Esse é o ponto de partida para um enredo que passa pelo resultado das pesquisas da autora sobre anencefalia, por uma trama policial e por sexo, como não poderia deixar de ser. Aí estão os elementos que preenchem as 400 páginas do volume impresso e sustentam o desenvolvimento e a afirmação do amor entre Marco e Babby, que culmina em uma cerimônia de casamento surpresa e nas crianças Gabriel e Isabella. Sue é criativa nesse enredo que tem tantas reviravoltas, mas seu estilo é mais direto e seco, e está estampado numa linguagem mais dura e menos trabalhada que nos textos de Mila e Nana, a meu ver.

Pecadora, de Nana Pauvolih (Planeta, 2017), acompanha a jornada de autoconhecimento de Isabel. Dividida entre uma rígida criação dentro de uma igreja evangélica em que o pai é pastor – com direito a casamento arranjado em pleno século XXI – e os desejos que seu corpo manifesta e que sua mente teme alimentar, a jovem trava uma luta consigo e com o seu entorno para se descobrir como mulher. Ela quer trabalhar, viver uma vida sua, como a que o marido Isaque de alguma maneira tem, quer ter o próprio dinheiro e, principalmente, quer se sentir livre para extravasar todo o desejo sexual que reprime. Nesse romance, penso que Nana esteja interessada em problematizar as questões sexuais, afetivas e conjugais. Ela é criativa tanto na linguagem quanto na condução do enredo. Sua escrita parece ser a mais madura entre as das três autoras que estudo.

É no mulherengo e egocêntrico Enrico que Isabel vai encontrar, ao mesmo tempo, sua perdição e sua salvação. O jovem bem-sucedido é um colega da pelada semanal de Isaque e acaba lhe conseguindo um emprego na agência de publicidade da qual é dono. O enredo que ocupa quase 400 páginas é apoiado nas dúvidas tanto de Enrico quanto de Isabel, no desejo e no medo da entrega, na pressão que a educação e a família extremamente religiosas exercem sobre Isabel e na força que Enrico precisa buscar para desapegar de seu passado de dor e se abrir para o amor.

Nesses três romances, o sexo existe como parte da vida dos personagens, não é um fim em si. E é evidente o cuidado das autoras em criar um enredo que dê suporte a todas as cenas eróticas. Sexo é tanto um problema, como no caso de Isabel, de *Pecadora*, que tenta se equilibrar entre a culpa de sentir desejo sexual e a vontade de satisfazer esses desejos e viver uma vida sexual plena; quanto é solução, como para os protagonistas Calvin/Caio e Enrico, de *O safado do 105* e *Pecadora*, respectivamente, que resolvem suas carências e escondem seus traumas afetivos com sexo.

Falando em afeto, envolvimento afetivo é quase tão importante no enredo de um romance erótico contemporâneo quanto o sexo. Essa é praticamente uma exigência das leitoras, à qual as escritoras atendem com alegria e prazer. É interessante identificar as tendências em combinação de casais que serve de embalagem para os relacionamentos nos livros. Tudo recomeçou com um CEO e uma jovem profissional. Então, vieram não sei quantos CEOs. Tantos que Mila Wander resolveu brincar com isso no romance lançado em e-book na Amazon no final de 2020, que chamou de *Ninguém aguenta mais CEO*. Títulos com protagonistas chefs de cozinha, como o *sous* chef Calvin/Caio criado pela própria Mila, também tiveram seu momento de destaque. É a onda mais recente, no entanto, que considero

um tanto quanto curiosa. As capas dos últimos lançamentos estão repletas de bebês em colos de homens engravatados ou de mulheres grávidas exibindo suas belas barrigas.

O que especificamente os bebês nas capas significam não cabe a mim dizer neste ensaio, mas preciso destacar que o final feliz com casamento e filhos é uma onda que nunca saiu de moda, pelo menos não entre as brasileiras nem nos romances heteronormativos. Por mais que a maioria das personagens mulheres estejam com posturas diferentes das indicadas pelo patriarcado, a família constituída sob seus conceitos é a que predomina. Os três romances que leio terminam em casamento, um termina com casamento e filho e em outro o filho aparece no epílogo.

Nesse sentido, o romance hot contemporâneo me intriga muito. As escritoras se empenham em pesquisar, ler e estudar para criar enredos que seduzam as leitoras e constroem personagens femininas lutadoras, fortes, que conseguem sair de situações de abuso e submissão, por exemplo, para, no fim, se enquadrarem novamente na mesma situação da qual fugiram ou evitaram, só que com final feliz – quase como num conto de fadas. E é isso que as leitoras parecem querer, porque são romances assim que despontam em vendas.

De um lado, há o sexo sendo naturalizado nas relações e protagonistas que buscam independência e liberdade para viver como quiserem, que correm atrás de sonhos profissionais e financeiros, de sonhos sexuais também. De outro, depois de toda essa luta, as mocinhas terminam aconchegadas e seguras nos braços de um amor perfeito. Daí, lembro do rebuliço em torno da matéria de 2016 da revista *Veja* sobre Marcela Temer, esposa do ex-presidente Michel Temer, que trazia como manchete o “elogio” “Bela, recatada e ‘do lar’”.⁵ Diversos segmentos dos movimentos feministas reagiram imediatamente e muitas mulheres começaram a postar em suas redes fotos suas com trocadilhos para a frase supostamente mais adequados a uma mulher contemporânea, como “bela, recatada e do bar”. Até que, com um tuíte, a jornalista Nana Queiroz fez todo mundo parar para pensar nos seus protestos contra a matéria.⁶ Qualquer mulher pode ser bela, recatada e “do lar”, contanto que seja isso que ela queira ser, contanto que ela tenha tido liberdade para fazer essa escolha, o que é um dos princípios dos feminismos: liberdade de escolha. O cerne da questão era entender que não havia problemas em ser bela, recatada e do lar, o problema estava em essa ser considerada a mulher ideal. Seguindo essa ideia, não seria nada incoerente que uma jornada de

⁵ LINHARES, J. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Revista Veja**, 18 abr. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

⁶ MORAES, C. A fúria cômica das redes contra o “bela, recatada e ‘do lar’”. São Paulo, **El País**, 20 abr. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461175399_885009.html. Acesso em: 19 jun. 2021.

empoderamento feminino, ou empoderamento sexual feminino, terminasse em casamento e filhos.

Assim, passo a me perguntar se também os homens com quem nos relacionamos não seriam, juntamente conosco, o foco dos romances eróticos de autoria feminina. Talvez esse novo romance hot esteja aí para realizarmos a fantasia não só de quem gostaríamos de ser, mas igualmente de como gostaríamos que os homens contemporâneos fossem. Calvin e Enrico são dois personagens que se redimem durante suas trajetórias. Eles são frios, não sabem amar, se entregar a uma mulher, têm medo desse sentimento, têm medo do próprio coração. Com a ajuda de Raissa e Isabel, os dois se modificam, se transformam, aprendem a lidar com a própria vulnerabilidade e começam a aceitar que podem sentir algo mais que tesão por uma mulher.

Trazendo de volta o ensaio *Um teto todo seu*, não é difícil perceber que em determinado momento de seu texto Virginia Woolf expõe alta carga de raiva dirigida ao mundo como era em seu tempo e aos homens daquele mundo. No entanto, no romance erótico contemporâneo essa raiva não aparece – pelo menos não nesses que leio aqui. O que percebo é que as escritoras hot se sentem bastante à vontade na construção dos seus personagens masculinos, que chegam a narrar capítulos em primeira pessoa tanto quanto as protagonistas.

Existem, obviamente, as disputas entre os sexos e muitas cenas de afirmação feminina, mas o que prevalece de tensão é a sexual, o jogo da conquista e da sedução. E, em vez de retratar apenas o lado poderoso, opressor ou até superior dos homens, esses novos textos hot procuram falar ainda das fraquezas masculinas, do lado sentimental, aquele que se rende às emoções, que vacila não por mau-caratismo, mas por insegurança. Isso porque esses romances são essencialmente histórias de amor, e o sexo aparece como um aliado, um elemento nesse contexto afetivo e amoroso. Então, há, sim, uma idealização do que seria um companheiro perfeito e há essa preocupação de mostrar todas as facetas masculinas, como se as escritoras estivessem, por meio de seus personagens, dando permissão aos homens para amolecerem seu coração.

Acredito que essa característica de muitos dos personagens masculinos dos romances eróticos possa estar, de certa maneira, respondendo a um movimento de revisão dos estereótipos de gênero, dos lugares clássicos do feminino e do masculino, que começou no século passado e continua nesse início de século XXI. Portanto, brigar com os homens não parece ser a intenção das escritoras de eróticos. Tampouco fazer as pazes. Simplesmente porque não há um conflito identificado.

Calvin/Caio, por exemplo, é esse protagonista masculino que está no caminho do autoconhecimento e do “amolecimento” do coração. Ele é muito pautado nos dotes físicos que possui, e faz questão de exibir, e em saber satisfazer uma mulher sexualmente, mas não se entregar de alma a ela. Passamos dois terços do romance chamando Caio de Calvin por causa da cueca Calvin Klein que era a única peça que usava quando conheceu Raissa, numa manhã em que ela saía para trabalhar e ele molhava as plantas e flores do jardim da frente das casas, num óbvio gesto de exibicionismo e autoconfiança elevada.

De qualquer forma, mesmo que os rapazes tenham ganhado destaque na construção dos enredos, penso que há uma propensão para que eles sirvam de apoio para as moças. É certo que os relacionamentos que se desenvolvem nas tramas estão acima do arco de cada personagem. Por mais lascivas que possam ser as cenas de sexo, por mais desapegados que possam ser os protagonistas, as escritoras acabam nos fazendo torcer pelo casal quando preenchem as tramas com os elementos que compõem o jogo de sedução entre herói e heroína, como conflitos, antagonistas, o caso de corrupção no escritório da personagem Babby, por exemplo, que a leva a sofrer um atentado contra sua vida e ainda envolver a polícia federal na solução do imbróglio. É como se os protagonistas hot estivessem se equilibrando nessa gangorra que seria o romance dos dois.

Em se tratando de antagonistas há uma recorrência em romances eróticos que precisa ser observada: a competição entre mulheres como recurso narrativo. Os três romances que estudo trazem esse elemento. As protagonistas são apresentadas inicialmente como mulheres comuns, com imperfeições e defeitos, mas esse lado de suas personalidades fica esquecido para que se sobressaia aquilo que pode ser considerado defeito nas suas antagonistas. Raissa, de *O safado do 105*, despreza as mulheres que Caio traz para dormir com ele em casa, uma a cada noite. Refere-se a todas como vadias, no livro inteiro. Ela mesma pode ter desejos sexuais e satisfazê-los sem envolvimento amoroso, ela pode ter essa liberdade de transar sem compromisso, mas as outras mulheres não podem? Feminismo e sororidade passaram longe daqui. Quando a amizade colorida que aceita manter com Caio deixa de ser interessante porque ela se apaixona pelo “amigo”, a mocinha corta as relações numa tentativa de fazê-lo mudar de ideia sobre ter um relacionamento sério e monogâmico. É uma tentativa de transformá-lo, o que ela acaba conseguindo.

Todos na agência sabem que Isabel, de *Pecadora*, é evangélica; o sabem porque ela não esconde essa informação e pelas roupas que usa, pelos adereços que não usa, pelo seu comportamento, pelo seu cabelo comprido e sempre preso. As colegas de trabalho se aproximam, então, porque não enxergam nela uma ameaça, uma concorrente. Mas é só

descobrirem que ela se envolveu com o chefe bonito e aparentemente inatingível para as mesmas colegas se voltarem contra a jovem, inclusive usando expressões como “santinha do pau oco”, “essa nunca me enganou”. A ex-mulher de Marco, de *O lado bom de ser traída*, sempre procura confusão com Barbara. Barbara, por sua vez, não chega às vias de fato com Paula e adota uma postura mais comedida diante da rival, mas quando se refere a ela, a desqualifica.

Desqualificar, diminuir, julgar outra mulher são ações que, em minha opinião, ocupam espaço demais nesses romances. Não é algo que, como leitora, gosto de ver em romances escritos em um período histórico em que mulheres estão buscando se unir, se acolher, em vez de competir. Como pesquisadora, é nesse ponto em que eu esperava encontrar personagens mais complexas e acabo por me deparar com personagens rasas, construídas em cima de conflitos formatados pelo patriarcado e pelo machismo estrutural, que ainda está impregnado em muitas mulheres.

Qual seria a origem disso? Silvia Federici nos dá uma pista quando fala da guerra contra as mulheres que foi a caça às bruxas da Idade Moderna:

[...] as amizades femininas tornaram-se objeto de suspeita, denunciadas no púlpito como uma subversão da aliança entre marido e mulher, da mesma maneira que as relações entre mulheres foram demonizadas pelos acusadores das bruxas, que as forçavam a delatar umas às outras como cúmplices do crime. Foi também neste período que, como vimos, a palavra *gossip* [fofoca], que na Idade Média significava “amiga”, mudou de significado, adquirindo uma conotação depreciativa: mais um sinal do grau a que foram solapados o poder das mulheres e dos laços comunitários (Op. cit., p. 335)

Faltam-me adjetivos para qualificar o fato de as escritoras de hot unirem-se em grupos de mulheres também escritoras, leitoras e editoras e fortalecerem-se dentro deles, mas se utilizarem de conceitos rasos e envelhecidos sobre a relação entre mulheres nos seus livros. Os relacionamentos não são complexificados. De maneiras que variam da mais explícita para a mais velada, é uma mulher em detrimento de outra nas tramas. Uma personagem não é simplesmente, ela é porque outra não é; Raissa não é vadia porque as outras são. No ato da criação, da escrita, a mim parece que as autoras de eróticos não conseguiram sair da armadilha criada pela sociedade patriarcal para que nós continuemos reproduzindo comportamentos que têm a única função de afastar, desunir, em vez de agregar.

Então, preciso retomar a ideia de que as autoras hot endereçam seus textos às leitoras. As autoras existem porque existem essas leitoras. Elas são escritoras profissionais e técnicas, não são artistas. Escrevem porque leem muito, estudam, treinam a criatividade e a inspiração

com uma rotina de trabalho organizada. Condicionam o ato de escrever às suas vidas, e não o contrário. Ser escritora de romances eróticos significaria, portanto, assumir um compromisso com as leitoras e cumprir as tarefas e demandas desse compromisso. Se assim é e se é agindo assim que as escritoras estão vendendo livros, talvez, no fim das contas, seja mesmo competição entre mulheres que as leitoras-produto queiram ler nos romances. E o que eu posso fazer quanto a isso? Torcer para que eu encontre uma escritora de eróticos que atenda à minha leitora.

Mesmo que os feminismos estejam em um importante lugar de evidência nessas primeiras décadas do século XXI, não me parece que estejam servindo como guia explícito para a comunidade em torno dos romances eróticos. Essa comunidade é guiada por si mesma, pelos desejos de escrever e ler de suas componentes. Não identifico nenhum saber formal, de nenhuma escola, que dite regras na criação literária dessas mulheres. A internet, quando tudo começou, era um terreno fértil, porém não colonizado e/ou dominado por nenhum grupo. Estava livre, portanto, de metodologias. Então, as escritoras hot puderam criar seu próprio método, sua própria forma, seu próprio saber, tanto de prover conteúdo, os romances, como de interagir com o público-leitor.

Apesar dessas constatações, consegui identificar em *Pecadora* duas personagens com algumas camadas a mais que as outras que acompanhei nessas leituras. Isabel, a protagonista, e sua irmã do meio Rebeca. São três irmãs que tiveram a mesma criação religiosa e rígida. Ruth, a mais velha, é a filha, digamos, perfeita, que seguiu a vida exatamente como o indicado pelos pais e pela igreja. Rebeca é a filha de espírito livre, que perdeu a virgindade antes de casar, que gostava de sexo sem ter o pudor de admitir. Ela acabou engravidando no final da adolescência e sendo expulsa de casa pelo pai pastor, mesmo que houvesse decidido ter a criança. Ela vai embora e nunca mais procura a família, para nada. Apenas muito tempo depois desse episódio é que Isabel consegue localizar irmã e sobrinho, quando ela mesma começa seu próprio processo de transformação, passando a levar em conta as conversas em que Rebeca tentava alertá-la sobre as coisas da vida.

As imperfeições, as mágoas, as qualidades e as alegrias estão todas misturadas em Rebeca. A personagem teve medo de fraquejar, duvidou de si, contornou os problemas, alimentou sentimentos pouco nobres no coração. Enfim, não teve uma trajetória tão linear. E fez tudo isso sem usar outra mulher como “escada”. Assim como Isabel, cujos conflitos ficam, de fato, evidentes na trama. As dúvidas e os questionamentos que surgem para a protagonista são mais interessantes porque giram em torno do que é ser mulher, da mulher que ela quer ser e das dificuldades para chegar a esse lugar. Em vez de apresentar uma jovem quase irreal, que

simplesmente traça uma reta e vai em frente derrubando todos os obstáculos com maestria, Nana Pauvolih constrói uma personagem que tateia o caminho, que escorrega, que dá passos para trás. Também sem apoiar suas virtudes nos defeitos de outra mulher, Isabel não cai nessa armadilha em relação à irmã, por exemplo, que é considerada pelo restante da família e da comunidade religiosa como a própria encarnação de Satanás.

Isabel tem infinitas dúvidas, tem medo do mundo que se descortina para ela, mas, principalmente, tem medo de si. As cenas em que a jovem se masturba são as melhores para ilustrar esses pontos. Isabel sabe o que quer e sabe como conseguir, sabe se tocar, como se excitar, mas interrompe seus atos, negando a si o próprio prazer, que é luxúria porque não envolve o marido. Então, ela se castiga, maldizendo a si mesma, considerando-se uma impura, uma pecadora. Até que ela se permite olhar ao redor e realmente enxergar as diferenças que existem entre a sua vida e a vida mais livre que o marido leva, a submissão da mãe e da irmã mais velha, os exageros do pai. Começa a rever as posturas da irmã do meio e a reavaliar sua vida conjugal e sexual. A partir daí, a trama se desenrola entre essa busca de Isabel pela Isabel que ela realmente quer ser, seu encontro com Enrico e as transformações que esse encontro vai causar no protagonista, que já podem ser consideradas como um clichê.

Posso dizer que os romances eróticos contemporâneos são escritos respeitando alguns clichês de romances *chick lit*, gênero consagrado no mercado e também entre as leitoras. Nesses romances, os relacionamentos entre os casais, o jogo de sedução, o surgimento do amor, a confusão de sentimentos, a redenção de um ou de outro, a dependência do enredo, e a concretização do amor são elementos que foram amplamente retratados. O que posso chamar de fórmula – essencialmente porque estou tratando de ficção comercial – gerou uma coleção de clichês que são usados não só em livros, como em filmes e seriados de televisão, ou seja, são usados por todo um segmento de produtos de entretenimento.

Se pensarmos que o novo romance erótico é uma espécie de *spin of*, ou desdobramento, da *chick lit* com adição justamente de erotismo, posso concluir que o hot herdou essa coleção de clichês. Então, vou me deter agora nos clichês inventados exclusivamente pelo romance erótico. E esses têm a ver com dois aspectos principais: a forma do romance e as cenas de sexo.

Quando escreveu *Pecadora*, Nana Pauvolih estava atendendo a um pedido da editora Planeta. Em 2017, a escritora já havia alcançado sucesso de forma independente e conquistado uma grande editora – a Rocco, por quem começou a ser publicada em 2013. *Pecadora* deveria

responder à demanda por um romance inédito, que tivesse brasilidade e cujo enredo fosse simples, o que, de acordo com a escritora, seria diferente de um enredo raso. Segundo a editora, essas características do texto, por sua vez, atenderiam às leitoras, que estariam mais afeitas a romances desse tipo. No entanto, as leitoras que a Planeta buscava eram apenas um dos públicos do romance hot, que varia conforme o tipo de publicação.

As grandes editoras, ou as de modelo tradicional de negócios, oferecem às suas leitoras esses tais textos leves, que, às vezes, são chamados de sensuais. São pautados mais pelo romance entre o casal protagonista que pelo sexo que praticam. Não têm quase nada de estrangeirismos, ou seja, geralmente são localizados em cidades brasileiras, os nomes dos personagens são brasileiros, o estilo de vida é brasileiro. Um romance com essas características é aquele que as editoras convencionais acreditam que seu público vai gostar mais. E não só isso, publicar livros com esse perfil também as diferencia do oceano de romances eróticos que são as plataformas de autopublicação e as publicações independentes, quando as escritoras, em princípio, não são direcionadas por nenhum editor ou perfil de selo editorial e são mais “livres” para publicarem o que quiserem.

A oferta de romances eróticos da Loja Kindle, na Amazon, surpreende. Mas, para chegar até essa lista, você deve procurar por romances simplesmente. Se uma autora classifica seu romance como erótico, ele vai para uma lista específica e menos visível por ter conteúdo adulto. Então, as autoras cadastram seus e-books como romance ou comédia romântica e deixam na descrição um aviso de que o conteúdo é adulto. Essa Loja Kindle está ligada ao programa de assinaturas Kindle Unlimited, de que já falei, por isso estou usando o termo e-books, e eles são incontáveis.

Nesse oceano estão as autoras e os romances hot que continuam seguindo o que se chama de fórmula, “forma de bolo”, que também foi como esse gênero reconquistou espaço: primeiro absorvendo características dos romances hot estrangeiros, como tema específico (o mais conhecido foi o que provocou a onda BDSM), a localização geográfica, nomes de personagens, estilo de escrita, estilo de vida dos personagens. Digamos que a Loja Kindle poderia ser a nova banca de jornal, e os romances que ela oferece seriam equivalentes aos das famosas séries Julia, Sabrina e Bianca, por exemplo. E aqui não estou fazendo juízo de valor, estou somente criando um parâmetro para a melhor compreensão de quem me lê. Até porque, como fazer juízo de valor com um tipo de livro que girou tanto o mercado editorial como os dessas séries? Há algum mérito aí.

O que entendo, portanto, é que existem muitos nichos de públicos sedentos por novidades. Alguns grupos vão querer inovações nos enredos, ganchos diferentes para o

romance dos protagonistas. Outros vão preferir um trisal, não vão se incomodar com traições pelo caminho ou com mulheres fortes e empoderadas liderando as tramas. Vamos encontrar um grupo que vai praticamente exigir um final feliz e, de preferência, com um bebê envolvido. E ainda vamos identificar o grupo que não quer nada novo, quer pura e simplesmente mais do mesmo, que opta por não trocar uma leitura certamente prazerosa por uma duvidosa.

No cenário atualíssimo, os romances eróticos inovadores, cujas autoras se desafiam para oferecer algo diferente às leitoras, são mais facilmente encontrados nas grandes editoras que investiram em um selo para hot e em algumas editoras pequenas e médias que também decidiram apostar nesse segmento, ora investindo na edição, ora trabalhando em parceria financeira com as escritoras. Já os romances que perpetuam um perfil de texto sem muitas novidades estilísticas ou temáticas estão em lugares como Loja Kindle e Kindle Unlimited.

Assisti à Nana falar sobre essa questão em um curso e ouvi que, na sua opinião, não haveria nenhum problema em não inovar, em seguir fiel a apenas um estilo e um tipo de enredo. Segundo ela, há espaço no mercado para todos os tipos de eróticos, restando às escritoras a tarefa de escolher onde querem atuar, de entender onde se sentem mais à vontade para estar e investir nesse lugar e no seu público correspondente. A fórmula pode limitar o alcance da escritora, mas isso também é uma escolha dessa escritora. É como se disséssemos, portanto, que enquanto houver público e vendas, o trabalho e os romances dessas autoras são legítimos. Também no artigo “A prosa degenerada”, Eliane Roberts Moraes me ajuda a refletir sobre a questão das fórmulas nos romances eróticos:

Na hierarquia dos discursos, a ficção erótica costuma ocupar um lugar pouco nobre, sendo sempre considerada um gênero menor. Isso se deve ao fato de que esse tipo de literatura só adquire o status de gênero a partir dos temas que mobiliza, e nunca por conta dessa ou daquela opção formal. Trata-se, geralmente, de escritos sem pretensões literárias, nos quais os efeitos estilísticos são relegados a um segundo plano em função de uma lei maior: a repetição. De fato, a maior parte dos livros pornográficos limita-se a repetir certo mote, combinando cenas de um repertório sexual limitado com o intuito de excitar o leitor – o que, do ponto de vista estrito da leitura, tende não raro a induzir ao tédio (Op. cit., p. 267).

Sim, a repetição de modelos existe, assim como o “intuito de excitar o leitor”, mas devo discordar da ensaísta no que diz respeito ao tédio do leitor no caso do universo do romance erótico ao qual me detenho. As leitoras do hot contemporâneo de autoria feminina parecem nunca se entediar, pois o segmento vai de vento em popa, conquistando cada vez mais fãs e produzindo cada vez mais escritoras. Além disso, acredito que falte tempo e oportunidade para se entediar com uma leitura quando a oferta de títulos é tão grande como a

que temos hoje e quando você pode simplesmente parar de ler um romance e partir para outro, sendo ou não assinante de um Kindle Unlimited, por exemplo.

Ainda que a repetição da intenção para com as leitoras seja unânime e a repetição de uma fórmula seja recorrente, devo render loas ao esforço das escritoras, principalmente das mais experientes e com carreiras mais estabelecidas, em movimentar os romances com enredos que denunciam a busca por criatividade e originalidade para não só atrair como segurar a leitora até a última página. Sue Hecker, por exemplo, dedicou-se a uma cuidadosa pesquisa sobre anencefalia para construir a personagem Vitória, filha de Marco e sua primeira esposa, Paula, e motivo da separação dos dois. A mãe renegou a filha “deficiente” desde o nascimento, enquanto o pai se envolveu até onde pôde no caso da criança, buscando os melhores tratamentos que a medicina podia oferecer e as melhores profissionais para o *home care* do bebê. A relação, ou a não relação, estabelecida com essa filha contribuiu para a definição do caráter de Marco e Paula, ajudando as leitoras não só a conhecê-los melhor como a manter aceso o interesse delas pelo desenrolar da trama.

Num primeiro momento, podemos pensar num aprisionamento das escritoras quanto às especificidades do mercado: maneiras de publicar, locais para vender e público-alvo, ou leitoras. Então, em última análise, não haveria liberdade para a escrita. É preciso lembrar, contudo, que acabei de falar sobre a escritora escolher onde quer estar e penso que quando se tem escolha, tem-se liberdade. Pelo menos em algum grau.

A escritora de eróticos, de uma maneira geral, tem um objetivo definido para a sua carreira literária e uma sólida noção, amadurecida por cursos livres e observação de escritoras proeminentes, do que seria uma carreira literária no gênero hot, da necessidade de constância e de trabalho duro. Se o objetivo for fazer dinheiro e rápido, a melhor remuneração viria da quantificação de páginas lidas no Kindle Unlimited. Num raciocínio simples, quanto mais páginas lidas, mais dinheiro em caixa. Conseqüentemente, para ter mais páginas lidas, é preciso ter mais páginas de toda maneira, seja com romances longos, seja com muitos romances lançados em intervalos curtos de tempo. Nesse caso, a ordem dos fatores altera o produto.

Para lançar um romance por trimestre, ou quatro livros num ano, é preciso ser veloz na escrita. Daí, podemos pressupor que um enredo e um estilo com os quais a escritora está mais familiarizada facilitaria todo o processo. E é o que acontece no Kindle Unlimited. Por isso o tal oceano a que venho me referindo. Então, posso concluir que esse modo de produção afeta diretamente o processo criativo, que fica vinculado à intenção do autor de querer atingir seus objetivos. A escrita seria um meio, não um fim em si. Seria um meio de se comunicar com as

leitoras, um meio de ganhar dinheiro. Mas também um meio de se expressar, de conquistar autonomia financeira, de mudar de vida, de se empoderar... A lista pode ser grande.

Preciso destacar, no entanto, que não é só de fórmulas prontas que vive a Amazon, sua plataforma de autopublicação e seu plano de assinaturas. Escritoras que exploram outros caminhos no seu fazer literário continuam publicando pela plataforma, não só pela melhor remuneração que conseguem, mas também pela autonomia que o modelo oferece. E não se pode esquecer dos contratos híbridos, que permitem que a escritora cuide da vida do e-book que foi lançando em versão impressa por uma editora convencional.

Essa categoria de escritoras hot, se posso chamar assim, a das que exploram outros caminhos no seu fazer literário, é composta em sua maioria por aquelas que já têm alguma estrada, que não são estreantes, que experimentaram alguns estilos e, finalmente ou próximo disso, encontraram o seu, que é o que as define e que as torna reconhecíveis para as leitoras. São aquelas que ganham frases como “esse livro só pode ser de Fulana”, “esse título é a cara de Beltrana, vai ver é dela mesmo”, “sabia que esse livro era de Sicrana”. Ser reconhecida, facilmente identificada, pode ser um objetivo delas.

Veja que aqui não falo de enredo, mas de estilo, da forma de escrever, do humor, do tipo de cena de sexo, da forma como a escritora conduz a história, dos tipos de elementos que costuma combinar para montar uma trama. Tanto Nana Pauvolih quanto Sue Hecker e Mila Wander têm estilos reconhecíveis. Os três romances que analiso são eróticos, têm cenas de sexo, um casal protagonista cis hétero. São iguais na essência, mas diferentes na execução.

Os espaços em que autoras como essas três estão sendo mais bem recebidas são as editoras de modelo tradicional de negócios e não os ambientes de autopublicação *on-line* cujas leitoras não buscam ou esperam tanta ousadia nos romances. São essas parcerias que acolhem os desafios a que esse outro grupo de escritoras se impõe. Essas editoras estão recebendo o que há de original em termos de enredos, tramas e assuntos abordados em romances eróticos. A demanda nesse momento seria por romances com erotismo pontual, “uma obra na qual erotismo e romantismo são bons vizinhos”, como está na quarta capa de *O safado do 105*.

Comentando o trabalho de copidesque e edição de texto pelo qual seus originais passam quando chegam às mãos de um editor, Nana disse que acha curioso que as interferências e sugestões aconteçam nas partes do texto onde está o desenvolvimento das tramas, não nas cenas eróticas. Essas, segundo ela, quase não são mexidas. Nesse sentido, penso que o romance erótico está se tornando uma embalagem interessante para atrair um público consumidor de livros que possa fazer girar o caixa do mercado tradicional, quase

como se o circuitão estivesse se apropriando do fenômeno do hot contemporâneo de autoria feminina.

Ainda assim, é possível encontrar os clichês na estrutura desses romances. Os livros têm muitos capítulos curtos, por exemplo. Credito essa característica a uma possível herança da publicação folhetinesca, fragmentada, em plataformas como o Wattpad. Mesmo que estejam lançando seus romances completos, as escritoras continuam dividindo seus textos nessa grande quantidade de capítulos. Pois foi essa receita que fez sucesso com as leitoras, é assim que elas estão acostumadas a ler eróticos. E as escritoras hot trabalham para as leitoras.

Outra característica marcante é a alternância de narradores em primeira pessoa. A maior parte de *O safado do 105* é narrada por Raissa, e, no último quarto do livro, Caio começa a narrar os fatos sob o seu ponto de vista. É neste momento que Mila Wander tem a chance de mostrar a vulnerabilidade de seu personagem por ele mesmo e as leitoras, de conseguir saber o que ele está sentindo. Aliás, desconfio de que essa alternância seja justamente para exibir os sentimentos dos personagens, ponto importante para as leitoras. Essa estratégia não seria usada para expor conflitos ou para problematizar uma situação.

Entendo também que inserir mais de um narrador sirva para dinamizar a narrativa e a leitura. As tramas se apoiam mais na sequência de eventos que no desenvolvimento dos personagens. Esses três romances analisados são quase como filmes de ação, daqueles que nos levam a ansiar por saber o que vai acontecer em seguida. E esse perfil ganha sentido quando lembramos que os romances eróticos têm um objetivo definido de contar a história de um casal, com início (quando e como se conhecem), meio (os conflitos e os percalços para viver esse amor que surge) e fim (a concretização do amor e o final feliz do casal depois de superar todas as barreiras). Portanto, esses acontecimentos precisam ser descritos, contados, vividos e sentidos pelos personagens principais, quantos forem, e pelas leitoras.

Há casos, no entanto, em que os narradores não são somente os personagens principais. Em *O lado bom de ser traída*, os personagens das tramas secundárias também aparecem como narradores em alguns trechos de capítulos. Esse artifício pode ser uma boa ideia quando se tem a intenção de aprofundar essas tramas, mas é preciso tomar cuidado para não confundir a leitora que não acompanha tão de perto a produção da autora.

Para aquelas que já são fãs a tarefa fica mais fácil, pois *O lado bom de ser traída*, por exemplo, é apenas o primeiro dos oito volumes da série Mosaico. Praticamente todos os personagens secundários do primeiro romance ganharam seus próprios livros na série. Caio surge com Bárbara na *prequel Prelúdio do cinismo* (HarperCollins, agosto de 2016), que conta a história dos dois antes da traição que resulta em *O lado bom de ser traída*

(HarperCollins, agosto de 2016), e também em *Epílogo* (Harlequin, agosto de 2017), que conta sua história com Natally. Pedro, melhor amigo de Marco, e Bia têm sua história completa contada em *Tutor* (HarperCollins, dezembro de 2016), que gerou o *spin-off* *Consequências* (HarperCollins, novembro de 2016) com os novos personagens Maria Luíza e Walter. Patrícia, melhor amiga de Bárbara, e Carlos reaparecem em *Sr G.* (Harlequin, agosto de 2017) e *Eu, ele e Sr. G.* (Harlequin, agosto de 2017). Acompanhamos as aventuras sexuais de Rafaela, a enfermeira da filha de Marco, e Jonas, advogado amigo de Marco, em *Pertinácia* (Harlequin, maio de 2018). Finalmente, Paula, ex-mulher de Marco, volta em *Caleidoscópio* (The Gift Box, dezembro de 2019). Vale observar que a Harlequin é um selo da HarperCollins para onde a obra de Sue Hecker está migrando e que alguns desses volumes da série são menores que os outros, variando entre 100 e 200 páginas, e estão disponíveis unicamente na versão em e-book.

Às vezes, personagens secundários não geram uma série, mas um *spin-off* somente, um desdobramento. Esse é o caso do irmão de Calvin/Caio, Carlos, de *O safado do 105*. Protagonizando seu próprio livro, Carlos se tornou *O canalha do 610*, lançado também pela Planeta, em 2018. A diferença aqui é que Mila Wander não transformou seu secundário em narrador, como Sue fez.

O discurso direto é muito usado pelas autoras, que ocupam páginas e páginas com longos diálogos. Nas cenas de sexo, uma linguagem provocativa faz parte do jogo de sedução e conquista. Para ser provocativa, a linguagem precisa necessariamente ser coloquial, quicá chula. E para ser coloquial, no que diz respeito à ficção comercial, precisa estar num diálogo. Contudo, as conversas entre os personagens nem sempre são interessantes, por vezes são frágeis e bobas. Aqui preciso abrir espaço para lembrar que uma significativa fatia do bolo da ficção comercial, tanto brasileira quanto estrangeira, está apoiada em uma linguagem bem próxima da de um roteiro para audiovisual. Penso que essa também possa ser uma inspiração para a escrita tão intensa no discurso direto. Especificamente nos romances aqui estudados, Sue Hecker é a campeã dos diálogos, dos bons aos ruins. Mila Wander não chegar a abusar, mas usa o travessão a intervalos curtos. E Nana Pauvolih é a mais equilibrada das três nesse quesito.

Em *Pecadora* e *O safado do 105*, os casais são os narradores, sendo que, no primeiro romance, Enrico começa a narrar seus capítulos desde cedo e, no segundo, Caio aparece como narrador apenas quando o livro está próximo do fim. Já *O lado bom de ser traída* tem inúmeros narradores que se revezam em contar trechos diferentes dentro do mesmo capítulo. São narradores os protagonistas, os antagonistas, membros de casais de tramas paralelas e até

personagens dos grupos envolvidos em solucionar o caso policial que incrementa o enredo. Devo admitir que é preciso fôlego, técnica e atenção para dar voz a tantos narradores diferentes. Um mínimo desenvolvimento de personagens tem que existir, mas isso não significa que se tornem obrigatoriamente personagens complexos porque precisam aparecer como narradores, pois sua função principal é contar ao leitor somente os fatos em que estão envolvidos.

Daí vem uma impressão de história fragmentada, de pedaços de história que vão se juntando para constituir um todo. Essa impressão não está relacionada unicamente ao fato de esses romances seguirem uma tradição – talvez eu já possa chamar assim – de publicação em capítulos nas plataformas digitais organizada com intervalos regulares de tempo. Os diálogos são por si só recortes, por exemplo, pois interferem no ritmo da leitura, mudando sua cadência. Considerando que os romances eróticos estão repletos deles, pode-se imaginar como esses textos são repartidos.

Além disso, a história fragmentada tem a ver ainda com a escrita fragmentada pelos comentários e críticas das leitoras, pelas oportunidades de testar seus textos que essas plataformas proporcionaram e ainda proporcionam às escritoras, mesmo que elas já tenham o roteiro do enredo pensado e até escrito. Destaco, no entanto, que essa fragmentação criativa não constitui uma experimentação estilística, por exemplo, porque as histórias acabam seguindo um fio condutor linear, mesmo que orientado por narradores diferentes e alternados.

Tanto a alternância de narradores quanto o que estou considerando como excesso de diálogos conferem velocidade à leitura e esse ritmo acelerado nos percorre enquanto sociedade contemporânea em muitos campos. O próprio lugar de onde ressurgiu o romance erótico é essencialmente o lugar da rapidez das coisas. A circulação de informação, de conteúdo, de ideias na internet é como rastilho de pólvora. Se quando havia apenas os buscadores e blogs e e-mails já era assim, com a adição das redes sociais a pólvora nem deixa rastilho, explode de vez.

Uma boa parcela de leitores dos dias de hoje já teve sua formação acrescida da experiência da leitura *on-line*, e aí não me refiro apenas à leitura de e-books, mas de textos de portais de notícias, de blogs. Textos mais curtos, uma coleção de pequenos textos para cobrir determinado assunto. Em se tratando de redes sociais que lidam com a palavra escrita, o Twitter representa o ápice da velocidade. Cento e quarenta caracteres precisam dizer tudo, e os internautas – usuários, leitores ou o nome que se queira dar – foram sendo condicionados a esse ritmo e a forma do conteúdo, do texto.

Sob outra perspectiva, posso me remeter às séries. No streaming principalmente, as temporadas são lançadas inteiras, com todos os capítulos disponíveis. Então, os espectadores podem assistir a todos os episódios de uma vez, conjugando o novo verbo “maratonar”. E, em muitos momentos da minha leitura, senti mesmo como se eu estivesse maratonando os livros, ávida pelas “cenas dos próximos capítulos”. Enquanto leitora, fui levada por essa cadência acelerada, ao passo que a pesquisadora precisou ficar se vigiando para não perder o tempo do olhar crítico. Esses termos em que a leitura de um romance erótico acontece influenciam diretamente na recepção dos textos, que, em sua forma, mudam o tempo da leitora. O tempo cronológico e o interno que essa leitora investe em cada livro. Posso supor, então, que essa seja a origem da aparente facilidade que o romance erótico tem de girar títulos, haja vista a enorme quantidade lançada por ano nos diversos formatos, incluindo, mais recentemente, o audiolivro.

Ainda sobre o fazer literário, considero fundamental falar sobre as leitoras betas. Ter um primeiro leitor de confiança para seus textos não chega a ser novidade para um escritor. Às vezes, é um grande amigo, alguém da família, ou pode ser o próprio editor. No mundo do romance erótico, esse primeiro leitor na verdade é um grupo composto basicamente por leitoras antigas que se tornaram amigas de confiança. E quando ouvimos as escritoras falarem sobre elas é sempre no plural. “Todas elas eu conheci como nanetes e hoje são amigas especiais demais na minha vida”, escreve Nana Pauvolih nos agradecimentos de *Pecadora*. Ela revelou que tem quatro atualmente, com quem mantém um grupo de WhatsApp. Todas são mulheres, mas apenas pelas circunstâncias, pois ela já comentou o desejo de ter um leitor beta homem. Mila Wander contou com dezenove delas na produção de *O safado do 105* e também agradece a todas no final do livro: “Às minhas ‘leitoras betas’ queridas. Não consigo medir o nível da minha gratidão e nem do carinho que sinto”.

A presença das betas não chega a transformar o romance erótico numa escrita coletiva a muitas mãos, mas talvez o transforme em uma escrita coletiva a muitos cérebros. Ou seja, as betas não escrevem os textos, mas pensam esses textos junto com as autoras. Sue Hecker descreve bem essa parte do processo nos agradecimentos de *O lado bom de ser traída*, na página 399: “A realização desse sonho vem, também, como resultado de horas de discussões e ideias que tivemos juntas. Muitas vezes, tais reuniões significaram puxões de orelha, muito conselho e choque de ideias, mas, ao final, também juntas, sempre obtivemos as melhores conclusões”. A opinião das betas é considerada a ponto de Nana dizer sem nenhum receio que

prefere as betas que criticam, que apontam as fraquezas dos capítulos que vão recebendo e fazem sugestões. Ela não gosta das leitoras que só elogiam. Nem mesmo no ambiente das redes sociais; ali ela diz que costuma ler atentamente as críticas que se pretendem construtivas.

As escritoras gostam de elogios, mas parecem gostar também de receber uma avaliação, digamos, isenta; algo como uma mentoria, talvez. Acho esse ponto interessante porque corrobora o que venho dizendo sobre as escritoras de eróticos serem empreendedoras; elas estão sempre buscando melhorar o seu negócio e não se constrangem em admitir o quanto sua escrita amadureceu ao longo dos anos de carreira graças às leitoras betas, às leitoras em geral e aos editores de texto com quem tiveram a oportunidade de trabalhar.

As leitoras betas devem mesmo ser pessoas de confiança. As escritoras precisam saber não só que a opinião delas é honesta e sincera como também que o teor das conversas sobre os textos ainda inéditos não será repassado adiante sob nenhuma hipótese. Isso porque a mesma leitora pode ser beta de duas ou mais autoras, como Patricia Silva, que é beta de Nana e Mila. E a mobilização em torno desse novo romance erótico é tão intensa que, ao contrário do que se possa imaginar, o trabalho de uma leitora beta é voluntário. Não se tem notícia de que elas recebam para ler os capítulos em primeira mão. O que é diferente do trabalho de um leitor crítico, que é um profissional que cobra por sua leitura especializada.

Em princípio, pode-se pensar que as leitoras betas indicam um amadorismo na rede do romance erótico. Eu já acho que não se trata de amadorismo, mas justamente da busca pelo profissionalismo porque as escritoras desejam melhorar seus textos cada vez mais quando decidem contar com as leituras das betas. Além disso, considero a presença delas como mais um indício da forma independente como o universo hot transita pelo mercado editorial. Mesmo que as escritoras disponham de um agente literário, por exemplo, como é o caso de Nana, ou que se apoiem no trabalho das editoras que já conquistaram, como acontece com Sue Hecker e a HarperCollins, elas ainda se preocupam em cuidar ao máximo do original antes de encaminhá-lo para seus agentes e editores, em entregar esse original o mais bem acabado possível. Elas levam para o mercado dito tradicional as práticas que adotaram na autopublicação: as revisões no original que elas mesmas administram e as leituras críticas de leitoras confiáveis.

No mercado, a leitura crítica é uma leitura especializada que deve destacar os pontos positivos e os negativos de um texto a fim de que o escritor possa melhorá-lo. As betas fazem exatamente isso para as escritoras de eróticos, a leitura delas é crítica. A questão aqui é o adjetivo especializada. Não, de maneira geral, essas leitoras não têm uma formação que dê

suporte a essa função. Elas não vêm obrigatoriamente das faculdades de Letras, dos Estudos de Literatura. O título de especialistas, se é que posso chamar assim, foi conquistado pelo volume de leituras acumuladas, pela dedicação a uma escritora preferida e sua obra, pela paixão por um gênero literário específico. E não é tão estranho falar em paixão nesse momento porque estou falando da motivação para exercer um trabalho voluntário que efetivamente dá trabalho. Para tanto, só estando motivada por algum tipo de prazer.

Prazer é uma palavra-chave no universo de textos que têm no sexo seu ponto focal. Sejam textos sensuais, eróticos ou pornográficos. Se é sabido que o sexo está nas culturas e sociedades das maneiras mais diversas possíveis e em muitas delas é considerado um tabu, pode-se pensar que o novo romance erótico contemporâneo teria um perfil transgressor, um viés vanguardista por ser de autoria feminina em sua esmagadora maioria. Ainda mais se levarmos em consideração o tal contexto social a que venho me referindo neste ensaio em que os movimentos feministas estão em positiva evidência. Mas isso não é o que pensa Eliane Roberts, por exemplo, quando diz que:

Na qualidade de produção literária inferior, a pornografia é normalmente aceita – ou, pelo menos, tolerada. Seu poder de transgressão é, nesse sentido, quase nulo. Na verdade, o texto erótico só consegue realmente escandalizar quando ele deixa de obedecer as leis do gênero menor, perturbando a zona de tolerância que cada cultura reserva às fabulações sobre o sexo (Op. cit., p. 267).

Aqui concordo com a ensaísta. O novo romance erótico de autoria feminina não é transgressor porque não é essa a intenção das escritoras. Se em algum momento Sue Hecker, Mila Wander ou Nana Pauvolih quiseram levantar bandeiras ou lutar contra alguma ordem vigente foi no sentido da sua profissão, não da sua obra. Foi fazendo cair barreiras para que pudessem ocupar os espaços no mercado editorial, foi dominando os meios de produção independente, foi criando e cultivando uma comunidade de leitoras-fãs em torno de si. Elas não querem incomodar com seus textos. Aliás, elas não querem incomodar com nada, querem apenas garantir seu espaço e alcançar seus objetivos profissionais como escritoras. O que condiz com uma das perspectivas possíveis do contemporâneo, que seria a de não necessariamente transgredir regras, mas a de criar espaços de expressão, comunidades de diálogo.

Se estou entendendo que as escritoras não pretendem causar revolução com seus romances, cai por terra a ideia de que o romance erótico contemporâneo de autoria feminina

seria um tipo de produção literária fruto do ativismo feminista. Acho, no entanto, que é possível, sim, identificar alguns traços de feminismos nos romances deste ensaio, principalmente no que diz respeito a corpo e sexualidade da mulher.

A primeira coisa que se nota nas cenas de sexo é o protagonismo do prazer da mulher. Numa cena em que a intenção é a conquista, as ações e os movimentos dos envolvidos estão focados na mulher primeiro. Em minha opinião, esse é um diferencial do novo romance erótico e está diretamente ligado à autoria feminina. São as preliminares mais longas, por exemplo, quando o protagonista percorre o corpo da parceira para “deixá-la pronta”, expressão que aparece nos textos com frequência, juntamente com as variantes. Ou quando a protagonista explora o corpo do parceiro porque sente prazer nisso, não porque está sendo obrigada.

Barbara e Marco são um casal bem resolvido quanto às suas preferências no sexo. A química entre os dois não vai aumentando, já começa em nível elevado, então, as cenas que Sue cria para eles são bem tórridas. O trecho que citei no início desse ensaio – a cena de sexo sobre uma moto em movimento – é uma boa amostra. Tempos depois, durante minha leitura do livro, descobri que as preliminares aconteceram mesmo com a moto em movimento, mas a penetração se deu com a moto estacionada num lado da estrada protegido por algumas árvores. Por extensão de sentido, no entanto, posso concluir que houve, sim, sexo em cima de uma moto em movimento. A cena, de fato, é excitante. Sue usa bem a proximidade dos corpos na moto, o diálogo cheio de provocações, a adrenalina da velocidade. Até a costura da calça de couro serve para masturbar Barbara.

Em alguns momentos das leituras, tive a impressão de que as autoras estavam empreendendo uma espécie de vingança em relação aos homens. É possível notar um tipo de erotização do corpo masculino interessante. De repente, aquele olhar que “devora” a pessoa, que analisa e avalia, e que é endereçado às mulheres, passa a ser dirigido aos homens das tramas. Sem pudor, sem reservas, sem negar que as personagens se excitam com a visão desse corpo. Além disso, a forma como as escritoras montam cenas com esse tipo de situação indicam que as protagonistas se excitam não só pela expectativa de satisfazer o parceiro, mas principalmente pela expectativa de ter os próprios desejos e fantasias satisfeitos. A mulher como ser sexual está desvendada ali.

Mesmo a reprimida Isabel pensa na própria satisfação quando questiona o tipo de sexo que pratica com o marido. Ela questiona o fato de seu prazer ser sumariamente ignorado por Isaque. Há uma angústia percorrendo-a durante todo o romance que fica mais latente nos trechos que descrevem como ela chega à conclusão de que precisa se separar, sair desse

casamento que é infeliz em todos os aspectos, principalmente no sexual. As cenas em que Isabel e Isaque transam têm, no começo, uma beleza triste que evolui para uma incômoda sensação de que ela está se violentando e sendo violentada por ele. Penso que, num certo sentido, esses trechos falam muito mais que aqueles felizes e satisfatórios em que Isabel está com Enrico.

Quando Raissa resolve transformar Caio, uma das estratégias que usa é a mais que batida greve de sexo. Mas, ao fazer isso, ela se vê obrigada a arcar com as consequências desse ato para ela, inclusive. A leitora entende que Raissa tem consciência de que está também privando a si do prazer. A ação da personagem não é só pelo outro. Ela decide que não quer ser mais uma peça na coleção de Caio, decide que quer que ele seja só seu, e para isso lança mão dos artifícios que vão atender aos desejos da leitora: o próprio corpo e o sexo. Se não fosse assim, *O safado do 105* talvez não fosse um romance erótico. Então, no jogo de sedução e conquista no hot vale usar clichês, o ponto que pode fazer o literário do erótico contemporâneo sair da curva talvez sejam as nuances que indicam uma saudável massificação da mudança de comportamento das mulheres em relação a si, a seus corpos, seu desejo e seus parceiros.

Pena que são apenas nuances. É um bom passo ler as protagonistas falando sobre si com segurança, como Raissa e Barbara, ou buscando essa segurança, como Isabel. O início tanto de Barbara como de Raissa parecia mais promissor. As duas inaugurando nova fase na vida, se fortalecendo, elevando a autoestima. Ótimo. Felizes com seus corpos, seu prazer, buscando se cuidar, se agradar. Então, elas encontram seus pares, e mesmo a mais “empoderada” Barbara começa a reproduzir comportamentos que em muitas esferas já não caberiam.

Como no jogo de sedução praticado por seus personagens, Mila e Sue parecem estar jogando com as leitoras. No entanto, na minha percepção, esse jogo está camuflando testes. Se, no fim das contas, a escrita é na intenção das leitoras, é preciso saber o que elas querem, do que gostam. Isso porque estou lendo três autoras que declaradamente procuram se desafiar a cada livro, inovar nos enredos. Inovar pode ser maravilhoso para elas, mas não tanto para as leitoras, o que desequilibraria a equação.

Nana costuma dizer que uma escritora erótica não pode ter vergonha nem pudor de nada. Eu completo: quando se trata das cenas de sexo. No quesito relacionamentos, no entanto, tudo muda. A mesma Nana já comentou a onda atual dos bebês nos colos dos pais ou nas barrigas das mães dizendo que as leitoras pedem finais com casamentos e filhos, por exemplo. Ao que parece, elas ficam chateadas e reclamam se os livros não terminam dessa

forma. Outra observação de Nana me deixou ainda mais confusa quanto às leitoras. Personagens femininas fortes demais, que enquadram ou maltratam os homens, por mais vilões que sejam, geralmente são rejeitadas por uma grande parcela de fãs. A tendência dessa maioria é defender esse homem vilão e demonizar a protagonista empoderada.

Submissão, dominação, sexo selvagem, violento, apaixonado, casual, anal, oral, com penetração, com pênis, com dedo, com consolo, antes do casamento, dentro ou fora do casamento, ajudados por um vibrador, *ménage à trois*: todas essas modalidades estão valendo. O que não vale é uma mulher fazer mal a um homem que já fez mal a ela. Então, a vagina está livre, mas coração e cérebro não estão. O que isso comunica às leitoras? Infelizmente, a meu ver, comunica uma liberdade que não se concretiza em seu todo. É possível ser livre no sexo, desde que esse sexo esteja encerrado em um modelo social seguro e aceito, para além de heteronormativo, patriarcal – o que considero mais grave. Os papéis de homens e mulheres nas relações continuam os mesmos. Por mais que as protagonistas sejam apresentadas como mulheres fortes, determinadas e insubmissas, elas ainda esperam ser conquistadas, ainda esperam que o romance se estabeleça a partir de um movimento do homem/parceiro.

Parece, então, que o que vale é caprichar na embalagem usada para entregar o erotismo às leitoras. Já mencionei a trama policial que se enrosca na trama conjugal em *O lado bom de ser traída*. Nesse livro, praticamente não há conflito entre o casal protagonista. Logo no primeiro quarto de páginas, os dois entendem que querem ficar juntos para sempre. Certo, mas a edição impressa tem 400 páginas. Se em 100 a história de amor está estabelecida, o que fazer nas outras 300? Preenchê-las com ganchos para mais cenas picantes e/ou românticas de Marco e Babby. É então que se desenrolam as tramas em torno dos dois. O problema de saúde da filha de Marco, que culmina no seu precoce falecimento e na redenção de Paula, mãe da menina, depois de uma feia disputa por dinheiro. E o caso de corrupção no escritório de contabilidade de Barbara, que passa pelo atentado à vida da heroína e termina em uma cinematográfica cena de perseguição policial e morte do criminoso. Além disso, a leitora ganha como bônus tramas paralelas com casais igualmente excitantes que Sue Hecker parece utilizar para testar outros perfis de relacionamento, como o de Thiago e Nicole, baseado em violência consentida, submissão, dominação e interesses escusos. Assim, a história do casal 20 se sustenta e ainda segura as leitoras até os agradecimentos.

Clarice Lispector pode não ser a autora de todas as frases que muitos memes lhe atribuem, mas certamente é a autora das frases que embalam o romance, as reflexões e os conflitos de Raissa e Caio. Os dois gostam de ler e de usar frases da literatura como apoio emocional. Aliás, esse é um detalhe interessante dos romances hot: as escritoras sempre dão

um jeito de falar de leitura e de literatura nos enredos, num exercício de metalinguagem que eu celebro. Voltando ao trio Raissa-Clarice-Caio, as frases retiradas das obras da autora funcionam também como linguagem entre os amantes. Como um idioma que apenas os dois dominam. Outros autores consagrados, como Caio Fernando de Abreu, contribuem para esse idioma, mas Clarice é a raiz etimológica das palavras. Os trechos são trocados em bilhetes, ditos em voz alta e acabam por preencher uma parede inteira do quarto de Raissa, que serve como metáfora para a sua trajetória. A cada frase adicionada, um passo é dado em direção ao amadurecimento e ao objetivo de concretizar o amor com Caio. Até que a parede fica repleta, sem espaços sobrando, e transborda de sentimentos na catarse da protagonista, quando ela apaga com tinta todos os textos, toda a antiga Raissa, para abrir espaço para novas frases e uma nova mulher.

Permitindo-se ser ousada e experimentar, Isabel começa a se comunicar com Enrico por mensagens de celular sem revelar quem é – o que, na verdade, ela também está tentando descobrir. Nessa troca de mensagens há paquera, provocações e filosofia. Os dois falam de feminismo, marxismo, citam Sartre e Schopenhauer, leituras que Enrico indica à misteriosa interlocutora. Um trecho na página 152 é especialmente interessante porque a autora apresenta ali um pedaço de discussão que é, de fato, da esfera dos movimentos feministas. A Pecadora está respondendo a uma mensagem de Enrico que a deixou irritada:

“As feministas querem reduzir a mulher a um macho mal-acabado.” Você deve saber quem disse essa frase. Nelson Rodrigues. Isso me fez lembrar da nossa conversa sobre sua amiga feminista. Será que é assim? Tenho me irritado muito com os homens. Até com você. Achou engraçado, no final das contas, ter o domínio sobre a historiadora, como se fosse uma vitória, não é? Quando tentamos fugir do machismo, somos comparadas a machos mal-acabados e a mulheres que gostam de apanhar durante o sexo.

Essa interação digital acontece enquanto Isabel trabalha na agência de Enrico. Então, ela é uma diante do Enrico na vida real e outra no mundo virtual, o que se torna um bom recurso para a autora trabalhar as contradições da protagonista e tentar imprimir mais camadas possíveis para a leitura. O mesmo acontece com Enrico, que assume posturas diferentes com a Isabel da agência e com a das mensagens. O tema que suscita as leituras e reflexões é o direito ao prazer. Para estabelecer o contato, Isabel edita o perfil de sua conta no WhatsApp e, na página 107, manda uma mensagem para Enrico como se estivesse escrevendo para uma amiga e tivesse errado o destinatário:

Seria muito pedir para ter prazer? Eu ardo, queimo, sou uma pecadora cansada dos bonzinhos, dos todos do mundo. Acho que vou ter que buscar muito até encontrar um pecador como eu. Não vou desistir, querida. Beijos. Amanhã tomamos café juntas.

Enrico acaba deduzindo e descobrindo a identidade da Pecadora, e, depois de um conflito, esses duplos de um e de outro se unem, e Isabel e Enrico passam a se relacionar como inteiros, e não mais como partes por meio de subterfúgios.

Penso que esses recursos sejam finalmente as performances literárias das escritoras, o resultado do trabalho de criação no plano individual, depois de recolhidas todas as interferências de leitoras-fãs, das betas, dos editores de texto, dos agentes literários. Se as cenas de sexo raramente são editadas pelos profissionais editoriais, se são aceitas por eles assim como o são pelas leitoras, o que sobra de desafio são justamente esses recursos não eróticos que funcionam como invólucro para o elemento erótico do texto, que já estaria estabelecido pelo próprio perfil romântico desse erótico contemporâneo, que estaria mais preocupado em naturalizar e festejar o sexo nas relações conjugais do que explorar o universo das perversões sexuais, por exemplo. Então, são esses extratos não eróticos do romance que vão gerar amor e ódio, rejeição, polêmica, aceitação e sucesso.

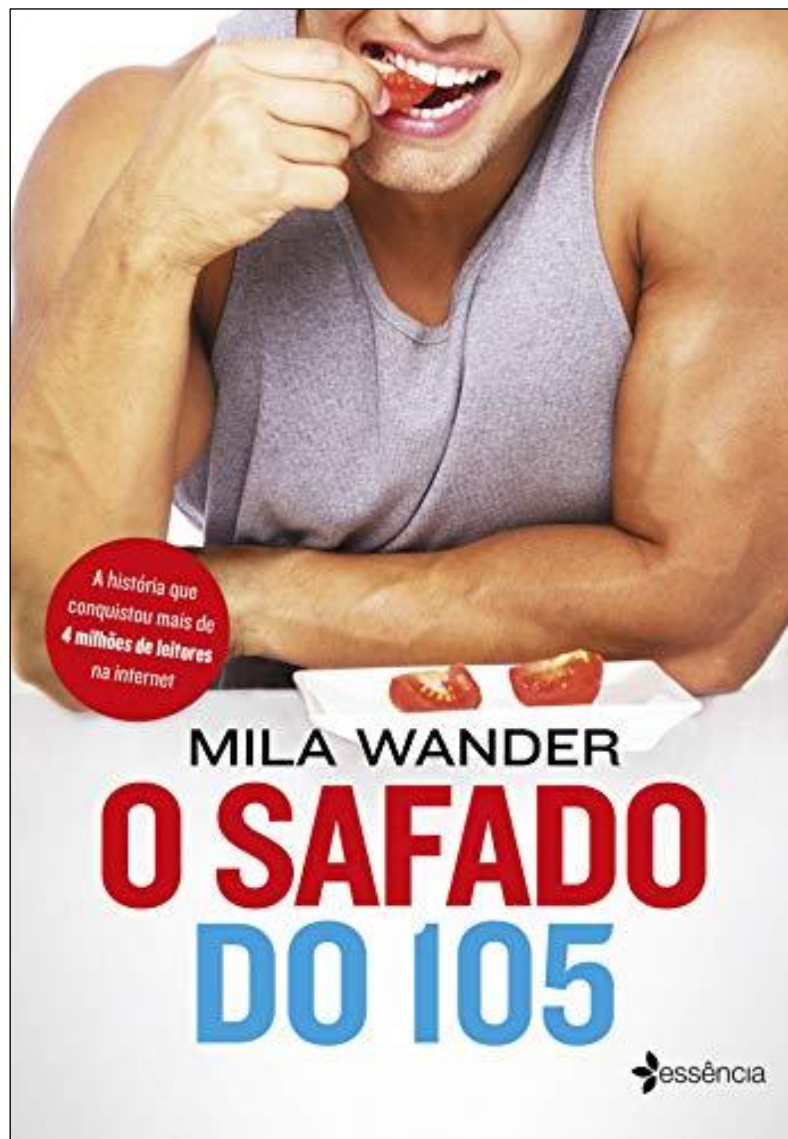
Uma fala de Nana Pauvolih para alunas num curso sobre edição de livros hot funciona quase como um mandamento e uma prova dos nove: “Pau é pau e buceta é buceta; não invente”. Nesse sentido, falando do ato em si, a invenção está em todo o entorno, como a construção do cenário, a ambientação, a situação, o nível de expectativa gerada na leitora. É curiosamente comum que as cenas de sexo demorem páginas e páginas para começar a aparecer. A primeira cena de sexo entre Raissa e Caio, de *O safado do 105*, acontece na página 64 e vai até a 73. O primeiro beijo – veja: beijo – entre Isabel e Enrico acontece apenas na página 183 de *Pecadora*. Pode parecer uma contradição querer naturalizar o sexo e criar tanta expectativa para o ato. Aí vamos cair na questão do ideal romântico ao qual os novos romances hot acabam atendendo também, em que o sexo é parte importante, mas não o protagonista do enredo.

Quando falei de marca anteriormente, conduzi a conversa pela postura das escritoras nas redes. Com os livros em mãos, no entanto, a questão pode ser expandida para o que contém o objeto. Como destaca Moriconi, “a discussão da obra hoje é uma triangulação entre o autor protagonista do espaço midiático (autor, ator: máscara), o texto de referência por ele escrito e

o público geral” (Op. cit., p. 49). Quando ele diz “autor, ator: máscara”, estendo o sentido para essa marca construída. O livro é erótico, então temos fotografias de escritoras nas orelhas que combinam com esse conteúdo, certo? Depende do que você considera combinar. Nas três capas não se vê nem rostos nem corpos por inteiro. Contudo, a luz das fotos denuncia algumas mudanças de conceito quanto à exibição de corpos femininos e masculinos na composição da mensagem que a marca de Mila, Nana e Sue quer comunicar.

A capa de *O safado do 105* é muito iluminada (Figura 1). O fundo é branco e o modelo está apoiado em uma superfície cinza claro como corpo projetado para a frente, mesma cor da camiseta que veste, numa sugestiva postura de morder um suculento pedaço de tomate. Há mais tomates de um vermelho quente e estão dispostos num prato de louça branca diante do modelo. O título, em letras capitulares e garrafais, está escrito em azul e vermelho. Embora um pouco coberto, o corpo de Caio, digamos assim, está em evidência na imagem. Os músculos bem torneados de veias saltadas quase brilham. É uma imagem bonita de se ver, admito; e faz sorrir, contém certo humor e lascívia. “Safado”, é uma palavra divertida, afinal. E mais divertido ainda é o fato de um romance heteronormativo usar em destaque uma palavra cuja origem, em uma das versões possíveis, é atribuída a Saphos, rainha da ilha homônima onde havia relacionamentos lésbicos.

Figura 1 – Primeira capa do livro *O safado do 105*, versão impressa. Design de Companhia sobre imagem de FXQuadro.

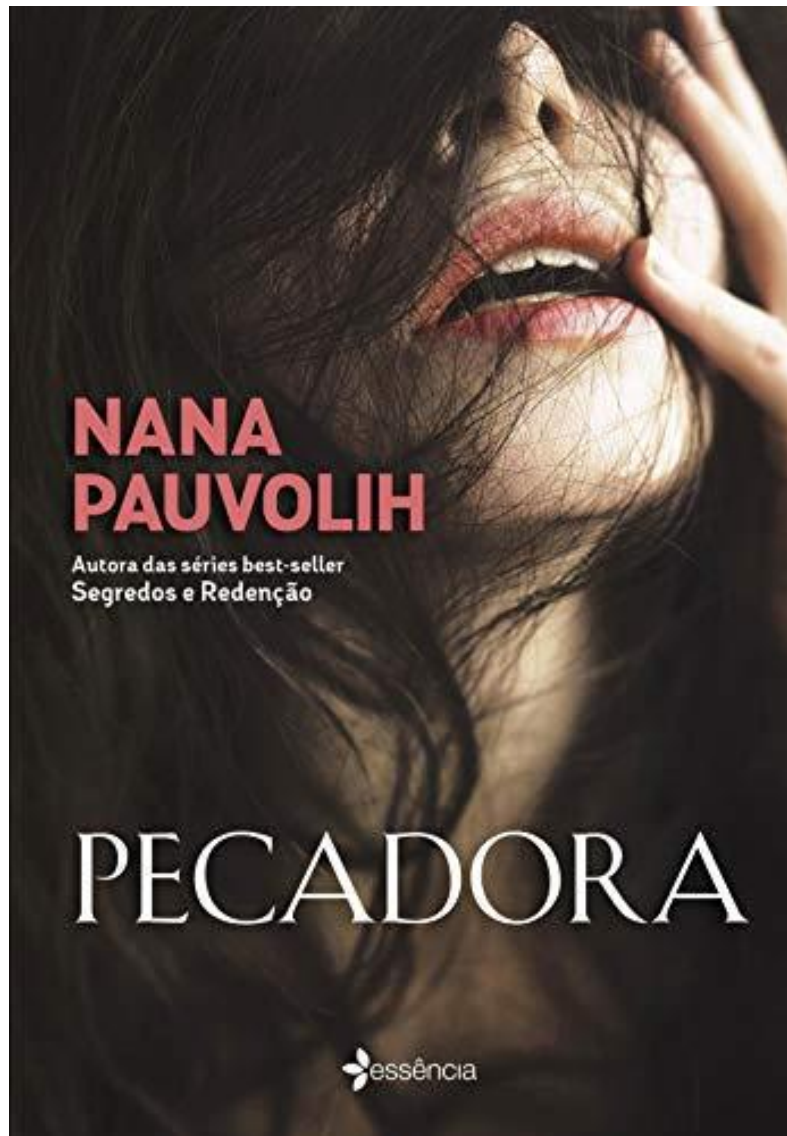


Fonte: A autora, 2021.

As capas de *Pecadora* e *O lado bom de ser traída* são completamente diferentes da primeira no quesito luz (Figuras 2 e 3, respectivamente). As duas são escuras, de fundo preto a de Isabel e de fundo preto e vinho a de Barbara. O rosto de Isabel está escondido num emaranhado de cabelos pretos e o pouco que aparece são parte do pescoço, queixo projetado para cima com uma boca rosada entreaberta, um nariz arrebitado e alguns dedos da mão que parecem querer organizar a confusão de fios de cabelo. O nome de Nana está destacado em um vermelho fosco e o título do livro está escrito em branco, com letras maiúsculas. A

palavra “pecadora” em branco-pureza: todo o conflito da protagonista está descrito na representação imagética desse título.

Figura 2 – Primeira capa do livro *Pecadora*, versão impressa. Design de Luiz Sanches Junior sobre imagem de Tatiana Mertsalova / Trevillon Images.



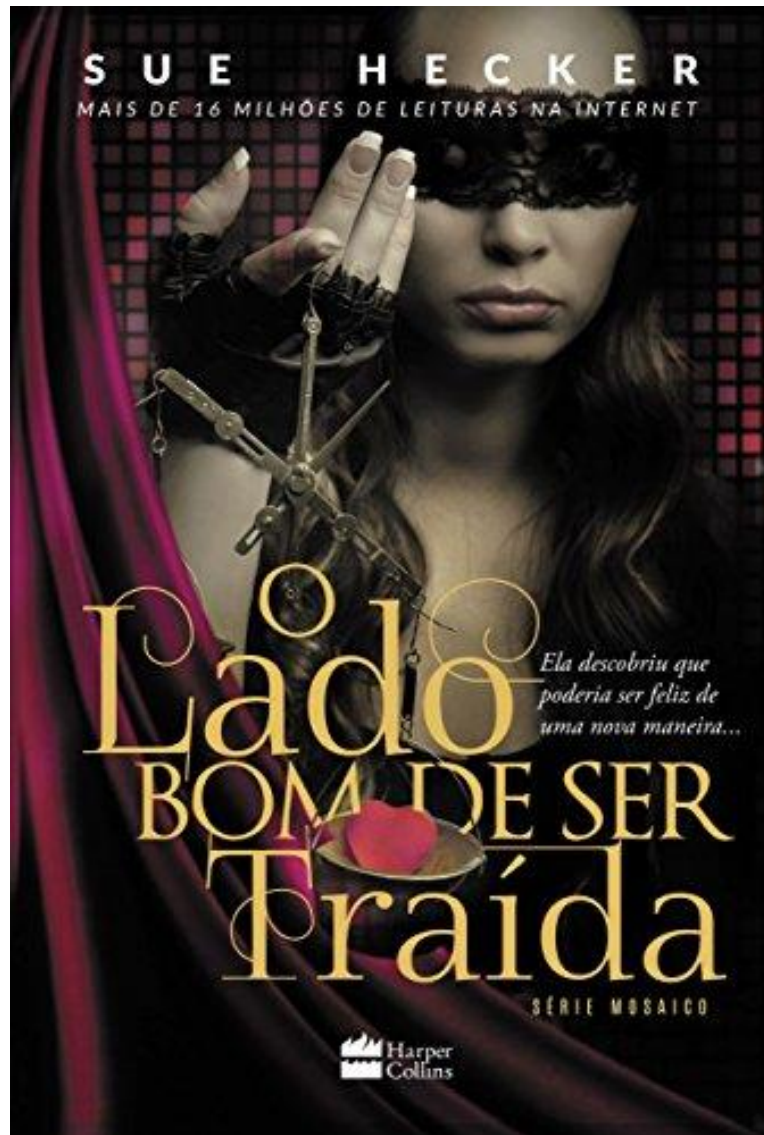
Fonte: A autora, 2021.

O que se pode ver do rosto de Barbara indica uma expressão intensa, de seriedade: a boca está fechada e não sorri, o queixo está levemente posicionado para baixo, o que deixaria seus olhos em evidência se eles não estivessem vendados por uma faixa de renda preta. Nada se percebe do cabelo e nota-se um colo descoberto. Em primeiro plano, aparece a mão enluvada de Barbara com dedos à mostra e unhas francesinhas longas sustentando a estrutura

de uma balança apenas com o dedo indicador. Essa balança pende totalmente para o lado em que está a forma de coração vermelho brilhante. O título, longo, está disposto numa tipologia de serifas decoradas, na cor laranja, em quatro linhas. Essa representação da Justiça dialoga diretamente com o “traída” do título, que não tem a ver só com traída no amor, mas na amizade e nos negócios também. Além dos elementos descritos, nas três capas há a marca da editora e algumas frases de efeito sobre o livro ou sobre a autora.

Em uma capa, o corpo masculino é exibido; nas outras duas, o corpo feminino é escondido. A expressão do corpo masculino é explícita; a do corpo feminino é apenas sugestiva. Lembrando que essas capas estampam as edições de grandes editoras de modelo tradicional de negócios que estão em busca de romances femininos com erotismo pontual, numa primeira olhada, pode-se pensar que essas capas camuflam um receio de sexualizar demais os romances com exibição excessiva do corpo da mulher, no caso de *O lado bom de ser traída* e *Pecadora*. Mostrar ou não o corpo do homem na capa de *O safado do 105* já não faria tanta diferença porque a exposição corpo masculino é socialmente mais bem aceita que a de corpos femininos.

Figura 3 – Primeira capa do livro *O lado bom de ser traída*, versão impressa. Design de Denis Lenzi.



Fonte: A autora, 2021.

Sim, pode até ter havido essa preocupação. Mas, se pensarmos que esses livros se destinam a um público composto essencialmente por mulheres, a análise pode mudar completamente. Parto da primeira pergunta que deve ser feita para começar a montar uma capa como essas: o que as leitoras querem ver? Em *O safado do 105*, elas querem ver o máximo possível do Deus em forma que homem que é chef de cozinha, sabe cuidar de uma casa e cultivar flores no jardim e ainda é excelente de cama. Então, todos os holofotes para ele.

Como em *Pecadora* e *O lado bom de ser traída* o foco está nas protagonistas, o que uma leitora mulher gostaria de ver numa protagonista mulher? Posso responder empoderamento. E o que empoderamento significa? Força, liberdade, independência, atenções desviadas do corpo hipersexualizado para a personalidade das personagens. Sendo assim, as leitoras não gostariam de ver mais corpos iguais aos seus como se estivessem em uma vitrine. Então, sem corpos à vista. Além de indumentária, o que numa imagem pode traduzir a personalidade de alguém é sua expressão facial. Portanto, precisamos de rostos. Isabel de boca entreaberta como se estivesse entregue à uma sensação de êxtase poderia ser o retrato da liberdade de sentir prazer sem culpa. Barbara de lábios unidos e queixo levemente abaixado indicam sua força de caráter.

Juntamente com a imagem de primeira capa, outra que contribui para entendermos o conjunto de um livro erótico é a fotografia da autora, na segunda orelha. Essa composição representa que tipo de marca a escritora quer criar e desenvolver. Na segunda parte deste ensaio, falei sobre a construção da imagem de escritora-ídolo precisar de uma desmistificação de perfil e de um posicionamento acessível às leitoras-fãs. A meu ver, esses dois aspectos estão presentes nas fotos das três.

As fotografias são produzidas, o que já era de se esperar, pois quem quer aparecer feia e mal-ajambrada na capa do próprio livro? Como são produzidas, Sue, Nana e Mila fazem pose, aparecem em uma leve torção de tronco (Figuras, 6, 5 e 4, respectivamente). Sue numa postura mais ereta; Nana e Mila, inclinando o pescoço um pouco para o lado. Nana sorri abertamente, enquanto Mila e Sue estampam um meio sorriso de lábios unidos. Os cabelos das três estão soltos e caem sobre seus ombros. Elas também estão maquiadas conforme seus estilos, mas sem exageros.

Figura 4 – A escritora Mila Wander. Foto de Joanna Lima.



Fonte: A autora, 2021.

Figura 5 – A escritora Nana Pauvolih. Foto de divulgação.



Fonte: A autora, 2021.

Figura 6 – A escritora Sue Hecker. Foto de Décio Figueiredo.



Fonte: A autora, 2021.

Nenhuma das três sensualiza, como se diz. O corpo de Sue está até bastante coberto por uma camisa de gola alta e um casaco. A pele à mostra é apenas a suficiente. A paleta de cores é básica e forte, com as três vestindo pelo menos uma peça de roupa preta e ostentando detalhes em vermelho, como o casaco de Sue e o batom de Mila. O fundo das fotos de Nana e Sue é neutro e Mila optou por mostrar um pouco de cidade. Não há nada de extraordinário nessas fotografias, nada de escandaloso, nada de estranho ou excessivo. São retratos bonitos, simpáticos e comuns, como o são essas mulheres, que, me parece, querem simplesmente existir dentro das margens das páginas dos romances eróticos, criando, escrevendo e lendo com suas leitoras-fãs-produto-amigas.

UM LUGAR BOM DE ESTAR

Em nome de nossas antepassadas, diretas ou não, nos tornamos feministas porque houve mulheres que foram duramente oprimidas, mas também porque no passado existiram lutadoras incomuns, pessoas que se tornaram exemplos, mulheres a quem devemos o nosso lugar.

Marcia Tiburi

Penso que é preciso falar do novo romance erótico porque ele é uma vitória. Porque é um ponto positivo. Porque é fruto de um espaço de conquista de mulheres para mulheres, essencialmente. Sou veemente porque chegar a esse texto que se pretende conclusão foi um desafio maior do que o que eu podia supor quando decidi pesquisar o contemporâneo. A minha motivação veio de algo a que eu estava assistindo acontecer, de algo que eu estava presenciando. Isso foi um diferencial e tanto para quem defendeu uma dissertação de mestrado pautada na obra de uma escritora da qual estava a décadas de distância. Distância foi uma coisa difícil de encontrar. Estava tudo perto demais: as escritoras, os romances, as movimentações do mercado. O texto não podia “descansar” um pouco que já ficava atrasado. O exercício de reflexão leva um tempo para assentar ideias, um tempo que eu não tinha porque era atropelada constantemente pelas novidades. Foi um aprendizado entender a hora de parar e deixar passar “as últimas” das quais certamente eu não teria dado conta.

Não posso não citar a pandemia de covid-19 que se instalou como fator determinante para a minha escrita. Primeiro, o mundo parou; depois, recomeçou a se movimentar em câmera lenta; o “em seguida” ainda está sendo vivido. O cenário brasileiro consegue ser mais complicado que o internacional e chegou um ponto em que parei também. Como pensar, pesquisar, seguir sua vida acadêmica produzindo enquanto as pessoas estão morrendo à sua volta e o governo federal não está buscando soluções para essa catástrofe? Tudo em que eu conseguia pensar era como o meu trabalho e o meu saber poderiam ajudar a melhorar as coisas. Havia um desejo de me sentir útil.

Então, os ataques à ciência e à pesquisa ficaram mais evidentes, e, a partir daí, retomei a escrita. Eu tinha uma responsabilidade com o concurso público que fiz, com a instituição que me recebeu, com os professores, com meus colegas de curso e com aqueles que estarão lá no futuro. Como doutoranda, eu era parte daquilo que estava sendo ameaçado e a única maneira de lutar contra essa nefasta investida era continuar fazendo o meu trabalho. Era

continuar tentando mostrar a todo custo a importância de haver universidades e saberes pensando a sociedade e pesquisando maneiras de contribuir para o seu desenvolvimento.

Outro ponto nada fácil foi trazer para a academia uma literatura “de segunda”, um tipo de romance que, em princípio, “não fede nem cheira”. Mas, para mim, o romance erótico contemporâneo tem um perfume que foi capaz de despertar meus sentidos como leitora, editora e também pesquisadora. Sendo assim, encarei a tarefa e fui em busca de textos, conceitos, pensadores, referências que me ajudassem a organizar uma reflexão que tivesse valor pelo menos como tese, já que os romances em si talvez não tivessem tanto a dizer no circuito das disciplinas.

E meu caminho se desenhou com mais perguntas que respostas, com mais portas abertas para explorar que fechadas para desviar. Afinal, é uma inquietação fazer parte do seu objeto de estudo. Sem dúvida, pensar as mulheres escrevendo, editando, lendo e protagonizando romances eróticos me afetou pessoalmente. Foi quase impossível me retirar do ensaio porque o tempo inteiro eu mesma estive me questionando.

Então, o que há de relevante a se observar depois de todas essas páginas? O que o novo romance erótico de autoria feminina diz sobre o contemporâneo? O que é possível aferir a partir dele?

Tenho algumas dessas respostas. As mulheres estão fortalecidas, apesar de tudo. A voz feminina na construção dos romances faz diferença. O mercado editorial brasileiro é mais diversificado do que se pode supor em uma leitura rápida. Existe um Brasil que lê de verdade. É preciso rever o conceito medidor de leitura, que não pode estar ligado somente a número de vendas de exemplares.

Mulheres em toda a sua heterogeneidade e complexidade estão ocupando os espaços de criação, produção e mediação de literatura de forma contundente e relevante. E são as responsáveis pelo ressurgimento de um gênero literário que esteve adormecido por pelo menos três décadas. Isso não é pouca coisa na medida em que entendemos que esse gênero, o romance erótico, é um motivo de aquecimento de uma parcela de um mercado que vem sofrendo com seguidas crises financeiras. O hot gira o segmento de livros impressos e o de livros digitais; cria autoras, empresas editoriais e profissionais da edição; e produz leitoras.

Além disso, o romance erótico existe como forma de expressão e comunicação entre mulheres. Percebo que no ambiente que se constitui ao redor desse romance há uma liberdade de ser, de agir, de estar justamente porque há esse encontro de interesses que une as mulheres que fazem parte dessa comunidade. O que elas têm a dizer talvez não interesse a quem esteja do lado de fora do grupo. Talvez elas não queiram mesmo dizer nada a quem está fora do

grupo. Elas teriam apenas o desejo de ser o que são, mas não pelo que supostamente deveriam ser. Não vejo problema aí porque agir assim é permitido quando se pensa no contemporâneo como uma colcha de retalhos em que as mais diversas estampas dialogam simplesmente porque estão dispostas no mesmo plano, não necessariamente por ter algo em comum. Portanto, as escritoras-leitoras não criam exatamente uma bolha em torno do romance hot. Embora pareça, essa rede de pessoas não está fechada em si mesma, pois a sua configuração no contexto contemporâneo afeta outros grupos. E por isso mesmo chamo de fenômeno o que acontece por causa do romance erótico.

Gosto do frescor que, a meu ver, o hot adiciona às discussões sobre mercado editorial, leitura e criação literária. Acredito que o mais importante foi o novo romance erótico ter colocado a leitora em primeiro plano. A leitora que começa a escrever a partir do que lê, a leitora que passa a editar os livros para dar mais visibilidade ao gênero de que tanto gosta, a leitora que se torna crítica literária, a leitora-fã que alimenta a rede de comunicação, a leitora-produto que é atendida em suas demandas de temas, enredos e tramas desenvolvidos nos textos.

O mercado editorial brasileiro estava mesmo precisando de um movimento que chacoalhasse suas estruturas antigas e já pouco criativas. Esse modo tradicional e familiar de fazer livros por aqui vem sendo revisto há um bom par de décadas, principalmente por causa do capital estrangeiro, que chegou com os grandes grupos editoriais internacionais, como Planeta, Santillana, Leya, Random House, HarperCollins, Thomas Nelson, para citar alguns. Também é interessante e bom de ver como o romance independente, autopublicado ou não, passou a ter o reconhecimento dos leitores fora do circuito *cult*. É ótimo que outros formatos além do impresso estejam conquistando seu público e se tornando opção de leitura. E o que considero mais divertido é assistir ao mercado tradicional se não se curvar, pelo menos sorrir para um gênero B enfeitado de preconceitos.

Eu gostava muito da ideia sobre o feijão e o sonho, do Orígenes Lessa. Publicar os livros que vendem para sustentar a edição dos livros que amamos; a ficção comercial pela alta literatura. Minha pesquisa me fez desgostar dessa imagem como estava inicialmente constituída para mim, pois o romance erótico, a ficção comercial, tem força para ser não só o feijão, mas o sonho também. Para parte das novas editoras pequenas e médias, é assim que a dinâmica tem funcionado. As contas estão sendo pagas por algo que se gosta de produzir, e, ousou dizer, com alegria.

O romance hot proporciona ainda um tipo de vida literária mais democrático que outros gêneros quando transfere boa parte de suas ações para o mundo virtual, antes mesmo

de isso se tornar obrigatório. Nas redes sociais, nos blogs e nas plataformas de autopublicação web afora, as escritoras de eróticos, enquanto autoras independentes, atingiram um nível de interação com as leitoras e com o mercado que passou a ser adaptado para a realidade de escritores de outros gêneros. Um autor independente vivendo no meio literário sem a chancela de uma grande editora deixou de ser visto com tanta desconfiança. Um autor avaliado apenas pelo leitor passou a bastar, de certo modo. Duvido que o livro impresso perca seu encanto e a marca de uma grande editora na capa perca totalmente seu charme, mas é bom – e necessário – que as alternativas a esses pilares sejam capazes de encantar e seduzir também.

Nem tudo, no entanto, são flores no mundo erótico. Não para esta pesquisadora, pelo menos. É inegável que o erotismo é o ponto de partida para preencher o espaço entre as margens de uma página de romance erótico, mas ali dentro cabe ainda todo um universo, que, como tal, é cheio de possibilidades e contradições.

Quando um produto cultural fala em sexo nesse hoje, em que as discussões sobre a dominação e a liberação do corpo da mulher estão evidenciadas por um contexto de lutas dos movimentos feministas, se você é feminista espera encontrar um discurso que lhe agrade. Na literatura não seria diferente. Aí, você se depara com um romance erótico escrito por uma mulher, que obrigatoriamente vai trazer sexo no enredo, juntamente com toda a gama de assuntos que esse elemento suscita. Então, você espera por afirmação feminina, revisão de estereótipos de gênero, protagonismo da mulher, destaque para o prazer feminino, respeito e liberdade para o corpo da mulher, rupturas com o patriarcado e o machismo estrutural. Se fizer o checklist, você vai perceber que apenas parte dos itens estão no romance erótico contemporâneo de autoria feminina, problematizados ou não, assim como a incômoda reprodução de discursos conservadores.

A liberação sexual das protagonistas é um tipo de liberação concedida porque está inserida em um contexto heteronormativo tradicional que não se pretende progressista, não. Para a sociedade, aquela relação estabelecida no romance segue normas evidentes e na mesma medida em que são antigas: o homem exercendo papel dominante sobre a mulher. Não sobre seu desejo sexual, sobre seu prazer, em última instância, sobre o que acontece entre quatro paredes. No hot contemporâneo brasileiro, o homem domina o papel social da mulher; não há descolamento, não há mobilidade. Esse foi o grande – e triste – paradoxo que encontrei ao final da minha pesquisa. Esse fenômeno potente, a meu ver e em referência às lutas femininas contemporâneas, esbarra no quase. Há uma lacuna, uma falta, que o desequilibra ligeiramente.

Digo ligeiramente porque é preciso entender que tanto os aspectos feministas quanto os conservadores não estão nos eróticos como pauta de militância. Por tudo que observei, essa

não é a intenção. E se não está em foco, a lacuna a que me refiro não é sentida pelo grupo envolvido no universo hot. No entanto, se o hot afeta seu entorno, mesmo não sentida pelo grupo a lacuna é importante. Há o perigo de reafirmar comportamentos masculinos que já são amplamente combatidos. Há a ocupação de um espaço que poderia ser ocupado por fenômenos literários mais progressistas. A chancela do sucesso pode fazer parecer que esse modelo é que é o melhor, ou o certo; podendo suscitar a respeito do quem vier depois, em sentido de contraposição ou não.

Trilhar todo esse caminho de pesquisa e chegar a essas conclusões me impactou profundamente. As lentas da observadora foram atiradas longe com o mergulho no assunto e a visão se alterou de um jeito incômodo. Daqui para onde, então?

No fim, entendi que intenção de escritoras de hot é estar num bom lugar do mercado editorial, um lugar de sucesso, com altos números de vendas de títulos (impressos, digitais e em áudio) e uma quantidade cada vez maior de leitoras; vivendo uma vida literária tranquila, digamos assim. A intenção das editoras de hot é fazer a empresa continuar girando. A intenção das leitoras de hot é se divertir, seja lendo os livros ou falando e escrevendo sobre eles nas redes sociais e participando da vida das suas autoras favoritas. Os objetivos das escritoras são comerciais e profissionais e a função do romance erótico seria desenhar o caminho para que esses objetivos sejam alcançados. Pautas socioculturais e políticas não estão em destaque nesse cenário. Se pensar que os feminismos são movimentos sociais, numa conclusão rápida, você vai achar que não há feminismo no fenômeno do romance erótico contemporâneo brasileiro escrito por mulheres.

É aqui que Chimamanda Adichie, autora do importante *Sejamos todos feministas*, vai me ajudar. Em sua participação no programa de televisão Roda Viva,⁷ Chimamanda defendeu mais uma vez que ser feminista não significa necessariamente ser ativista. Seguindo daí, se o feminismo é para todo mundo, como diz bell hooks, é também para as que não frequentam passeatas, mas tremulam bandeiras em suas ações cotidianas, no seu comportamento.

Tomar para si e afirmar o lugar da escrita e da autoria já é uma forma de luta, a meu ver. Eu não estaria discutindo níveis e tipos de feminismo nem problematizando o fenômeno dos novos romances hot se eles não estivessem sendo escritos por mulheres em primeiro lugar. Portanto, ocupar espaços de destaque em um mercado profissional, proporcionar o protagonismo de mulheres nos produtos desse mercado e cuidar da própria carreira – atividades que as escritoras de eróticos vêm desenvolvendo – podem ser consideradas formas

⁷ RODA VIVA, Chimamanda Ngozi Adichie, 14/06/2021. 2021. Vídeo (1:34:41). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pxe92zWOotE>. Acesso em: 20 jun. 2021.

de feminismo. Assim como naturalizar o sexo e o prazer feminino nas relações descritas nos textos e tratar o corpo das mulheres com respeito, falando sobre sexualidade feminina sem reservas.

Separar-se depois que o marido mandou que você escolhesse entre ele e seus livros e suportar o afastamento de uma irmã que ficou sem falar com você por dois anos por causa dos seus romances e ainda seguir em frente, como fez Nana Pauvolih, a meu ver, são atitudes feministas. Não seria feminismo inspirar outras mulheres a investir em seus sonhos, tomar as rédeas do próprio caminho? Não seria feminismo celebrar as mulheres que estão à sua volta, suas colegas de profissão, suas editoras e suas leitoras em uma rede cujo objetivo é fortalecer suas integrantes, como têm feito Nana, Mila Wander, Sue Hecker e tantas outras?

De fato, o fenômeno em torno do romance erótico brasileiro contemporâneo de autoria feminina não é fruto direto de uma militância feminista, mas será que haveria tantas mulheres seguindo essa trilha se não estivéssemos vivendo uma nova onda dos movimentos feministas? Como bem diz a sábia anciã Umbelina, personagem de Eliana Alves Cruz em *Água de barrela*, “Nem todo mundo guerreia gritando”.⁸

Nana, Sue e Mila são expoentes de um grupo que não se intimida pelos limites velados inicialmente impostos pelo mercado editorial ao novo romance erótico. E, antes disso, não se intimida por um mercado dominado majoritariamente por homens e que ainda está aprendendo a lidar com as mulheres que se impõem contra o apagamento e a invisibilização históricos da autoria feminina na literatura. São escritoras que não deixam que a comunidade formada pelo romance erótico contemporâneo assumam ares de gueto. E, se ainda é preciso organizar as literaturas em caixas, pelo menos elas estão fugindo das que possam lhes ter sido destinadas e criando as suas próprias, cujas paredes são erguidas com milhões de páginas lidas. Diante disso tudo, só posso concluir que é bom estar entre as quatro margens dessas páginas.

⁸ CRUZ, E. A. *Água de barrela*. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 191.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1996-97.
- BARTHES, R. A morte do autor. *In*: BARTHES, R. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENJAMIN, W. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história**. Obras escolhidas; vol. 1. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNARDO, A. Geração Wattpad: Autores que saltaram das redes sociais às grandes editoras. **UOL Entretê**, Livros e HQs, BBC News Rio, 16 jan. 2016. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/bbc/2016/01/16/geracao-wattpad-autores-que-saltaram-das-redes-sociais-as-grandes-editoras.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9.ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARNEIRO, F. **No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- CARNEIRO, F. **O leitor fingido**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- CHARTIER, R. **Um mundo sem livros e sem livrarias?** Org. G de Grammont. São Paulo: Letraviva, 2020.
- COLOMER, T. **A formação do leitor literário**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- DÉBORA. Resenha: *Sr. G* e entrevista com a autora Sue Hecker. **Cinderelas Literárias**, 28 jan. 2016. Disponível em: <https://cinderelasliterarias.wordpress.com/2016/01/28/resenha-do-livro-sr-g-de-sue-hecker/>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- DEL PRIORI, M. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.
- FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FERNANDES, S. Resenha *O lado bom de ser traída*. **Estante da Suh**, set. 2017. Disponível em: <http://www.estantedasuh.com.br/2017/09/resenha-o-lado-bom-de-ser-traida.html>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- FOUCAULT, M. O que é um autor?. *In*: MOTTA, B. M. (org.). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Trad. Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GABALDON, D. **Outlander: o resgate no mar**. Trad. Geni Hirata. São Paulo: Arqueiro, 2018.
- GEARINI, V. Cassandra Rios: a autora que teve 36 livros censurados durante a ditadura militar. **Revista Aventuras na História**, 3 abr. 2021. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-cassandra-rios.phtml>. Acesso em: 22 maio 2021.

GUEDES, P. V. Elementos parodísticos, grotescos e carnavalescos em *Nights at the circus*, de Angela Carter. In: JOBIM, J. L. (org.). **Literatura e identidades**. Rio de Janeiro: J. L. J. S. Fonseca: 1999.

GUERTLER, G. A treta da TAG: a lição que isso trouxe para o mercado do livro. **PublishNews**, 30 abr. 2018. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/04/20/a-treta-da-tag-a-licao-que-isso-trouxe-para-o-mercado-do-livro>. Acesso em: 30 abr. 2020.

HECKER, S. **O lado bom de ser traída**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL (org.). **Retratos da Leitura no Brasil**. 5. ed. 2020. Disponível em: https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf. Acesso em: 24 fev. 2021.

ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johanner Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999. v. 2.

JOUVE, V. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

KINDLE Direct Publishing. Disponível em: https://kdp.amazon.com/pt_BR. Acesso em: 20 jan. 2020.

LUDMER, J. Literaturas postautônomas. **CiberLetras**: revista de crítica literaria y de cultura, n. 17, 2007. ISSN-e 1523-1720. Disponível em: <https://www.lehman.edu/faculty/guinazu/ciberletras/v17/ludmer.htm>. Acesso em: 20 maio 2021.

MACHADO, U. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

MALTA, J. Muito além dos tons de cinza; autoras brasileiras aprovam força da literatura erótica. **Hoje em dia**, Almanaque, 19 fev. 2018. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/muito-al%C3%A9m-dos-tons-de-cinza-autoras-brasileiras-aprovam-for%C3%A7a-da-literatura-er%C3%B3tica-1.599580>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MANGUEL, A. **Notas para uma definição de leitor ideal**. Trad. Rubia Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

MEYER, M. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MILA WANDER. **Instagram**: milawander. Disponível em: <https://www.instagram.com/milawander/>.

MORAES, E. R. A prosa degenerada. In: HILST, H. **Pornô chic**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014. p. 264-268

MORICONI, I. **Literatura, meu fetiche**. Paloma Vidal e Ieda Magri (org.). Recife: Cepe, 2020.

NANA E NANETES. **Facebook**, Grupo de Nana Pauvolih. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/584209451774138>. Acesso em: 13 out. 2020.

NANA PAUVILIH | ESCRITORA. Instagram: nanapauvolih. Disponível em: <https://www.instagram.com/nanapauvolih/>.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

PALME, A. Cuide bem do seu fã. **PublishNews**, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2020/07/23/cuide-bem-do-seu-fa>. Acesso em: 30 jul. 2020.

PAUVOLIH, N. **Pecadora**. São Paulo: Planeta, 2017.

PEDROSA, C. *et al.* (org.) **Indicionário do contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

PENNAC, D. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RAYVEN, L. **Meu Romeu**. Trad. Santiago Nazarian. São Paulo: Globo Livros, 2015.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Col. Femininos Plurais. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SIBILIA, P. **O show do eu**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOARES, A. C. Conheça Sue Hecker, a blockbuster erótica do momento. **Veja São Paulo**, O Sexo e a Cidade, 25 fev. 2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/sexo-e-a-cidade/sue-hecker-blockbuster-erotica/>. Acesso em: 31 mar. 2018.

SODRÉ, M. **Best-seller: a literatura de mercado**. Série Princípios 14. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SUE HECKER. Instagram: autorasuehecker. Disponível em: <https://www.instagram.com/autorasuehecker/>.

SUSSEKIND, F. **Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. Acesso em: 3 mar. 2021

TAG Livros. (site.) Disponível em: <https://site.taglivros.com/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

UCHÔA, T. “Sexo ainda é delicioso e ao mesmo tempo tabu”, diz a autora Nana Pauvolih. **O Dia**, Virando a Página, 1 fev. 2021. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/diversao/virando-a-pagina/2021/02/6076322-sexo-ainda-e-delicioso-e-ao-mesmo-tempo-tabu-diz-a-autora-nana-pauvolih.html>. Acesso em: 2 fev. 2021.

WANDER, M. **O safado do 105**. São Paulo: Planeta, 2015.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa. Trad. poemas Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ANEXO A – A razão de tudo

Anexei nesta seção um extrato de cada romance estudado. São cerca de vinte páginas divididas em epílogo ou primeiro capítulo do texto e um trecho mais adiantado selecionado por mim. A ideia é oferecer à leitora deste ensaio uma amostra de estilo, linguagem, temática e abordagem do enredo das três autoras. Estão ordenados por ano de publicação. Assim, começo com *O safado do 105*, de Mila Wander e lançado em edição impressa em 2015 (p. 5-15 e 265-273), sigo com *O lado bom de ser traída*, de Sue Hecker e publicado em 2016 (p. 5-15 e 223-235), e encerro com *Pecadora*, lançamento de 2017 de Nana Pauvolih (p. 7-17 e 167-174). Boa leitura!

PÁGINAS DE O SAFADO DO 105, DE MILA WANDER (PLANETA, 2015)**Páginas 5 a 15***Prólogo*

Os anjos gritaram amem. Os pássaros entoaram um cântico no mesmo ritmo de *Aleluia*, *Aleluia*, e o meu sorriso evidente quase fez as minhas bochechas arderem de tão esticada que ficou a minha pele. Desci do carro bem devagar, de maneira a saborear o gostinho doce da mudança. Fechei os olhos e inspirei profundamente.

O vento era fresco e soprava com uma tranquilidade que invadia o meu peito. Havia muitas árvores na rua, nada de gás carbônico em demasia. Crianças brincavam de queimada mais adiante. Uma casinha estilo Barbie bem bonitinha estava diante de mim, parecida com a que eu implorei para que a minha mãe comprasse pra mim quando tinha sete anos (mas que ela não comprou). Estava tudo mais do que perfeito: o bairro, a rua, a casa, a vida, o mundo, tudo era perfeito. Piegas? Overdose de romantismo? Pode até ser, mas é que eu, Raissa Magalhães, estava curtindo o momento de, finalmente, me ver livre de toda aquela gente doida da minha família. Não tenho mágoa nenhuma nem nada contra, só que é complicado viver em um lugar onde não se sabe, exatamente, quando se está conversando ou discutindo.

Foram vinte e oito e anos. Vinte e oito anos de muitos “Raissa, vai lavar os pratos e depois passe um pano na casa!”; “onde pensa que vai a essa hora, Raissa?”; “Raissa, já disse que não gosto dessa sua amiga e esse seu namorado é irritante”; “Raissa, você não pode ir dormir tão tarde!”; “Raissa, sai desse computador!”; “Raissa, você só pode estar louca se pensa que vai comer chocolate no jantar!”; “Raissa, Raissa, Raissa, Raissa!”. Por muito tempo eu desejei não ter que ouvir meu nome, principalmente sendo gritado a todo momento e com uma demanda ou ordem logo após.

Eu finalmente ia morar sozinha. Sozinha! Vou repetir mais uma vez: sozinha! Outra vez: SOZINHA! E a expectativa era a de que muita coisa iria mudar. Teria as minhas próprias regras, planos, horários e responsabilidades. Lavaria todos os meus pratos, faria a minha própria comida e lavaria a minha roupa, mas, agora, não mais por obrigação ou obedecendo ao comando de alguém. Também teria que pagar todas as minhas contas. Mas o preço da paz

não pode ser quitado com um cartão de crédito. Tudo vale a pena quando é a liberdade e a privacidade que estão em jogo.

Só de pensar que teria um banheiro todo meu, a felicidade era tão grande que dava vontade de chorar. E sério! Não imagino ninguém que queira continuar morando com pais malucos, uma avó com amnésia, uma irmã solteira com uma filha pequena e um irmão no auge da adolescência, um cenário que só pode resultar em confusão. A, agora, minha antiga casa deveria ter um alerta do Ministério da Saúde junto à placa de boas-vindas avisando do perigo de entrar ali. Tenho certeza de que, depois de vinte e oito anos de doideira, o meu cérebro não funcionava como o das pessoas normais.

Eu depositava muita esperança nessa nova fase da minha vida, que estava começando com estilo. E, claro, com um emprego novo (e bom), casa nova (e linda), tranquilidade, calma... Seria quase como se eu tivesse me mudado para uma montanha habitada por monges, no Tibete. Já me sentia bem mais zen, enquanto percorria o pequeno jardim da frente do meu novo endereço.

Este é o começo da minha história, de uma Raissa radiante, que abria um largo sorriso só de sentir a brisa refrescar o rosto ou de ouvir a sinfonia de pássaros.

Aconteceu comigo, mas poderia ter acontecido com você. Imagine-se passando por um processo de mudança, revelador e de autoconhecimento. Imagine que nada no mundo poderia estar mais perfeito. Pois era o que eu estava vivenciando no momento em que me encaminhava para a minha nova morada.

Afinal, tudo havia saído do jeito que eu tinha idealizado. A casa estava à venda por um preço tão pequeno que nem acreditei. Ao visitá-la, realizei a compra na hora, sem ao menos pensar duas vezes. Tudo bem que era pequena e geminada – originalmente a casa era maior, só que, por causa de uma reforma, acabou dividida em duas. Como a planta era toda simétrica, e o antigo proprietário precisava de dinheiro, teve a grande ideia de dividi-la em duas. Assim, o meu sonho de “lar, doce lar” estava duplicado, apesar de a divisão entre os dois endereços ser bem clara: a casa de número 104, a minha, estava pintada num tom meio salmão e a de número 105 era toda azul. Uma barra de proteção branca dividia o espaço da frente em duas singelas varandas. Coisa de filme mesmo. Como disse, de sonho.

O muro, gradeado, era baixo, e, a porta de madeira, a frente, ficava sempre aberta. Até porque não adiantaria muito trancá-la, qualquer sujeito podia atravessá-la com um pulo. Isso me fez lembrar que não poderia esquecer a porta nem as janelas abertas. Ainda bem que o bairro era seguro. Até guarda noturno havia, daqueles que apitam durante a madrugada. Coisa de cidade do interior! Bucólico.

Sorri pela milésima vez, enquanto virava a chave – a minha chave – na fechadura – a minha fechadura.

– Vida nova, aqui vou eu! – murmurei e ri baixo, abrindo a porta no mesmo instante em que a porta vizinha foi aberta.

Ouvi risadas. Parecia um grupo de mulheres. Decidi esperar para saudar o meu vizinho. O corretor tinha me dito que era um homem que morava ao lado, sozinho, mas devia estar recebendo visitas, sei lá. Queria falar com o sujeito. Morar ao lado de um cara poderia ser bom, traria mais segurança e eu ficaria menos neurótica. As risadas continuaram enquanto três mulheres desciam a escada da varanda vizinha e seguiam até a portinha de madeira. Nem olharam para a minha cara. Sequer notaram a minha presença.

Já estava desistindo de dar um “alô” ao vizinho, quando um sujeito alto, moreno, com as costas largas e com um belo traseiro saiu de dentro da casa para acompanhar suas visitas ruidosas. Não sei o que mais me deixou assustada: se assistir ao cara beijando as três mulheres de uma só vez – e na boca! –, se ver o seu corpo estupendo ou o fato de ele vestir apenas uma cueca boxer cinza.

Meu queixo caiu. E caiu mais ainda, acho que a minha língua se apoiou no chão de madeira da minha varanda, quando o sujeito se virou de frente pra mim, depois que as garotas foram embora, mostrando uma protuberância protegida pela cueca. Foi só isso que consegui visualizar. Juro. Não consegui tirar os meus olhos daquele belo volume.

– Ei, você é a nova vizinha? – o homem gritou, aproximando-se. Eu ainda olhava para a cueca. – Ei! Como é mesmo o seu nome? – Parou bem na minha frente, e, eu, como que desperta de um transe, encarei o seu rosto.

Minha língua dançou a *Macarena* no chão da varanda. A baba escorria pelos cantos da minha boca, e achei que o dia estava quente demais para o meu gosto. Devia fazer tipo uns... quinhentos graus Celsius!

Ao notar meu estado de torpor, meu vizinho gato sorriu de um jeito malicioso, expondo dentes brancos maravilhosos. Seus olhos escuros e suas sobrancelhas grossas incitaram meu desejo mais profundo. Ele mexeu a mão na minha frente.

– Ei! Acorda!

– Caramba...

– Hã?

– Eh... quer dizer, meu nome é Raissa... – Consegui erguer uma mão para frente. Ele a apertou, utilizando mais força que o necessário para um cumprimento cordial. Como sua mão era quente! Minha língua continuou fazendo a dancinha ridícula da macarena.

O cara sorriu de um jeito ainda mais malicioso. Com sinceridade, não dá para descrever o que foi a visão daquele homem de cueca, rindo daquele jeito bem diante de mim. Era simplesmente um absurdo, quase uma afronta à comunidade feminina que suspira por um príncipe.

– Muito prazer, Raissa. Prazer até demais... Ah!

Ele soltou um gemido? Sério, produção?

– Pensei que uma velhota tivesse comprado o 104.

– Acho que eu sou a velhota – murmurei, ainda sem acreditar no que os meus olhos viam.

O cara gargalhou. Colocou até uma mão na barriga, que nada mais era que um poderoso tanquinho, composto de, talvez, uns cinco gomos, que me fez perceber que lavar roupa não seria algo tão ruim assim.

– De modo algum, Raissa! Você tá no ponto.

No ponto de que, Senhor?

– Desculpa, como é seu nome mesmo? – Fechei os olhos e balancei a cabeça em negativa, como que afastando meus pensamentos libidinosos. Tomei folego e os reabri. Precisava me concentrar. Não podia permitir que aquela energia que fazia os meus olhos serem atraídos para a cueca do meu vizinho fosse mais forte que eu.

– Você pode me chamar do que quiser... – falou com a voz nitidamente afetada e piscou um olho. Depois, passou a língua por seus lábios grossos. Achei que fosse desfalecer quando meus hormônios em ebulição transformaram aquela rápida ação de passar a língua pelos lábios, que deve ter demorado um segundo, em séculos.

– Ok, vou te chamar de Calvin.

– Calvin? – O cara fez uma careta divertida.

– Calvin Klein – disse, olhando para a sua cueca. Ele gargalhou alto. Era a marca estampada no cóis da maldita que abraçava sua cintura definida.

Sem conseguir reagir a mais nada, simplesmente virei de costas e entrei na minha nova casa sem sequer olhar para trás.

Como eu estava dizendo... Podia ter acontecido com você, mas foi comigo. E, dali em diante, descobri que morar sozinha podia significar tudo, menos tranquilidade. A minha mudança necessária não podia ser normal. Afinal, eu não sou normal. Juro que só queria paz. Queria tédio. Queria um domingo de pura morgação diante do Faustão, comendo pizza requentada e esperando pela segunda-feira como quem espera o ônibus passar.

Mas não podia esperar por algo diferente, não depois de ter me encontrado com o Sr. Calvin Klein, mais conhecido como “O Safado do 105”.

Casa nova, móveis novos, vida nova, vizinho, delícia, novo

Passei a manhã e a tarde inteira organizando os móveis recém-comprados e o que ainda estava em caixas. A minha cozinha, no entanto, ainda estava incompleta, bem como a sala de estar. O único cômodo totalmente decorado e arrumado era meu quarto, com minha maravilhosa cama de casal – só para mim! – e o meu guarda-roupa cor-de-rosa com seis portas – só para as minhas roupas! O meu banheiro também estava pronto. Espalhei sabonetes decorativos na pia e nos diversos compartimentos do móvel novo que comprei para colocar toalhas e alguns produtos de higiene. Ficou lindo! Todo branquinho. Uma cor impensável para a minha antiga casa, já que meu irmão adolescente era um moleque que não sabia usar nada sem sujar de um jeito irreparável. Nunca pensei que ficaria tão feliz em fazer cocô sem ninguém batendo na porta. A alegria me atingiu em cheio e eu me peguei rindo sozinha enquanto fazia o “número dois”.

Fiz uma limpeza geral ao som do Linkin Park. A casa não estava tão suja, mas ainda guardava um pouco do cheiro do antigo dono misturado a tinta. Queria que o meu lar tivesse o meu cheiro e, mesmo sabendo que levaria um tempo, aquela limpeza inicial seria muito necessária para que eu atingisse os meus objetivos. No fim da arrumação, achei que meu “cafofo fofo” já estava com cara de casa, afinal. Não poderia receber ninguém ainda, pois estava sem sofás ou qualquer lugar onde meus convidados pudessem se sentar, mas para o meu dia a dia corrido estava ótimo. O meu lar precisava, primeiramente, me acomodar, depois poderia acomodar os outros. Além do mais, era uma ótima desculpa para não ter que receber nenhum membro da minha família maluquina.

Organizei as minhas roupas no armário com carinho e dedicação. Arrumei meus lençóis e edredons novos, que espalharam seu cheirinho de limpo pelo quarto. Que delícia ter uma casa novinha! Fiquei tão empolgada com a arrumação da minha nova morada que me esqueci totalmente de comer. Quando me dei conta que a fome apertava meu estômago eram quase sete da noite. Não sabia onde poderia arranjar comida em um domingo à noite. Foi quando me lembrei do meu vizinho, o senhor Calvin Klein. Ele poderia me dizer se tinha alguma pizzeria ou outro *delivery* por perto. Só esperava não o ver novamente usando apenas

cueca. Não que eu tenha preconceito ou pense mal de quem faz orgias dentro de casa. Não me incomodo de forma alguma. Até porque não sou uma mulher careta, que fica horrorizada com a sexualidade alheia. Cada um faz o que quer com a própria vida e o próprio prazer. Considero-me uma pessoa de mente aberta.

Saí da *minha* casa e logo senti um frio absurdo. Não tinha noção que a brisa fresca da manhã se transformaria em um vento frio irritante. A minha antiga casa era naturalmente quente. Não sei se o inferno era ali ou se havia algum outro tipo de explicação, mas, às vezes, o tempo estava bom e a casa continuava abafada, cozinhando-nos como pedaços de carne num lento cozido. Sorri ao descer o degrau da minha varanda e subir o da varanda do vizinho. Não sabia o que esperar daquele novo encontro, mas estava um pouco mais preparada para eventuais surpresas. O cara era gostoso e voluptuoso. Além de um tanto cretino. Precisava me acostumar com o seu jeito safado de ser.

Ele era novo – talvez até mais do que eu –, precisava mesmo curtir a vida e dar em cima da vizinha recém-chegada. Carne nova. Se quisesse viver eternamente imerso em luxúria, o problema era dele e eu nada tinha a ver com essa decisão. Desde que me fornecesse um pouco de segurança e civilidade, estaria ótimo para mim. Também seria bom se não andasse de cueca enquanto eu estivesse com visitas, afinal, nossas casas eram realmente muito próximas. Pelo menos isso. Mas achei que estava me antecipando e esse pedido, “fingir não ser um galinha assumido na frente da minha família”, podia ser pauta para uma conversa futura. O primeiro dia precisava ser mais light, sem regras e “mi-mi-mis”. Não queria me tornar uma vizinha chata logo de cara – leis da convivência tranquila.

Soltei um suspiro fundo, como que me preparando para o que estava por vir – e eu estou falando do meu desejo de pular em cima do meu vizinho delícia, toda facinha. Sei que ele me faria sentir um desejo imenso de transar ali mesmo, na nossa varandinha bucólica. Afinal, não sou cega, surda e nem muda, e tenho hormônios que vão muito bem, obrigada. Sou extremamente heterossexual, adoro homens de todos os tipos, mas tenho uma queda por homens... grandes. E o safado do 105 era ENORME!

Não encontrei a campainha, por isso dei algumas batidas na porta. Esperei por alguns segundos, mas nada aconteceu. Bati novamente, desta vez com mais veemência. Nada. Eu sabia que tinha gente em casa, pois as luzes estavam acesas. Decidi verificar na janela ao lado da porta. Sei que é feio bisbilhotar o interior da casa alheia, mas eu realmente precisava de uma dica sobre como arranjar comida no bairro àquela hora da noite. Não me lembro de ter passado por uma padaria ou mercadinho pela manhã, mas posso ter me distraído de tão excitada com a mudança que estava.

Diferentemente da minha janela que ficava ao lado da porta – e dava para a sala de estar –, a do vizinho dava para a cozinha. Devo confessar que soltei um arquejo maluco de surpresa quando visualizei o meu querido Calvin.

– Tá de brincadeira... – murmurei baixinho logo após a minha quase engasgada.

O Senhor Calvin Klein estava trajando apenas um short preto por cima da cueca, que não soube dizer se era a mesma, mas a tarja da CK ainda estava por ali. Ver o seu corpo digno de galã hollywoodiano, exposto tão deliciosamente à vontade, não foi tudo. O cara estava com fones de ouvidos enormes, cantando algo com muita empolgação – não dava para ouvir sua voz dali, já que o vidro da sua janela estava fechado –, enquanto batia uma colher de pau dentro de uma vasilha. Para tudo! O sujeito estava cozinhando?

Só me restou pensar sobre o que iria fazer. Podia dar meia-volta e pegar o meu carro, seguir sem direção pelo bairro até achar algum lugar aberto. Ou podia dar umas batidinhas na janela, para chamar a sua atenção à minha presença – às vezes, faço coisas sem medir as consequências, quando vejo... Bum! Está feito. Devo ter pirado ou algo assim, pois as minhas mãos bateram na janela com força, e o meu vizinho boy magia se assustou no mesmo instante. Ainda pensei em sair correndo, mas era tarde demais. Calvin me acharia muito louca se eu simplesmente sumisse, do nada. Não podia dar uma de louca logo no primeiro dia. Ia ser um mico total!

Ele sorriu daquele seu jeito sacana, e com o qual já estava me acostumando, quando percebeu que era eu. Deixou a vasilha em cima de uma mesa que havia bem no meio da cozinha, tirou os fones de ouvido e veio até a janela, escancarando-a.

– Raissa, a nova vizinha do 104, o que e que manda? Quer açúcar?

O maldito teve a cara de pau de me olhar como se eu fosse um pedaço farto de bisteca suína ao molho barbecue, pronta para ser abocanhada. Senti fome só de pensar nisso, mas acho que devo ter corado tanto que, de repente, a visão do barbecue foi substituída por molho de tomate.

– Eh... Sabe o que é, Calvin... – Ele gargalhou diante do apelido que eu coloquei nele. Parei de falar e esperei que terminasse de rir da minha cara.

– Ai, desculpa, Raissa. Você é muito engraçada, além de gata. Pode falar.

Prendi os lábios e fiz uma careta. Não estava acostumada com tanta ousadia vinda de um homem. Ainda mais um homem desses! Ele me deixava desconcertada só com um olhar. Ficava parecendo uma menininha virgem diante dele. O maluco devia estar me achando uma caretona! Respirei fundo e tentei me controlar. Calvin agitou os cabelos castanhos entre os

dedos e se apoiou na parede ao lado da janela, deixando o músculo definido do braço esquerdo bem destacado. Continuou me hipnotizando com aquele jeito cafajeste, malicioso.

– Me esqueci de fazer compras e estou com fome... – fui curta e quase grossa. – Poderia me dizer onde tem algum mercado por aqui?

Ele não respondeu logo. Continuou me olhando como se eu não tivesse dito nada. Pensei em perguntar novamente, mas aí ele abriu a boca e soltou um suspiro que mais pareceu um gemido. Alguma parte sugestiva do meu corpo deu uma vibrada. O frio foi embora de repente, como se a lua tivesse virado sol.

– Você está com muita sorte, Raissa. Aliás, a sua maior sorte foi ter comprado a casa de número 104. Sou um ótimo vizinho, sabe? – continuou sorrindo “sacanamente”. – Sou muito prendado. Adoro cozinhar. Não há um dia que eu não prepare um prato novo. E, hoje, estou fazendo nhoque. Gosta?

Arregalei os olhos.

– Gos... Gosto.

Ele se aproximou da janela até deixar a cabeça do lado de fora. Precisei dar um passo para trás, pois a impressão que tive foi a de que o sem noção iria me beijar ali mesmo, como se eu tivesse acabado de dizer que gosto dele e não do maldito nhoque.

– Com molho de queijo – murmurou sem se abater. – Muito queijo derretido. Receita da minha mãe. Ela é italiana. Que Deus a tenha!

Fiquei meio sem graça.

– Sinto muito.

– Ah, eu nem a conheci. Morreu assim que me teve. Enfim, minha querida vizinha, gostaria de dividir o nhoque comigo?

Abri a boca, sem saber o que responder. Não podia aceitar, podia? Eu só queria saber onde era a padaria mais próxima. Não estava a fim de comer com um cara safado soltando indiretas, ou melhor, diretas. Apesar de ser mente aberta e de não me importar com as safadezas dos outros, gosto de manter o respeito e a sanidade, na medida do possível.

– Eu só... só queria saber se há uma padaria...

Calvin bufou, parecendo indignado.

– Amanhã eu te mostro, Raissa. Venha, vizinha, juro que não vai doer. – Dei alguns passos para trás, sentindo-me um pouco perdida. Ainda estávamos falando de um convite para jantar? – Espere aí, não fuja! Eu não mordo. Bom, posso morder se você quiser... – Piscou um olho. Fiz uma careta. – E sério, Raissa, fica aí. Vou abrir a porta.

Páginas 265 a 273*Nos limites da paciência e da esperança*

Acho que o Calvin não acreditou muito quando entrei no quintal do Sr. Klein, desfilando o meu biquíni branco e a minha canga da bandeira do Brasil. Estava prontíssima: tinha a pele protegida pelo protetor solar, uma garrafa térmica com caipirinha pronta e o ânimo renovado. Acordei realmente disposta naquela manhã.

O safado sorriu surpreso durante todo o meu trajeto até a mesa, que já exibia carnes temperadas, prontas para ir à churrasqueira, e verduras recém-cortadas. Peguei dois copos e os enchi de caipirinha, como ele fez na noite anterior com o chá. Brindamos e só então reparei que o Calvin trajava um avental branco de cozinheiro por cima da velha sunga vermelha. Sinceramente, vê-lo daquele jeito me fez classificá-lo como o homem mais sexy do ano.

– Pensei que não viria... – falou depois de alguns goles enormes e de passar as costas das mãos pelos lábios sorridentes.

– Por que eu não viria? – Fui desamarrando o nó da minha canga sob seu olhar curioso. Fingi que estava pouco me lixando.

– Sei lá, você está triste. Sei que se esforça para estar aqui...

Coloquei a canga em cima do banco (sentindo-me ótima por ter conseguido sua total atenção para o meu corpo) e parei para lhe oferecer um sorriso amigável.

– “Um amigo me chamou para cuidar da dor dele, guardei a minha no bolso. E fui...” – citei com ar divertido.

– Você é impressionante, vizinha.

– Obrigada, você também é. – Pisquei um olho só para provocar. Calvin prendeu os lábios, novamente analisando a minha pele exposta. – Por falar nisso, qual é o cardápio de hoje?

Não estava conseguindo conter minha fome animal. Ouvi seu riso animado – era o que sempre soltava quando falávamos sobre comida, cozinha e afins.

– Fiz aquela farofa que você gostou!

– Oba! – Ergui os braços. Procurei a bendita farofa pela mesa e a encontrei dentro de uma vasilha. – E os tomates?

– Aqui! – Calvin me ofereceu uma pequena travessa de vidro. Peguei um tomate com a mão mesmo e o levei até a boca. Como previsto, estava bem temperado e derretia na boca, explodindo seus sabores de um jeito viciante. Sério, até os tomates do vizinho eram divinos. Estavam sempre bem madurinhos e vermelhinhos.

– Delícia!

– Isso é porque ficou faltando um tempero especial neles. – Ergueu uma sobrancelha.

– Mesmo? Qual?

– A minha saliva.

Fiz cara de bocó enquanto ouvia seu risinho safado perturbar o meu juízo. Joguei-lhe um pano de prato no rosto e Calvin gargalhou alto.

– Ainda bem que você não cuspiu nos tomates. Eca!

– Oh, não, não... A minha saliva precisa se unir ao tomate enquanto ele estiver na sua boca. – Gesticulou como um profissional dando aula de gastronomia. – É assim, e somente assim, que funciona.

– Sei. Tá certo!

Tentei parecer tranquila e divertida, mas a verdade era que o meu coração estava quase saindo pela boca. Não era fácil resistir àquele homem. Às vezes – quase sempre – o que eu queria era jogar tudo para o alto e pular em seus braços.

Calvin sentiu que a graça foi embora depois que parei de rir da situação. Peguei outro tomate e o devorei, e ele bebeu mais da caipirinha, porém mantendo olhos felinos apontados na minha direção.

– Sua caipirinha é inesquecível, vizinha. Sou viciado nela.

Seus olhos me deram a certeza de que o cafajeste não estava falando da caipirinha coisa nenhuma.

– Sou viciada na sua carne, na farofa, nos tomates e em tudo o que você fa... cozinha. Mas vamos ao que interessa: você está bem?

Calvin balançou a cabeça positivamente.

– Eu estava pensando naquilo que me disse.

– Sobre o quê?

– Sobre os sábados com a sua família. Sabe, eu... posso trocar o sábado pelo domingo e ganhar uma folga. Pode ser no sábado que vem, sei lá...

Encarei-o, estupefata. Não dava para acreditar. Calvin queria usar a sua única folga na semana para ficar comigo e com a minha família doida? Ele só podia estar zoando com a minha cara.

– É sério?

O coitado coçou a cabeça de um jeito meio desconcertado. Nem parecia a mesma pessoa de um minuto atrás. Aquele cara tímido na minha frente era o garoto órfão e sensível, que sente falta dos pais e de ter uma família comum.

– Se você não se importar...

– E o churrasco do domingo, Calvin? Vai quebrar a tradição?

Ele deu de ombros. Desviou o rosto para refletir um pouco. Ficou admirando o além por alguns instantes.

– Quem se importa? É tolice.

– Não é tolice coisa nenhuma. Você sabe que não é.

– De que adianta, Raissa? Nada vai mudar o que aconteceu. – Calvin depositou o copo na mesa com força exagerada. Dei um pulinho de susto, mas me recompus. Ele começou a afiar uma faca gigantesca, chocando-a contra uma pedra.

Levantei-me do banco e me aproximei com cautela. Calvin largou a faca e pegou a tampa de uma vasilha para atizar o fogo da churrasqueira. Parei perto o suficiente para fazê-lo desistir de tentar se esquivar do assunto.

– É importante. Sei que é. Estou aqui por causa da importância dessa tradição. Não quero que passe por isso sozinho.

– Estive sozinho durante tanto tempo, por que acha que vai doer menos agora?

– Não está doendo menos? Nem um pouquinho? – A minha pergunta foi feita com mais dramaticidade do que pretendia. – Porque se não estiver, então estou sendo inútil. Ou melhor, estou sendo um estorvo, já que só faço comer.

Calvin não me olhou. Não sei o que se passava na sua cabecinha oca e teimosa.

– Raissa... Claro que você não está sendo um estorvo. Esqueça isso, eu gosto de tê-la aqui. – Desfez o nó do avental e o retirou, exibindo toda a sua protuberância corporal. – É só que... Sempre penso no que você me fala. Não sei o que há com a sua boca, mas levo em consideração cada sílaba que sai dela. – Finalmente me encarou, e o mundo virou de cabeça para baixo no mesmo instante. Ou foi meu cérebro que deu cambalhota? – Eu não sei o que é ter uma família há anos. Às vezes, acho que nunca soube. Meu pai era muito bom para mim, sempre tive tudo o que quis... Mas ele nunca foi muito presente. Exceto aos domingos, como já te disse.

Diante dessa confissão, além do cérebro fora de órbita, aquele velho nó foi plantado na minha garganta. Precisei juntar toda a minha coragem para não cair no choro e fazer drama mexicano.

– Vou avisar aos meus pais que você estará lá no sábado.

Calvin sorriu um pouco, e percebi seus olhos brilhantes, meio marejados.

– Será que vão se importar?

– Claro que não. Eles são loucos, mas amam receber visitas. Só espero que não se importe com a vergonha que certamente irão nos fazer passar.

– Você se importa?

– Nem um pouquinho.

Creio que encerramos o assunto por ali mesmo, pois o Calvin pegou um garfo tamanho família e começou a preencher a grelha com fatias fartas de carne. Voltei a me sentar à mesa, porém me mantive mais perto dele.

Além da carne esplêndida, Calvin ainda preparou pão de alho e assou cebola e batata na brasa. Tudo estava esplêndido; comi como uma condenada, e não desacelerei na comilança nem quando fui tomar sol. Tudo porque Calvin me servia igual a uma rainha enquanto eu estava deitada na canga. Em uma das vezes que se aproximou, empunhando uma bandeja cheia de pedacinhos de picanha recém-retirados da churrasqueira, acocorou-se diante de mim e falou:

– Que fique claro, Raissa, sua presença faz doer menos. Você é tudo, menos inútil na minha vida.

Confesso que fiquei me achando. Eu tinha certeza absoluta de que éramos o melhor um para o outro, suas recentes palavras eram mais uma prova disso.

Durante o churrasco, conversamos pouco, ouvimos várias músicas e, depois de um tempo, resolvi ajudá-lo com as plantas do quintal, molhando-as com o seu famoso regador. Reguei cada vaso com paciência, descobrindo o porquê de ele gostar tanto de fazer aquilo. Era relaxante.

– Raissa, saia do sol. Sua pele está ficando muito queimada – falou baixo.

– Estou usando protetor, não se preocupe. E você? – Observei-o. A pele morena estava do mesmo jeito de sempre. Acho que ele se acostumou à exposição ao sol.

– Também. Relaxa.

– Se eu relaxar mais do que isso, vou ter um orgasmo – murmurei sem querer, e ele se levantou só para me olhar de perto. Sorriu com malícia, obviamente. – É bom fazer isso. Gostei!

– Que bom, vizinha. Agora temos uma atividade em comum. E nem é sexo!

Gargalhamos juntos, mas eu tinha ficado meio sem graça.

– Fazemos muitas coisas em comum! Este churrasco, por exemplo. – Apontei para a churrasqueira do outro lado do jardim.

-Sim, mas estamos fazendo a mesma coisa agora. Concentrados unicamente nas plantas.

– Eu me concentro na sua comida... Mas é comendo e não cozinhando! – Rialto da minha própria gula. Calvin ficou me olhando de um jeito esquisito.

A sua aproximação sempre fazia os meus batimentos cardíacos acelerarem, era incrível. O meu corpo reagia diferente à sua presença; eu me sentia viva, pronta para encarar qualquer obstáculo. O fato de ele me fazer tão bem ainda me espantava. Será que um dia me acostumaria com tanta sedução?

Sobrevivi a um domingo sem sequer encostar no Calvin. Fiquei meio irritada por ele não ter tentado nada, perguntando-me sem parar se tinha feito algo errado. Temia ser colocada na friend zone e nunca mais ser tirada de lá. Seria lamentável. Precisava investir mais pesado, atizar, provocar até tirá-lo do sério e recuar na hora certa.

A minha primeira chance veio logo à noite, quando, depois de passar o fim da tarde lavando algumas roupas, finalmente fui tomar um banho. Assim que desliguei o chuveiro e me enxuguei com a toalha, percebi o quanto a minha pele estava queimada pelo sol. Choraminguei por causa da ardência, praguejando por não ter ouvido o Calvin quando ele me alertou da exposição. *Porcaria!*

Vesti a parte de baixo de um *baby doll*, cobri meus seios com a toalha e liguei o ventilador do meu quarto. Com os olhos lacrimejando, fiquei de costas para o vento, sentada na cama.

– Calvin! – gritei. Não ouvi nada, mas sabia que ele não tinha saído. Avisou que tiraria um cochilo, pois estava cansado por causa da semana exaustiva. – Calvin!

Ouvi um arquejo exasperado.

– O que foi, Raissa? O que está acontecendo?

– Desculpa! Não é nada demais, é só que... minhas costas estão pegando fogo! Não consigo nem me mexer direito!

– Putz, eu te avisei pra sair do sol! – resmungou, evidentemente chateado, fazendo com que eu me sentisse ainda mais estúpida. – Fique onde está.

Obedeci. Calvin apareceu três minutos depois. Abriu a minha porta sem bater e se sentou bem atrás de mim em silêncio. Não tive coragem sequer de me virar para olhá-lo, pois sua presença já me deixava no limite da minha agonia interna. Ouvi o ruído do creme saindo do tubo e continuei calada, só preocupada em segurar a toalha sobre os seios. Um segundo

depois, mãos leves como plumas começaram a me tocar, espalhando algo refrescante na minha pele. Resmunguei um pouquinho.

– Merda, Raissa... Tenho boas e más notícias – ouvi seu murmúrio. Fechei os olhos com força. – Qual delas quer primeiro?

– Ai... A ruim. Depois me consolo com a boa.

– A ruim é que você virou um sorvete napolitano. Tem as cores vermelha, preta e branca aqui nas suas costas.

Comecei a rir bastante e ele me acompanhou. Soltei mais um resmungo por causa de um movimento brusco que ele fez. Senti mais creme sendo despejado logo em seguida, e a minha pele recebendo um alívio instantâneo muito bem-vindo.

– E a boa?

– A boa é que você pegou um bronze incrível. – Ai, Senhor. Eu conhecia aquele timbre. Nem precisava encará-lo, sabia que estava todo desejoso. Mas era isso o que eu queria, certo? – O desenho do seu biquíni está... perfeito.

Arfei involuntariamente. Senti um calor extremo na minha nuca e só então me dei conta da sua aproximação. Ele estava com o rosto bem ali, inalando o meu cheiro. As mãos desceram lentamente pelos meus braços.

– Calvin...

Não teve jeito. O safado não me ouviu, devia ter entrado em estado de transe. Senti suas mãos alisarem os meus braços e seguirem para as minhas mãos. Foi tudo muito rápido, e, ao mesmo tempo, em câmera lenta. Ele segurou as minhas mãos e as afastou devagar, com muita cautela, até fazer a toalha cair. Expus-me. Soltei um arquejo de desejo e desespero, afinal, não era a minha pretensão ir tão longe. Só queria aticá-lo, mas o que ele fazia, era *me* aticar, deixando-me absolutamente propícia a uma recaída.

Não demorou muito para ele encontrar os meus seios. Massageou-os com desenvoltura, sempre com movimentos longos e vagarosos. Soltou inúmeros gemidinhos ao pé do meu ouvido. Brincou com o bico dos meus peitos, e a minha calcinha vibrou de tanta excitação.

– Calvin...

– Raissa... Cala a boca... Não se negue.

As mesmas mãos ternas foram descendo pela minha barriga até parar em um ponto abaixo do meu umbigo. Apenas uma das mãos desceu mais, invadindo-me por dentro do short.

– Calvin... Não. Não faça isso. – Agora converta esta frase para a afirmativa e irá ouvir o que eu realmente queria dizer.

– Shh... Só quero senti-la de novo. Juro... Não farei nada. – Um dedo afoito me tocou perfeitamente, acendendo toda e qualquer chama que eu tentava a todo custo manter controlada. Virei incêndio de um segundo para o outro. – Gostosa... Que saudade... – Seu hálito se chocou contra os meus ombros doloridos. Senti uma dorzinha aguda prazerosa, que, combinada ao que acontecia lá embaixo, era gasolina pura.

– Se você continuar, é porque mudou de ideia, Calvin... – Meu último resquício de juízo me fez falar. Sabia que ele recuaria. E, se não recuasse, melhor ainda para mim; tudo estaria resolvido.

O canalha se afastou tão devagar quanto havia se aproximado. Gemeu de frustração.

– Pegue este creme. – Ofereceu-me o tubo de uma loção. Só consegui ver sua mão e o objeto, nada mais. Até porque nossa posição não permitia. – É seu. Use-o todos os dias, pela manhã e à noite. Vai evitar que descasque.

– Muito obrigada, vizinho.

Senti seus lábios me beijando o pescoço. Curvei-me um pouco para o lado, abrindo passagem involuntariamente.

– “Por enquanto eu te prendo, e tua vida desconhecida e quente está sendo a minha única íntima organização” – sussurrou com a voz rouca de excitação. – Quero ler esta frase na sua parede amanhã.

Passei tanto tempo olhando para a parede – depois de, claro, ter acrescentado a maldita frase que ele sussurrou -, sentindo a pele queimada resfriando de alívio, que dormi em algum momento, meio desajeitada. Quero dizer, tombei para o lado e fiquei em uma posição que livrou as minhas costas do contato com o lençol.

Só me lembro que acordei quebrada. Quase morri para colocar um sutiã, mas não podia trabalhar com os seios desprotegidos. Passei a semana inteira evitando dormir de costas. Era um saco ter que ficar de bruços o tempo todo, mas, na quarta-feira, já me sentia bem melhor. Quero dizer, relativamente, porque Calvin decidiu escolher aquela semana para exibir toda a sua promiscuidade-e para me evitar como se eu fosse uma doença contagiosa. Não teve um dia que ele não levou uma vadia para casa, e, na quinta-feira, vi duas cadelas-reconheci apenas a Karen-quenga, não sabia quem era a outra sujeita -saindo de fininho logo de manhã cedo de sua casa.

Estava ficando cansativo demais esperar por uma mudança, mas um resquício de fé me fez refletir que, talvez, somente talvez, o Calvin estivesse fazendo aquilo de propósito. Só

para me azucrinar o juízo e me fazer ceder depressa, com medo de perder a vez. Se fosse isso, estava funcionando. Eu acho. Quero dizer, talvez funcionasse, quando o meu ódio mortal fosse embora. Porque, com sinceridade, quando o cara que você faz de tudo para conquistar vai procurar consolo no corpo de outra qualquer é, no mínimo, deprimente.

É difícil compreender a mente de um safado. Os miolos dele funcionam diferentemente dos de um cara comum, e mais ainda dos meus. O tico e o teco que habitavam o meu cérebro brigaram um com o outro o tempo todo, e a minha semana se resumiu a uma espera irritante. Sabia que o Calvin iria comigo para a casa dos meus pais, e só me restava desejar que o sábado chegasse logo para que eu tentasse compreender o que tinha sido aquela doideira cretina durante a semana.

A minha vontade de arranjar um “batedor de parede” particular, ou seja, outro homem, só fazia aumentar. Calvin estava merecendo um tratamento de choque. Mancomuneí a ideia durante tanto tempo que ela começava a não ser mais tão absurda.

Afinal, até onde eu iria por ele?

**PÁGINAS DE O LADO BOM DE SER TRAÍDA, DE SUE HECKER
(HARPERCOLLINS, 2016)**

Páginas 5 a 15

Capítulo 1

Bárbara

Amei o Caio por cinco lindos e maravilhosos anos...

Embora ele seja totalmente bem-sucedido nos negócios, o que me atraiu foi o restante. Moreno irresistível e *caliente*, tem olhos intensos e convidativos, que me arrepiam pelo simples fato de prenderem meu olhar.

Quando o beijo apaixonadamente, meus dedos viajam por seus cabelos curtos e macios. O amor que sinto não cabe em mim, como se fosse palpável. Além de ser romântico, tem o corpo lindo de morrer e, principalmente na cama, arranca de mim sinceros gemidos. Ele é um furacão e, sem querer ser indiscreta, me contorce de prazer em apenas uma noite.

Com ele, também me sinto protegida. É MEU homem perfeito, em todos os sentidos, faz com que me sinta completa, feliz, amada... Mas meu conto de fadas está se esfacelando...

Acabo de descobrir que, quando não estava comigo, e me dizia viajar a negócios, na verdade tinha apenas uma rota: a cidade da NOIVA. Sim, NOIVA!

Que obviamente não sou eu. O cafajeste mantinha DUAS NOIVAS, e enrolava as duas. Essa descoberta mudou minha vida e meu futuro.

Hoje, para trair, tem de fazer bem-feito, porque as redes sociais são reveladoras.

O ódio surge instantaneamente ao olhar a foto dele abraçado com a cachorra, os braços fortes envolvendo sua cintura, os dois com cara de apaixonados. Enquanto isso, ele me dizia que estava atolado de trabalho em Porto Alegre. É impossível ignorar a verdade que está na tela, estampada em uma rede social! Assim mesmo! Descubro sua traição em um desses

momentos em que estou à toa na internet. Uma postagem tão comprometedora me pega desprevenida! A foto dá início a um pesadelo, cujos efeitos já sinto como uma avalanche.

Percebo na foto que o casal troca alianças e meu coração se quebra em mil pedaços. Os estilhaços voam para todos os lados, como se algo fosse violentamente arrancado de mim.

Saio louca do escritório. Os flashes da imagem não saem da minha cabeça. Os olhares, as expressões... Aiii! As lágrimas rolam sem pudor, revelando minha vulnerabilidade. A raiva me embala como um moletom em dia frio. Nesse momento, posso matar com o grito preso na garganta quem atravessar meu caminho.

Assustados, os funcionários me observam como se assistissem a um surto. As coisas movem-se em câmera lenta. Só quero sumir.

Prevejo as especulações pelo prédio quando meus pés vacilantes transpassam as portas do edifício. Patrícia, minha melhor amiga, trabalha na minha empresa e surge atrás de mim. As especulações começaram, penso.

– Babby, por que você está chorando assim? Alguém morreu? – Ela praticamente cospe as palavras de tanta preocupação.

– Ah! Patty. eu... Eu fui traída! O Caio... MORREU. É... *morreu*. Aquele cretino morreu pra mim! Eu não merecia! – Sinto a decepção junto com o choro, que vem intenso como se a ficha acabasse de cair. Quando termino de contar, Patty está pálida e seus olhos transmitem compaixão e empatia.

– Ai, que ódio! Vou capar aquele canalha! – Ela faz uma pausa e franze a testa. – Ai, desculpa... Fica calma, Babby, vai pra casa. Tenta colocar a cabeça no lugar. E me dá notícias, tá? Tô preocupada...

Faço que sim com a cabeça, não consigo falar. Minha voz some e não parece ter intenção de voltar.

Tenho um escritório de contabilidade aqui em São Paulo. É de médio porte, mas de renome. Meu sócio, Thiago, é um nerd típico. Correto e organizado, desde a faculdade é um amigo incrível. Depois de falar com Patty, reúno forças e vou à sala dele. Aviso que sairei mais cedo; e ele estranha, pois sempre trabalho até tarde, mas acaba assentindo sem dizer nada ao ver o desgaste emocional no meu rosto.

Sigo meu caminho e me arrasto para casa. Volto a deixar que as lágrimas fluam. Quero chegar e me empanturrar de chocolate. Qualquer coisa doce confortaria o estômago, já que meu coração está sangrando.

Entro em casa e agradeço a Deus por morar sozinha e não precisar explicar nada a ninguém. Não seria legal ter de falar agora sobre o motivo de chegar cedo... Apesar disso, um

abraço materno seria perfeito, e sei que minha mãe cuidaria de mim e diria as palavras certas. Por sorte, meus pais moram no Nordeste. Não estão aqui para ver o último ato do meu noivado. Seria péssimo. E traria outro problema para minha lista, que já é enorme.

Meu gatinho está enroscado na janela. Passo por ele com um sorriso triste. Sei que me entende. Vou direto ao quarto, tiro os sapatos e os jogo longe. Deito na cama e as lágrimas caem como uma libertação, como se toda a raiva saísse de mim. Depois que as lágrimas secam, não consigo levantar. Não tenho forças nem para comer as besteiras que prometi ao estômago.

No dia seguinte, estou com os olhos inchados e vermelhos. Parece que fiz plástica e me tornei uma chinesa. Vejo minha cara no espelho e decido que preciso tirar folga: cinco dias de lamentação, um para cada ano dedicado ao safado. Um safado *tão gostoso*... Fazer o quê? Ele quebrou meu coração, mas só me lembro do corpo musculoso, do pau que não dá para pegar com uma só mão e da boca que sabe o que fazer... MERDA! Cadê meu Pau Amigo? Só tendo um P.A. para encarar este momento!

Vamos lá... Cinco dias e serei outra.

Caio

Putá merda! Patty me xingou de tantos nomes que alguns eu nem conhecia. Descobriram minha traição!

Sabia que teria de decidir entre a Bárbara e a Nicole, mas não que seria tão rápido... Sei que não é fácil manter duas mulheres, mas as duas são deliciosas! A Bárbara tem um corpo de dar água na boca, quadril perfeitamente redondo, seios que se encaixam em minhas mãos, olhos verdes marcantes e um cabelo dourado que chega à cintura. *Fico louco!* Nicole é uma ruiva safada, vadia na cama, com um corpo escultural e seios que pulam do decote. *Que gostosa!* Quando bati os olhos nela, sabia que a teria. Só não sabia que aquelas curvas me fariam ficar... *noivo*.

Cacete! Estou com a Bárbara há cinco anos, fiquei noivo porque tinha de acontecer, cedo ou tarde, e essa decisão mudou minha vida. Ela é a mulher certa para mim, eu sei, mas não tenho como explicar a foto do noivado com a Nicole. O post tinha legenda clara, e, além de noivo, pareço apaixonado! O que faço para ter minha mulher de volta? Como vou deixar a Nicole?

Estou muito FERRADO!

Capítulo 2

Bárbara

Chorar... Comer... Chorar... Comer... Esse foi o ritual por cinco dias, conforme me prometi. Não lembro se tomei banho, mas-estou-aqui-sozinha. O único que pode reclamar é o Dino, que me olha e dá um miado triste, entendendo a minha dor. O descarado do Caio me ligou um zilhão de vezes, mandou mensagem, mensagens no WhatsApp... Deixou recado na caixa de mensagem... E só li o primeiro, que dizia:

*Meu amor, isso tudo não passa de um mal-entendido, você
precisa me escutar. Liga pra mim. Te amo.*

Só não joguei o celular na parede porque é um iPhone 6 Plus, e, convenhamos, não se maltrata um iPhone. Deixei ordem para que o porteiro não deixasse o vagabundo entrar. Não quero ouvir sua voz, muito menos olhar para a cara dele. *Acabou!* E, quando digo que acabou, amiga, não tem volta! Posso morrer de sofrer, mas me mantenho firme.

PRONTO.

Cinco dias se passaram. Chorei, comi e engordei. Agora vou dar a volta por cima, deixar o passado para trás e transar muito... Isso mesmo! Ele era gostoso, tinha pau grande, me fazia gemer horrores, mas quem disse que não existe por aí uma plantação de homens com paus grandes que podem me fazer gritar e depois ir embora, sem que eu sequer saiba seus nomes? E não venham me chamar de vadia. Os homens fazem isso o tempo todo. Por que não posso fazer? Vivem me dizendo que sou linda, gostosa e, de quebra, gosto de sexo. Então, que mal terá se eu usar uns gostosos por aí? Fui traída, mas não morri. Mundo, aí vou eu!

Linda, leve e morena! Isso mesmo, MORENAÇA! Saí do salão radiante, com os cabelos pintados de um castanho impactante, que destacam meus olhos verdes. Dei um leve

corte, fiz as unhas e uma depilação total. Algumas roupas novas e... *Voilà!* Aqui começa a nova vida de Bárbara Nucci.

Volto ao trabalho confiante, pisando firme, fazendo com que todos esqueçam a tarde fatídica, em que saí chorando como louca. Todos se viram para me olhar. Estou me sentindo sexy, com um decote discreto em um vestido preto um pouco acima dos joelhos, que realça e abraça todas as minhas curvas. Minha cintura fina sobressai-se com um cinto fino vermelho, que combina com os sapatos *femme fatale*, também vermelhos. Feito! Jaz a velha Bárbara. A mulher aqui é outra! Ninguém mais pisará em mim!

Patrícia vem ao meu encontro e me dá um abraço apertado.

– Que transformação é essa? Tá de matar qualquer um do coração! Liguei várias vezes pra você, que não dava sinal de vida. Fiquei preocupada!

– Pois é, amiga, renovada! Minha vida daqui pra frente será outra. Desculpa não ter retornado as ligações, mas precisava desse tempo pra mim... Sabe que comi horrores? Preciso voltar pra academia urgente! – Rimos.

– Eu entendo que você precisava desse tempo. Liguei e enchi o saco porque eu amo você, amiga, e quero o melhor pra sua vida. E, a respeito da academia, estou dentro! Imagina aquele monte de homens suados, musculosos... Ai! Só de pensar, o fogo tá subindo. – E voltamos a gargalhar.

A manhã passou como um borrão, e me perdi em ICMS, IPTU, folhas de pagamento e impostos, ao som de “On the Floor”, da Jennifer Lopez. Falta pouco para eu começar a dançar, mas consigo me conter. O ritmo latino penetra em minha mente e quer invadir meu corpo. Estou com tanto trabalho que não percebi que já é hora do almoço. Depois de cinco dias comendo chocolate e tudo o mais que engorda, hoje só posso comer uma saladinha.

Saio para almoçar e, quando volto do almoço light, sinto que me contive demais, pois mal chego e minha barriga ronca! Maldita alface sem gosto!

Meu sócio, Bigodinho – é assim que secretamente eu o chamo, tadinho... com cara de *nerd*, e ainda insiste em manter aquele bigode ralo, que não cresce, não se reproduz e não morre – veio à minha porta pedir para eu dar apoio a um de nossos maiores clientes, acompanhando-o a uma audiência na Justiça Federal.

– Então, Babby, você pode ir com nosso cliente? Você conhece a peça, e a gente precisa puxar o saco dele o tempo todo. Ah, e vai ser na 20ª Vara da Justiça Federal. Por favor, não se atrase. – Ele pisca para mim, fazendo com que eu sinta ainda mais vontade de

rir. Embora no momento eu também tenha pensado em *vara*. Uau, *vara*! Nesta nova fase, sou obrigada a dizer que adoooooro vara!

Descarto os pensamentos pecaminosos e, como resposta, faço uma careta. Odeio ir a audiências, ficar esperando em fórum abarrotado, olhando para a cara de um juiz arrogante, além de ter de ficar ao lado do cliente paspalho, que não sabe fazer conta nem pagar as dívidas com o governo. O pior é que só procuram ajuda quando o nome já está inscrito na dívida ativa. Malditos. Mas, tudo bem, assim enchem meu bolso de dinheiro. Não posso desdenhar deles!

Visto o melhor sorriso e acompanho o dr. Augusto Gusmão, advogado do nosso fabuloso cliente, até a bendita audiência.

Quando finalmente somos chamados, entro na sala cabisbaixa, pois o tédio extirpou toda a minha alegria. Mas quando olho para a frente... MISERICÓRDIA!!! Que homem é ESSE??!?

Capítulo 3

Marco

Chego por volta das oito horas em meu gabinete. Encontro o Marcelo analisando os processos com audiências marcadas para hoje. Marcelo é meu estagiário e trabalha aqui há um ano. Muito competente, prevejo um futuro brilhante para ele diante da dedicação.

– Dr. Marco, já separei os processos de hoje. Acho que serão audiências rápidas, exceto uma sobre execução fiscal contra uma grande empresa, marcada para as quinze horas.

– Ok, Marcelo. Vou analisar todos. Depois eu lhe chamo para conversar. Espero que possamos resolver o máximo o quanto antes, para conseguirmos manter a meta de sentenças e reduzir a quantidade de processos pendentes.

Meus últimos dias têm sido tensos demais por problemas em minha vida pessoal. Às vezes, só o trabalho consegue me acalmar. Lutei muito para estar aqui, estudei e me dediquei. Não posso permitir que ninguém destrua tudo o que conquisei.

Foram tantos processos analisados que a manhã voou. Não tive tempo nem de fazer os atendimentos aos advogados. Terei de atendê-los amanhã.

– Doutor, tô saindo pra almoçar, caso o senhor não precise mais de mim!

– Caramba, estava tão concentrado que nem olhei para o relógio! Pode ir, Marcelo!

Conto com você apenas para a audiência das quinze horas. Bom almoço!

– Quer que eu traga alguma coisa para o senhor?

– Não, não precisa! Obrigado!

Não sinto fome. Então, continuo a trabalhar. Quem sabe assim espanto os maus pensamentos? Estou compenetrado até que alguém bate na porta. Por sorte, está trancada, impedindo que pessoas indesejáveis entrem sem meu consentimento. Mas quem será o inconveniente? Levanto e, quando abro a porta, constato a indigesta presença da Paula, minha ex-mulher.

– O que você está fazendo aqui?

– Ei, fala direito comigo! Você sabe que não pode me tratar mal.

– Passo as mãos pelo cabelo com vontade de arrancar cada fio. Só de olhar para o rosto dessa mulher, sinto meu corpo se contrair de ódio.

– Ok, Paula. Diga, por favor, qual o motivo pra você me dar a honra de sua visita. – Não resisto e dou vazão ao sarcasmo.

– Marco, querido, não precisa debochar. Estava apenas passando aqui perto e senti saudades. Resolvi fazer uma visitinha surpresa e, como você é extremamente educado e não gosta de escândalos, será bonzinho e deixará que eu entre.

– Vou ser claro e direto. Aqui não é um shopping em que você entra a qualquer hora. Estou no meu trabalho e você tem de respeitar. Caso queira falar comigo, me telefone e marque um encontro ou qualquer coisa assim, mas não volte aqui – falo, mas tenho vontade de gritar com a vadia!

– Calminha, aí, garanhão! Pode deixar que mais tarde passo em seu apartamento.

Finalmente, ela sai, com a maior cara lavada, rebolando feito uma cobra. Nossa, como pude ter me casado com essa ordinária! Agora é que perdi a fome mesmo.

De volta ao trabalho, aguardo a última audiência do dia. Quando marca quinze horas, peço ao Marcelo para fazer o pregão, chamando as partes, doido para o dia acabar... Sem imaginar como a tarde seria agradável!

Já na sala de audiências, percebo uma pessoa entrando, entediada, absorta em pensamentos, mas quando ela levanta a cabeça fico paralisado com o que vejo. *Uma morena perfeita!* Não consigo deixar de notar seus olhos cor de esmeralda e a boca carnuda com batom vermelho! Involuntariamente, meus olhos percorrem seu corpo, identificando cada parte que o vestido deixa à mostra. Simplesmente espetacular! Uau! Eu me remexo na

cadeira, sem graça, porque a cabeça que não pensa se manifesta, dura e imponente! Fico em uma situação constrangedoramente desconfortável, mas inevitável após saborear com os olhos aquela beldade, capaz de deixar qualquer homem com o pau duro. Um sem-número de pensamentos sensuais me invade. Não consigo evitar.

– Ram, ram... – Limpando a garganta, alguém chama a minha atenção. Merda!

Empata-foda mental!

– Boa tarde a todos! Começamos a audiência – começa Marcelo, recolhendo as informações das partes e dos advogados. Naquele momento, a deliciosa morena se apresenta, com uma voz doce e extremamente sensual, fazendo meu pau quase rasgar a calça. Bárbara Nucci. Não vou mais esquecer...

Capítulo 4

Bárbara

Nossa Senhora da Bicicletinha, me dê equilíbrio! A visão que estou tendo agora faz com que minhas pernas fiquem bambas! Que deus grego! Definitivamente, preciso comparecer a mais audiências... Com esse corpo atlético, de ombros largos, rosto de anjo mau, olhos verdes que devoram, cabelo loiro despojado, a ponto de minha mão coçar de vontade de puxá-lo, eu venho morar aqui no fórum, com certeza!

O dr. Augusto, percebendo minha expressão travessa, me cutuca para que eu mantenha a compostura. Putz, que vergonha! Olho para os lados, tentando me livrar dos pensamentos. Vamos lá! À luta para fazer um charminho para o deus gostoso. Pelo que me consta, isso não é nenhum pecado, tampouco ilícito.

Percebo que não sou a única com tesão, pois o gostosão não tira os olhos de mim. Com certeza, está sentindo o mesmo calor que eu. Limpando a garganta, o procurador do Estado, autor da ação, nos tira do devaneio. Com a voz mais sexy, rouca e deliciosa que já ouvi na vida, o deus grego dá início à audiência, e sinto minhas partes íntimas se contraírem assim que o ouço. E agora? Como passar tanto tempo ouvindo essa voz de arrancar qualquer calcinha sem ter um orgasmo nem chamar a atenção de ninguém? *Maldito!* Estou ferrada! A

noite de hoje vai ser boa com meu vibrador, porque só o que estou imaginando fazer com aquele homem é muito mais estimulante do que qualquer conto erótico que eu possa ler!

Para falar a verdade, junto com o tesão todo, um pensamento toma conta de mim: perplexidade. Estou surpresa por perceber que sinto todo esse impacto diante de um homem, ainda que maravilhoso como este, após ter ficado cinco anos com outro, que acreditava amar. Estou há apenas cinco dias separada! Fatalmente, começo a refletir se realmente foi amor e... Não... Espera aí! Não, não, não! Após os cinco dias de sofrimento autoimpingido, decidi mudar a postura diante da vida. Então, trato de empurrar essa questão, digna da antiga Bárbara, para as profundezas da mente, e me permito sentir aquela enxurrada de sensações inebriantes.

Caio

Fico distraído com pensamentos eróticos enquanto os advogados fazem as considerações finais e propõem acordos. Quero tocar nela, me instalar em sua mente e descobrir as posições que a fazem gemer. Será que gosta mais de sexo convencional, tipo papai e mamãe, ou é mais ousada e ficaria de quatro para eu puxar seus cabelos? Quero saber e experimentar. Enquanto tenho esses pensamentos quentes, seus olhos cruzam com os meus e ficamos assim, nos encarando por um bom tempo, até que ouço outro “ram, ram”, agora do advogado do réu, que pede atenção.

Volto a cabeça para o trabalho e faço minhas considerações, resolvendo não sentenciar agora porque não estou com cabeça para isso. Não sou do tipo que se deixa abalar por qualquer mulher gostosa que aparece, mas essa deusa de pernas torneadas, com ar de quem está louca para ser fodida com força, mexeu completamente com minha cabeça! Não há possibilidade de eu raciocinar com ela à vista.

Quando saem da sala, chamo o Marcelo e, discretamente, evitando aparentar falta de ética, peço que descubra o nome da empresa em que Bárbara trabalha, alegando que preciso falar com seu diretor. Uma mentira deslavada e sem sentido, mas preciso saber tudo a respeito dela. Não compartilharei com o Marcelo esse desejo, claro, mas ele sente a tensão no ar – posso até arriscar que esteja tendo os próprios pensamentos lascivos sobre ela. *Idiota!*

Penso em ir a um bar para me deliciar com outra mulher e aliviar a tensão nas bolas. Não quero me satisfazer com as mãos porque não me faltam mulheres a quem recorrer, mas

também não sou nem de longe um desses safados que usam as mulheres. Sou sincero e objetivo em meus relacionamentos, deixando claro o quê, quando e como os quero. Depois do meu desastroso casamento, não quero me amarrar, só aproveitar a vida, e, se as mulheres com as quais me relaciono entendem e aceitam, não serei eu a rejeitá-las.

Passo em um dos bares costumeiros para uma *happy hour* e, ao chegar, espreito com um olhar de águia. Logo meus olhos encontram Raquel, uma loira gostosa que ama sexo anal e faz um oral como ninguém. Ela está sentada com amigos. Eu me aproximo e me faço notar.

–Marco, há quanto tempo! Pensei que estivesse casado. – Ela dá aquele sorriso safado, que deixa qualquer um de pau duro. Ela sabe o charme que tem!

–Raquel, minha linda! Não deseje o mal para os amigos! – Eu rio e ela mais ainda.

– Bem, se é assim, eu comprei um flat aqui pertinho, e tô louca pra inaugurar... – Com um convite de *me foda*, não penso duas vezes.

Sussurro em seu ouvido:

– Se é um convite, podemos ir agora, o que você acha?

A descarada é rápida e em um instante já está de pé, grudada em meu braço e me guiando para fora. Vamos em carros separados. Sabemos que se trata apenas de uma foda. Nada de amarras ou de dormir de conchinha. Só sexo.

Chegando ao apartamento, nem a espero fechar a porta, porque a urgência de aliviar a tensão é enorme. Agarro-a pela cintura e, colado ao seu pescoço, falo:

– Pede para eu pegar você com força!

Entre gemidos e com a respiração ofegante, ela diz:

– Me pega rápido, e com força, Excelência.

Levanto sua saia, desenrolo um preservativo no meu pau e enfio com toda a força. Ela grita. Geme e grita como uma atriz de filme pornô, totalmente possuída, sensual e depravada, pedindo para eu não parar. Sinto sua boceta se contrair e apertar meu pau. Sei que vai gozar a qualquer momento. Encharcada, faz com que eu tire e meta com facilidade, forte e profundo. Fico louco e já não aguento, toco seu clitóris e meto dois dedos em seu ânus, fazendo-a gritar que vai gozar. Nesse momento, não seguro e jorro, convulsionando com o forte orgasmo.

Ao olhar para Raquel, frouxa à minha frente, igualmente afetada pela força do próprio gozo, só me vem à mente o rosto daquela deusa, com os olhos verdes cravados em mim.

Que saco! Essa mulher não sai da minha cabeça!

Barbara

Depois dos momentos quentes no mesmo ambiente em que estava o deus grego, volto ao escritório. Mesmo sendo tarde, ainda encontro a Patty trabalhando.

– Mulher, o que ainda faz no escritório? Atolada de trabalho?

– Claro que não, sabe que nunca deixo meu trabalho atrasado – responde ela, com cara de zangadinha. – Fiquei aqui esperando pra não deixar você trabalhar, porque eu tinha certeza de que voltaria pra cá.

– Gracinha, tá lendo mentes agora? – falo para implicar. – Sem brincadeira, amiga, fiquei longe cinco dias, preciso ler os e-mails, manter as coisas em ordem. Não posso deixar a vida pessoal atrapalhar o andamento do escritório – digo, e fico séria.

– Deixa de ser chata! Hoje não tem trabalho pra você. Vamos a um barzinho com chope em dobro, e é noite de samba. Vamos libertar as assistas dentro de nós! Amanhã você volta para os números. E já tá decidido. Não tem o que argumentar.

Bem, quando ela fala assim, não adianta rebater!

– Amiga, mas vou assim? Sem tomar banho nem me arrumar? – Tento persuadi-la ao menos a deixar que eu me arrume um pouco!

– Não precisa. Tá linda! Um *gloss* e um rímel e... Pronto!

Quando chego ao bar, vejo homens de todas as tribos. Engravatados, casuais, estudantes... Mas nem me importo... Todos são deliciosos! Já gostei do lugar. Olho para Patty e entramos mentalmente em sintonia e escolhemos uma área VIP, ótimo local para analisar todos os homens do barzinho. Para esquentar a *happy hour*, pedimos duas caipirinhas e celebramos o samba no qual cairemos a noite toda. Isso se eu não encontrar um gato para tirar minha virgindade de quase uma semana... Isso mesmo! Já estou me sentindo uma virgem. Preciso saciar a sede de muitos orgasmos. Agora que sou solteira, tenho que recuperar o tempo perdido!

Após as caipirinhas, pedimos duas tequilas. Então, quando nos dirigimos para a pista, sinto alguém me puxar com força pela cintura. Quando me viro para esbofetear a cara do paspalho, fico pálida ao ver quem é. *Caio!*

– Bárbara, precisamos conversar.

– Que isso? A volta dos mortos-vivos?

– Bárbara, não brinca comigo. Tô ficando louco! Faz uma semana que tento falar com você!

– Ah, é? Cadê sua noiva? Ainda não foi buscar consolo no colo da ruiva? Tá perdendo tempo. Vou contar até três. Se não me soltar, vou gritar até todos os seguranças estarem aqui pra expulsar você.

– Me dá pelo menos cinco minutos! Se não acreditar em mim, juro que deixo você em paz!

– Ok, cinco minutos, mais nada! Anda, fala! O tempo tá passando.

– Amor, você não entendeu nada. Ela não significa nada pra mim! Ela foi a arquiteta da minha filial e, é verdade, rolou algo que não devia, mas ela entendeu tudo errado. Nunca ficaria noivo de uma peguete de uma noite!

– Primeiro, seu babaca, não sou seu amor. E, segundo, quer dizer que transar com uma ruiva peituda qualquer em vez de transar com uma segunda noiva me torna menos corna? Foi isso mesmo que ouvi?.

– Querida, não é isso! Ela é louca! De uma transa sem compromisso ela se transformou em minha noiva, da noite para o dia. Entende isso! Eu amo você. Sempre foi só você!

– Seu idiota estúpido, seu tempo acabou! E não existe mais nada entre nós também! Acabou! Volta pra sua ruiva peituda! Sejam imensamente felizes! – O sarcasmo escorre e me enche de alívio, o que me surpreende porque achei que sofreria horrores quando me deparasse com ele.

– Bárbara, você não pode jogar fora cinco anos de namoro. Não pode me deixar assim...

Ele puxa meu braço com violência, querendo me beijar à força, enquanto tento empurrar a montanha de músculos que ele é. Em questão de segundos, vejo o Caio no chão e outro muro de músculos de costas para mim. Só ouço a voz sexy:

– Você não ouviu a moça? Ela não quer estar com você! Deixa a moça em paz!

Quando o *muro* se vira, quase desmaio com o rosto perfeito. Da minha boca, sai apenas um sussurro:

– Dr. Marco...

Ele se aproxima e toca meu rosto com os dedos longos, perguntando se estou bem.

Como é que é? Se estou bem? Estou mais do que bem. Estou no paraíso. E parece que minha perseguida tem um radar, porque já começou a se contrair só de estar perto desta maravilha! Acho que sou mais safada do que poderia imaginar! Enquanto viajo no mundo das calcinhas molhadas, só vejo o Caio levantar feito uma flecha e empurrar o Marco contra a parede com toda a força. Olhando de frente para ele, começa a rosnar:

– Fique longe da minha noiva!

Marco

Fazer sexo com a Raquel é sempre bom, forte, duro, sem compromisso. Hoje, não tiramos nem a roupa. Saio satisfeito e querendo chegar logo em casa, mas assim que entro no carro o celular apita, informando que há dez ligações perdidas e duas mensagens de texto. Quando olho o visor... É a puta da Paula que me ligou e ainda me mandou uma mensagem desaforada:

Cadê você? Eu falei que viria hoje à noite a seu apartamento!

Você deveria estar aqui me esperando!

Cara! Que mulher petulante! Vai continuar esperando, nem morto volto para casa agora.

Passo para a segunda mensagem e vejo que é de um amigo, o Pedro, uma figuraça! Está me chamando para um barzinho com chope em dobro e mulheres sambando... *Estou dentro!* Pego o endereço do bar abençoado e vou ao seu encontro.

Chego lá e avisto o Pedro, acenando para eu localizá-lo.

– E aí, meu irmão, como você está?

– Fala, Pedro... Tô ótimo, e você? Sumiu, hein? Alguma mulher conseguiu te amarrar?

– digo, brincando, pois sei que o Pedro foge de compromissos.

– Tá louco, Marcão! Tô a léguas de qualquer relacionamento sério.

Assim que me acomodo, já com um chope estupidamente gelado, passa na minha frente, alheia à minha presença, a deusa que não sai dos meus pensamentos. Só de olhar para ela, com aquele corpo magnífico e a pele levemente bronzeada, meu pau já dá sinal de vida! Fala sério... Acabei de dar uma com a Raquel. Será que não foi suficiente para o sr. Anaconda?

Sigo seu caminho até que a vejo ser puxada por um babaca e, nesse momento, entendi: sinal vermelho. Pela reação dela, o cara não é alguém com quem esperava encontrar. Depois de ouvir a lenga-lenga do idiota e descobrir que o fulano a traiu, fico louco! Como pode alguém trair esse espetáculo de mulher?

Quando o vejo pegando pesado, tentando beijá-la à força, não me contenho e vou para cima. Acerto um murro em sua cara, o idiota vai para o chão. Minha atenção se volta para a deusa, paralisada e com o olhar assustado. Não resisto e toco o seu rosto.

Sério, é tanto tesão que sinto que a vontade é de agarrá-la ali mesmo e levá-la para a cama! Mas sou despertado do sonho por um empurrão do idiota. Ele grita para eu ficar longe de sua noiva. Mas que porra é essa? Ela é noiva daquele imbecil?

Por um milésimo de segundo, me vejo perdendo uma pessoa que nem ao menos beijei ou toquei, e sinto um frio na barriga totalmente inexplicável.

Páginas 223-235

Capítulo 47

Bárbara

– Atentado? – O verdadeiro estado de alerta e o pavor provocam reações em mim. Minhas mãos tremem e sinto uma aceleração cardíaca inexplicável. Acho que o medo me domina.

– Minha sereia, não precisa entrar em pânico. Você está segura agora. Não permitirei que nada de mal aconteça a você. – Ele me envolve em seus braços, cheio de carinho, respeito e compreensão.

– Bem... No dia em que te pedi em casamento, quando meu pai ligou dizendo que precisava falar comigo... – Ele vai contando e fico atenta a cada detalhe. Não imagino quem possa ter feito isso. A sensação de ser punida por um inimigo desconhecido é desconfortável. Dizer que estou apenas preocupada seria eufemismo, porque estou em pânico. Minha preocupação não é só comigo. Preocupo-me também com as pessoas à minha volta.

– Marco, se você está me dizendo que ainda não tem pistas de quem possa ter feito isso, todos os que estão ligados a mim podem estar correndo riscos também.

– Todos estão protegidos por seguranças. Agora mesmo, o meu e o seu pai estão em reunião com uma equipe de seguranças e investigadores, indicados por um amigo do meu pai, para decidirem como reforçar os cuidados. Desde o dia do seu acidente, tem um segurança monitorando todos os que vêm visitá-la ou, então, que telefonam para saber notícias suas.

– Quer dizer, então, que o bonitão com traços árabes que me entrega flores todos os dias não é um entregador, mas meu segurança?

– Era. – Ele fecha a cara e seu semblante não é amigável.

– Era? Por que não é mais? – Já sei a resposta, mas adoro cutucar a onça com vara curta.

– Ainda hoje entrarei em contato com os superiores dele, pedindo sua substituição. Não aceitarei um segurança menos que barrigudo, careca e desdentado.

– Acha mesmo necessário, dr. Delícia? O senhor não corre riscos, pois o coração desta sereia indefesa já foi fígado por Poseidon, o rei dos mares. – E caímos na gargalhada, descontraindo a tensão da conversa anterior.

Marco

Chego em casa aliviado por minha sereia ter aceitado a situação e concordado em ficar comigo. Encontro meu pai e seu Adilson me esperando. Os dois parecem amigos de infância e já fazem até planos de viajarem juntos. Enfim, eles me apresentam o esquema de segurança elaborado pela Abaré, e confesso que fico impressionado com tantos detalhes. Não sei se é exagerado, mas, para o bem-estar da minha sereia, cuidado nunca é demais. O médico já avisou que ela terá alta amanhã de manhã se estiver tudo bem. Estou com o coração na mão. Minha vontade é de jogar tudo para o alto e ir buscá-la, mas, infelizmente, as coisas não funcionam assim, e muitas não dependem de mim.

– Vocês verificaram tudo? – O fato de não poder acompanhá-la me deixa louco.

– Não se preocupe! O Alberto disponibilizou seus melhores homens, e não usaremos nossos carros.

– A empresa descobriu mais alguma coisa sobre o atentado?

– Ainda não. E isso só confirma as desconfianças deles de que, quem fez tudo isso, conhecia a rotina e sabia muito bem dos passos da Bárbara.

– Será que o telefone dela estava grampeado?

– Ainda não sabemos. Seja quem for, o cerco está se fechando, e é só uma questão de tempo para sabermos quem está envolvido. – Meu pai é muito otimista, e quero acreditar nele.

– Assim espero, porque não medirei esforços para ver o responsável apodrecer na cadeia. – Pelo olhar do seu Adilson para meu pai, não acredito que pensem a mesma coisa sobre o sistema.

Minha mãe aparece na sala, avisando que o jantar está servido.

– Obrigada, Melissa – responde seu Adilson, gentilmente. – Mas prometi para a Ana que jantaria com elas hoje. Parece meio estranho dizer que vou jantar no hospital. Só que, acredite em mim, com a Ana nada é estranho, porque tudo para ela é um acontecimento.

– Pena ainda não tê-la conhecido. Quando estivemos no hospital, em uma visita à Bárbara, ela havia saído. Acabamos não nos encontrando. Amanhã estarei aqui, ajudando a Nana com os preparativos para a chegada da Bárbara. Tenho certeza de que seremos grandes amigas.

– Mãe, não duvido... – digo, sorrindo, e imagino o evento em que meu casamento vai se transformar.

Depois do jantar, confiro todos os preparativos para o aniversário da Vitória com minha mãe. Além disso, ela me fala dos detalhes sobre a Bárbara. Ela adorou a Patty, que foi um doce por acompanhá-la ao apartamento da Babby para pegar suas roupas. Minha mãe se preocupou com tudo e comprou até o creme favorito da minha sereia. Meus pais são incríveis, e agradeço o privilégio de ser filho deles.

Amanhece e acordo eufórico, cantando, feliz da vida. A alta da minha sereia e sua vinda para cá fazem com que eu me sinta completo e também confiante quanto à sua segurança. Antes de ir trabalhar, deixo bilhetes espalhados por todo o apartamento. Junto da Vitória, deposito um pequeno cartão, dando as boas-vindas por nós dois. Além disso, encomendo um verdadeiro jardim, de tantas flores que quero espalhar pela casa.

Já no fórum, antes de começar a despachar com o Marcelo, ligo para a razão da minha felicidade.

– Bom dia, sereia do meu mar!

– Bom dia, meu dr. Delícia! Estou ansiosa pra sair deste lugar.

– Não mais ansioso do que eu. Hoje à noite, tenho uma dose do seu remédio preferido esperando pela minha paciente predileta.

– Promessas, doutor?

– Sem promessas. Só fatos. Vou compensá-la por não te buscar no hospital pra te levar pra casa.

– Se estivesse aqui agora, tenho certeza de que ficaria encantado com o tamanho do bico que tô fazendo.

– Juro que é o que eu mais queria hoje. Estou com o coração partido.

– Bricadeira! Eu sei que não é possível. Mas a promessa do remédio vou cobrar sabia que, ao dizer isso, acordaria quem estava adormecido.

– Essa parte da arrepiada e molhada é alguma punição, minha sereia?

– Não entendi, doutor...

– Não entendeu, né? Tem coragem de me dizer isso e espera que eu fique como aqui no tribunal? Agora não posso me levantar nem para um café. Tem alguém querendo rasgar minha calça!

– Ah, e? Bom saber disso. Me deu uma ótima ideia! Já sei como rasgar todas essas calças justas e provocantes que você usa. Hum, imagino o quão duro está... Chego a salivar com o desejo de estar com o sr. Anaconda em minha boca, sentir seu sabor, lambe a pontinha e a engolir, pouco a pouco. – O desejo que suas palavras despertam é tão grande que minha cabeça fica balançando em sinal de positivo.

– Ah, minha deliciosa provocadora! Vou adorar que rasgue todas elas, mas, primeiro... Vou retribuir a gentileza, molhando todas as suas calcinhas. – Estou contando os minutos e percebendo que essas férias prometem proporcionar um mar de prazeres a nós dois.

– Pode contar com isso. Agora preciso ir. Mesmo com dor no coração e no sr. Anaconda... O dever me chama.

– Beijos, lindo. Eu te amo. Até mais tarde.

– Também te amo. Um surto de beijos.

Se ficasse mais um minuto ouvindo essa provocação, com certeza minha calça não só estaria rasgada, mas melada.

Paro de pensar nessas coisas e volto a me concentrar. Agradeço, então, por toda a dedicação do Marcelo, tornando meu último dia de despachos mais tranquilo. Ainda no meio

da manhã, recebo uma ligação do dr. Aristides Bueno, amigo de longa data do meu pai e do Jurandir, pai da Paula.

– Marco, tudo bem? Como anda a Vitória?

– Olá, Bueno, ela tá ótima! Há quanto tempo não nos falamos! Só sei de você por meu pai. Vocês ainda se reúnem toda semana no jogo de bocha, não é?

– Ele adora perder. – Bueno solta uma gargalhada. – Só ganhava do Jurandir.

– Sempre os mesmos provocadores... Ainda não descobri quem é o melhor, mas vamos marcar um dia e veremos. Vou adorar passar uma tarde aprendendo um pouco mais com vocês.

– É só aparecer, Marco! Será um prazer! Mas, então, estou ligando pra você por causa do Jurandir. Você sabe que fui o advogado dele por muitos anos, né? E ele deixou o testamento guardado comigo. Hoje, marquei uma reunião com a Paula para as quatro da tarde e preciso da sua presença.

– Bueno, meu amigo, não sei onde me encaixo nessa reunião. Não estamos mais casados, você sabe.

– Não é por causa dela. Na verdade, a Vitória é beneficiária do testamento e, como seu guardião legal, preciso da sua presença.

– Amigo, hoje não é um bom dia. Será que não podemos agendar para amanhã?

– Marco, você conviveu um bom período com a Paula... Então, acha mesmo que consigo desmarcar essa reunião?

– É... Não acho que consiga mesmo. E não vou ser eu quem vai querer visitá-lo no hospital. Bom, meu amigo, farei de tudo para estar presente. Mas, adianta, não poderei demorar.

Rafaela

Se minha boca estava com o gosto de cola antes, agora ela pregou de vez no travesseiro com a baba grudenta que botei para fora. Sinto-a ressecada. A dor de cabeça diminuiu um pouco, e, com medo de abrir os olhos de uma só vez, abro apenas um, e vejo no relógio que são quatro e meia. A luz faz com que eu sinta como se facas quentes penetrassem em minhas retinas. O único pensamento coerente que tenho é a necessidade de um copo de água gelada e um analgésico. O cheiro de azedo me incomoda e minha bexiga está prestes a explodir. Levanto-

me, devagar, mas tenho náuseas quando ergo o corpo. Minha cabeça parece ter passado pelo liquidificador e meus miolos viraram geleia! Estico o pé e, ao alcançar o carpete, piso em uma poça. Percebo que é uma cachoeira de vômito que escorre por toda a lateral da cama.

Acabo gemendo. Não sou fresca, minha profissão nem permite isso, mas pisar descalça em uma poça melequenta não é lá uma das melhores experiências. Chego ao banheiro mancando com o pé que se salvou da poça asquerosa. Eu me pergunto como cheguei em casa. Forço a memória e, aos poucos, flashes vêm à minha mente.

– Esta noite, acho que a mocinha deixou os bons modos em casa. – A voz não é estranha, mas o rosto ainda não é nítido. As lembranças afloram, e me vejo vomitando. – Você não está bem. Preciso do seu endereço. Preciso do seu endereço.

“Preciso do seu endereço...” são as últimas palavras de que me lembro. Se as lembranças estavam me fazendo recuperar um pouco as memórias, o banho me deixa confusa. Tiro a camisa colada no meu corpo, evitando inspirar. Entro de cabeça debaixo da ducha. Sinto a água quente agir como um calmante. Os *flashes* voltam e meu corpo responde como se sentisse tudo de novo. Lembro-me de estar no colo de alguém e de que o quarto girava, enquanto a mão, em minhas costas, tentava fazer com que eu ficasse ereta. Mesmo para lá de Bagdá, lembro-me de que era um corpo forte, quente, duro e estranho, parecido a um boneco de cerâmica, musculoso como uma muralha. Minhas mãos deslizaram pelo seu peitoral e envolveram seu pescoço longo. Minha cabeça pesada ficou apoiada no seu ombro e ainda consigo sentir uma fragrância tentadora.

– Faça de mim uma mulher. – Instantes pavorosos passam. O silêncio é sepulcral, ele limpa a garganta e levo um susto, sobressaltando-me em seu colo.

– Talvez algum dia, hoje não.

Senti algo me cutucar. Com o susto, aterrissei no meio do colo dele, e percebi que o que ele falava não estava de acordo com o que suas partes íntimas revelavam. O que foi que eu fiz? Nada mais vem à minha memória. Levo a mão ao meu sexo e percebo que não abusaram dele. Alívio é a palavra que define o que sinto. Não deixo de dar um sorriso de satisfação ao constatar que ele não estava tão insensível ao meu corpo, mas, logo em seguida, a vergonha e o medo tomam conta de mim. Em minha estadia nos hospitais, principalmente na época de estágio, atendi a muitas meninas que foram estupradas em festinhas. Burra, burra, burra! Não acredito que demorei uma vida inteira procurando a pessoa certa para me entregar de corpo e

alma e, em um momento de desabafo, regado a uísque barato, quase fiz isso com alguém de quem nem me lembro, como se fosse uma cadela no cio.

Fecho o chuveiro barulhento e escuto batidas secas na porta. O prédio em que moro é muito antigo e não tem porteiro, somente um zelador birrento. Ele é velhinho e tem uma voz que intimida. Os outros moradores não gostam, mas eu me sinto segura com ele por perto. Enrolo-me na toalha, abro a porta do banheiro e pergunto quem é. Na verdade, sussurro, pois a dor de cabeça ainda não permite que eu fale sequer um pouquinho mais alto.

– Quem é?

– Sou eu, Betina. – Não pode ser! A mulher do zelador. Agonizo e me amaldiçoo mentalmente. Juro que gosto muito dela, mas, neste momento, não tenho vontade de falar com ninguém!

– Só um minuto. – Inspiro profundamente.

– Eu e o Zé estamos preocupados. Trouxe uma canja. – Abro a porta e lá está ela, tímida, com seu corpanzil segurando uma panela enrolada em uma toalha xadrez. Ela estende os braços e me passa a panela ainda quente.

– Entra um pouco, dona Betina, e descansa. Essas escadas não fazem bem à senhora. Não deveria ter esse trabalho todo. – Afasto-me da porta, dando passagem. Ela entra de forma tímida, com os olhinhos castanhos escaneando cada centímetro. Acho que ela e o seu Zé são as únicas pessoas no mundo que se preocupam comigo e me dão carinho. Às vezes, sinto como se tivessem me adotado, pois me enchem de mimos, convidam-me para a ceia de Natal e aniversários. Eles nunca tiveram filhos e sou a única moradora que os respeita. Quase todas as noites passo pelo apartamento deles para deixar alguma coisa diferente e ver como passaram o dia. Essa rotina me acalenta há anos.

– Eu fiz ontem à noite pro Zé, que não anda bem do estômago. Acho que fará bem a você também. E não é trabalho nenhum. E quero pedir desculpas em nome do Zé. porque ele ficou tão louco quando viu você desfalecida no colo do rapaz ontem, que o tocou daqui como um cachorro sarnento. – Sua última frase me tira do devaneio.

– Como é que é? – Engasgo. – Cheguei carregada por um estranho? Como assim? – Que vergonha! Sinto o rosto queimar e lágrimas ameaçam aparecer. – Ai, dona Betina, ultimamente acho que não estou fazendo nada certo. Como era esse rapaz? – questiono, envergonhada e curiosa.

– Ele era alto, moreno, bem bonito. Seus olhos negros cintilavam ao olhar para você, com carinho. Mas o Zé, você sabe como é, né? Desconfia até da sombra. Achou que o moço a

embebedou. Ele até tentou explicar, mas o Zé não deixou. – Ela fala mais algumas coisas e fico surpresa por não me lembrar de nada. Amnésia alcoólica.

Dona Betina se levanta de repente como se percebesse que falou demais ou deixou o feijão no fogo...

– Agora vou embora e espero que descanse um pouquinho, mas antes tome a canja, que ainda está quentinha.

– Obrigada – digo, sem graça. – Diga ao seu Zé que ele é meu herói. – Mesmo não sabendo se fui salva pelo anjo da guarda ou pelo anjo do mal pronuncio as últimas palavras mais para mim mesma.

Abro o armário, perdida em pensamentos, e só encontro pão dormido, que esfarelo na canja ainda quente. Cada colherada aquece meu coração, que está congelado. Traí meus princípios para tentar ser feliz. Com a ânsia de amar, passei por cima do que é certo. Agora, a dor é a senhora que assume minha vida, como consequência dos meus atos. Desde pequena, tudo o que aprendi foi através da dor. Mas agora aprendi também que, para demonstrar o amor que sinto por uma pessoa, preciso ter certeza de que este amor é correspondido. Fui impulsiva, pois ele nunca demonstrou sentimentos por mim, mas sempre me respeitou. E não fui capaz de respeitá-lo.

Ouço um bipe de notificação de mensagens no celular. Entre uma colherada e outra, vou lendo. Três mensagens de um número desconhecido.

Está tudo bem? Uma mocinha inocente não pode sair sozinha quando decide beber para afogar as mágoas. Pode ser muito perigoso.

J.

Esfrego os olhos. Quem me conhece a ponto de saber meu endereço e, ainda por cima, meu número de telefone? Rolo a tela e lá está a segunda mensagem, mais confusa ainda.

Pensei que enfermeiras cuidavam das pessoas e advogados defendiam-nas. Depois que te conheci, acho que, além de defender pessoas, tenho grande vocação para cuidar delas também. Quanto ao seu carro, permanece no estacionamento do bar, pois não achei prudente deixa-la guiar, já que não enxergava um palmo à frente do nariz. Mocinhas que pretendem sair para

encher a cara devem saber que existe uma regra básica na vida: álcool e direção não combinam.

J.

Será que é o pavão de caudas abertas? Não pode ser! Ele nem sabe meu endereço. Que bosta! Claro que sabe: deixei meu cartão com ele. Aposto que gravou meu endereço só para mandar a conta da obra de arte que quebrei no escritório. Defensor e cuidador de pessoas? É muito pretensioso! Só vou ler a última mensagem porque minha curiosidade não me deixa apagá-la.

Acho que não começamos bem. Primeiro, você sai quebrando tudo que vê à sua frente, inclusive algo que é muito importante para mim. Depois me despreza tanto que decide me banhar com o líquido viscoso que saía de sua linda boca, com cheiro de álcool e suco gástrico. Tenho até medo de vê-la novamente. De qualquer forma, espero que esteja bem.

J.

Não aguento! O impulso é mais forte do que eu. Acho que o álcool, que ainda corre pelas minhas veias, faz com que tenha coragem de responder, o que faço automaticamente:

Em primeiro lugar, sou maior de idade, dona dos meus atos e responsabilidades. Portanto, o que faço da minha vida diz respeito somente a mim. Quanto a sair para beber, saio a hora que quiser... Não te pedi ajuda! Não te conheço! Se foi falar comigo em um momento em que não estava passando bem, problema seu. Não acredito que seja tão bom samaritano assim, a ponto de sair protegendo mocinhas indefesas. E não foi culpa minha ter quebrado aquela coisa no seu escritório, foi sua, pois você que ficou segurando minha mão, deixando-me apenas com uma das mãos para pegar a bolsa e, por isso, a alça enroscou naquela coisa, que caiu no chão. Nem tenho carro, portanto, seu receio foi injustificado. Por último, fique sossegado que não pretendo vê-lo nunca mais mesmo. Passar bem.

Saio limpando tudo na minha casa, como se limpasse um passado próximo e nada louvável. Agacho perto da cama para limpar a poça gosmenta e sinto uma dor no cotovelo

esquerdo. Ele está machucado. Provavelmente, levei um tombo. Com a roupa suja nas mãos, ouço outro bipe do celular. Juro que, dessa vez, vou lhe mandar ir à merda!

Não fique tão brava. Essas coisas acontecem até com bebedores mais experientes. Juro que não fiquei chateado com sua mensagem simpática. Imagino que você está com uma ressaca acima da média. Deve ter acordado meio azeda, diferente da mocinha delicada que conheci. Esse sentimento e o mal-estar logo passarão. E, para provar que não guardo mágoas no coração e que sou um bom samaritano, indiquei você a uma pessoa especial.

Entrevista com Eliana Pamplona

Dia: 26/06/2014 (amanhã)

Horário: 10h

Cargo: Enfermeira.

Paciente: Guilherme Pamplona Onassis

Patologia: Leucemia em tratamento

Endereço: Rua Santos Dumont, nº 137, Jardim. Maria Helena.

Caso se interesse pela vaga, já estará sendo aguardada no local e horário marcados.

Bom Samaritano de mocinhas desprotegidas...

Jonas Pamplona.

São 9h58 e estou diante de um sobrado antigo, com diversos janelões de vidro, todos fechados com cortinas. É a segunda vez que toco a campainha. Um vulto atrás de uma das cortinas me faz sentir um calafrio, uma sensação estranha. A porta abre e, à minha frente, aparece uma mulher com traços fortes, cabelos desgrenhados e olheiras gigantes e tristes. Uma expressão séria e dura. Ela me encara, desconfiada.

– Bom dia! Sou Rafaela Farias e tenho uma entrevista marcada com dona Eliana Pamplona.

Paula

A voz daquele velho asqueroso não saiu da minha cabeça. Claro que, assim que ele desligou, arrebentei o celular na parede. Sorte que tenho vários aparelhos. Não que saia por aí rasgando nota de cem, mas sou muito impulsiva, e já quebrei outros telefones. Quando estou nervosa, jogo na parede o que estiver ao meu alcance.

Até pensei em ligar para o Marco e pedir ajuda com a questão... Mas, do jeito que vem me tratando desde o nascimento da menina, acho que, além de não me ajudar, daria um sermão.

Vinte minutos submersa na banheira foi tudo o que precisei para sair renovada, linda, gostosa. Liguei para o escritório do Bueno e agendei a reunião no horário mais próximo. Para passar o tempo e fugir da angústia pela espera da reunião, decido ir ao spa e ter um dia de princesa. Meu cabeleireiro, que trabalha lá, não corta meu cabelo, mas o transforma. Não há pedicure, mas podóloga. Ou seja, são apenas profissionais capacitados. Cada vez que vou, não deixo menos de mil e quinhentos reais, mas vale cada centavo.

Depois de relaxar como mereço, finalmente já estou na sala de reunião, aguardando o suposto beneficiário do testamento. Detesto ficar esperando e minha vontade é a de dar um show. Quem esse bastardo pensa que é para fazer Paula Góes Mesquita era Respiro fundo e começo a contar o número de cristais que adornam o lustre da sala.

Minha cabeça vagueia. Como desembargador, meu pai não fez fortuna. A riqueza da família vem da herança que meu avô paterno deixou. Pode ser que meu pai tenha deixado apenas uma de suas casas alugadas para algum inquilino antigo. Mesmo não concordando com isso, posso até permitir. Assim, já fico com meu dízimo pago, garantindo um lugarzinho no céu.

Interrompendo meus pensamentos, entra na sala o dr. Bueno, acompanhado de um home com aparência de cientista maluco. Fico sem entender direito o que aquela figura bizarra tem a ver com a reunião, assim como uma senhora, de uns cento e cinquenta e sete anos mais ou menos, que entra atrás deles.

– Paula, boa tarde! – Ele estende a mão. Tenho vontade de deixa-lo ali parado, passando vergonha só porque me fez esperar quase oito minutos. Mas, como disse, tenho boas maneiras e não faço isso.

– Boa tarde! Agora, posso saber quem são essas pessoas? O que estão fazendo em nossa reunião? – Prometi não dar piti, mas não aguento ficar calada.

– Quero apresentar a você seu Antônio Marques e dona Ana Maria Claro, administradores da Creche Especial Maria Claro. – Não estou ouvindo isso! Aquele desmiolado do meu pai não ajudou ninguém a vida toda. Depois de morto quer dividir o dinheiro que me pertence com um bando de retardados? Era só o que me faltava!

Nem estendo a mão. Bando de aproveitadores! Estão com sorrisos simpáticos para mim porque não é no dinheiro deles que estão mexendo. Queria ver se manteriam essas expressões se fosse o contrário.

– Se as apresentações já estão feitas, vamos começar logo essa reunião, por favor? – Estou soltando fogo pelas ventas, cuspiendo vespas e marimbondos.

– Acho que vamos ter de esperar um pouquinho, pois ainda falta uma pessoa que, acredito, chega em dez minutos... – Alguém entra na sala. – Ah, não precisaremos esperar mais, acaba de chegar...

– Boa tarde a todos! Perdão pela demora, mas o trânsito está pior a cada dia. – Não preciso me virar para reconhecer a voz que cumprimenta e se desculpa. É ele... O homem que mexe com meus sentidos, aqui, em carne e osso.

Levanto-me depressa, abraço-o fortemente e sinto que seu cheiro pertence à minha pele. Como é bom sentir seus braços, mesmo que em um abraço morno, sem a pegada que sei que tem... O dr. Estraga-prazeres interrompe o momento e começa as apresentações. Puxo a cadeira ao meu lado e mostro ao Marco onde é seu lugar. Ele finge que não entende e acaba sentando bem longe de mim. Será que nem meu amigo ele consegue ser?

– Quero agradecer a presença de todos, principalmente porque sei que foi em cima da hora.

Sou fuzilada pelo olhar de Bueno, que me responsabiliza por ter exigido urgência na leitura do testamento. Retribuo seu olhar de fuzilamento com meu melhor olhar de desdém.

– Na qualidade de blá-bla-blá... Eu, Jurandir Mesquita, deixo, em meu testamento, quarenta por cento do total dos meus bens para a minha única neta, Vitória Mesquita Ladeia, e exijo que o curador deles seja o dr. Marco Ladeia. Dez por cento deixo para a Creche Especial Maria Claro, que nasceu do sonho e do ideal de pessoas que acreditaram na possibilidade de transformar as vidas de pessoas portadoras de necessidades especiais... -Nessa hora ,dou um pulo da cadeira e questiono, com muita raiva.

– Que brincadeira e essa? Que lugar é esse e o que faz que justifique receber tudo isso?

– Talvez seu Antônio e dona Ana Maria possam lhe explicar um pouco a respeito da história e das atividades da Creche – diz o advogado, com uma cara de zombaria.

A mulher centenária começa a falar, com uma voz que dá vontade de dormir.

– Bem, vou tentar resumir um pouco, mas contarei sobre nosso começo. – A senhora limpou a garganta e continuou. – O projeto se iniciou na década de 1960, quando uma mulher recebeu como herança umas terras no Jardim América. Nessa ocasião, ela manifestou o desejo de doá-las para a construção de um sanatório para toxicômanos. Em 1962, doou o terreno para o Lar Espírita Ivan Santos de Albuquerque, atual mantenedor da Creche Especial Maria Claro. Era o início do projeto. A verba era arrecadada com almoços em cozinha improvisada, servidos sob as árvores. Depois, o projeto inicial mudou e decidiram que seria uma creche para crianças com deficiências. O trabalho começou com apenas cinco crianças e o prédio inacabado. Hoje, atende cerca de cento e trinta crianças e adolescentes de famílias carentes e oferece serviço educacional, terapêutico, alimentação, transporte, medicamentos e dieta específica para os atendidos com gastrostomia, que é a alimentação por sonda, e distúrbios gastrointestinais. – Ela finalmente para de falar. Após essa explicação enorme, apenas para não causar má impressão ao Marco, aceno com a cabeça para que o advogado prossiga.

– Os outros cinquenta por cento deixo para os meus herdeiros necessários.

Neste momento, entro em choque. Sinto a raiva se apoderar do meu corpo. Meu rosto está quente como se tivesse sofrido uma queimadura. Salivo tanto que parece que vai transbordar líquido da minha boca. Meu coração está acelerado e pulsante. Tenho vontade de gritar com toda a força que meu pulmão permitir. O que aquele vegetal fará com tanto dinheiro? Não pode ser! E esses dez por cento para essa instituição... É um absurdo! Meu pai não fez nada em vida. Aí agora quer uma passagem para o céu e resolve tirar o que é meu por direito? Prestes a ter um ataque, acontece um milagre... A consciência e a razão invadem meu cérebro e me obrigam a me controlar, me dando forças para suportar a injustiça que sofro.

Todos se cumprimentam, felizes. Disfarço a indignação com cara de paisagem. Não posso e não quero revelar minhas emoções diante de todos, principalmente do Marco. Como uma pintura morta por dentro e viva por fora, assumo o controle da situação. Estampo uma pureza, quase dando pulinhos de alegria para mostrar meu contentamento. Tirando-me dos pensamentos, ouço o Marco falar.

– Bueno, deixo tudo em suas mãos. Preciso ir. Já estou atrasado para um compromisso. Nós nos falamos em breve.

– Marco, estou tão contente que meu pai tenha deixado parte de sua herança a nossa filha... Com esse dinheiro, podemos viajar pelo mundo buscando auxílio para o tratamento dela.

– Paula, sou agradecido também ao seu pai. Mas, francamente, não tenho intenção nenhuma de levar Vitória a lugar algum. Ela está sendo bem assistida aqui no Brasil.

Deve ser bem fácil cuidar dela, não é? Não tem movimento nenhum, não fala, não chora... A única parte difícil deve ser a troca de fraldas, o que, acho, ele nunca fez.

– Estou com saudades da Vitória. Sempre disse ao meu pai o quanto ela é importante em minha vida e que meu maior sonho era o de procurar o melhor tratamento do mundo para ela. Acho que isso pesou em sua decisão. – Seu sorriso sarcástico quebra minhas pernas.

– Saudade? Imagino! Até logo.

Até logo mesmo! Pois, se ele acha que vou deixá-lo gastar sozinho o dinheiro da nossa filha com sua amante safada, está redondamente enganado. Vitória, minha menina, a mamãe está voltando.

Caio

Estou inquieto. Se afirmar que aflição e impaciência não povoaram as últimas 48 horas, não estaria sendo honesto comigo. A interminável agonia e a espera por notícias me levaram a procurar momentos de prazer. A vida é curta para ficar aguardando pelos outros. Saber lidar com isso e garantir uma vida sexual agradável me ajudaram a fazer o tempo passar. Ontem a noite fui à forra. Liguei para uma antiga *amiguinha*. A safada gosta de tudo o que é imoral e libertino, e cobra caro devido aos anos de pós-penetração na área. A loira deliciosa gosta de dar a bocetinha de quatro, com a bunda bem arrebitada, e de levar uns tapas enquanto é fodida com força por trás. É uma maravilha ver todos os pelos do seu corpo arrepiados, principalmente quando senta no meu pau, rebolando como ninguém. Ela também suga meu corpo todo, fazendo estragos alucinantes com a língua. O melhor de tudo é ouvir seus gemidos e sussurros, da hora em que entra no quarto até o momento em que sai, levando seu pagamento gordo.

Durmo feito criança depois dos orgasmos arrasadores que tive. Perdido em pensamentos, um barulhinho irritante surge... Desperto com o som do celular e, sonolento, tenho dificuldade em ler o nome que aparece na tela.

– Alô? – digo com a voz rouca, raspando a garganta.

– Oi, chefia... Tá com a voz de sono... Me desculpa aí se te acordei.

– Diga logo o que quer a esta hora da manhã.

– Sou profissional, chefia! Disse que precisava de mais quarenta e oito horas e meu prazo acaba de se esgotar. Já tenho tudo do que precisa.

Pulo da cama.

– João, me encontre no mesmo lugar de sempre daqui a uma hora.

– Beleza, chefia.

Começo a ler o relatório detalhado e as informações confirmam tudo o que já sabia. A Nicole é uma ordinária. Aparecem números, contatos de prestadores de serviços, esclarecimentos e prestações de contas. Meu sangue sobe à cabeça, mas começo a voltar a enxergar. Sinto o rosto afogear.

– Aí, chefia, é melhor o senhor se controlar. O João não brinca em serviço, não! Ainda tem muita coisa pro senhor ver.

Trezentos e cinquenta e três mil, oitocentos e quarenta reais: foi a quantia que a pé de chinelo desviou das obras da filial de Florianópolis. Maldito dia em que tive de acompanhar essa obra. As informações do relatório são precisas. As provas apresentadas renderão uma demissão em massa. Farei meus advogados procurarem todas as penalidades que podem ser aplicadas a cada um dos envolvidos.

As consequências das descobertas estampadas nas provas materiais serão cancelamento de contratos com diversas empresas importantes. Quero que todos se danem! Vou queimar todo mundo no mercado nacional. Ninguém me faz de otário e sai impune. Quando viro a página, meu coração congela. Dou uma gargalhada e todos que estão à nossa volta se viram para olhar.

Até consigo entender os motivos das chantagens feitas pela Nicole, mas e os dele? Por quê? Ainda não consigo juntar as peças do quebra-cabeça. O que pretende fazer? As provas e as fotos são claras quanto à identificação dos dois. A ordinária ainda usou meu carro para ser feita de motorista do cafetão. Não consigo entender. Continuo vendo todas as fotos e tudo o que olho me deixa ainda mais confuso. Ele não tem ligação nenhuma comigo. A não ser que...

Bom, só descobrirei quando mostrar a esse cara de pau que o joguinho acabou. A partir de agora, quem dita as regras sou eu. Pagarão cada centavo que gastei com eles bem como uma bela indenização por tentarem me fazer de trouxa. Foi importante identificar esse homem...

– Bom, chefia... Agora estou esperando só as ordens do senhor, que sabe que faço serviço completo: barba, cabelo e bigode.

– Dessa vez... Se eu não fizer com minhas mãos, aviso você.

PÁGINAS DE *PECADORA*, DE NANA PAUVOLIH (PLANETA, 2017)**Páginas 7 a 17**

Cinco anos antes

Isabel

Eu ri, deitada ao lado da minha irmã, ambas apertadas na minha cama de solteiro, como costumávamos fazer nas manhãs de domingo. Era engraçado como Rebeca sempre me fazia sentir livre e solta como normalmente eu não era. Eu sempre tinha sido tímida e quieta; ela, extrovertida e espalhafatosa.

— Você ri? — Ela me empurrou com o ombro, pressionando-me contra a parede.

Empurrei-a de volta, e ela quase caiu. Gargalhamos.

Então ela envolveu minha cintura com um braço e ergueu o rosto, olhando para mim e dizendo, inesperadamente:

— Estou grávida.

Gelei, muda. Virei minha cabeça sobre o travesseiro e busquei os olhos dela, pensando ser mais uma brincadeira. Mas ela estava séria. Deixou a cabeça cair no meu travesseiro e ficamos nos encarando.

Senti medo por ela. Minha irmã é quase dois anos mais velha do que eu, mas ainda assim tinha só dezoito anos. Ameacei chorar, mas me segurei. Murmurei, angustiada:

— Meu Deus...

— Deus não tem nada a ver com isso, Isabel. Ou talvez tenha... — Ela deu de ombros.
— Você vai ser titia.

— Rebeca, você sabe que isso vai ser uma tragédia aqui em casa. — Eu me ergui e me sentei, tensa. — Papai e mamãe...

— Não querer me matar. Ou melhor, me casar — brincou ela, de novo.

Ela se sentou também, passando a mão pelo cabelo curto, na altura do pescoço, em cachos desconexos. Era totalmente diferente do meu, que passava da cintura, como fora o dela um dia, antes de se revoltar e cortar tudo, episódio que quase lhe custara uma surra do nosso pai.

— Casar com quem? Quem é o pai do bebê?

— Como vou saber, Isa? — debochou ela. — Pode ser qualquer um dos dez ou vinte com quem transei nos últimos tempos.

— Ah, Rebeca! — Segurei suas mãos, nervosa. Não concordava com muitas das loucuras dela, mas, no fundo, eu a entendia. E me preocupava, por sua causa e por nossos pais. — Você faz isso só para confrontar os dois!

— Faço porque quero! Sou livre! Sou maior de idade e trabalho. Vou contar a eles sobre a gravidez, alugar um quarto e sair daqui. Vou me livrar dessa loucura toda!

— Não é loucura. — Tentei justificar. — Papai é pastor e...

— Loucura! — repetiu, irritada. — Opressão! É isso o que ele faz com essa igreja que ele criou. Isso não é religião, Isabel. Deus não é essa infelicidade toda que somos obrigadas a suportar. Conheço muita, muita gente cristã que está longe de viver oprimida como nós.

Uma parte de mim pensava como ela. Mas, criada desde pequena de maneira rígida, eu tinha medo daqueles pensamentos. Temia também pela salvação da minha irmã, que eu amava mais do que tudo.

— Escute... — Coloquei a mão em seu rosto, com carinho e preocupação. — Não precisa dessa revolta toda. Você se machuca e magoa nossos pais, Rebeca. Pode falar o que quiser sem...

— Falar o que quero? Desde quando? Não me faça rir, Isa! — Ela suspirou, mas não se afastou. — Sabe que eles não aceitam! É aquela religião maldita deles.

— Não diga isso — briguei com ela. — É a nossa religião!

— Pode ser a sua; a minha, não!

Mordi os lábios, nervosa. Eram dois lados radicais, dois extremos. As brigas não eram novidade, mas agora Rebeca tinha ido longe demais. Nossos pais nunca aceitariam aquilo. Seria uma afronta sem perdão.

— Rebeca, você não sabe mesmo quem é o pai do bebê? — Segurei a mão dela. — Podemos falar com ele. Talvez queira se casar, e aí contamos ao papai e...

— Acho que até sei quem é, mas quem disse que quero me casar? Sair de uma prisão e cair em outra? Vou criar meu filho sozinha. Estou vendo um quarto para alugar. Aí pego minhas coisas, conto aos velhos e me mando. Simples assim.

— Ter um bebê não é algo simples. Como vai trabalhar e cuidar dele sozinha, longe daqui?

— Dou um jeito. — Ela sorriu e cruzou as pernas nuas. Usava um pijama de short e camiseta, outra afronta, já que nossos pais não permitiam roupas que expusessem o corpo.

Aproximou-se, beijou minha bochecha e disse, tranquila: — Não se preocupe comigo. Vou ser mais feliz longe deste inferno aqui.

Não sorri nem me despreocupe.

Ruth – nossa irmã mais velha, de vinte e dois anos —, Rebeca e eu aprendemos cedo a viver de acordo com a religião dos nossos pais.

Meu pai havia começado como obreiro de uma igreja pentecostal no interior do Rio de Janeiro, mas discordava de muitas das ideias que ouvia ali. Mudamos para uma vila no Catete, bairro de classe média da capital, e ele não se adaptou a nenhuma das igrejas que frequentou. Como era muito severo, achava quase todas liberais demais, mesmo aquelas tidas como mais rigorosas. Acabou fundando a sua própria igreja em uma casa alugada perto da nossa, dando-lhe o nome de Deus É Por Nós. Lá ele se tornou pastor e assumiu todas as responsabilidades que o cargo acarretava, realizando obras para ajudar a comunidade.

Sua base foram a Bíblia e os fundamentos pentecostais de sua formação, mas ele moldou a nova religião de acordo com o que acreditava e nos educou com base nela. Rebeca, no entanto, sempre demonstrou pensar diferente.

Meus pais a acusavam de ter sido corrompida pela devassidão, deixando o demônio ditar seus passos. No entanto, apesar das brigas, dos enfrentamentos mais e mais ousados dela, acreditavam poder salvá-la. Rebeca os acusava de nos oprimirem com ideias arcaicas, e a cada regra que nos era imposta minha irmã se revoltava mais.

De um lado, estavam meus pais e Ruth, que não suportava as rebeldias da irmã do meio. De outro, Rebeca. E eu tentava equilibrar tudo, aparar as arestas. Como escolher um dos lados, se eu amava a todos e tinha dúvidas sobre o que era o certo?

Agora tudo parecia ter chegado a um ápice. Depois de cortar curtos os cabelos, usar roupas da moda e namorar ostensivamente, envergonhando nossa família, Rebeca estava grávida, sem nem ter certeza de quem era o pai.

Nervosa, eu a soltei e cruzei os braços, tentando pensar em uma saída.

— Ei, não fique assim! — Rebeca me puxou, sorrindo. — Libere essa tensão, garota!

Eu a olhei, sem acreditar que ela não via a gravidade daquilo.

— Não percebe o que isso pode causar na nossa família? Nosso pai vai se sentir traído, humilhado. Isso vai magoar muita gente!

— E as vezes em que fui magoada? Algum deles se preocupa comigo?

— Sim!

— Não! Nem com você! São só regras estúpidas! Não sou feliz aqui, Isabel. Ninguém é feliz nesta casa, nem mesmo eles! Nem Ruth, casada com aquele idiota, cheia de filhos,

fingindo ser perfeita! Nem você! Ou vai me dizer que dá para ser feliz em um lugar onde tudo é proibido? — Ela apertou os olhos, irritada.

— Não é assim...

— É exatamente assim! E você sabe disso!

Naquele momento, a porta do quarto se abriu. Nós nos calamos.

Ruth apareceu, olhando-nos com desconfiança.

Ela estava grávida pela terceira vez em quatro anos. Tinha se casado aos dezoito com um obreiro da igreja, Abílio. Parecia mais velha do que era, obesa, com um aspecto cansado. Não devia ser fácil cuidar de todo o trabalho doméstico e de duas crianças pequenas aos sete meses de gravidez.

Percebi que o bebê dela seria abençoado pela família, enquanto o de Rebeca seria visto como fruto do pecado.

Ruth olhou com desaprovação para a roupa de Rebeca, mas não disse nada. Já haviam discutido por anos a fio, e agora uma ignorava a outra sempre que era possível.

— Mamãe está chamando para ir à igreja, Isabel.

— Já vou.

Ela apertou os lábios. Odiava ver a gente juntas. Dizia que eu acobertava as maluquices de Rebeca, que vivíamos de segredinhos. Saiu e fechou a porta.

— Ela deve ter ouvido nossa conversa. Aposto — resmungou Rebeca.

Eu me levantei, tirei o pijama e coloquei meu vestido longo de botões. Ajeitei os cabelos num coque enquanto Rebeca me observava com carinho.

— Você é tão linda, Isabel!

Eu a encarei e baixei a guarda, como sempre acontecia.

— Isso não importa.

— Claro que importa. É linda por dentro e por fora e merece ser muito feliz.

— Eu sou.

— É nada!

— Claro que sou.

— Quer me enganar, Isa? — Balançou a cabeça. — Aquele cara não é pra você. É um imbecil!

— Não fale assim do Isaque!

— Um idiota, como o Abílio! Quer o futuro de Ruth para você? Ser escrava de um babaca burro e gordo, que vai encher você de filhos?

— Às vezes, você me irrita! — Sai de perto dela e fui para a porta.

Rebeca levantou num pulo e me abraçou por trás, beijando meu pescoço e dizendo entre risadas:

— Não fica emburradinha, não! Sabe que amo você e falo pro seu bem!

— Pare com isso!

Eu ri também, pois fazia cócegas. Abracei-a de volta, cheia de preocupações. Rebeca parecia leve e feliz.

— Vai dar tudo certo — murmurou.

Eu sabia que não, mas fazia jejum e oraria a Deus para que aliviasse a ira do meu pai.

— Coloque uma roupa decente e pense com calma — pedi. — Por favor.

— Tenho coisas mais interessantes a fazer! — Ela piscou e voltou a se jogar na minha cama. Ficava mais na minha cama do que na dela, que estava sempre bagunçada.

Seu tom me alertou de que estava aprontando mais alguma.

— Rebeca, por favor, não arrume mais confusão!

— Pode deixar, meu amor. — Ela sorriu, maliciosa.

Suspirei e saí do quarto.

Meus pais, Ruth, meu cunhado e meus sobrinhos, Esther e Paulo, de quatro e dois anos, estavam prontos.

Cândida, minha mãe, olhou-me séria.

— Ao menos perguntou se sua irmã nos acompanharia hoje para ouvir a palavra de Deus?

— Ela não vai, mãe.

— Claro que não! — ironizou Ruth.

Eu a encarei, séria. Ela adorava piorar a situação.

— Vamos logo. — Meu pai parecia irritado. Saiu e o seguimos, cada um com sua Bíblia.

Morávamos no Catete, em uma vila que tinha sido um cortiço ocupado por portugueses empobrecidos, pessoas de classes baixas que queriam viver na Zona Sul e nordestinos que alugavam quartos baratos. Muitos acabavam não tendo condições de arcar nem com aquilo e caíam em vícios, daí o grande número de mendigos nas redondezas e bêbados nos bares decadentes.

Muitas famílias ainda se aglomeravam em quitinetes e casas apertadas, algumas das quais tinham sido incrementadas, ganhando puxadinhos até virarem algo parecido com

pequenos prédios sem nenhuma infraestrutura. Camelôs ocupavam as calçadas com suas bugigangas e era normal disputarem a gritos com o funk que saía pelas janelas e com os cultos das pequenas igrejas que pipocavam pelo bairro. A confusão sonora e visual chegava a causar dor de cabeça.

Roupas balançavam nos varais externos naquela manhã de domingo, ressaltando a aparência feia da vizinhança. A feira do dia anterior tinha deixado um cheiro de frutas podres no ar devido aos montes de lixo acumulados nos cantos à espera do lixeiro, que só passaria na segunda-feira. Para piorar, os vira-latas espalhavam todo o lixo em busca de comida.

Meus pais seguiam à frente na calçada, sérios, bem-arrumados. Ele, de terno; ela, com uma roupa de domingo. Abílio ia depois, com o filho caçula no colo. Estava bem acima do peso, e suas pernas roçavam uma na outra. Seus cabelos rareavam, embora não tivesse nem trinta anos. Suava muito e, assim como Ruth, parecia acabado.

Minha irmã vinha ao meu lado, respirando fundo por conta do peso da barriga de sete meses. Levava a filha pela mão.

Nas esquinas, prostitutas e travestis já tinham encerrado o expediente da noite anterior. Algumas iam para casa por ali mesmo, outras paravam num bar para tomar a saideira.

Eu tinha a impressão de que a pobreza se perpetuava em certos lugares. Muitas pessoas tinham passado pelo bairro, mas eu não via ninguém melhorar de vida nem tentar mudar aquele lugar. Digo, meu pai bem que tentava. Ele tinha montado na igreja um programa de arrecadação e distribuição de alimentos e iniciativas para arrumar emprego e moradia para quem não tinha e para auxiliar vítimas de tragédias.

O pastor Sebastião podia ser excessivamente rígido, seguindo seu entendimento dos textos bíblicos e impondo costumes à família e aos fiéis, mas era um homem honesto, que tentava ser justo e nunca tinha desviado nem um real da igreja para proveito próprio. Vivíamos apenas do seu salário como pastor.

Tudo o que arrecadava ele investia em obras sociais. Ajudava muita gente, a ponto de não ter tempo para si mesmo. Deixava suas vontades de lado em nome de algo maior, que era evangelizar. Cada pessoa que levava para a igreja, cada alma que libertava do que entendia como vício ou pecado, era uma vitória para ele. Dizia ser esse seu papel no mundo.

Depois de muitos anos de trabalho, a sede da igreja Deus É Por Nós era própria e tinha sido reformada. Era simples, com bancos de madeira compridos, e estava sempre impecável. À frente, tinha espaço para um órgão, duas grandes caixas de som, um púlpito com microfone e com apoio para a Bíblia e uma mesa com cadeiras de espaldar alto.

Os fiéis já começavam a chegar com seus livros sagrados. Todos tinham mais ou menos o mesmo estilo: homens de terno ou camisa social, mulheres com cabelos longos e roupas compridas.

— Todas as famílias vêm inteiras para o culto. E eu, que sou o pastor, que deveria dar o exemplo, tenho a família desfalcada — disse meu pai, baixo e entredentes, visivelmente contrariado.

— Tudo vai se resolver. Deus cuidará, Sebastião — disse minha mãe, que no fundo também parecia irritada.

Ruth, contrariando minhas expectativas, não aproveitou a oportunidade para ressaltar como Rebeca agia errado e como ela, ao contrário, era obediente e temente a Deus.

Senti o nervosismo voltar. Rebeca não parecia ligar para a reação de nossos pais à sua notícia, embora o clima em casa me fizesse imaginar que a qualquer momento uma tragédia podia acontecer.

Por mais rigoroso que meu pai fosse, tinha suportado muitos caprichos da filha rebelde. Ela o humilhava perante a congregação, deixando claro que ele não tinha domínio sobre ela, que a casa do pastor não era de paz e que havia um ente desvirtuado, que não respeitava o que ele mesmo pregava.

Todos se voltaram para nos cumprimentar quando chegamos. Eu sentia que nos tratavam com um respeito excessivo só por sermos parentes do pastor. Éramos admirados e servíamos como exemplo, e por isso as ações de Rebeca preocupavam tanto meu pai.

A maioria dos fiéis achava que o demônio queria enfraquecer a obra do pastor corrompendo sua filha. As pessoas oravam por ela e acreditavam numa vitória final de Deus, o único capaz de trazê-la de volta como uma ovelha desgarrada.

Na primeira fileira, encontramos meu namorado, Isaque, e seus pais. Nós nos conhecíamos desde sempre, e ele tinha sido o único homem aprovado como meu futuro marido pelos meus pais.

Sorri para ele, que sorriu de volta. Isaque era um tipo comum, de pele clara, estatura mediana e cabelos e olhos castanhos. Nosso namoro não era muito diferente de uma amizade. O máximo que fazíamos era dar as mãos de vez em quando. Eu nunca o tinha beijado.

Prestes a fazer dezessete anos, eu nunca tinha dado um beijo na boca.

Eu me sentei, e Gilmara, a mãe dele, ficou entre nós, então nem conseguimos nos falar.

Todos se acomodaram, e meu pai se posicionou diante do microfone. O organista começou a tocar, e todos ficaram em silêncio. Logo, meu pai receberia sua congregação e

faria as apresentações iniciais. Eu me desliguei um pouco do que ele falava, perdida em pensamentos.

Gostaria de estar ali com o espírito elevado e a mente tranquila, mas não era só a gravidez de Rebeca que me preocupava.

Apesar de nunca ter sido rebelde como ela, eu pensava em coisas que não deveria. Criada como fui, ouvindo que o diabo não ganharia força em minha vida se me mantivesse concentrada em Deus, eu estava decepcionada comigo mesma.

Talvez fosse difícil demais ser cristã no mundo em que vivíamos, cercados de devassidão na televisão, na escola, na rua, entre conhecidos e vizinhos. Todo mundo parecia ansioso por pecar e espalhar o pecado. Era preciso uma força grandiosa para não se deixar corromper.

Minhas colegas de escola só falavam em garotos, sexo, namoro. Elas se maquiavam e usavam roupas curtas e justas. Minha mãe me mandava ficar longe delas, mas como eu poderia me isolar das minhas amigas, com quem me dava tão bem?

A verdade é que me influenciavam de alguma maneira, pois ainda bem nova comecei a ter curiosidade sobre diversos assuntos. Como muita coisa não era falada em casa, e sabendo que qualquer pergunta errada seria motivo para castigos, eu guardava tudo para mim.

Rebeca também me influenciava, contando as coisas que fazia, como se divertia, os rapazes que conhecia. Eu ficava chocada, mas também balançada. Queria e não queria ouvir. Era como se metades de mim, com vontades diferentes, brigassem o tempo inteiro.

Enquanto meu pai falava ao microfone para uma plateia atenta, eu, envergonhada, baixei os olhos para minhas mãos no colo.

Ele achava que só uma de suas filhas era pecadora. Estava enganado. Mesmo que eu não demonstrasse, uma parte de mim questionava tudo aquilo. E pecava. Como nas vezes secretas em que me toquei. Ou em que me imaginei beijando Isaque, tirando minha roupa para ele, sendo penetrada.

Freei o pensamento, culpada, ainda mais por estar na casa de Deus. Eu orava muito, pedindo perdão. Aos doze anos, tinha descoberto sozinha o que era masturbação —, e me sentia impura e culpada quando não resistia àquilo.

Era por isso que eu entendia Rebeca. Não era apenas por amá-la muito que eu não conseguia me afastar. No fundo, eu sabia que a diferença entre nós duas era que ela, sempre feliz e expansiva, cheia de vida, questionava a religião abertamente enquanto eu fazia isso escondida.

Acontece que Rebeca deixara de ter controle sobre si mesma e se apaixonara pelo desafio. Abandonara de vez a igreja. E a situação se tornara insustentável. Para onde isso a havia levado? A ser mãe solteira? A ser expulsa de casa?

Respirei fundo, angustiada, e voltei a olhar para meu pai, fingindo ouvir sua pregação. Foi quando, como se pudesse ler meus pensamentos, ele disse:

— Muitos me perguntam o que é pecado: pôr em prática seus pensamentos impuros ou simplesmente pensá-los? E eu vos respondo agora. Em *Mateus*, Jesus lembra o que os antigos diziam sobre adultério e vai além, argumentando que, se o olho direito o escandalizar, você deve arrancá-lo e atirá-lo longe. O mesmo deve fazer com sua mão se ela tentar corromper você. Abram suas Bíblias e acompanhem.

Eu conhecia bem aquela pregação por causa dos vários cultos a que tinha assistido e do que aprendíamos em casa. Era isso o que mais me envergonhava. Saber tão bem o que era certo e, ainda assim, fazer o errado.

— Jesus não queria dizer, ao pé da letra, que os fiéis deviam arrancar os olhos e as mãos. Não era isso, meus filhos. Quem entendeu diga “amém”!

— Amém! — responderam os fiéis, num coro alto.

Meu pai acenou com a cabeça. Aos cinquenta e seis anos, tinha cabelos grisalhos e um início de calvície. Era moreno, com rugas marcadas e olhar imponente. Não era de sorrir muito, como se estivesse sempre preocupado.

— A ideia era se abster do uso do olho ou da mão com aquela intenção. Nenhum homem deveria olhar a mulher do próximo nem mulher nenhuma que não fosse a sua, porque isso já constituiria adultério. Como Jesus se dirigia a muitos homens casados, usou uma linguagem que eles entenderiam. Mas, na verdade, sua fala diz respeito a todos os pecados. Não devemos cobiçar nem querer tocar em uma mulher fora do nosso matrimônio. Apenas aqueles que contraíram matrimônio podem manter contato carnal. Temos que ser capazes de controlar nosso corpo, não o contrário.

— Amém!

— Jesus condena a mão direita, e não preciso explicar a que se refere.

Eu enrubesci, sabendo que meu pai se referia à masturbação. Minha mãe já tinha lido aquela parte para a gente e explicado que se tocar era proibido.

— Assim como deixa claro que cobiçar em pensamento já é pecado — continuou ele. — O coração precisa se recusar ao erro, pois o corpo é templo do Espírito Santo, e você não é dono do seu corpo. Se o seu corpo é de Deus, qualquer impureza que cometa contra ele estará sendo cometida contra Deus! É difícil entender, irmãos? Quem compreendeu diga “amém”!

— Amém!

Eu também falei “amém”, em um murmúrio envergonhado.

— Os homens veem a aparência, mas Deus vê o coração. Você pode fingir, esconder-se dos homens, mas não de Deus! Se alguém aqui foi consumido pela devassidão, pelo adultério ou por pensamentos impuros, se foi discipulado pelo mal, está na hora de lutar contra tudo o que é desaprovado por Deus. Não basta dizer que não consegue, como faria um viciado. Nem se entregar a sentimentos de vergonha, tristeza e culpa e depois voltar a pecar. Não, meus irmãos! Trata-se de esquecer o bombardeio vindo do inferno e se colocar nas mãos de Jesus, em uma luta diária — que será recompensada por Ele! Quando perceber que seu coração é puro, Deus o libertará do seu pecado!

— Amém — murmurei, orando fervorosamente por aquilo, quase caindo de joelhos para pedir perdão.

Era como se meu pai falasse para mim, causando-me vergonha, mas também uma vontade férrea de ser pura, honesta.

— O mundo está cheio de lascívia. Quem se entrega a ela vive em um cativeiro, em uma prisão, em uma escravidão. Pecar contra o próprio corpo é se prostituir. Atender a desejos sexuais ilícitos e se entregar às impurezas, mesmo em sua mente, é destruir a obra do Espírito Santo. Creia de verdade e se arrependa. Lute contra o mal. Só assim Deus vai ouvir seus lamentos e lhe dar a graça merecida. Caso contrário, quando chegar o dia do juízo final, Deus o condenará, e você dirá: “Mas não fui adúltero!”. E terá como resposta: “Foi. Em pensamento. Muitas vezes”. Vigie. Ore. Amém!

— Amém!

Eu quis acreditar que eu era mais forte que qualquer tentação. Jurei a mim mesma nunca mais ter maus pensamentos nem me tocar. Eu focaria em Jesus, em boas ações, em estudar. Faria jejum, condenaria a mim mesma, mas não perderia a minha alma.

Orei também por Rebeca, pedindo a Deus que me desse forças para ajudá-la e que a invadisse com luz. Pedi que ela parasse de pecar e de infringir leis, que fosse perdoada. Se ela mudasse, meus pais a aceitariam, mesmo grávida.

— O mal está nos olhos de quem olha, mas também na provocação de quem mostra. Por isso, temos regras em nossa igreja. Não para invadir a vida de vocês, mas para orientá-los. Roupas justas e curtas tentam o fiel, desviam a mente do culto sagrado. Todos devem se vestir com decência na igreja, no lar, no cotidiano. Seguimos ensinamentos bíblicos, não modas ou indecências.

Todos concordaram em murmúrios. Ele continuou:

— Devemos respeitar o mínimo, como modéstia, higiene e pureza, e usar roupas que não incitem ao pecado. E as mulheres não devem cortar seus cabelos. São afrontas! — Ele bateu com a mão no púlpito, parecendo irritado. Talvez pensasse em Rebeca. E na surra que por pouco não tinha dado nela quando a viu com os cabelos curtos.

Eu não sabia se meu pai havia escolhido o tema do culto aleatoriamente ou por estar perturbado demais com o comportamento da própria filha, querendo mostrar a todos que ele não concordava com aquilo. Ele parecia estar no limite.

Olhei de relance para Ruth, que estava concentrada na pregação, acenando fervorosamente com a cabeça. Ela nunca tinha dado trabalho aos nossos pais. Eu também não. Mas eu errava em pensamento e nas vezes em que me tocava. E ela? Era totalmente pura, determinada a viver em Cristo, ou tinha também seus pecados?

Páginas 167 a 174

17

Isabel

Desde a noite anterior, eu não fazia outra coisa além de pensar na música que Enrico me enviara. Era como se soubesse quem eu era, o que eu precisava ouvir, minhas lutas internas. Agora, a letra martelava em mim como se o autor a tivesse feito sabendo da minha história. Eu estava perplexa e abalada. Tudo o que eu sentia estava exposto ali. Perfeitamente.

Se alguém disser pra você não cantar

Deixar teu sonho ali pra uma outra bora

Que a segurança exige medo

Que quem tem medo Deus adora

Não havia sido isso o que me disseram a vida toda? Não faça isso, não faça aquilo, não caia em tentação. Adiar meus sonhos, esconder meus desejos, ter medo para me sentir segura, para não pecar. Assim, Deus me protegeria, salvaria minha alma, gostaria de mim.

Talvez outras pessoas concordassem e se sentissem confortáveis com isso. Eu, não. Fiz o que mandaram que eu fizesse, o que esperaram de mim, mas nunca o que eu desejei.

Sempre latejei por algo mais e senti um vazio estranho, como se eu fosse um cordeirinho no meio do rebanho, mas querendo correr livre pelo campo, mesmo arriscando cair.

Eu trabalhava, e minha mente fervia. A sala estava silenciosa. Todo mundo estava concentrado em seus afazeres e nem música tocava, como se para me deixar concentrada só naquela música, que eu já conhecia de tanto lê-la e ouvi-la desde a noite anterior.

Fugi. Foi o que sempre fiz. Fugi da vida.

Pensei na minha irmã Ruth, na sua expressão de júbilo toda vez que estava na igreja louvando a Deus, na sua felicidade em seguir as Escrituras, em ser uma filha boa, uma esposa correta, uma mãe perfeita. Ela não estava errada: Era o que lhe dava prazer. Se tinha seus defeitos, era gulosa, mesquinha e um tanto invejosa, teria que vencer tais coisas por si mesma.

Afinal de contas, era humana.

Pensei em Rebeca, na saudade que eu sentia dela, na vivacidade que eu nunca mais vira igual. Ela nunca se adequou àquela casa, pois seus sonhos eram outros. Ela se revoltou, talvez de modo até exagerado, mas preferiu seguir sozinha seu caminho, correr riscos, não se submeter ao que não queria.

E eu... Eu capenguei entre uma e outra. A vida toda foi assim, buscando me limitar, ser quieta como Ruth quando tanto de mim era como Rebeca. Nada nem ninguém poderia me dizer o que fazer nem como agir. Somente eu mesma encontraria meu caminho e minhas respostas.

Eu ainda não conseguia ter a dimensão do quanto tinha mudado, mas sabia que tinha.

De repente, uma música linda começou a tocar. Eu não conhecia. Olhei em volta e perguntei:

— Que música é essa?

Elton, um pouco curioso, respondeu:

— Adele, Isa. Essa música está tocando em todas as rádios. O nome é “Hello”.

— Isa só deve ouvir rádios evangélicas, não é? — Laíza sorriu para mim, parecendo ligeiramente debochada.

— Na maioria das vezes, mas nada me impede de gostar de outras músicas — respondi.

— Claro. — Seu olhar passou por mim como se duvidasse.

— Gostei de ver, Isa! — Talita piscou para mim. — Já que está mais soltinha, vamos com a gente no Matuto’s?

Eu já a tinha parabenizado pela manhã, inclusive lhe dando um presentinho.

— Eu vou. — As palavras saíram antes que minha consciência me alertasse. Senti meu coração disparar com aquela ousadia. E aí me lembrei de mais um pedaço da música:

*Se joga na primeira ousadia,
Que tá pra nascer o dia do futuro que te adora.*

— Sério?! — Alex estava surpreso. — Vai mesmo com a gente?

— Vou.

Eles me olharam entre sorrisos e dúvida. Sorri, sem graça, e voltei a trabalhar, nervosa. Eu me sentia como um bebê dando os primeiros passos. Uma euforia nova me dominava.

Deixei Adele me encantar com sua voz potente. Suspirei e senti uma paz desconhecida.

— Como assim você vai chegar tarde? Pensei que iríamos à casa do seu pai. Hoje é dia de oração pela saúde, e alguns adoentados vão comparecer — disse Isaque, na hora do almoço, quando liguei para ele.

— Não tínhamos combinado nada.

— Eu me esqueci de falar ontem. Agora já sabe.

Era uma oportunidade para renunciar ao perigo, ao desconhecido, mas não recuei.

— Lamento, mas prometi a Talita. Vou jantar com ela e meus colegas de trabalho. Não vou demorar.

Isaque reagiu na mesma hora.

— Não estou entendendo, Isabel. Você nunca deixou de ir às orações para sair com amigos, com pessoas estranhas, mundanas. O que está acontecendo?

— Não vejo problema algum.

— Não vê?

— Quantas vezes saiu com seus amigos para jogar bola e ir ao bar?

— Eu não tinha me dado conta do meu erro! Agora que sei, eu me afastei de tudo! Deveria se espelhar nisso para não cometer o mesmo erro.

— Isaque, não estou fazendo nada errado. Vou sair do trabalho, jantar com meus colegas, comemorar o aniversário de Talita. Depois, volto para casa. Apenas isso. Já deixei a comida adiantada e...

— Isso não é uma brincadeira?

— Não.

Eu sentia sua irritação.

— Vou para a casa do seu pai. Ele não vai gostar nada de saber que preferiu farrear.

— Não estou farreando. E depois me entendo com meu pai.

Também me irritei com a ameaça velada dele, o que me tornou ainda mais decidida.

— Se é isso o que quer, Isabel... Espero que Deus mostre o caninho a você. Lembre-se de que Ele deve estar sempre em primeiro lugar.

Ele desligou sem se despedir, na certa com raiva por não ter me convencido a ir para casa.

Voltei ao trabalho e não me deixei abalar. Até me surpreendi por sua raiva não me incomodar como imaginei.

Não vi Enrico naquele dia, embora tenha ouvido sua voz e sabido que estava ali. Fiquei imaginando se ele iria ao bar também, o que me deixou nervosa, mas, independentemente disso, eu estava decidida a sair, experimentar um pouco da liberdade e do meu direito de escolha.

No final da tarde, todo mundo estava animado, querendo que o expediente acabasse logo. Talita era a mais feliz; sua mesa estava cheia de presentes, além de um lindo buquê de flores que Enrico lhe dera quando ela passara em sua sala mais cedo.

Cada um partiu em um horário diferente para o bar. Fui com Talita, Laíza e Madalena para segurarmos uma mesa grande. Era na Urca mesmo, perto da praia, e deu para ir a pé.

O bar ficava na parte de baixo de um pequeno prédio de dois andares, revestido de azulejos brancos e azuis que lembravam uma casa portuguesa, com janelas amplas e plantas ornamentais na entrada. Por dentro, era grande, com luzes suaves e nichos um pouco mais escuros perto de um palco pequeno e baixo, onde um homem cantava ao vivo e tocava violão, acompanhando uma mulher ao teclado. Ainda não estava cheio, por isso pudemos escolher uma mesa perto do palco e da pista.

Eu olhava tudo em volta como uma adolescente ao sair pela primeira vez. Tudo que era comum para tanta gente era novidade para mim.

As meninas falavam sem parar, animadas, enquanto nos acomodávamos. Chamaram o garçom e pediram cerveja. Madalena brincou:

— Já tomou cerveja, Isa? Quer brindar com a gente?

Eu a olhei, surpresa. Achei que aquilo já seria demais. Laíza comentou:

— Gente, ela não bebe. Mas pode brindar com suco ou refrigerante.

— É mesmo — concordou Talita.

Eu as olhei, todas à vontade, donas do próprio destino. E eu agindo como um bichinho espantado. Uma parte minha se perguntava o que eu fazia ali e me mandava voltar correndo para casa. Outra se encantava com as possibilidades.

— Vou tomar uma cerveja. Só um copo, para experimentar.

Vi o choque no rosto delas. Eu também estava um tanto chocada comigo mesma.

— Cacete! — Madalena riu.

— O que deu em você hoje, Isa? Foi abduzida? — Talita riu também, erguendo as sobrancelhas. — Nossa, por essa eu não esperava! Garçom, uma cervo gelada e quatro copos!

Sorri como uma boba, perdida ali naquele bar, ouvindo músicas que tinha escutado apenas de longe. Olhei para o casal no palco, as pessoas que apareciam, os risos e as conversas fáceis. Relaxei um pouco.

A cerveja chegou, e o garçom a abriu, colocando um pouco em cada copo. Segurei o meu, fitando o líquido que era quase da cor dos olhos de Enrico. Os olhos dele eram apenas um pouco mais escuros.

O gelado da cerveja chegou aos meus dedos, mas eu me sentia quente, ardente.

— À Talita! — brindou Laíza, erguendo seu copo. — Que tenha muitos anos de vida!

— À Talita! — ecoou Madalena.

— A mim! — riu Talita.

— À Talita! — brindei, pela primeira vez na vida.

Elas tomaram um gole e me espiaram. Quase me acovardei, mas levei o copo à boca e tomei um pouco. O líquido gelado e um tanto amargo desceu por minha garganta e fiz uma careta.

— Mas isso é ruim!

Riram. Laíza fez que não.

— É uma delícia! É só uma questão de se acostumar com o sabor. O problema é você gostar, querida. Aí vai querer tudo de uma vez!

De vez em quando, eu achava que Laíza era irônica comigo, como naquele momento, olhando-me de um jeito cínico.

Tomei mais um pouco, e o líquido não pareceu tão amargo. Acabei indo para o terceiro gole, já apreciando o sabor diferente, a refrescância, a pitada de álcool.

— Meu noivo queria vir, mas barrei. André é muito chato, gente! Não podia ser um Enrico da vida? Eu mereço! — disse Madalena, e todas riram.

Sorri, bebendo e achando que brincavam. Imaginei se também tinham pensamentos pecaminosos envolvendo Enrico. Como eu. A culpa queria me espezinhar. Lembrei-me de Isaque, mas empurrei os pensamentos para longe. Queria apenas esquecer tudo.

Relaxe de um modo que nunca havia julgado possível. Solta, eu conversava, ria, observava. Achei que a cerveja era, em parte, culpada pela descontração, mas não reclamei.

Quando pediram outra, Laíza disse mais perto:

— Isa, você está muito saidinha! O que mais anda escondendo da gente?

— Nada — garanti. Olhei em volta, e elas sorriram, erguendo os copos.

— Vamos pedir petiscos? Assim a cerveja não sobe — sugeriu Madalena.

— Ainda estou surpresa com a Isa. Gente, você veio e está bebendo! — Talita levou as mãos ao rosto. — Conte aí, o que deu em você?

— Não vi problema. É seu aniversário e estou comemorando.

— Claro que não tem problema — garantiu ela. — Mas não deixa de ser chocante!

Senti uma espécie de calor, de euforia, mas também de vergonha. E, logo, muita vontade de fazer xixi. Tomei um susto quando me levantei para ir ao banheiro e percebi que estava tonta.

— Nossa!

— Está ventando aí? — Madalena riu e se levantou, dando-me o braço. — Vamos lá, vou ao banheiro também.

Era uma sensação estranha de leveza, um certo torpor. Eu também sentia uma alegria inexplicável, que me fazia rir o tempo todo. Entramos no banheiro e fui direto fazer xixi. Quando saí, Madalena passava batom e me olhou pelo espelho. Parou um pouco e falou:

— Isa, o macete é intercalar a cerveja com muita água, assim não ficará tonta. Ainda mais você, que nunca bebeu. Pare, peça uma água, uma Coca-Cola, coma alguma coisa. Aí ficará boazinha.

— Está bem-concordei, indo lavar as mãos e olhando minha imagem no espelho.

Estava corada e meus olhos brilhavam. Achei graça e sorri para Madalena.

Ela sorriu de volta e terminou de passar seu batom vermelho. Tinha lábios finos, mas o batom pareceu enchê-los. Ajeitou os cabelos escuros, cacheados, virando-se de lado para arrumar a blusa dentro do jeans justo. Era levemente cheinha, bonita, curvilínea, feminina.

Eu olhei para mim mesma. Meu cabelo estava puxado para trás e trançado; meu rosto, limpo e exposto; meus lábios, naturalmente rosados. A blusa azul-clara, com bordados no peito, estava fechada até o último botão. A saia azul-marinho caía sem atrativos quase até meus tornozelos. Parecia que eu havia saído de outra época. Totalmente fora de moda.

Minha mãe sempre dizia que a moda era coisa do demônio e servia para fazer as pessoas gastarem dinheiro à toa, deixando as mulheres quase nuas em roupas indecentes.

Olhei novamente para Madalena e não a achei vulgar. Estava bonita e levemente sensual. Tentei ser crítica sobre suas roupas, mas não consegui.

— O que foi, Isa? — Ela já guardava o batom na bolsa.

— Pode me emprestar?

— Isso? — Ela ergueu o batom e observou meus lábios. — Jura?

— Queria experimentar.

— Claro! — Estendeu a mão, curiosa. — O que aconteceu? Você saiu da igreja?

— Não.

Fiquei um pouco envergonhada. Abri o batom e olhei para aquele tom escuro de vermelho. Algumas vezes, tinha sentido vontade de experimentar, mas me faltara coragem.

— Acha que estou indo longe demais? Que Deus vai me castigar? — Por um momento, vacilei.

Madalena ficou pensativa. Ela se aproximou e se encostou na pia, ao meu lado.

— Olha, não acho que Deus nos castiga à toa. Você não está fazendo nada de mais, mas deve se sentir bem ao fazer qualquer coisa, sem culpa. Sabe, fazer porque quer, não como um desafio nem nada assim.

— Não é um desafio — falei, sinceramente.

— Faça o que sentir vontade. Quer se sentir mais feminina, mais bonita?

— Sim.

Ela acenou. Segurou minha trança.

— Posso?

Não soube ao certo o que ela queria dizer, mas acenei que sim.

Madalena começou a desfazer minha trança. Eu deixei, olhando-nos pelo espelho.

Quando meu cabelo se esparramou brilhante e ondulado por meus ombros, meus braços, minhas costas, descendo até minha cintura, os olhos dela brilharam.

— Que lindo! Parece seda! Nossa, Isa, você ganharia uma fortuna se cortasse e vendesse seu cabelo.

— Não posso cortar.

— Ah, nem eu cortaria, se fosse meu.

Eu me olhei e, criando coragem, passei o batom. A diferença foi absurda. Nunca tinha me visto tão linda, tão espetacularmente feminina.

— Arrasou, amiga — disse ela, olhando-me de cima a baixo.

Devolvi o batom, encantada comigo mesma. Passei a mão pelo cabelo. Talvez a vaidade fosse mesmo um pecado, mas me sentir bem, feminina, era maravilhoso.

— Vamos lá?!

— Vamos — concordei.

Saí do banheiro sentindo um misto de insegurança e alegria. Senti os fios roçarem meu braço, os lábios com gosto de morango, a alma preenchida por algo novo.

À mesa, Alex, Elton, Lídia, Cosme e um casal que trabalhava com mídia e produção tinham chegado. Cumprimentamos a todos, e eles me olharam, admirados.

— Quem é essa gata? — Alex arregalou os olhos. — Caramba!

Fiquei vermelha. Sentei-me, sem saber se trançava meu cabelo rapidamente ou deixava os elogios e os olhares me inflamarem.

Brincaram comigo. O rapaz de mídia me lançou um olhar de sedução e me senti o centro das atenções. Disfarcei, sem graça, perguntando-me se não teria ido longe demais. Quase me levantei e fui ao banheiro tirar o batom, mas logo todo mundo se acostumou, e a conversa rolou solta. Fiquei quieta, curtindo as novas sensações...

Os petiscos chegaram. Segui o exemplo de Madalena e bebi água e comi. Conversei muito com Lídia, que me contou que estava casada havia pouco tempo e ainda se sentia em lua de mel. Disse que, por enquanto, não queria filhos e perguntou o que eu achava.

Respondi que também não queria filhos por enquanto, até ser um pouco mais velha, terminar a faculdade e ter minha vida profissional mais estabilizada.

Percebi que sair com amigos era muito mais natural e gostoso do que eu pensara. Uma alegria rolava no ar, o clima era de camaradagem, todo mundo falava um pouco de si, mostrava-se mais.

Olhei para a entrada do bar, imaginando se Enrico viria. Sentia a falta dele, mas achava que talvez fosse demais para mim. Tanta coisa nova naquela noite e ainda o ter ali, tirando minha paz. Ou me fazendo querer coisas impossíveis.

Alguém perguntou por ele. Já eram quase oito horas, e nada.

Relaxe e apreciei a noite. Eu me sentia bem e tranquila, imersa em uma conversa com Laíza, falando sobre trabalho, quando ouvi exclamações de alegria.

Eu me virei e me deparei com os olhos de Enrico cravados em mim. Foi como se uma energia vibrasse em meu peito. Meu coração saiu em disparado, meu ar sumiu. E me embriaguei de vez no seu olhar.

Enrico

Isabel estava linda.

Eu não tinha esperado que ela estivesse no bar, muito menos com o cabelo solto, esparramado daquele jeito, cheia de uma sensualidade pura, casta, doce, mas desmentida pela boca ainda mais carnuda e voluptuosa com batom vermelho.

Fui pego desprevenido. Meus olhos não conseguiam desgrudar dos dela.

— Rico, bom demais você ter vindo! — exclamou Laíza, toda animada.

— Senta aí! — Madalena riu.

Com muito custo, puxei uma cadeira e tentei me acostumar com a presença de Isabel, com sua beleza mais exposta do que nunca.

— Pensei que não viria mais-disse Talita, sorrindo, já chamando o garçom.

— Passei em casa para tomar banho.

— Bom demais morar tão perto! -suspirou Lídia.

— Quer beber o quê? — indagou Elton, com o garçom ao seu lado.

— Cerveja.

— Mais uma rodada! — exclamou ele.

Fixei novamente os olhos em Isabel, à minha esquerda. Entre nós, somente Laíza.

Ela estava quieta, com as faces coradas, os olhos brilhantes. Parecia levemente nervosa e me espiava, mas desviou rapidamente o olhar.

Uma música tocava ao fundo. Não prestei muita atenção. Estava concentrado nela, querendo apreciar seu cabelo, sentir o cheiro dele, tocá-lo, saber se era macio como parecia. Fiquei agitado com as sensações que esquentavam meu sangue.

Falaram comigo. Respondi. Mas minha mente trabalhava, conjecturava por quais motivos ela estava ali, tão diferente e feminina. E sua religião? E Isaque?

Não gostei das coisas que senti, da perturbação intensa que ela me causou. Tudo aquilo era perigoso demais.

A cerveja chegou, e o garçom a serviu. Semicerrei os olhos quando vi um copo cheio diante de Isabel. Ela segurava o copo e o olhava, mas parecia ligada em mim, pois virou o rosto devagar e me olhou, levemente arfante. Continuei a encará-la, bem sério.

Sem perder a suavidade, nem aquela agitação óbvia, ergueu o copo e tomou um gole. Apertei ainda mais os olhos, sem acreditar. Era como se me mostrasse que fazia o que quisesse, independentemente da minha observação silenciosa.

Parei de olhar para ela, sem saber o que aquilo significava. Quando Alex falou comigo, virei-me para ele e Elton e começamos uma conversa sobre futebol.

Ignorei Isabel propositalmente, ao menos para que ela pensasse assim e ninguém percebesse o que fazia comigo. Mas, na verdade, estava alerta. Percebi que bebeu a cerveja toda e sorriu, cochichando com Madalena e Laíza.

Eu sabia que a vida era dela e cabia a ela fazer suas próprias escolhas, mas o pouco que Isaque me dissera sobre eles deixava claro que ela estava indo por um caminho totalmente inédito, e isso me preocupava.

A certa altura, Talita se levantou e chamou todo mundo para dançar, já indo para a pista. Laíza e Madalena foram atrás dela, rindo, e a única coisa que passou a me separar de Isabel foi uma cadeira vazia.

Virei-me para ela e a encontrei encarando-me. Perguntei sem preâmbulos:

— Isaque sabe que você está aqui?

— Sim — murmurou, erguendo um pouco o queixo. Seu ar desafiador me excitou demais. — Por quê?

— Estou surpreso.

— Todo mundo ficou, mas não vejo problema em comemorar o aniversário de uma amiga.

Eu já pouco ligava se alguém na mesa prestava atenção em nossa conversa e fitava os olhos dela fixamente.

— Também não vejo. Mas está diferente. Com batom e cabelo solto. Tomando cerveja. Não pode me culpar por estar surpreso.

— Parece irritado comigo.

Ela falou suavemente, mas sem recuar. Dei-me conta de que estava mesmo e de que era ridículo.

— Estou preocupado — falei, mais baixo.

— Não precisa. — Ela sorriu, e algo dentro de mim deu um salto, sacudiu-me. Cerrei o maxilar. — Sei me cuidar.

Eu queria perguntar a ela muitas coisas, entender aquela mulher, mas sabia que não era meu direito.

Não que a julgasse. Só não sabia o que pensar, com medo de que se machucasse com mudanças tão bruscas. Sentia como se devesse protegê-la.

Não consegui parar de olhar para ela. Sua expressão era doce e ansiosa, e sua respiração estava um pouco irregular. Percebi como estávamos atraídos um pelo outro.

— Rico, não vai dançar? — perguntou Amanda. Virei-me para ela, aproveitando para colocar minha cabeça no lugar.

— Por enquanto, não.

Ela me perguntou algo mais, e conversamos, eu de modo meio distraído. Percebendo que Isabel tinha tomado toda a sua cerveja, quis dizer a ela para ir com calma, mas me controlei. Não era problema meu.

Madalena veio correndo até a mesa, suada, rindo. Tomou toda a sua cerveja e gritou para Isabel:

Vem dançar com a gente, Isa!

— Não, obrigada. — Sua voz era risonha.

— Vamos lá! Para coroar suas estreias da noite, amiga!

— Não. Talvez mais tarde.

— Tá! — Ela voltou correndo para a pista.

Outras pessoas se levantaram para dançar e insistiram para que eu me juntasse a elas. Também falei que não. Na mesa, ficamos só eu, Elton e Isabel.

Elton e eu trocamos mais algumas ideias, mas não estendi o assunto, sem vontade de conversar. O que eu queria mesmo era me virar e ficar contemplando Isabel sem precisar me controlar. Só admirá-la, como se fosse um privilégio meu.

Elton chamou o garçom, que veio com outra cerveja. Serviu-a no copo dele e no meu e foi até Isabel. Ela permitiu que enchesse o copo dela.

Quando o garçom se afastou, passei os dedos entre os cabelos, virando o rosto e observando-a. Ela fingiu não notar. Tomou um gole da cerveja e ainda teve a petulância de lambe os lábios úmidos. Eram carnudos e pareciam incrivelmente macios.

Meu pau inchou. O desejo veio sem pedir licença. Quando eu pensei que era melhor ir logo embora dali e acabar com aquela tortura, Isabel deixou o copo sobre a mesa e afastou o cabelo do pescoço, como se estivesse com calor.

As mechas se moveram como seda, jogadas para as costas, no momento em que me olhou com certa inocência, com a face corada talvez pelo calor, talvez pela excitação. Era óbvio que estava tão agitada quanto eu.

Meu corpo estava rígido; meu olhar, duro. Minha vontade era agarrar aquele cabelo todo e beijar sua boca, esquecer quem ela era, faltar-me do jeito que eu queria.

Abriu mais os olhos, como se pudesse notar o que fazia comigo. E, como a dar o golpe fatal, ergueu as mãos até a gola da blusa recatada e abriu o primeiro botão. Não foi muito e

não expôs quase nada da pele, mas foi o suficiente para me deixar de pau duro, imaginando-a se despir para mim.

Desviei o olhar. Ela só podia estar me provocando. Se o objetivo era me descontrolar, estava conseguindo.

Talvez fosse melhor ir embora, mas eu odiava fugir. Tentei ignorá-la de vez. Se quisesse, poderia ficar nua na mesa e dançar diante do meu nariz que eu não a encararia mais.

Os outros voltaram à mesa. Consegui sorrir e até me divertir. Uma parte de mim. A outra, só com o canto dos olhos, notava tudo que Isabel fazia. Percebi que era a primeira vez que eu a ouvia rir. Foi ao banheiro e voltou. Mexeu nos cabelos, e pude jurar ter sentido o perfume deles de onde eu estava.

Já passava das dez horas da noite quando Lídia se levantou, dizendo que precisava ir embora. Foi logo, seguida por Amanda.

Isabel olhou para o relógio de pulso e comentou algo com Talita. Percebi que ela ia embora.

Levantou-se e deu uma risada quando percebeu que estava tonta.

— Querida, sente-se e beba uma água — disse Talita.

— Estou bem — garantiu ela, sorrindo. — Preciso ir. Onde é o ponto de ônibus mais perto daqui?

— Pior que nem sei se é o mesmo ponto que fica perto da agência... — Ela se virou para mim, que era quem mais conhecia o bairro. — Rico, sabe onde Isa pode pegar o ônibus?

— Sei, Talita.

Isabel me encarou, ainda de pé.

Eu soube que deveria só falar onde era o ponto, que isso bastaria.

Entretanto, arrumei desculpas: estava tarde, o ponto ficava na rua de trás.

Porra, eu odiava me enganar, mas queria um pouco mais dela, nem que fosse só uma discussão.

Eu me levantei.

— Espera, Isabel. Vou mostrar a você.

Ela acenou com a cabeça, quieta.

Fui até o caixa. Dei o número da mesa e paguei a conta até ali. Peguei o recibo e voltei. Entreguei-o à Talita.

— Acertei até aqui. Feliz aniversário!

— Ah, Rico! Não precisava!

Beijei-a no rosto, e ela me abraçou.

— Vou indicar o ponto para Isabel e ir para casa.

Despedi-me de todo mundo. Isabel estava muda, segurando sua bolsa, com os olhos bem abertos e a face corada.

— Vamos?

— Vamos-murmurou.

Ela sorriu e acenou para todos. Vi que estava nervosa quando passou por mim, mas eu estava distraído, só sentindo o perfume do seu cabelo.